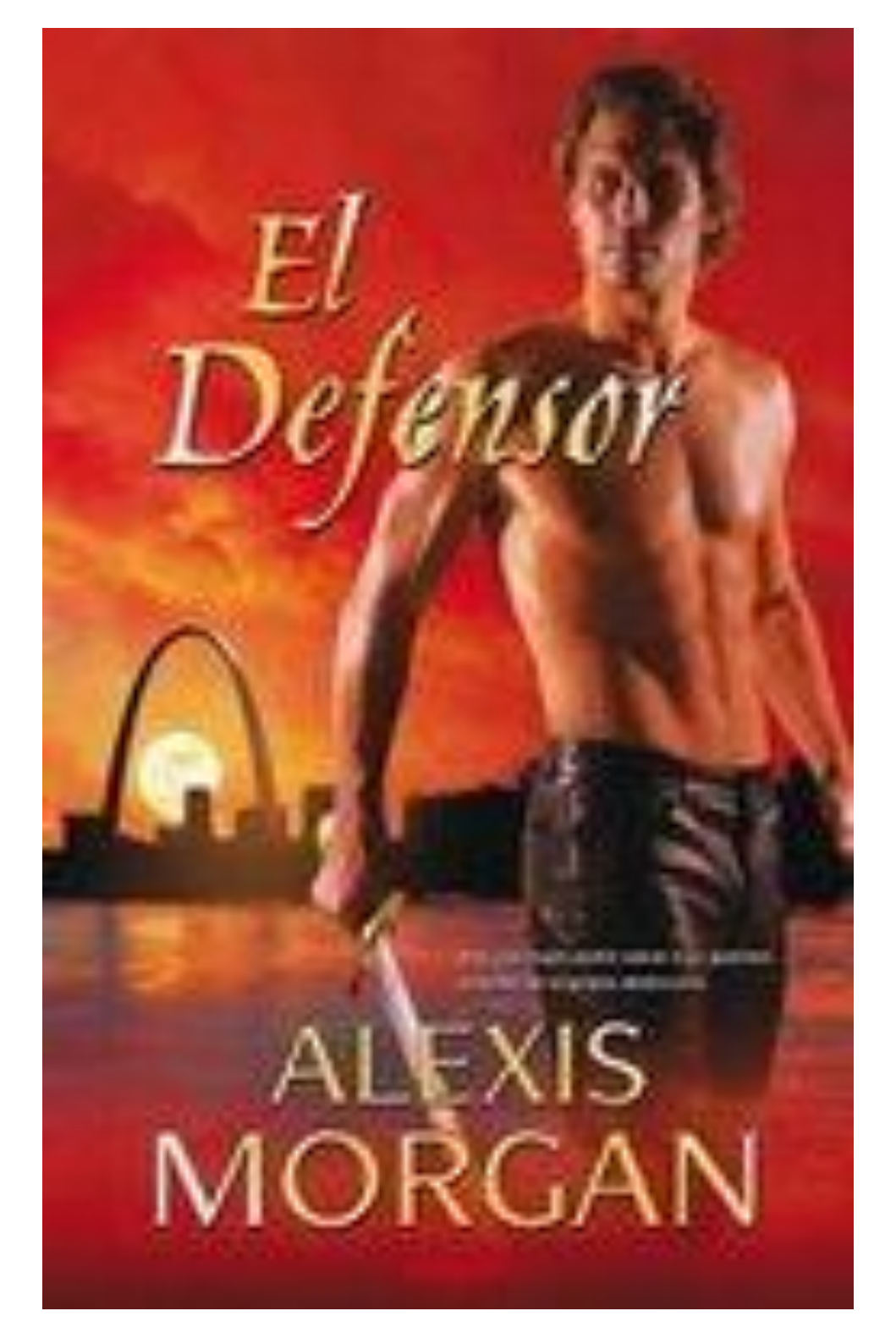


The book cover features a shirtless man with dark hair and a muscular build, holding a sword in his right hand. He is standing in front of a city skyline at sunset, with the Gateway Arch prominently visible on the left. The sky is a mix of orange and red, and the water in the foreground reflects the scene. The title 'El Defensor' is written in a large, elegant, serif font, with 'El' in a smaller size above 'Defensor'. The author's name 'ALEXIS MORGAN' is at the bottom in a bold, sans-serif font. A small line of text is visible between the title and the author's name.

El Defensor

El Defensor es una obra de ficción.
Todos los nombres son ficticios.

ALEXIS
MORGAN



Alexis Morgan

O Defensor

PRÓLOGO

St. Louis, Misuri

— Papai!

Aonde tinha ido? Apenas dez minutos antes estava ali folheando uns documentos, e agora em seu escritório recolhido não ficava nem rastro dele.

Seu desaparecimento resultava muito estranho, pois tinham pensado comer juntos para celebrar a publicação da última novela que ela tinha escrito. Embora seu pai levasse toda a semana preocupado, não era próprio dele esquecer uma entrevista como aquela.

Brenna ouviu que alguém fechava a porta da cozinha de uma portada. Correu para a saída traseira da casa e viu que seu pai se dirigia para o carro.

Saiu ao alpendre traseiro e lhe gritou:

— Papai, aonde vai?

Seu pai, evidentemente absorto em seus pensamentos, deteve-se para olhá-la. Umas profundas rugas de preocupação emolduraram seu sorriso forçado:

— Sinto muito, Brenna, lhe deveria haver dito. Surgiu algo e tenho que ir ao escritório.

— Não vamos comer juntos?

Por um segundo, seu pai pareceu realmente perplexo, o qual resultava ainda mais alarmante. Sem dúvida, isto não era próprio dele. Absolutamente. Brenna se dirigiu ao extremo do alpendre.

— Está bem, papai. Acredito eu que tivéssemos planos para hoje, mas possivelmente me tenha equivocado de data. Ele afundou os ombros.

— Perdoa carinho, tinha-o esquecido. — Olhou o relógio — Tentarei estar fora só uma hora. Dois no máximo. Possivelmente possamos sair a comer quando voltar.

Apesar de sua oferta, Brenna advertiu que não o dizia muito convencido.

—Não se preocupe papai, amanhã é outro dia.

Um brilho evidente de alívio cruzou o olhar de seu pai enquanto entrava no carro.

—Se estiver segura de que não te importa, possivelmente seja o melhor. Agora mesmo não acredito que seja muito boa companhia.

—grampeou-se o cinto de segurança e baixou o vidro do carro — Sinto não comer com você, Brenna. Quero-te, carinho.

Fez-lhe adeus com a mão e girou a chave de contato. O motor caloteou um pouco antes de ficar em marcha.

Então, com um brilho de luz e uma chama, o mundo. Um estrondo agudo lançou a Brenna pelos ares e o terror se mesclou com o sabor de sangue em sua boca ao estelar se contra a parede da casa. Seu último pensamento consciente foi que tinha esquecido lhe dizer a seu pai que ela também o queria.

Capítulo 1

Os murmúrios fluíam no ar, fora de seu alcance. Brenna decidiu continuar na escuridão, feliz de permanecer naquele estado. Uma dor aguda a ameaçava cada vez que tentava abrir os olhos. Era muito melhor ficar acorçada na fria escuridão que deixar entrar nos monstros.

Mas então outra voz se incorporou à conversa, uma voz masculina que não podia ser ignorada. Uma mulher respondeu a suas exigências em tom defensivo e também algo temeroso.

Alguns segundos mais tarde se escutaram uns passos surdos e um homem, mais se acrescentaram à conversa tentando acalmar ao recém-chegado. Embora o desconhecido pusesse nervoso a quase todo o grupo, de algum modo grave ressonância que transmitia sua voz reconfortava a Brenna.

Tentou concentrar-se para averiguar do que estavam falando, mas uma rajada de dor a afundou de novo na escuridão. Tinha suficiente sabendo que ele estava ali, ocupando-se dela. Brenna se deixou flutuar por debaixo da soleira da dor, conformando-se permitindo que aquela voz a tranqüilizasse.

Blake Trahern se aproximou um pouco mais à cama da Brenna e comprovou que seguia adormecida. Tinha chegado muito tarde para fazer outra coisa que enterrar a seu pai e lhe dizer que lamentava... Tantas e tantas coisas. Entretanto, sua presença não faria mais que alterar a Brenna e, naquele momento, ela tinha já muitos problemas para que ele devesse complicar mais as coisas.

A necessidade de tocá-la fazia que todas suas terminações nervosas ardessem, mas Blake se obrigou a manter as mãos aos flancos.

Permaneceu fora do círculo de luz que

rodeava a cama da Brenna, do suave resplendor procedente dos instrumentos que monitoravam os batimentos de seu coração, sua respiração, sua mesma força vital. Umas ataduras lhe cobriam as feridas mais graves e, depois de três dias, os braços e a cara começavam a adquirir um tom feio esverdeado. Brenna se estremeceu em sonhos e gemeu a causa da dor que lhe produziu aquele leve movimento. Blake retrocedeu na penumbra.

— Filhos de puta! — sussurrou.

Jurou que, fora quem fora quem tivesse colocado os explosivos, pagaria caro seu crime. Era o menos que podia fazer pelo pai da Brenna. E por ela. Mas a vingança teria que esperar. De momento, o melhor que podia fazer era permanecer alerta.

Um assobio agudo e estridente rompeu o silêncio da habitação de hospital e apartou ao Blake de suas lembranças. Ele percorreu a habitação com o olhar em busca de algum

sinal de perigo enquanto a adrenalina lhe queimava as veias e, ao ver que o ruído procedia de uma das máquinas que havia junto à cama da Brenna, relaxou-se.

Sacudiu a cabeça para livrar-se das últimas lembranças que nublavam sua mente, amaldiçoou por ser um estúpido. A habitação se encontrava em setor privado do hospital, o qual não significava que ninguém pudesse burlar o sistema de segurança. A teoria era boa, se os passos que se ouviram o outro lado da porta fossem os de um assassino em lugar dos de uma das enfermeiras que entravam e saíam da habitação!

Blake retrocedeu ainda mais na penumbra e apartou a mão na adaga que guardava no bolso. Por sorte, a enfermeira lhe prestou pouca atenção enquanto detinha o alarme da máquina. Depois de ter tentado cercar conversação com ele várias vezes, o pessoal médico tinha decidido ignorar ao Blake quando ia a atender as necessidades da

Brenna. Blake observou em silêncio como a enfermeira pendurava novas bolsas de fluidos no cabide da intravenosa da Brenna e comprovava seus constantes vitais.

A necessidade de saber como se encontrava a filha do juiz o obrigou a romper seu silêncio.

— Como vai?

A enfermeira deu um salto, como se tivesse esquecido que ele estava ali.

— É você da família?

—Sou tudo o que fica. —Essa era a mais triste das afirmações que se podiam realizar— O que opina o doutor?

A mulher o observou durante uns segundos. Blake carecia do dom da eloquência, por isso sua única alternativa era esperar a que lhe respondesse. Ao final, parte da tensão da enfermeira remeteu.

—Suas feridas se estão curando tudo quão bem era de esperar. A comoção cerebral causada pela explosão lhe induziu uma

vírgula; embora, em um primeiro momento, não revestia gravidade. — A enfermeira contemplou a testa pálida da Brenna — Suponho que a impressão de ver morrer a seu pai piorou seu estado.

Um nó do tamanho de um punho acolheu a garganta do Blake, e então soube que aquele sabor amargo na boca era medo. Quanta vez se teria enfrentado já a uma morte segura sem pestanejar! De fato, tinha morrido mais vezes das que podia contar, embora sempre acabasse voltando para a vida. Mas, para a Brenna, a morte era algo permanente e não só um estado que teria que suportar até que seu coração e seus pulmões recordassem como funcionar.

— Que mais se pode fazer?

Blake sentiu raiva ao perceber lástima nos olhos da enfermeira. Suplicar não era seu estilo, mas não podia utilizar sua habitual técnica de ameaçar a seu oponente a ponta de espada.

—Fale com ela. Às vezes, isto parece lhes ajudar a voltar para a realidade. A enfermeira inclinou a cabeça, como se tivesse ouvido algo— Outro paciente reclama minha atenção. Se me necessitar, pulse o botão que há junto à cama.

A enfermeira desapareceu deixando-o a sós com as luzes piscando e com a Brenna, que seguia imóvel, pálida e em silêncio.

—Vamos, Brenna, necessito que me conte o que aconteceu. —Blake se sentia como um estúpido mantendo uma conversação unilateral, mas correria nu pela rua se isto ajudasse a Brenna a voltar para mundo dos vivos— Sei que dói, mas você é forte.

Blake agarrou sua garrafinha de água e jogou um bom gole para suavizar a aspereza de sua garganta. O conheciam por seus silêncios, não por sua falta de palavras. Era evidente que ler para Brenna a capa do periódico não tinha funcionado, assim tentou pensar em outro tema de conversação.

Deixou que seus pensamentos voassem até o momento em que a conheceu e, sem dar-se conta, ficou a falar.

— Nunca tinha conhecido ninguém como você, olhar inocente, mas com uma das melhores mentes que conheço. Inclusive quando tinha doze anos e começou a ir ao instituto, via e compreendia muitas mais coisas que a maioria dos adultos. — Seus lábios se contraíram em um meio sorriso — Eu vivia nas ruas, mais como um animal selvagem que como um humano, Quando seu pai me agarrou pelo cangote e me levou a sua casa. Não sei o que rondava por sua mente, mas entre ele e Maisy, em seguida me acolheram. Possivelmente o êxito se deve às bolachas que ela me preparava. Além disso, em que pese a medir metro e médio escasso, Maisy podia ser terrível. — Blake se reclinou na cadeira e ficou olhando o teto da habitação — Em uma ocasião, justo antes que fizesse treze anos, eu me dirigia à cozinha

para ver se Maisy fazia bolachas quando você saiu a toda velocidade da cozinha e quase chocou comigo. Ainda lembranças, seu olhar quando te agarrei para evitar que nós dois caíssemos ao chão. Naquele instante, vi, além de seus óculos e seus aparelhos de ortodontia e recebi a encantadora mulher em que te converteria com o tempo. — Blake voltou a dirigir seu olhar à figura imóvel da Brenna — Não me equivoquei muito.

Blake voltou a guardar silêncio, pois não lhe resultava nada agradável visitar o passado. E, uma vez mais, ficou sem tema de conversação.

— Brenna, tem que despertar. O hospital não é um lugar seguro, nem sequer com os guardas que os regentes, os colegas de seu pai, enviaram. Nenhum lugar será seguro até que descubramos quem está detrás de tudo isto.

Brenna piscou brevemente, mas Blake levava um dia e meio sem dormir e não

acreditou o que acabava de ver. Alargou o braço e inclinou o abajur para que iluminasse diretamente a cara de Brenna.

— Pisca Brenna, preciso saber se me ouve.

Brenna gemeu levemente e tentou evitar o resplendor do abajur, mas Blake a agarrou pelo queixo com suavidade e lhe impediu de mover a cabeça. Blake imprimiu mais autoridade a sua voz, como fazia o pai da Brenna quando ela resistia a levantar-se pelas manhãs.

— Brenna, é hora de levantar-se.

Ela murmurou algo durante cinco minutos mais, franziu o cenho com força e manteve os olhos obstinadamente fechados. Em que pese a sua pequena rebeldia, Blake se sentiu melhor do que se havia sentido desde que lhe comunicaram a explosão do carro.

Tinha chegado à hora de pulsar o interruptor de chamada da enfermeira e reunir às tropas. Em questão de segundos, ouviu umas vozes que se aproximavam pelo

corredor. Blake manteve a mão levemente apoiada na bochecha da Brenna temendo que, se rompia o contato, ela retornaria à escuridão.

A primeira pessoa que cruzou a soleira da porta foi à enfermeira que lhe tinha sugerido falar com a Brenna. O doutor a seguia de perto, e ambos pareciam sentir mais curiosidade que preocupação. Se algo fosse mal, os monitores que havia na seção de Enfermaria, ao final do corredor, teriam disparado o alarme.

— O que ocorre?

O doutor dirigiu sua pergunta ao Blake, embora tivesse os olhos centrados em sua paciente.

— Acredito que está saindo do coma. Piscou e murmurou algo a respeito de que a deixasse dormir cinco minutos mais.

Blake esperava que acreditassem; porque, naquele momento, a cara da Brenna tinha recuperado sua anterior inexpressividade

doentia.

A enfermeira apartou a um lado ao Blake para agarrar a mão de Brenna e tomar o pulso. O doutor lhe separou as pálpebras e lhe iluminou os olhos com sua pequena lanterna.

Brenna sacudiu a cabeça e choramingou. Ao final, abriu um pouco os olhos e dirigiu o olhar por volta das três pessoas que havia junto a sua cama. A confusão e, depois, o medo, nublaram sua expressão.

— Quem? Onde? —perguntou com voz rouca.

—Eu sou o doutor Vega e ela é Jan Windsor, sua enfermeira.

O doutor lhe deu uns tapinhas na mão e lhe sorriu de forma tranqüilizadora.

Já era muito tarde para sair da habitação, assim Blake se preparou para a reação da Brenna.

— Brenna, sou eu, Blake Trahern.

Ela não demorou muito em responder.

—Impossível. O Blake Trahern que eu conheço desapareceu faz muitos anos.

O doutor Vega franziu o cenho enquanto olhava ao Blake.

— Acreditávamos que era você da família.

— Mas bem sou um amigo da família. Sem dúvida alguma, o doutor não se sentiu satisfeito com sua explicação.

— Espere aqui, senhor Trahern, tenho que realizar uma chamada para esclarecer este assunto.

Os problemas não demoraram em aparecer. A porta que conduzia à sala de espera se abriu de repente. Cinco guardas providos até os dentes interromperam no corredor e tomaram posições para bloquear, com as armas a ponto, qualquer via de escapamento. Trahern permaneceu imóvel, pois não queria sobressaltar a ninguém e fazer que alguém atuasse com precipitação.

O chefe dos guardas entrou na habitação, falou com o doutor Vega e anunciou:

— Senhor tem que lhe pedir que saia ao corredor.

Antes que Blake pudesse responder, outro homem chegou, um homem ao que Blake identificou como um paladino.

— Baixem o guarda.

A atitude acalmada do homem indicava que estava acostumado a que outros obedecessem a suas ordens sem pigarrear.

O chefe dos guardas o olhou com desdém: Você não está no comando aqui, Jarvis. Enviaram-nos que Intendência.

— Eu não estou no comando, mas intenção de evitar, a você e seus colegas, dor e sofrimento.

Jarvis se apoiou na parede esboçando um sorriso.

— Enfrente-se a nós, Jarvis, e já veremos quem sai pior.

— Possivelmente, em um de seus melhores dias, poderiam me reduzir entre os cinco.

Embora o soldado tivesse uns quilogramas mais que Jarvis de pura musculatura, os paladinos eram os melhores guerreiros do planeta. Requeria-se mais que uns quantos soldados armados para submeter a um paladino em boa forma. Além disso, uma briga contra um número superior de competidores não fazia mais que alimentar as ânsias de violência dos paladinos. Os guardas empregados pelos regentes deveriam sabê-lo. Se aqueles cinco homens se enfrentavam ao Jarvis, o doutor Vega teria outro montão de pacientes a que remendar. Os disparos mortais só alimentavam a ira dos paladinos, mas matavam aos soldados. Jarvis se separou da parede:

— Possivelmente deveria permitir que seus homens entrassem na habitação à carga, sargento. Faz tempo que não vejo o Blake Trahern em ação; embora tenha entendido que está melhor que nunca. Depende de você.

O olhar do Jarvis se cruzou com a do Trahern e seu sorriso se voltou algo mais cálido. Blake o saudou com a cabeça, reconhecendo a seu velho amigo. Jarvis era um dos dois homens que o pai da Brenna lhe tinha apresentado fazia anos. Os três lhe falaram do grupo secreto para o que trabalhava, grupo conhecido como os «regentes». Os regentes contratavam a uns guerreiros chamados paladinos para que fizessem frente à constante ameaça de invasão por parte do outro mundo.

Com a ajuda do Jarvis, Blake tinha aprendido o que significava ser um paladino. As lições do Jarvis, repartidas com o bom humor e a impaciência de um irmão maior, permitiram ao Blake experimentar pela primeira vez a auto-estima e o sentido de pertinência. Graças ao apoio do Jarvis, os paladinos, que vigiavam e protegiam a barreira que percorria o instável enguiço de New Madrid, aceitaram-no sem hesitações.

Entretanto, isto tinha ocorrido muitos anos e várias mortes atrás. Durante aquele tempo, Trahern tinha mudado muito, e não para melhor. Além disso, qualquer homem com dois dedos de frente deduziria que Jarvis tinha realizado um percurso similar no caminho para a loucura.

Blake firmou os pés no chão e esperou a que a situação se esclarecesse. Um movimento a sua esquerda indicou que o doutor Vega tinha empurrado à enfermeira a um rincão e que ele se colocou entre o Blake e Brenna. Bem feito!

— Trahern, quer sair e conhecer os vizinhos?

Jarvis se colocou diante da porta impedindo que os guardas entrassem na habitação.

Aquela sugestão parecia razoável. Se a situação ficava feia, ao menos Brenna e outros estariam fora da linha de fogo.

— por que não?

Quando Trahern chegou à porta, Jarvis se afastou a um lado para não ficar apanhado entre seu amigo e os guardas. De seu movimento, Blake deduziu que Jarvis o respaldaria, mas só até certo ponto. No passado, Jarvis era um dos poucos homens nos que Blake confiava, mas agora isso estava por comprovar.

— Meu nome é Trahern e venho do escritório de Seattle - explicou Trahern ao sargento— O juiz Nichols era um velho amigo e estou aqui para proteger a sua filha.

— Esse é nosso trabalho.

O sargento baixou um pouco a pistola.

— Pois miúda merda de trabalho está fazendo! Levo aqui dois dias e esta é a primeira vez que os vejo. Qualquer um poderia ter entrado aqui e terminar com a vida da senhorita Nichols.

Um dos guardas interveio:

— A polícia há dito que o juiz era o objetivo. Ela só constituiu um dano colateral.

Um sentimento de raiva pura e violenta percorreu o corpo do Blake. Em questão de segundos, abandonou ao jovem soldado contra a parede e lhe rodeou o pescoço com as mãos.

— Não fale dela como se fosse uma coisa! Se você e seus colegas tivessem feito seu trabalho, possivelmente não teriam feito voar ao juiz pelos ares. Onde estavam então? Engomando seus bonitos uniformes e limpando suas botas?

Os outros guardas revoavam como moscas ao redor do Trahern tentando apartar suas mãos da garganta de seu companheiro, mas Trahern os ignorou. Não pensava matar a aquele estúpido. Não porque merecesse viver, mas sim porque sua morte só complicaria mais as coisas. Trahern apertou um pouco mais as mãos para lhe demonstrar que podia acabar com ele e, continuando, deixou que sua vítima caísse ao chão.

Três dos guardas desencaparam suas

pistolas e apontaram diretamente às tripas do Trahern, enquanto o quinto arrastava a seu ofegante companheiro a um lugar mais seguro.

Jarvis interveio na conversação para romper a crescente tensão ambiental:

—Se dispara ao Trahern, sargento, só conseguirá o encher o saco ainda mais e todos os paladinos da zona lhe caçariam durante o resto de sua miserável vida.

Jarvis se cruzou de braços e esperou.

Blake desejou que os guardas tivessem o sentido comum de retirar-se. Não podia permitir morrer outra vez por muitas razões; mas, sobre tudo, porque Brenna o necessitava vivo e em boa forma, tanto se estava consciente como se não.

Sua tutora, em Seattle, tinha-lhe advertido que estava muito perto de cruzar o limite que o converteria em um dos **Outros**, o inimigo ao que levava toda a vida combatendo. O regulamento a tinha obrigado a enviar seu

expediente ao escritório do St. Louis. A dor que tinha percebido nos olhos de sua tutora era muito significativa. Os dois sabiam que não se requeria muita violência para que ele perdesse o controle. Se isto ocorria, nem sequer Jarvis poderia evitar que os gestores do St. Louis ou o Guarda Nacional o eliminassem como a um cão raivoso. Que o mais provável era que o mesmo Jarvis os ajudasse! Ninguém estava a salvo quando um paladino se voltava louco. E todos sabiam.

Blake só desejava conservar sua humanidade até descobrir quem tinha traído ao juiz Nichols. Um dos paladinos de Seattle também tinha sofrido vários ataques de alguém da organização. Seguiram-lhe a pista até um membro do Guarda Nacional, mas o traidor morreu antes que pudessem descobrir o alcance da traição dentro da organização. Trahern ficou em contato com o juiz Nichols para averiguar mais sobre aquela questão, pois o juiz era o único regente no que

confiava plenamente. A explosão do carro se produziu em um lapso de tempo muito curto depois de contatar com o juiz para que fora uma coincidência.

Devia-lhe ao juiz levar a seu assassino ante a justiça, a justiça dos paladinos. Assim que conseguisse esconder a Brenna em um lugar seguro, começaria a busca do assassino, mas não podia fazer nada até que não se livrasse daquele grupo de homens.

— O que vai ser meninos? — Trahern olhou as pistolas e depois voltou a olhar a seus proprietários — vai guardar essas pistolas de brinquedo ou vai utilizar?

O doutor Vega interrompeu o enfrentamento de olhares.

— Senhor Trahern, a senhorita Nichols pergunta por você.

Trahern seguiu ao doutor Vega ao interior da habitação deixando que Jarvis dirigisse a questão dos guardas. Respirou fundo, enquanto desejava com todas suas forças não

ter que ser ele quem desse a Brenna a notícia da morte de seu pai.

A Brenna doía todo o corpo. A dor lhe chegava até a medula dos ossos e irradiava desde seu coração. Algo ia mal, algo muito pior que despertar em um hospital sem saber como tinha chegado até ali. Um médico e uma enfermeira estavam junto a sua cama e faziam o possível por tranquilizá-la lhe assegurando que tudo iria bem. Mas as coisas não foram bem. Ela tinha perdido muito mais que uns quantos dias de sua vida, só que não recordava o que era o que tinha perdido.

E o pior de tudo era aquele desconhecido frio olhar que afirmava ser Blake Trahern. Ela só tinha conseguido lhe jogar uma olhada antes que saísse da habitação, mas não tinha descoberto nada que lhe resultasse familiar em suas duras facções. Sentia-se aturdida e sua mente funcionava com lentidão, certamente devido aos analgésicos que lhe tinham administrado. Precisou fazer provisão

de todas suas energias para recuperar uma imagem da cara de Blake.

A última lembrança que tinha dele era da noite de sua graduação. No soalho, Blake destacava entre outros devido a sua altura. Com o cabelo castanho escuro e os olhos cinza prata, ela pensou que era o menino mais atraente do instituto. Quando passou a viver com eles, ninguém acreditou que conseguisse graduar-se, e muito menos que o fizesse com honras. O pai da Brenna se sentia tão orgulhoso de Blake!

Um escuro calafrio percorreu o corpo da Brenna. Onde estava seu pai? Ele jamais a teria abandonado. Se tivesse estado ali e tivesse tido que ir-se por alguma razão, lhe teria deixado alguma mensagem e seguro que quem a rodeava já o teriam dado.

Brenna se obrigou a formular a pergunta que tinha que formular, embora não queria conhecer a resposta.

— Onde está meu pai?

Quando o doutor Vega apartou o olhar, ela soube. As lembranças voltaram para sua mente, nublados e desconexos. Recordou que estava de pé no pequeno alpendre traseiro de sua casa. Seu pai lhe tinha feito adeus com a mão e tinha girado a chave de contato do carro porque, conforme lhe tinha explicado, tinha que passar pelo escritório. Isto lhe tinha resultado estranho, porque eram estranhas as ocasiões nas que trabalhava durante o fim de semana. Ela se dispunha a entrar na casa, quando se produziu um brilho de luz e depois o ruído... Muito ruído! Cristais que se rompiam e alguém que gritava... Possivelmente ela?... E, depois, a dor.

OH, Deus! O carro tinha saltado pelos ares! Uma dor espantosa que permanecia afresco em sua memória a rompeu por dentro. Brenna tentou incorporar-se, mas o doutor Vega e a enfermeira o impediram.

— Tranqüila senhorita Nichols, não quererá que lhe abram de novo as feridas —

lhe advertiu o doutor— Quer que lhe administre outro analgésico?

Brenna, com o rosto alagado em lágrimas, olhou à enfermeira, que estava preparando uma injeção.

—Não quero mais remédios. Por favor. Tenho que pensar. De repente, tudo o ocorrido acaba de ir a minha mente.

O doutor Vega franziu o cenho enquanto considerava a petição da Brenna.

—De acordo, mas se resultar que é muito insuportável para você, não duvide em me pedir algo para ajudá-la a dormir. Teve você uma experiência traumática.

—Assim o farei, doutor.

Entretanto, necessitava algumas respostas antes de lhes permitir que voltassem a sedá-la. Possivelmente o homem que estava no corredor poderia dar-lhe explicações. Ainda não estava convencida de que se tratasse do Blake Trahern, porque Blake nunca teria abandonado o seu pai na vida, inclusive

embora não tivesse querido manter-se em contato com ela. Não obstante, fingiria acreditar que era quem afirmava ser para averiguar o que sabia e por que.

Brenna se esforçou para refletir em sua voz um controle de que carecia.

— Podem lhe pedir ao senhor Trahern que entre?

— Certamente, senhorita Nichols, mas só lhe permitiremos uma curta visita. Agora mesmo, precisa descansar. Durante um ou dois dias, considero que o melhor será restringir as visitas tanto como seja possível.

— O doutor Vega se separou da cama, mas se deteve na porta — Temos que notificar à polícia que recuperou a consciência. Eles quererão falar com você sobre o incidente.

Por alguma razão, isto a assustou mais que ter que enfrentar-se ao homem que estava no corredor. Explicariam-lhe eles o que tinha ocorrido e por quê? Ou esperavam que ela vertesse alguma luz à situação? Se for

assim, estavam de má sorte.

Brenna fechou os olhos durante uns instantes, mas então notou que Trahern se aproximava. Este se deslocava com o sigilo de um felino, embora ela jurasse que havia sentido a intensidade de seu olhar do outro extremo da habitação. Quando chegou junto à cama, Brenna reuniu forças e abriu os olhos. Durante vários segundos, Trahern não disse nada e permitiu que ela o observasse a seu desejo. Os olhos cinza prata daquele desconhecido eram da cor correta, e também seu cabelo. A dureza de sua mandíbula era algo novo, mas não inesperado. O jovem que tinha convivido com eles não tinha levado uma vida fácil e era normal que tivessem seus traumas.

— passou muito tempo, Brenna.

Embora sua voz fosse mais grave, Brenna percebeu nela certo tom familiar, algo do moço ao que ela tinha conhecido.

Entretanto, naquele momento não podia

pensar em tudo aquilo; não com aquele muro de desespero que ameaçava derrubando-se sobre ela e enterrá-la sob os escombros da dor e o sofrimento. Brenna respirou fundo e apartou a um lado as lembranças dolorosas para enfrentar-se a eles mais tarde.

— O que sabe sobre o que ocorreu a meu pai?

Brenna evitou chamá-lo por seu nome, embora começasse a suspeitar que ele fosse, realmente, quem afirmava ser.

—O suficiente, embora ainda não tenha uma cópia do relatório policial. Caminho do hospital passou junto a sua casa, mas não me detive porque tinha que vir aqui.

— Para que? —Tinha que formular a pergunta, embora já conhecesse a resposta.

—Não jogue comigo, Brenna. Não é tola. Alguém colocou a bomba que matou a seu pai e que esteve a ponto de te matar a ti também. Até que descobramos quem está atrás do atentado, não estará a salvo.

As lágrimas fizeram que a Brenna ardessem os olhos, embora pudesse suportar melhor as duras palavras do Blake que a compaixão do doutor.

— Assim está convencido de que o objetivo era meu pai e não eu.

Blake lhe lançou um olhar de pura indignação.

— Seja realista, Brenna. Embora os críticos tivessem acreditado que seu último livro era uma autêntica porcaria, teriam utilizado como arma as palavras, não os explosivos.

Brenna se centrou na parte da afirmação do Blake que mais a surpreendeu.

— Sabia que escrevo livros?

De repente, os olhos do Blake consideraram que uma das máquinas que estava por cima da cabeça da Brenna era absolutamente fascinante.

— Sim.

Face à situação em que se encontrava, aquela breve concessão fez que Brenna

sorrisse.

— E tem lido algum deles?

Blake afundou as mãos nos bolsos.

— Tenho-os lido todos; salvo o último, que trata sobre as pioneiras daqui, do Misuri.

— E o que lhe parecem?

Brenna esperou sua resposta, embora ao mesmo tempo se perguntava o que importaria a ela sua opinião. Blake franziu o cenho.

— Agora mesmo tem coisas mais importantes das que preocupar-se que averiguar o que opino sobre seus livros.

Mas ela tinha aprendido a ser teimosa de um perito: ele.

— Gostaram-lhe?

— Sim, maldita seja, gostaram-me! Tem muita mão transladando a história ao âmbito pessoal e deixando que o leitor veja e sinta como se vivia em outra época. Agora, podemos nos centrar em coisas mais importantes?

Aquela pequena explosão de mau gênio foi quase o último fragmento de informação que Brenna necessitou para certificar que aquele homem era o jovem que ela tinha visto por última vez fazia mais de dez anos. Uma última prova, e saberia com certeza.

— Que tipo de bolachas cozinhas Maisy, o ama de chaves, porque você gostava muito?

Blake se aproximou da Brenna e lhe lançou um olhar feroz:

— Ainda não acredita que eu seja não? Pois bem, pior para ti, Brenna, porque sou tão único permanece entre você e....

Uma voz o interrompeu.

— Vamos, Trahern, não engane a senhorita Nichols desta maneira! Quem esteve cuidando dela? Até que você entrou para montar guarda?

— te cale, Jarvis!

— Assim me demonstra sua gratidão? Acabo-te de salvar dos guardas. Ao menos, mereço que me apresente. — Não.

A voz do Blake não refletia hostilidade, mas sua linguagem corporal denunciava seu nervosismo. Possivelmente a aproximação do outro homem simplesmente lhe tinha recordado que ele e ela não estavam sozinhos. Quem era aquele tal Jarvis para montar guarda por ela em um hospital? Com aquele cabelo e aqueles olhos escuros, não se parecia em nada ao Blake e, entretanto, certas coisas os fazia muito similares; sobre tudo, sua forma de controlar seu gênio com o olhar cada poucos segundos.

— Eu sou Brenna Nichols, senhor Jarvis.

— Encantado de conhecê-la, senhorita Nichols. Seu pai era um bom homem. Todos sentíamos um grande respeito para ele.

Trahern deu uma cotovelada nas costelas a seu indesejado companheiro. — Já vale!

Jarvis pôs algo de distancia entre eles. — ouvi que o doutor avisava à enfermeira de que a polícia chegaria dentro de uns minutos. — E? — perguntou Trahern.

—Se não quiser verte aqui encerrado durante horas e respondendo a perguntas que não quer responder, sugiro-te que nos saíssemos daqui antes que cheguem. Ela estará bastante segura enquanto a polícia esteja aqui.

Brenna se estava cansando de que evitassem suas perguntas e falassem como se ela não estivesse na habitação.

— por que quereria a polícia interrogar ao Blake?

O sorriso do Jarvis era muito estudado para que Brenna a considerasse autêntica.

— Porque, até que investigue quem matou a seu pai, todo mundo é suspeito. Sobre tudo os desconhecidos que, para começar, não podemos explicar por que estamos aqui.

— te largue Jarvis!

Jarvis separou as pernas e se manteve firme. — detrás de ti, Trahern.

Por que Blake não podia explicar a razão de sua presença ali? E como se inteirou tão

depressa da morte de seu pai? Mas Blake já se estava afastando da cama da Brenna, certamente para desaparecer de sua vida com a rapidez com que tinha reaparecido.

— Quando voltarão?

Jarvis seguia junto à porta, vigiando o corredor.

— Os guardas nos informarão quando chega e se vai à polícia - respondeu Jarvis.

— Não deixaremos você sozinha Brenna- declarou Blake— Não até que tenhamos chegado ao fundo do assunto.

Blake quase estava na porta.

— Não é esse o trabalho da polícia? — Brenna sabia que algo lhe escapava respeito a esta questão, algo importante — Blake?

— Agora não, Brenna. Não há tempo.

Brenna não queria que Blake se fora, embora não lhe tinha dado motivos para confiar nele. Só sabia que enfrentar-se a um punhado de policiais que lhe formulariam perguntas para as que ela não tinha resposta

lhe resultaria mais fácil com o Blake Trahern a seu lado. Brenna piscou várias vezes para conter as lágrimas, pois não queria parecer débil.

— Estupendo! Vamos, pode ir! É melhor que se vá. — Se soava brusca, não lhe importava.

Os frios olhos cinza do Blake a olharam do outro extremo da habitação.

— Bolachas de canela. — E se foi.

Brenna pulsou o botão que levantava a cabeceira para encarar-se com os dois detetives que tinham invadido sua habitação. Depois das condolências iniciais, a visita dos policiais logo se converteu em uma espécie de interrogatório.

Brenna reuniu suficiente força para refletir em sua voz certa indignação.

— Já lhe contei tudo o que sei, detetive Montgomery. Não tenho nem idéia de quem odiava tanto a meu pai para matá-lo.

O detetive não a tinha acreditado a

primeira vez que o disse e, evidentemente, agora tampouco acreditou. Mantinha a ponta do lápis apoiada na caderneta, mas não tinha escrito nenhuma palavra desde que lhe tinha confirmado sua direção e seu número de telefone. Brenna olhou ao detetive Montgomery e, depois, a seu companheiro, o detetive Swan. A atitude dos detetives lhe intrigava. Por que ia mentir? Ela era a mais interessada em levar o assassino de seu pai ante a justiça.

O detetive Montgomery trocou seu considerável peso de posição na cadeira de plástico que havia junto à cama da Brenna.

— Volte a me contar como aconteceu tudo, senhorita Nichols. Comece pelo café da manhã daquele dia e siga a partir de então.

Como explicaria a explosão que tinha destruído seu mundo saber se ela tinha tomado o café da manhã ovos ou cereais?

— Meu pai e eu somos... — A dor lhe atendeu a garganta, mas Brenna se obrigou a

continuar—. Bom, meu pai e eu fomos madrugadores. Quando me levantei, me fui correr enquanto meu pai lia o periódico. Depois, retornei a casa e me dava uma ducha. Quando terminei, nos dois tomamos café da manhã cereal com leite desnatado. —Se queria detalhes, ela os daria—. A manga das colheres estava estampada com flores. O bule era branco com franjas azuis no bordo. Sobre a mesa tinha, também, um copo com um quarto de litro de chá gelado.

Os interrogadores não apreciaram seus esforços no mais mínimo, mas ao menos o detetive Montgomery escreveu algo em sua caderneta.

— E depois?

— Fiz algumas tarefas rotineiras, como pôr a máquina de lavar roupa, ordenar as faturas... Esse tipo de coisas. — E seu pai?

— passou-se a maior parte da manhã sentada ao escritório, na biblioteca. Ouvi-o realizar várias chamadas telefônicas. Quando

entrei na biblioteca para lhe perguntar se nosso encontro para comer seguia em pé, tinha desaparecido.

Brenna fixou o olhar no teto enquanto permitia que os sucessos do sábado pela manhã cruzassem por sua mente como se tratasse de um filme e procurava detalhes que pudessem satisfazer a sede de informação da polícia.

O detetive mais jovem se separou da parede e se aproximou da cama da Brenna.

— Seu pai atuava como se estivesse alterado ou preocupado?

Brenna sacudiu a cabeça.

— Não. A meu pai sempre absorvia o trabalho, porque emprestava muita atenção aos detalhes. Por isso era tão bom juiz. Quando estudava um caso, às vezes tinha que chamá-lo duas ou três vezes para captar sua atenção.

— Sabe em que caso estava trabalhando?

O detetive voltava a ter o lápis preparado

para escrever.

— Não, não sei. De fato, acreditava que, naquele momento, estava entre dois casos.

Entretanto, se isto fosse assim, o que havia em seu escritório tão importante para ter que ir buscá-lo um sábado pela manhã?

— E, embora tivessem planos, de repente seu pai decidiu partir?

Ela já o tinha contado antes.

— Sim. Decidimos deixar a comida para outro dia.

— Seu pai e você saíam com freqüência a comer juntos os sábados?

— Às vezes, mas não com regularidade.

— Escolhia você o restaurante ou o escolhia ele?

Agora as perguntas as formulavam, alternativamente, os dois detetives, assim Brenna se sentiu como se estivesse contemplando uma partida de tênis desde meia pista.

— Aos dois gostava da comida italiana, de

modo que estávamos acostumados a ir a um restaurante italiano.

— Sabe a quem telefonou?

As perguntas, realizadas a grande velocidade, provocaram-lhe dor de cabeça.

— Não, não sei. Uma vez, explicava-me coisas de seu trabalho, outras, não. Tampouco era estranho que fora ao escritório a procurar um livro concreto porque, embora tenha uma biblioteca muito ampla em casa, não é tão completa como a do tribunal.

— Nós gostaríamos de acessar ao registro de suas chamadas. — O detetive Montgomery fechou sua caderneta, voltou a guardá-la no bolso e olhou fixamente o teto durante uns instantes, como agrupando seus pensamentos dispersos —. Senhorita Nichols, obrigado por nos receber, sobre tudo depois de ter passado pelo que passou. Se lhe ocorre algo mais, nos chame, por favor. — O detetive deixou um cartão na mesa de noite da Brenna — Estaremos em contato.

—Agradeceria-lhes que me mantiveram informada de seus progressos, detetives.

—Sim, senhorita —respondeu o detetive Swan com pouco convencimento.

Quando os detetives se foram, um cansaço enorme se apoderou da Brenna até deixá-la tremente e um pouco assustada. Devido ao trabalho de seu pai, ela tinha passado muito tempo entre defensores da justiça e tinha descoberto que, em sua maioria, eram pessoas muito entregues que se mostravam compassivas com as vítimas e duras com os criminosos. Agora só desejava saber em que categoria acreditavam os detetives que ela se encontrava.

Capítulo 2

— Vamos, Trahern, de momento está a salvo! Te termine a cerveja.

O primeiro impulso do Blake foi de negação. Pelo general, não teria duvidado em confiar no Guarda Nacional para manter a salvo a Brenna, mas a recente traição que tinham sofrido em Seattle havia o tornado desconfiado. Ele conhecia o Purefoy desde fazia anos e jamais suspeitou que pudesse trair aos paladinos e, muito menos, a sua tutora, a doutora Young.

Assim não pensava deixar o bem-estar da Brenna em mãos de uns desconhecidos. Tinham transcorrido muitos anos desde que tinha servido no St. Louis para estar familiarizado com o pessoal daquela cidade.

Entretanto, em lugar de discutir com o Jarvis, Blake agarrou sua cerveja e jogou um bom gole. Tendo em conta quão cansado

estava, deveria ter tomado uma boa dose de cafeína em lugar de álcool, mas seu amigo tinha insistido em parar para tomar um sandwich e um par de cervejas.

—Não se preocupe Blake. Jarvis se reclinou na cadeira e cruzou as pernas à altura dos tornozelos dando a imagem de um homem satisfeito com sua vida que se relaxava depois de um longo dia.

Mas Blake o conhecia melhor que ninguém. Apesar de sua aparência relaxada, Jarvis tinha um caráter irascível. Quase todos os paladinos eram só que alguns sabiam dissimular sua autêntica natureza melhor que outros. Outros, como Blake, nem sequer se incomodavam em tentá-lo. Em geral, os homens se separavam de seu caminho de maneira espontânea, sem sequer ser conscientes do perigo que representava.

Entretanto, as mulheres estavam acostumadas reagir de uma forma distinta. A certo nível primitivo, reconheciam o homem

alfa que era. No passado remoto da humanidade, Blake teria liderado as partidas de caça e teria sido o primeiro em escolher às mulheres que esquentassem sua cama de noite. Mas as mulheres de sua época eram mais preparadas. É possível que gostassem de viver o lado selvagem da vida os sábados de noite, mas Blake não era o tipo de homem que levariam a casa para apresentá-lo à família.

E a ele isto já ia bem.

Nem em seus melhores momentos suportava Blake às multidões e as mulheres dependentes. Mas, naquele momento, seu instinto protetor funcionava a toda máquina e tinha os nervos em tensão e a ponto de estourar. Não se requeria muito para acabar com o frágil controle que dominava sua necessidade de arremeter contra um branco próximo, como por exemplo, o bastardo que tinha assassinado ao juiz.

Isto o levou de volta ao problema da

Brenna Nichols. Ela se tinha convertido em uma mulher encantadora e, apesar dos cabelos despenteados, sua beleza era indisputável. Além disso, embora já tinha vinte e seis anos, seus enormes olhos verdes continham a mesma inocência que havia o tornado louco doze anos atrás.

— Ne, colega, está pensando muito! — Jarvis se incorporou—Deve estar rendido. vamos ver como está sua garota uma vez mais e, depois, iremos a minha casa dormir um pouco. Amanhã começaremos a olhar debaixo das pedras para ver o que sai serpenteando daí abaixo.

—Ela não é minha garota, Jarvis - respondeu Blake com irritação e frieza.

Quão último precisava era que comesçassem a correr rumores a respeito de sua relação com a Brenna. Ela era a filha de um antigo mentor dele. Fim da discussão.

Seu velho amigo levantou as mãos em sinal de rendição.

—Está bem. Vamos embora antes de que te arruíne.

Jarvis se levantou e deixou uns quantos bilhetes em cima da mesa.

Blake teria preferido dormir em um hotel ou inclusive nos barracões de emergência que os regentes tinham disposto perto da barreira para os paladinos que estivessem de passagem. Entretanto, naquele momento precisava estar às boas com o Jarvis por cima da intimidade. A habitação dos convidados de seu amigo lhe serviria até que Brenna recebesse a alta no hospital.

Não lhe surpreendeu que Jarvis saísse do bar pela porta traseira em lugar de pela dianteira. Uma vez no exterior, os dois amigos se detiveram para permitir que seus olhos se acostumassem à escuridão. Não se percebia a menor brisa no estreito beco e o aroma de lixo podre flutuava com pesadez no ar noturno.

—estacionei o carro nessa direção. —

Jarvis assinalou com a cabeça o final do beco — O que te parece se te deixo no hospital e, quando tiver terminado, vem a minha casa?

— Parece-me bem.

Depois de dar apenas uns passos, ao Blake lhe pegou a camisa à pele. Maldita seja, tinha esquecido o calor que fazia no St. Louis no verão! Caminharam em silêncio, por isso Blake se sentiu agradecido. Tinha a mente espessa devido ao pouco que tinha dormido e às numerosas perguntas para as que não tinham respostas. Entretanto, antes de permitir-se descansar, asseguraria-se de que Brenna estava bem instalada para passar a noite e de que os guardas compreendessem que suas vidas corriam perigo se não a mantinham a salvo.

Quando chegaram ao final do beco, Jarvis se dirigiu a um Chevelle SS azul elétrico do 69.

— Deveria ter imaginado que seguia

conduzindo essa besta.

Jarvis sorriu e deu uns golpes no teto de sua garota.

—Um dia destes poderíamos conduzi-lo por uma dessas estradas tipo montanha russa dos Ozarks e pô-lo a todo gás. Já não são o que eram.

—Surpreende-me que possa conduzir o de um posto de gasolina a seguinte sem que se desmonte.

Claro que ele também desfrutava conduzindo um motor de 6.500 c a toda velocidade.

Seu amigo pareceu ofendido.

—Faz menos de um ano que terminei de restaurá-lo. E quase tudo eu fiz sozinho. Pintei-o de novo, troquei-lhe o interior... E seguindo as especificações oficiais. A não ser pelo estéreo, está exatamente igual a quando saiu de fábrica.

—Pois pelo que te gastaste nele te poderia ter comprado dois carros novos. Algo mais

prático de uma bonita cor bege.

Seu amigo soltou um resmungo:

— Cala Trahern! Ferirá seus sentimentos.

Quando Jarvis subiu ao carro e girou a chave de contato, o veículo emitiu um ronrono grave. Blake se reclinou no assento e se esforçou em manter os olhos abertos. Ao cabo de uma distância, Jarvis soltou uma fileira de maldições. Blake se incorporou em seguida e fez o gesto de agarrar a pistola, mas então se lembrou de que não tinha.

— O que ocorre?

Jarvis assinalou à frente.

— Vêem todas essas luzes intermitentes no estacionamento do hospital?

Blake sentiu náuseas e a adrenalina invadiu sua corrente sangüínea preparando-o para a batalha. Mais adiante, um montão de carros de polícia e caminhões de bombeiros com as luzes acesas bloqueavam a circulação. Blake agarrou o cabo da porta incluso antes que Jarvis detivera o carro.

—Deixei todas minhas armas em Seattle porque pensava me abastecer aqui. Pode me emprestar alguma?

Jarvis introduziu a mão debaixo do assento e lançou ao Blake uma cartucheira.

—Estaciono o carro e te sigo.

—Estupendo.

Blake correu amparado pelas sombras do edifício e, depois, diminuiu o passo. Não podia arriscar-se a chamar a atenção entrando no hospital como se fora a maldita cavalaria. Não faria nenhum favor a Brenna consumindo-se em uma cela, o que sem dúvida passaria se lhes ocorria consultar seus antecedentes policiais.

A atividade parecia estar concentrada ao redor da entrada de urgências, assim Blake se dirigiu à entrada principal. Uns quantos membros do pessoal médico fumavam em grupo, ignorando o caos que reinava a pouca distância deles.

Blake esperou a que um par de homens

apagassem seus cigarros no chão e se separassem do grupo para aproximar-se — Perdoem, podem-me explicar o que ocorre? Devia visitar a uma amiga que está no hospital quando vi. Todas essas luzes.

Os dois homens que, a julgar por seus uniformes, eram carregadores de maca encolheram-se de ombros.

—O alarme contra incêndios se disparou. Pelo visto, foi um incidente evacuaram uns pacientes do outro lado. Faz uns minutos deram o aviso de que tudo tinha voltado a normalidade, e os pacientes começaram a retornar as suas habitações. Agora a polícia está terminando a papelada.

—Obrigado.

Se alguém queria chegar até a Brenna, que melhor forma que semeando o caos no hospital? Até com a polícia e os bombeiros rondando por ali, durante o lapso de tempo que demorariam em chegar qualquer podia entrar e sair do hospital sem que ninguém o

notasse. Além disso, em um hospital daquelas dimensões havia suficientes mudanças de volta para que um rosto desconhecido acontecesse inadvertido.

Possivelmente o fogo e o alvoroço não tinham nada que ver com a Brenna, mas ao Blake nunca tinham gostado das coincidências; assim que se dirigiu às escadas e subiu os degraus de duas em duas até onde se encontrava a habitação da Brenna.

Não havia nenhum guarda vigiando a porta que dava às escadas. Filhos de puta! Blake correu pelo corredor e se deteve de repente ao ver um grupo de guardas ao redor da cama da Brenna. Blake se abriu passo entre eles. A cama estava vazia, e os monitores que controlavam as constantes vitais da Brenna, às escuras e em silêncio.

Blake agarrou ao guarda que tinha mais perto pela lapela do uniforme e apertou o canhão da pistola do Jarvis contra sua garganta.

— Onde demônio está? — Blake baixou a vista até a placa em que figurava o nome do guarda—. Responde rápido, Baxter, e será melhor que tenha uma boa resposta a minha pergunta, porque agora mesmo eu gostaria mais que apertar o gatilho.

O ruído de uma porta que se abria e se fechava e o som de alguém que caminhava arrastando os pés chamou a atenção do Blake. O paladino, resistente a soltar a sua vítima, permaneceu imóvel enquanto era consciente de que todos tinham dirigido sua atenção à pessoa ou pessoas que estavam detrás dele.

— Blake Trahern! O que está fazendo? — Uma mão agarrou-se a seu braço

— Deixa de assustar a esse homem desta maneira.

Ao Blake, a voz débil e áspera da Brenna soou a glória. Baixou a pistola pouco a pouco para evitar que algum dos guardas reagisse de uma forma imprevisível e a guardou na traseira de sua calça.

Quando se voltou para olhar a Brenna, viu que esta se cambaleava um pouco.

— O que faz levantada? — grunhiu Blake. Ela conseguiu endireitar os ombros e manter-se firme.

— Quando se disparou o alarme contra incêndios nos evacuaram e, quando tudo voltou para a normalidade, retornamos.

— Retornar aonde? A cama está vazia e este desafortunado grupo de guardas se encontrava repleto ao redor da cama, em lugar de montar guarda.

Ela avermelhou levemente.

— Tinha que ir ao lavabo, o qual não é de sua incumbência. E, agora, se me desculpar, foi um dia muito longo e estou cansada.

Brenna tentou rodear ao Blake, mas esteve a ponto de cair ao chão. O a agarrou em braços enquanto murmurava algo que estupidez. Embora tivesse vontade de soltá-la de repente sobre a cama, Blake a deixou com suavidade sobre o colchão e os travesseiros e,

depois de tampá-la, lançou tal olhar aos guardas que estes voltaram correndo a seus postos.

Brenna contou até vinte antes de abrir um olho para comprovar se a habitação tinha deixado de dar voltas. Quando sua vista se esclareceu, voltou-se para o Blake.

— por que tinha que ser tão brusco com eles?

—Mostrarei-me mais amável quando me convencerem que se tomam seu trabalho a sério. —Blake se passou a mão pela cabeça com frustração—Não deveriam te haver permitido sair da habitação até que um deles comprovasse, em pessoa, que o alarme se disparou por uma razão justificada. Alguém poderia havê-la ativado para semear o caos e permitir que o assassino de seu pai entrasse para terminar o trabalho que começou. Supõe-se que são profissionais e que deveriam saber fazer bem as coisas.

—Mas o doutor e a enfermeira nos

disseram que tínhamos que...

— Maldita seja, Brenna, importa-me o que dissessem! Alguém matou a seu pai e pouco faltou para que matasse a ti também. — Blake se agarrou ao corrimão da cama e seus nódulos empalideceram da tensão-Sua segurança vem em primeiro lugar.

Apertarei o gatilho e lhe farei um favor ao maldito mundo.

Seus olhos se obscureceram até adquirir a cor de uma tormenta do verão e enviaram um calafrio pelas costas da Brenna.

— Não pode ir por aí ameaçando e atirando como fosse à polícia, Blake.

— Eles não são da polícia-respondeu Blake com desdém — O qual me recorda... O que lhe explicaram os detetives? Têm alguma pista?

Sua repentina mudança de humor confundiu a Brenna. O que queria dizer com que os guardas não eram da polícia? Quem mais podia apostar em homens para que

custodiassem a porta de sua habitação?

—Dois detetives passaram por aqui. Sua visita me resultou estranha, porque pareciam mais interessados em saber o que tinha tomado o café da manhã e onde tínhamos pensado em almoçar. Achava quem tinha colocado os explosivos. Sua atitude eu não gostei.

Ao final, Brenna cedeu à necessidade de fechar os olhos e já estava meio dormida quando o doutor Vega voltou a entrar na habitação.

—Senhorita Nichols, sinto a animação desta tarde. Direi-lhe à enfermeira que só lhe conecte os monitores imprescindíveis. Agora que está acordada e lúcida quero começar a retirar algum dos controles. Quando a enfermeira tenha terminado, tente dormir. Uma larga noite de sonho a ajudará a voltar para a normalidade.

Como se algo pudesse voltar a ser normal!

As lágrimas alagaram os olhos da Brenna

e lhe escorregaram pelas bochechas enquanto por fim caía dormida.

Brenna recuperou a consciência pouco a pouco. O assobio e o ronrono familiar das máquinas seguiam o ritmo de seu coração e seus pulmões e o aroma de desinfetante e outros produtos químicos lhe ardia no nariz. Ainda estava no hospital, embora esperava que todo aquilo fora um pesadelo e que despertaria a sua antiga vida.

Ouviu o murmúrio de umas vozes e em seguida reconheceu a do Blake Trahern. Demorou um pouco mais em reconhecer à segunda. Pertencia ao amigo do Blake. Jarvis? Brenna não sabia se este era seu nome ou seu sobrenome.

No momento, alegrou-se de poder flutuar entre o prazenteiro mundo do sonho e a dura realidade, enquanto emprestava atenção se por acaso podia averiguar algo a respeito do Blake e a razão que o tinha levado de volta ao St. Louis.

—O médico diz que poderá viajar de avião dentro de um par de dias. —Este era Trahern—Alugarei um avião de pequeno porte privado para levá-la a Seattle.

—Percebo dois problemas em seu plano. O primeiro é que ela não quererá ir, ao menos até que averigüe o que ocorreu a seu pai. O segundo é que, por muito que confie em sua tutora, eu não a conheço absolutamente e não penso permitir que a filha do juiz viaje por meio país e só para que fique com uns desconhecidos. Claro que, se você fosse com ela...

—Isto já o discutimos, Jarvis. A curto prazo, não penso ir a nenhum lugar.

—Assim estamos onde começamos, procurando um lugar para a senhorita Nichols aqui, na cidade. Quando descobrirmos aos assassinos, ela poderá decidir por si mesmo aonde ir.

Brenna abriu os olhos.

—Não penso ir a nenhum lugar,

cavalheiros, com ou sem um de vocês como escolta. Assim que o doutor me dê à alta, irei diretamente a casa. E por que têm que procurar vós aos assassinos? Não é trabalho da polícia?

Dois pares de olhos se voltaram para ela; um neutro e o outro com ira e com sua acostumada intensidade. Pode que não estivesse em plena forma, mas não pensava permitir que aqueles dois homens decidissem seu futuro.

— E bem? — Brenna se cruzou de braços e esperou uma resposta.

Jarvis foi o primeiro em romper o silêncio, o qual não constituiu nenhuma surpresa:

— bom dia, senhorita Nichols. — Esboçou um amplo sorriso—. Espero que tenha dormido bem, a diferença de algumas pessoas que poderia assinalar.

— Cala a boca, Jarvis!

Blake vestia a camiseta cinza escuro da noite anterior e, por seu aspecto, Brenna

deduziu que tinha dormido com ela posta. Além disso, a camisa que levava havia visto melhores dias. O fato de que não se barbeou durante as últimas vinte e quatro horas aumentava a intensa masculinidade que irradiava. Uma mulher teria que estar morta para não reagir ante ele, e a dor que Brenna experimentava quando o olhava não tinha nada que ver com as feridas que tinha sofrido.

Brenna desviou a conversação em uma direção distinta à sensação que produziria em sua pele a barba de dois dias do Blake.

— E que mais dá se tiver dormido bem ou não! Querem um ou outro responder a minhas perguntas?

Os dois homens voltaram a olhar-se, pois nenhum dos dois queria ser o primeiro em falar. Antes de que Brenna conseguisse reunir as forças suficientes para insistir, uma enfermeira entrou na habitação, com um radiante sorriso.

—Senhorita Nichols, me alegro de que esteja acordada. Como se encontra esta manhã?

A mulher se dirigiu diretamente à janela e abriu as cortinas para que o sol da manhã se filtrasse na habitação.

— Fechamento essas cortinas agora mesmo!

O bramido do Trahern empanou a estudado sorriso da enfermeira.

—Agora que a senhorita Nichols está acordada não há nenhuma razão para manter a habitação às escuras.

Trahern passou junto a ela e correu as cortinas com tanta força que rasgou o tecido que estava sujeita a duas das argolas. A brutalidade de sua ação sobressaltou a Brenna e fez que a enfermeira soltasse para trás.

— Trahern, deixa já de comportar como um louco! Ela não tem feito nada mal.

O que o tinha feito explorar? Brenna

olhou ao Jarvis em busca de ajuda, mas a expressão de seu rosto era tão dura como a do Trahern.

Blake ficou imóvel, e só um músculo tenso de sua bochecha revelava quão zangado estava. Lenta, muito lentamente, retrocedeu um passo, voltou-se para a desventurada enfermeira e a transpassou com o olhar.

—Alguém tentou matar à senhorita Nichols em outra ocasião. Agradeceria-lhe que mantivera as cortinas fechadas para evitar lhe oferecer a um franco-atirador um alvo fácil enquanto ela está aqui. Brenna sobreviveu ao primeiro ataque, mas poderia não sobreviver ao seguinte.

Continuando, Blake saiu da habitação.

A enfermeira estava pálida:

—Sinto muito, senhorita Nichols, não tinha pensado nessa possibilidade.

—Por favor, não se preocupe. Estou segura de que o senhor Trahern está sendo super protetor.

Brenna apartou a roupa da cama para levantar-se. Embora não gostava da brutalidade com que Blake atuava, tampouco queria que partisse. Jarvis a ajudou a manter o equilíbrio quando ficava em pé. Uma vez seguro de que não cairia, soltou-a e lhe aproximou a bata.

— Aonde terá ido? — perguntou Brenna ao Jarvis, enquanto dava uns primeiros passos hesitantes para a porta.

— Não muito longe. Seja qual seja seu estado de ânimo, não te deixará sozinha. Sua consciência não o permitiria. — Jarvis apareceu à cabeça pela porta e olhou a ambos os lados do corredor — Está naquele extremo, olhando pela janela frente à seção de Enfermaria. Assegure-te de que te ouça chegar. Nunca lhe gostaram as surpresas.

Os comentários do Jarvis despertaram ainda mais pergunta na Brenna. Entretanto, de momento se concentrou em manter o equilíbrio enquanto avançava pelo corredor.

O que diria ao Blake? A situação parecia requerer uma desculpa, mas não estava segura do que tinha feito algo para zangá-lo. Só lhe tinha pedido que deixasse de assustar à enfermeira. Não, um momento! Suas palavras exatas foram que deixasse de atuar como um louco. Seguro que ele sabia que isto era só uma expressão e que ela não acreditava que estivesse louco de verdade!

Brenna se deteve certa distância do Blake esperou que ele reagisse ante sua presença.

Blake olhou a Brenna por cima de seu ombro com uma expressão fria e hermética no rosto.

— O que te passa? Tem medo de te aproximar de um louco?

Brenna duvidou que uma desculpa sincera funcionasse com aquele homem. Entretanto, o gênio sim que era algo que Blake entendia.

— Não seja tão suscetível, Trahern. Só era uma forma de falar. Você é a pessoa menos

louca que conheço, mas não pode ir por aí assustando a enfermeiras inocentes como acaba de fazer. Se não te conhecesse tão bem, eu também me teria assustado.

Blake voltou a olhar pela janela:

— Você não me conhece absolutamente, moça. Nunca o fez.

— Pode que não saiba o que tem feito ou onde estiveste durante os últimos doze anos, a certas coisas que nunca trocam. Você jamais me faria mal. Jamais.

— O que te faz acreditar isto?

— O empenho que põe em me proteger da pessoa que matou a meu pai, embora eu não me considere em perigo.

— Até que averigüemos por que mataram a seu pai, não podemos concluir nada. — Sua voz voltava a refletir força de caráter, embora agora não expressava amargura — Me sentirei melhor quando tivermos chegado ao fundo da questão.

— Estou segura de que a polícia faz o que

pode.

Trahern soltou um bufo desdenhoso:

— Não se encontrariam o traseiro nem com as duas mãos. Além disso, não têm nem idéia de com o que ou com quem estão tratando.

— E você sim? Se souber por que mataram a meu pai, Blake tem que me contar isso e à polícia agora mesmo.

Brenna o agarrou por braço tentando que ele a olhasse à cara, mas foi como tentar mover uma montanha de granito.

— Não.

— Não pode falar a sério, Blake. Se sentir o menor respeito para o trabalho que meu pai realizava, tem que confiar no sistema legal. Deixa que a polícia apanhe ao assassino e o leve ante a justiça. Meu pai odiava às pessoas que se toma a justiça por sua mão.

— De que trabalho me fala Brenna? — Blake sacudiu a cabeça e voltou a apartar o olhar da Brenna — Sempre foi uma ingênua e

é evidente que o segue sendo.

— Trahern, fale já!

Nenhum deles tinha ouvido a aproximação de Jarvis.

— Você fica à margem disto-disse Blake

Em outras circunstâncias ela teria considerado divertida esta coincidência; mas, naquele momento, pô-la furiosa.

— Não, os dois têm que ficar à fora disso. É a polícia a que está à frente da investigação, não vós!

Os dois homens mediam mais de metro oitenta cada um e ultrapassavam a Brenna ao menos em vinte centímetros. Naquele momento, utilizaram sua altura para comunicar a Brenna o que pensavam só com o olhar. A Brenna, ter a cabeça inclinada para trás lhe produzia dor de cabeça, assim não teve mais remedeio que ceder.

— Estupendo. Espero que lhes passem isso bem os dois sozinhos, porque até que decidam deixar que a polícia realize seu

trabalho...

Um ruído de cristais quebrados a interrompeu de maneira repentina. Blake a agarrou do braço e a empurrou ao interior de uma sala de tratamentos próxima. Ela começou a protestar, mas ele a fez calar rodeando-a com o braço e lhe tampando a boca com a mão. A Brenna pareceu que a temperatura caía, mas isto pôde dever-se à repentina quebra de onda de medo que experimentou. Em um abrir e fechar de olhos, Jarvis e Blake tiraram suas armas, e pareciam muito familiarizados com a forma em que estas encaixavam em suas mãos.

Blake lhe sussurrou uma advertência tão perto da orelha que Brenna sentiu a calidez de seu fôlego na pele.

—fique quieta, Brenna, e possivelmente viva o suficiente para poder me arrancar à pele. Se quiser.

Brenna assentiu com a cabeça e Blake afrouxou a mão. Durante uns segundos, o

único ruído que Brenna ouviu foram os batimentos do coração de seu próprio coração, mas depois ouviu um par de estalos leves e uns gritos. Blake a empurrou detrás dele. Tanto sua expressão como a do Jarvis eram extremamente sombrias.

— Fica com ela.

Jarvis se dispôs a sair pela porta. Seu aspecto, com a pistola arranca-rabo com ambas as mãos, era letal. Trahern negou com a cabeça.

— Não é momento de jogar a heróis, nem sequer sabemos quantos são. Temos que tirar a daqui. Agora.

Ouviram-se uns pés que corriam do outro extremo do corredor.

— A polícia logo estará por toda parte. Esta confusão é nossa melhor oportunidade para tirar a daqui sem que ninguém nos veja.

O grito de uma mulher ressonou no corredor e Brenna compreendeu perfeitamente como se sentia aquela mulher.

Jarvis apareceu à cabeça pela porta o tempo suficiente para jogar uma olhada ao corredor.

— De momento, está limpo.

— Eu irei na frente. Quando te der o sinal, traga até mim.

Trahern saiu sigilosamente ao corredor e se encaminhou em sentido contrário à origem do barulho que tinham ouvido. Avançou com as costas pega à parede enquanto olhava a ambos os lados, em direção a um letreiro que assinalava uma saída não longe dali. Quando chegou à porta das escadas, abriu-a e desapareceu uns segundos. Depois, apareceu a cabeça e indicou ao Jarvis e a Brenna que o seguissem.

Jarvis cobriu a Brenna com seu corpo enquanto avançavam em silêncio até onde Trahern os esperava. Ela tentou averiguar o que ocorria na seção de Enfermaria, mas Jarvis lhe obstaculizou a visão. Ela só pôde vislumbrar a um guarda retorcendo-se no

chão, frente à porta de sua habitação, com a camisa do uniforme empapada em sangue.

— meu Deus! Estará ferido gravemente?

— Não sei, mas seus companheiros o ajudarão. Vamos! Embora. Jarvis fechou a porta atrás deles. — Acima ou abaixo?

Trahern assinalou com a cabeça para cima.

— Subiremos, cruzaremos à outra porta e baixaremos por ali. No segundo andar há uma porta que comunica as salas de cirurgia com o estacionamento.

Como podia sabê-lo? Brenna não tinha suficiente fôlego para perguntar-lhe. Esta seria uma mais de uma longa lista de perguntas que esperava lhe formular quando estivessem a salvo. Se é que chegavam a está-lo algum dia.

— Pode seguir o compasso, Brenna, ou te levo em braços?

— Poderei fazê-lo.

Jarvis os esperou no patamar com a

pistola e o olhar dirigidos ao lance superior das escadas. Quando Trahern e Brenna subiram o último degrau, Jarvis abriu a porta pouco a pouco e apareceu a cabeça.

—Ninguém parece ter dado a voz de alarme. —Jarvis introduziu a pistola na sua calça e a tampou com a camisa— Volto em seguida.

Desapareceu, deixando-os sozinhos outra vez. Brenna se apoiou na parede. Toda aquela excitação era mais do que seu maltratado corpo podia suportar. As pernas lhe tremiam de puro esgotamento e lhe custava respirar. Ao Trahern o via impassível; ele e Jarvis atuavam como se aquilo fora pão comido para eles.

— É assim como passam o tempo? — sussurrou Brenna.

A tênue luz das escadas fazia que as facções do Blake resultassem duras.

— Agora não, Brenna.

Suas diretas palavras não convidavam à

conversação. Jarvis retornou e lhes indicou que o corredor era seguro.

— Está bem, mas me deve umas quantas respostas e tenho a intenção das conseguir — declarou Brenna.

Continuando, uniu-se ao Jarvis no ocupado corredor deixando que Blake os seguisse.

Blake desejava colocar Brenna sobre os ombro e sair correndo. Sua testa se tornou lívida devido ao esgotamento e a dor. Entretanto, a melhor forma que tinham de ocultar-se era mesclar-se com os outros pacientes e suas famílias e atuar como se nada tivesse passado. Enquanto estivessem dentro do hospital, constituíam um alvo fácil. Qualquer pessoa com a que se cruzavam podia ser um capanga com a missão de acabar com a vida da Brenna, ou com a dele... Se paravam para pensá-lo, inclusive com Jarvis. Quem queria ver morto ao juiz tinha que perguntar-se a quem lhe tinha irradiado

ele suas suspeitas. Blake e Brenna eram indiscutíveis candidatos, mas ninguém, na organização dos regentes, estava a salvo se o juiz tinha deixado algum rastro que pudesse levar até ele.

Resultava difícil caminhar com tanta lentidão, mas chamariam menos a atenção se avançavam a um ritmo que resultasse cômodo a Brenna. Em poucos segundos, chegariam ao passo elevado que conduzia à outra asa do hospital. Ao percorrer o passo elevado, ficariam expostos aos olhares de qualquer que estivesse dentro do hospital ou de quem os andasse procurando do exterior.

Quando entraram no passo elevado, os dois homens se colocaram a ambos os lados da Brenna. Isto não constituía um grande amparo. Se o franco-atirador sabia realizar seu trabalho, podia alcançar aos três com um só disparo, ou com dois, no máximo.

— Vê algo suspeito? Blake sacudiu a cabeça. — A passagem está livre. Vamos.

Blake agarrou a Brenna pelo braço e indicou ao Jarvis que fizesse o mesmo. Continuando, levantaram-na em alto e correram para a zona das salas de cirurgia.

— me deixem no chão antes de que alguém nos veja! Quando Brenna voltou a ter os pés no chão, esfregou-se os braços.

—Justo o que necessitava, Blake a olhou com rudeza:

—Melhor um arroxeadado que um buraco de bala. Agora tornaremos à esquerda e nos dirigiremos diretamente à porta de saída.

Quando chegaram à última esquina, os instintos de luta do Blake estavam em pleno funcionamento. Enquanto mantinha a Brenna fora do alcance da vista, Blake inspecionou o vestíbulo. No mostrador havia duas mulheres que falavam por telefone enquanto consultavam uns papéis. Um homem de idade avançada sustentava uma revista, mas olhava com fixação as portas; sem dúvida, preocupado com alguém a quem estavam

esperando.

Por último, havia um carregador de maca apoiado na parede, perto de um bebedouro. Ia vestido com um uniforme bem engomado e umas botas negras e brilhantes, e estava preenchendo um palavra cruzada. Trahern franziu o cenho. O calçado não era o adequado. Trahern não recordava ter visto ninguém mais no hospital com botas negras. Além disso, aquele tipo não levava um cartão na lapela que o identificasse como empregado do hospital.

Trahern se voltou de costas para suposto carregador de maca e chamou a atenção do Jarvis.

— Não é daqui.

Jarvis assentiu com a cabeça.

— Vê algum outro suspeito?

Os dois se voltaram com lentidão, como se não estivessem familiarizados com o vestíbulo, e tentassem orientar-se. — Não, parece que está sozinho.

— deixe-me isso.

O sorriso do Jarvis teria assustado aos mortos.

Jarvis se separou deles e se dirigiu a uma mesa em que havia café e bolachas para quem esperava aos pacientes de cirurgia. Serve-se uma taça, bebeu um sorvo e caminhou para a porta. Quando chegou à altura do carregador de maca, tropeçou a propósito e verteu o líquido quente diretamente entre as pernas do homem. O carregador de maca gritou de dor e se dirigiu a toda pressa para o bebedouro.

Jarvis fez uma impressionante interpretação do homem que tenta emendar sua estupidez. Uma das mulheres saiu de atrás do mostrador para ajudá-lo, mas Jarvis rechaçou seu oferecimento com um gesto da mão enquanto arrastava a sua vítima para o lavabo dos homens, que estava no final do corredor. Trahern duvidou que o suposto carregador de maca voltasse para vestíbulo a

curto prazo, sobre tudo por seu próprio pé.

Então se deu conta de que Brenna não estava detrás dele, a não ser o seu lado e que olhava irada ao Jarvis enquanto este desaparecia da vista.

— Do que ia tudo isto? Esse pobre homem só estava aí de pé, sem fazer nada. E não me diga que Jarvis não lhe jogou o café em cima a propósito. É impossível que seja tão desajeitado.

Santo céu! Para fazê-la calar, Blake a beijou na boca. Seu gênio se estava avivando, mas apoiou os lábios com gentileza nos de Brenna enquanto lhe separava os lábios com a língua. E, vá, sua doçura fez que o pênis se levantasse pedindo atenção! Levava muito tempo sem uma mulher e o fato de que lhe devolvesse o beijo tampouco ajudava.

Brenna gemeu enquanto suas mãos subiam pelo peito do Blake até lhe rodear o pescoço. Apertou-se contra ele e Blake foi dolorosamente consciente de seus suaves

seios esmagados contra seu peito. Queria tombá-la no chão e afundar-se em seu doce calor, mas o vestíbulo do hospital não era o lugar adequado.

Blake separou sua boca da de Brenna e contemplou os desconcertados olhos dela e sua respiração entrecortada. A confusão que Brenna experimentava se desvaneceu quando recordou onde estavam e o que Jarvis fazia. A firmeza e resolução de sua mandíbula indicaram ao Blake que não pensava ir a nenhum lugar até que ele a convencesse de que Jarvis não tinha perdido a razão. Sem deixar de rodeá-la com os braços, Blake lhe sussurrou junto ao ouvido:

— Aquele homem nos estava esperando.

— Isso não sabe. Ninguém pode sabê-lo.

Blake ficou feito uma fúria. Estava cansado de que lhe levasse sempre a contrária, de suas dúvidas... Absolutamente cansado.

— me escute com atenção, Brenna. Saber

estas coisas forma parte de meu trabalho. Jarvis sairá do lavabo sozinho, com outra pistola no cinturão e um transmissor que lhe terá tirado a esse homem que a ti tanta lástima dá e que nos teria disparado assim que nos tivesse reconhecido.

— Mas...

— Mais tarde pode me aporrinhar tudo o que queira; mas, agora, sai daqui por seu próprio pé ou te levo nas costas. Você escolhe. — Blake apertou as mandíbulas com frustração e lhe lançou um olhar iracundo.

Ela precisou dar-se conta de que o tinha pressionado até o limite, porque cedeu.

— Está bem. Sigo-te.

Blake a soltou e caminhou pego ao lado da Brenna, preparado para tirar a pistola ou responder a qualquer tipo de ataque físico. Jarvis os alcançou justo quando as portas da entrada se abriam. A julgar pela energia renovada com a que caminhava, Trahern soube que não se equivocaram. Entretanto,

para convencer a Brenna, perguntou-lhe: — O que levava?

Seu amigo sorriu enquanto seus olhos inspecionavam de forma automática o estacionamento do hospital.

— Tirei-lhe uma bonita Glock. Faz tempo que queria uma para minha coleção. Seu transmissor era uma merda, assim que o atirei pela privada.

O medo voltou a refletir-se nos olhos da Brenna, mas possivelmente agora seguiria suas ordens sem discutir. Quando se encontrasse melhor e a lembrança dos últimos dias se comesse a desvanecer, voltaria a lhe plantar cara e a discutir com ele. Blake esperava ansioso aquele momento, pois a derrota que refletiam seus ombros afundados lhe resultava dolorosa.

— Iremos em meu carro de aluguel. O teu se vá a léguas e não queremos chamar mais a atenção. Jarvis meneou a cabeça:

— Não sei quantos insultos mais poderei

agüentar de ti a respeito de meu carro, Trahern. Qualquer diria que tem ciúmes.

— Sim, já. Fica com ela enquanto dou uma olhada.

Blake se aproximou de seu carro de aluguel com lentidão, examinando o lugar com o olhar se por acaso alguém emprestava muita atenção a seus movimentos. Ouviu umas sereias que se aproximavam. Se não se davam pressa, podiam acabar ficando apanhados no estacionamento pela chegada das ambulâncias. Tornou-se ao chão e examinou o chassi se por acaso encontrava algum indício de que alguém lhes tivesse deixado ali um presente indesejado. Nada.

Examinou as quatro portas, sobre tudo as do lado do condutor, e viu que a fibra de erva que tinha deixado no extremo inferior da porta seguia em seu lugar. Isto não garantia que ninguém tivesse aberto o carro, mas Blake também tinha deixado um par de cabelos em dois lugares distintos da junta do

capô. Quando os localizou, sentiu-se razoavelmente seguro de que ninguém tinha transportado no motor.

Abriu a porta e girou a chave de contato. Durante um segundo, conteve a respiração perguntando-se se esta seria a última, mas o motor se acendeu e funcionou com suavidade. Jarvis conduziu a Brenna com rapidez até o carro e a fez entrar no assento traseiro.

— Entra e te deite sobre o assento, Brenna. Quando estivermos longe do hospital poderá te sentar; mas, se alguém está vigiando as saídas, procurará uma mulher com bata de hospital, e não a um homem sozinho.

Brenna fez um gesto de dor enquanto deitava obedientemente, sobre o assento.

— Aonde a leva? — perguntou Jarvis ao Blake.

— Não sei.

Embora soubesse, não pensava dizer-lhe quanta menos gente soubesse onde estava

Brenna, melhor.

Seu amigo assentiu com um movimento da cabeça.

— me chame quando lhes tiverem instalado e planejaremos nosso próximo passo. Mantenha a cabeça agachada, Brenna, e confia em que Trahern te protegerá. De entre todas as pessoas que conheço, ele é ao único que escolheria para me cobrir as costas.

Jarvis lançou um último olhar ao estacionamento antes de dar um golpe no porta-malas do carro como sinal de que não havia nenhum perigo.

Blake saiu da praça do estacionamento, e se dirigiu à saída mais próxima. Nesse mesmo instante, um par de homens saíram correndo do hospital e olhando a ambos os lados. Por sorte, havia outros carros circulando pelo estacionamento com duas pessoas nos assentos dianteiros e, para quando aqueles dois homens comprovaram que não eram as pessoas que andavam

procurando, Blake já estava fora do estacionamento.

—Já estamos fora, Brenna. Circularrei por ruas secundárias durante um ou dois quilômetros para me assegurar de que ninguém nos segue.

Não estava acostumado a dar explicações sobre todos seus passos, pois normalmente trabalhava com homens familiarizados com o combate urbano. Os paladinos eram assassinos por natureza; entretanto, por sorte para o resto da humanidade, tinham incorporada uma consciência íntegra e a necessidade de proteger a outros. Cada vez que os feriam de gravidade ou morriam, curavam-se com rapidez, mas assim se foram convertendo em um dos Outros, criaturas semi-humanos que tentavam invadir a Terra sempre que podiam.

Ele tinha matado a muitos dos Outros enquanto protegia a barreira que separava seus mundos, e também tinha morrido

muitas vezes vítima de suas espadas durante os dois últimos anos. Tanto ele como a doutora Laurel Young, a tutora que fiscalizava seu caso, sabiam que seus resultados nas provas de controle se aproximavam com rapidez ao ponto em que ele perderia sua humanidade e constituiria um perigo para quem o rodeasse. Ela intensificava sua investigação sobre o que mantinha ao Devlin Banhe, o paladino que era seu amante, vivo e estável durante mais tempo que qualquer outro paladino dos últimos anos. Blake não confiava muito em que ela encontrasse as respostas com a suficiente rapidez para salvá-lo a ele, mas lhe desejava sorte.

— Posso me levantar já, Trahern?

Tinha conduzido vários quilômetros sem dar-se conta. Maldição! Naquele preciso momento não podia permitir-se perder a concentração. Depois de olhar pelos retrovisores, jogou uma olhada por cima do

ombro.

— Estacionarei na loja que há aí diante. Terá que esperar no carro enquanto te compro um pouco de roupa.

— De acordo. Normalmente, uso 38 média. — Brenna se incorporou no assento —. E calço um trinta e nove.

— E que tamanho é suas peças íntimas?

Essa pergunta certamente lhe resultaria embaraçosa, mas ele não pensava ficar a adivinhar o tamanho.

— Uma noventa e cinco. E prefiro que se grampeie diante, mas se não encontrar deste tipo, não me importa.

Estupendo. Maiores que a palma de sua mão, justo como gostava. Blake reviveu com soma clareza a sensação dos peitos da Brenna esmagados contra o seu torax quando estavam no hospital. Claro que não deveria ter esses pensamentos respeito a ela; e menos naqueles momentos.

— Necessita algo mais, além de artigos de

penteadeira? — Uma caixa do Ibuprofeno não estaria má. Além disto, nada mais.

Blake estacionou perto da freqüentada porta da loja. No pouco provável caso de que alguém os tivesse seguido, resultaria-lhe difícil atacar a Brenna com tanta gente ao redor.

— Estarei de volta dentro de quinze minutos. — Blake saiu do carro e deu uma rápida olhada ao estacionamento. — Fica no carro e não levante muito a cabeça.

— De acordo. E, Blake...

Sim?

— Ande logo, por favor.

Capítulo 3

– Não posso acreditar que não tenham encontrado os arquivos do juiz! – Deixou que o silêncio expressasse seu desagrado para aquele par de estúpidos incompetentes.

O detetive Swan se revolveu com inquietação no assento:

– Acabamos de registrar o despacho da Brenna Nichols, na universidade. Não encontramos muitas coisas porque ela se tomou o verão livre; sem dúvida, para trabalhar em sua próxima novela. Temos planejado voltar para casa do juiz hoje mesmo, mais tarde, para continuar com o registro. Ninguém sentirá saudades que dois detetives voltem a examinar a cena do crime, sobre tudo depois do misterioso desaparecimento da Brenna Nichols do hospital.

O terceiro homem levantou a vista para o

teto, embora a falha fosse dele, não dos detetives.

— O que lhe faz pensar que terão mais sorte esta vez?

O detetive Montgomery lançou um olhar a seu jovem companheiro para que se calasse, mas não funcionou.

— A última vez havia, meio departamento farejando a nosso redor. Se nos tivéssemos posto a derrubar as paredes em busca de uma caixa forte, nos teriam formulado perguntas que nem nós nem você queremos responder. E, se tivéssemos encontrado os arquivos, haveria-nos mil demônios para evitar que os requisitassem como prova.

Montgomery interveio na conversação: - Nisto tem razão, senhor. Por isso você nos contou, quão último quereria é que os arquivos saíssem à luz. Além disso, se nós cairmos, você o fará conosco.

Assim tinham dentes e não temiam ensiná-los quando lhes interessava! Sempre

que cumprissem com seu encargo, ele ignoraria aquela pequena demonstração de bravura... De momento. Não era o tipo de pessoa que deixava pistas. Cumpria uma missão, e a morte dos detetives sempre tinha formado parte do plano.

Um sussurro aqui, um rumor lá, e suas apreciadas reputações ficariam pelo chão. Por mais que fossem uma imagem de bons policiais era importante para eles. O cravaria esse pequeno favor por eles, justo antes de eliminá-los. Sabia-lhe mal que ficassem com todo o dinheiro que lhes tinha prometido, mas isso lhe podia resultar útil quando os assuntos Internos realizassem sua investigação.

Brenna Nichols também estava entre os primeiros da lista de danos colaterais. Uma verdadeira lástima. Por isso lhe haviam dito, era bonita e brilhante e, embora a beleza abundasse, a inteligência nem tanto. O que lhe ia fazer!

—Cavalheiros, espero melhores resultados em troca de meu dinheiro. — Remarcou suas instruções com os dedos—. Em primeiro lugar, voltem a registrar a casa do juiz. Se for preciso, goste muito fogo; mas que ninguém, repito ninguém mais, ponha as mãos nesses arquivos.

Os dois homens assentiram com a cabeça. —Em segundo lugar, descubram onde escondeu Blake Trahern à senhorita Nichols. — Quer que o eliminemos?

O jovem e insolente polícia incluso parecia entusiasmado ante a perspectiva. Claro que, em seu mundo, quando um homem morria, permanecia nesse estado. Trahern e os de sua espécie constituiriam um autêntico shock para aqueles policiais, que certamente acreditavam havê-lo visto tudo. Podia resultar divertido deixar que disparassem ao paladino, só para lhes dar uma lição. Adoraria ver como reagiriam quando Trahern reaparecesse, cheio de vida

outra vez.

Mas não era momento para jogos, por divertidos que fossem.

— Não, simplesmente localize-os. Não deveria resultar difícil para dois dos melhores detetives do St. Louis.

Swan assentiu com satisfação, alheio ao deixo sarcástico da voz daquele homem, embora a seu companheiro não lhe escapasse o velado sarcasmo. E não lhe fez nenhuma graça.

O homem se levantou indicando assim a seus ignóbeis acompanhantes que a reunião tinha terminado. Ele tinha seus próprios planos para o resto do dia:

— Cavalheiros, já têm meu número móvel. Não me chame se não ser para me dar boas notícias. E saibam que tenho pouca paciência com falhas.

— Sim, senhor.

O detetive Montgomery levantou seu considerável peso da cadeira. Embora suas

palavras eram respeitosas, sua atitude saltava à vista que não. Teria mais controle sobre sua boca que seu jovem companheiro, mas era tão estúpido e insolente como ele.

Os detetives saíram da insignificante habitação do hotel e fecharam a porta com um pouco mais de força da que teria sido necessária. Quando o homem esteve seguro de que se foram, ficou a fazer a mala. Já tinha reservado habitação em outro hotel para passar a noite. Aqueles dois policiais não se podiam considerar admiradores deles e Trahern devia odiá-lo, embora ainda não conhecesse sua identidade. Não era conveniente ficar onde o inimigo esperava que estivesse.

Uma vez instalado na nova habitação, estudaria as peças de sua partida de xadrez e decidiria qual seria seu próximo movimento.

— Como é que conhece este lugar? — Brenna inspecionou seu entorno com receio.

Blake tinha lembranças agradáveis

daquele parque situado ao bordo da estrada. Poucas coisas tinham trocado, salvo a velha mesa de picnic, substituída por uma de plástico que não deixaria lascas no traseiro nu. Claro que, naquele momento do passado, ele emprestava pouca atenção à áspera superfície.

Os encantos especiais de Kelly o mantiveram ocupado em outras coisas aquela noite em que ela o introduziu ao sexo. Ao dia seguinte, passou-o muito mal tirando aquelas malditas lascas das costas e os joelhos, mas tinha merecido a pena. Ao recordá-lo, as comissuras dos lábios esboçaram um sorriso.

— Não estou segura de que eu goste desse sorriso, Blake. — Brenna o observou com receio—. Leva doze anos fora. Nunca escreveu nem telefonou e, entretanto, recorda este parque.

— Perdi minha virgindade justa aí, nessa mesa. Este é o tipo de coisas que um homem nunca esquece. — A honestidade lhe fez

acrescentar—: Bom, não exatamente nessa mesa. Naquela época era de madeira e estava grafite de verde escuro.

— Quem...? — Brenna se tampou a boca com a mão — Não importa. Não quero sabê-lo.

— De todos os modos, não pensava dizer isto. Embora, pela forma em que ela olhava a mesa e sua anatomia, de maneira alternativa, era evidente que a curiosidade a estava consumindo.

— por que não te veste e vamos a um hotel? — perguntou Blake.

— Onde poderia me trocar?

Brenna olhou a seu redor procurando algum lugar no que proteger-se que não fossem as árvores circundantes.

— Não é momento para acanhamentos, Brenna. Se entrarmos no vestíbulo de um hotel e você vai vestida com bata de hospital, suspeitarão que algo não vai bem. Pela mesma razão, não podemos usar um lavabo público. Prometo-te que não olharei. — A

menos que estivesse seguro de poder fazê-lo sem que ela se desse conta!

Para lhe causar certa impressão de intimidade, Trahern se tombou em cima da mesa de picnic. Pensou na possibilidade de fechar os olhos; mas, com o cansado que estava, não podia arriscar-se a fazê-lo. O esgotamento já começava a fazer estragos em sua concentração. Quanto antes encontrassem um lugar seguro para passar a noite, melhor para ambos.

O ruído da porta de um carro que se abria fez que se sentasse com sobressalto, mas em seguida se deu conta de que Brenna a utilizava como tela para trocar-se. Funcionava bastante bem; de fato, muito bem. Podia lhe ver os ombros e um tentador decote. E, depois, nada até a parte inferior da porta, a qual deixava ver a parte baixa de suas panturrilha e seus pés nus. Quem teria imaginado que aquelas breves visões pudessem resultar tão eróticas?

Apesar de sua promessa, não pôde apartar os olhos da Brenna enquanto ela subia os suspensórios do prendedor pelos braços, inclinava-se para ajustar as taças e grampeava o fechamento frontal. Era como um strip-tease à inversa, mas causou o mesmo efeito no corpo do Blake. Quando ficar uma camiseta se converteu em uma dança sedutora?

Primeiro um pé e depois o outro desapareceram nas leves calças de moletom que lhe tinha comprado. Quando Brenna se incorporou para subir os até a cintura, Blake percebeu uma franja de cor branca. Sem dúvida se tratava das calcinhas de algodão que lhe tinha comprado. Certamente, ela não teria apreciado que lhe comprasse peças pequeninas, embora lhe custasse o impulso de comprar.

A porta do carro se fechou de repente.

— Acreditei que havia dito que não olharia.

Não tinha sentido que o negasse:

— Menti.

Com cara de sentir-se muito desgostada, Brenna introduziu a camisola e a bata de hospital nas bolsas da loja. Voltou-se de costas para o Blake e se desenredou o despenteado cabelo castanho escuro com a escova que Blake lhe tinha comprado. Acreditava-se que o estava olhando para outro lado, equivocava-se, pois tinha um aspecto fantástico desde qualquer lado.

Como se percebesse seu contínuo escrutínio, Brenna voltou à cabeça para o Blake.

— Não me olhe. — Sinto muito.

O qual não era certo. A anomalia genética que convertia a um homem em um paladino também o dotava de um apetite sexual muito saudável e ele levava muito tempo em jejum. Entretanto, ver os hematomas nos braços de Brenna, foi como jogar terra ao fogo.

— nos vamos daqui.

Blake se levantou e se espreguiçou tentando eliminar o intumescimento de pescoço e costas antes de entrar no carro.

Brenna fez uma careta de dor enquanto se sentava no assento do passageiro e se grampeava o cinto de segurança. Blake, por sua parte, não pôde evitar admirar sua resistência. Durante os últimos dias, Brenna tinha vivido um inferno que parecia não ter fim e, mesmo assim, não se queixava e seguia adiante. Entretanto, isto não deveria surpreendê-lo, porque ela tinha herdado muitas coisas de seu pai, entre elas um intelecto impressionante.

— Há um hotel não muito longe daqui.

Ela abriu um olho e lhe lançou um olhar suspicaz.

— Outra lembrança de seu passado? Se for assim, busca outro lugar.

Seu azedo comentário fez que Blake soltasse uma gargalhada.

— Naquela época, o assento traseiro de

um carro ou uma mesa de picnic eram os melhores alojamentos que me podia permitir.

Brenna não parecia convencida.

— É verdade; mas, nisto, nunca te mentiria.

Assim, sem mais, o bom humor do Blake desapareceu; porque ela tinha razão: se fosse necessário, mentir-lhe. Além disso, quando se inteirasse de todas as mentiras que lhe tinha contado seu pai, sentiria-se destroçada.

Trahern os registrou no hotel com sua habitual eficácia. O fato de ter que compartilhar a habitação com ele não satisfez muito a Brenna, quem ainda se sentia acalorada, envergonhada e violenta pelo beijo que se deram antes. Claro que, além de montar uma cena no vestíbulo, não podia fazer muito mais. Quando estivessem a sós, Blake a ouviria... Se conseguir permanecer acordada tempo suficiente.

— Vamos, carinho, subamos à habitação! Trarei a bagagem mais tarde. Agora mesmo,

tenho outros planos para nós.

O muito canalha inclusive lhe piscou os olhos o olho a quão loira estava atrás do mostrador. Que Deus a salvasse das mulheres que riam bobamente, Pensou Brenna. Continuando, Blake teve a desfaçatez de lhe rodear os ombros com seu potente braço e, virtualmente, arrastá-la até o elevador, como se não pudesse esperar a estar a sós com ela.

Quando as portas do elevador se fecharam, Brenna se livrou bruscamente do braço do Blake. A maquiagem que se pôs para ocultar os hematomas do corpo tinha manchado a camisa do Blake, o qual a agradou.

— Do que ia tudo isto?

— Aos empregados dos hotéis lhes resulta estranho que os clientes não levem bagagem. Eu só trouxe o indispensável e você nem sequer isso. Se a recepcionista acreditar que temos pressa por chegar à habitação, não se perguntará por que levo só uma bolsa

pequena.

Sua explicação resultava lógica, mas isto não implicava que lhe gostasse, nem tampouco que ele tivesse que lançar um olhar lascivo a uma jovem diante dela. Uma rajada de algo que pareciam ciúmes percorreu o interior da Brenna. De um ponto de vista racional, ela sabia que não tinha direito nem razão alguma para sentir-se daquela maneira, mas o reaparecimento do Blake em sua vida era muito recente para que desejasse compartilhá-la.

Quando as portas do elevador se abriram, Blake tirou a pistola e examinou o corredor antes de permitir que Brenna saísse do elevador. Não gostou do implícito aviso de que necessitava de seu amparo.

Uns segundos mais tarde, Blake abriu a porta da habitação e atirou da Brenna para o interior. Ela ansiava dar uma ducha, deslizar-se entre os lençóis limpa e dormir durante horas. De repente, Trahern se deteve e

impediu que Brenna visse a habitação. Ela tentou apartar o de seu caminho.

— Brenna, juro-te que não sabia. — Saber o que?

Brenna se inclinou para olhar além dele, para a cama.

«A cama.» Ou seja, um único lugar para dormir. Se Blake não tivesse parecido tão afetado, ela teria suspeitado que aquela era uma dessas coisas sobre as que estava disposto a mentir.

— Pois pede outra habitação.

Blake suspirou:

— Disse-me que era quão única tinham livre. Suponho que poderíamos ir a outro lugar, mas...

— Não importa. Dormirei no chão.

Se não se colocava logo em posição horizontal, provavelmente dormiria de pé.

— De maneira nenhuma.

— Está bem, então dormirei na cadeira. Agora mesmo não me importa.

Brenna se dirigiu ao lavabo. De repente, deu-se conta de que não tinha nada com que dormir, salvo a horrível camisola do hospital. Se tivessem habitações separadas, dormiria em roupa interior, mas não pensava fazê-lo compartilhando habitação com ele.

Embora estivesse esgotada, ele conseguia despertar em seu interior pensamentos e sentimentos que ela não desejava ter. Como o que sentiu quando ele a transportou em braços com tanta delicadeza ou o que o sabor picante e masculino de seu beijo lhe fez experimentar. Um desejo quente e líquido invadiu entre suas pernas. Não recordava a última vez que tinha notado uma reação tão intensa frente a um homem, se é que a tinha experiente alguma vez. Desejava-o, simples e sinceramente.

Enquanto contemplava a cama de matrimônio, a Brenna lhe ocorreu algo curioso. Compartilhar aquela cama com o Blake seria muito mais confortável que

compartilhar uma mesa de picnic.

—Toma, suponho que você gostará de usar algo limpo para dormir.

Brenna estava a ponto de entrar no lavabo, quando Blake lhe lançou uma camiseta branca.

—Obrigado. —Ela se ruborizou ao imaginar-se vestida com a roupa do Blake, mas a alternativa era impensável.

Embora lhe teria encantado dar um banho comprido para acalmar suas dores e seu sofrimento, não tinha tempo. Não era quão única precisava dormir. Ao menos ela tinha dormido uma noite inteira no hospital, enquanto que Blake tinha passado a noite em uma cadeira. Brenna graduou a temperatura da água de modo que resultasse mais quente do que se podia considerar confortável, entrou na ducha e deixou que o jorro de água se levasse parte dos problemas do dia.

As ataduras do braço lhe empaparam durante o processo; assim, quando se secou,

Brenna as tirou com cuidado e examinou os pontos de suas feridas. Parecia que se estavam curando adequadamente, sem indícios de infecção.

Em geral, e tendo em conta o perto que esteve da explosão, tinha saído bem. Entretanto, seu pobre pai... NÃO! Não queria pensar nele. Ainda não. Permitia-se que uma só lágrima escorregasse por sua bochecha, certamente não poderia parar de chorar.

Secou-se o cabelo com uma toalha antes de vestir a camiseta do Blake e se alegrou de que lhe chegasse até a metade das coxas. Por sorte, ele era muito alto. Sentindo-se um pouco tímida, Brenna hesitou antes de abrir a porta do lavabo. Quando ele vivia em sua casa, não lhe importava correr por aí com pouco mais do que tinha posto naquele momento.

Mas isso era então, quando ele era um adolescente e, em muitos sentidos, ela só uma menina. Blake sempre tinha sido mais

amadurecido que a maioria dos moços de sua idade, certamente devido às duras experiências que tinha vivido antes de que o pai da Brenna o resgatasse das ruas. Nunca lhe contaram os detalhes do que aconteceu, assim fez o que fazia sempre que tinha perguntas que formular: ir à biblioteca e investigar. Não encontrou muita informação, mas sim a suficiente para ter pesadelos durante uma semana.

Mas agora, com seus amplos ombros e potentes músculos, Blake já não era um moço. Não tinha a musculosa constituição de um levantador de pesos, mas sim, mas bem o tipo de corpo dos bombeiros ou os militares bem treinados. Embora, por alguma razão, ela não acreditava que ganhasse a vida com nenhuma destas profissões. De jovem, Blake odiava as normas e as regras e, a julgar por suas ações dos últimos dois dias, seguia sendo assim.

Além disso, não quis estar presente

quando a polícia foi interrogá-la ao hospital. Acaso lhe tinha medo por alguma razão concreta? Brenna refletiu sobre aquela possibilidade durante um par de segundos antes de rechaçá-la. A idéia de que Blake tivesse medo de alguém resultava absurda. Ele tinha boas razões para não cumprir com a lei em geral e ela o tinha visto saltar-se mais de uma regra, mas Blake nunca seria um delinqüente.

Recordou que Blake tinha desaparecido de sua vida doze anos atrás. O que podia saber ela do homem no que Blake se converteu? O bastante para saber que a manteria a salvo durante a noite e, de momento, isto era suficiente para ela.

Brenna saiu do lavabo e se preparou para brigar a respeito de quem dos dois dormiria na cama e quem na cadeira. Entretanto, Trahern já estava profundamente dormido. Tentava-se lhe trocar de posição, o mais provável era que quão único conseguisse fora

iniciar outra discussão que, por outra parte, certamente ela perderia.

As frescos lençóis fizeram que se sentisse na glória.

Brenna se acomodou, e se voltou para ver de perto ao Blake. A tênue luz que tinha deixado acesa suavizava suas facções e lhe permitia vislumbrar ao moço que tinha conhecido no homem duro em que se converteu. Brenna se aferrou a aquela sensação de familiaridade, fechou os olhos e dormiu.

Blake franziu o cenho. Se aquela criatura não se calava logo descobriria, pela via dura, o bom atirador que era.

A choramingação se repetiu. Esta vez soou tão forte que Blake reconheceu nele o medo e a dor. Merda, certamente se tratava de um cachorrinho abandonado que procurava a sua mãe! Justo o que ele necessitava outra noite tentando apanhar a um animal assustado para levá-lo a um

refúgio de animais selvagens.

Ao cabo de um momento, o ruído se deteve. Contente de que a mãe e a cria se reencontraram, Blake tentou voltar-se de lado para seguir dormindo.

Entretanto, algo não ia bem. Ou sua cama se encolheu ou estava dormindo em uma cadeira. Blake abriu os olhos à inapetência, primeiro um e depois o outro. Maldição, efetivamente, estava em uma cadeira e não em sua extremamente cômoda cama de matrimônio! E as choramingações que tinha ouvido não procediam de um animal perdido, mas sim da Brenna, que chorava em sonhos.

Blake conseguiu ficar de pé, embora todas as articulações de seu corpo se queixaram, e arrastou a cadeira até a cabeceira da Brenna.

— Tudo irá bem, Brenna, estou aqui.

Blake acariciou brandamente o ombro e as costas da Brenna esperando que o consolo que lhe queria transmitir não despertasse. Por

seu modo de chorar, estava apanhada em um pesadelo, certamente uma reprodução da explosão. Blake desejou que Brenna não fora uma dessas pessoas que sonhavam em cores, não precisava ver seu pai saltar em pedaços com uma vivida claridade.

— Tranqüila, Brenna, não chore.

«Por favor, não chore.» O podia enfrentar-se sem pestanejar a uma dúzia dos Outros armados com espadas afiadas, mas uma mulher com o rosto banhado em lágrimas o desarmava por completo. Pode que Devlin Banhe, seu companheiro de Seattle, partisse-se de risada se o visse tentando consolar a Brenna. Talvez não.

Devlin era um dos paladinos mais fortes e duros de todos os tempos, mas agora estava apaixonado e, para cúmulo, de sua tutora.

Os via muito felizes juntos e faziam que o resto dos paladinos tivesse muitos ciúmes. O que Devlin e Laurel compartilhavam era muito mais que bom sexo. Desde que o

conhecia, Blake nunca tinha visto o Devlin tão feliz.

De repente, Blake se deu conta de que Brenna tinha deixado de chorar. Pouco a pouco, retirou a mão, esperando que o pior já tivesse passado, mas ela se estremeceu e não parou até que lhe voltou a apoiar a mão no ombro. Blake decidiu não voltar a apartar a mão, Entretanto, ao cabo de uns minutos, sua costa doeu por causa da incômoda posição que tinha que adotar.

Não podia permanecer assim o resto da noite. Faltavam horas para que amanhecesse assim fez o único que lhe ocorreu: esticar-se junto à Brenna na cama. Enquanto permanecesse por cima do lençol e ela estivesse a salvo debaixo, sua virtude seguiria intacta.

Haveria-se sentido reconfortada por seu contato se conhecesse a verdade sobre ele? Nenhuma mulher sensata o faria. Embora aceitasse que lutar contra os Outros e matá-

los formava parte de sua natureza, Blake perdia sua humanidade com rapidez. A última vez que o tinham ferido de gravidade, sua tutora tinha comprado umas cadeias extremamente fortes só para ele. Isto não evitou que seguisse tentando levantar-se daquela fria maca de aço, gritando durante horas e rasgando-a pele e mãos e tornozelos até sangrar.

Blake recordou a dor que transmitia a voz do Devlin quando lhe ofereceu terminar com sua vida de forma definitiva para acabar com aquela miséria. Blake esteve tentado de aceitar, mas teria constituído um ato de covardia. Quando chegasse a hora de terminar com sua vida, queria que fora por uma causa nobre, não porque temesse confrontar um dia mais como paladino.

Uma mulher como Brenna Nichols merecia ser consolada por um homem mais amável que ele, um homem que conhecesse as palavras adequadas que acabassem com

seus pesadelos. Mas, embora constituíra um ato egoísta, não se deteria. Blake se aproximou de Brenna e ela acomodou -se gostosa junto a ele, lhe apoiando a cara no peito enquanto ele a rodeava com um braço.

Aquilo era como estar no céu, embora o efeito que produziu no corpo do Blake foi para ele um autêntico inferno. Quanta vez, ao longo dos anos, tinha sonhado com um momento como aquele, um momento em que a estreitava entre seus braços e o aroma e o calor do corpo feminino alagavam seus sentidos?

Claro que, em seus sonhos, os dois estavam nus e saciados depois de uma louca noite de sexo. Mas a versão que estava vivendo tampouco estava má.

— Deixa de golpear tão forte, maldita seja! Não me posso concentrar.

Swan lhe lançou um olhar irado e seguiu golpeando a parede com o punho cada poucos centímetros.

— Hei dito que pares!

Montgomery tinha uma investigação que realizar e aquela animação não o ajudava.

— Como vou encontrar uma caixa forte escondida se não examinar as paredes?

— Uma caixa forte escondida estará detrás de um quadro ou no chão, debaixo de das tabas de madeira tampados com um tapete, não detrás de uma parede de pedra onde o juiz só pudesse acessar com uma alavanca de ferro.

Swan não era um estúpido, só muito jovem para aquele tipo de trabalho.

— Está bem, então começarei olhando detrás das coisas. Que tal todos os livros de seu escritório?

— Perfeito. Se vir algo suspeito, avise.

Quando seu companheiro se foi, ele continuou registrando metodicamente o salão. O despacho era o lugar óbvio para que o juiz escondesse seus arquivos, mas seu olfato de detetive lhe dizia que o juiz não

faria o óbvio. Assim, enquanto seu amigo examinava o que havia detrás dos pesados livros de leis na habitação continua, ele registrou com minuciosidade as mesas, os quadros e as almofadas do sofá do salão em busca de algo que pudesse estar escondido detrás ou debaixo destes. Demorou quase meia hora em registrar só essa habitação.

Estava a ponto de passar ao corredor para dirigir-se, depois, à cozinha, quando seu móvel soou. Teoricamente, ele e Swan ainda estavam de serviço, de modo que não podia ignorar a chamada. Agarrou o móvel e comprovou o número. Em efeito, quem lhe chamava era seu chefe, mas não o que ele esperava. Maldição! Havia-lhe dito ao homem que conhecia como senhor Knight que o telefonaria quando soubesse alguma coisa. Recordou a frieza de seus olhos e um calafrio lhe percorreu o espinho dorsal. Ignorar a chamada não seria uma boa idéia.

— Montgomery à fala.

— E bem? —O arrogante bastardo expressou um mundo de desdém com aquelas duas palavras.

—Chegamos faz menos de uma hora. Requereram-nos para um dobro homicídio até que...

O senhor Knight não queria desculpas, só resultados.

—Agora mesmo estamos registrando o lugar. Já inspecionei o salão e Swan está no despacho do juiz.

—Ali não encontrarão nada.

—Por isso o deixei ao Swan.

Seu companheiro tinha boas qualidades, mas a sutileza não era uma delas. —Muito inteligente por sua parte, detetive Montgomery.

O que o senhor Knight pensasse de lhe importava um. Quão único importava era que pagasse bem por obter resultados.

—Estarei fora um dia ou dia e meio. Querem me comunicar algo, deixem uma

mensagem na caixa de voz; mas não poderei me pôr em contato com vocês até manhã de noite ou depois de amanhã pela manhã. — A comunicação se cortou.

Montgomery cravou o olhar no móvel, enquanto murmurava todas as maldições que foram a sua mente. Ao princípio, uns quantos dólares em troca de um pouco de informação interna sobre sua investigação não lhes pareceu grande coisa. Deveriam ter sabido que, embora parecesse dinheiro fácil, ao final se voltaria contra eles e lhes sairia o tiro pela culatra.

Ao Trahern nunca tinham feito muita graça os móveis, e a musica que soou antes do amanhecer bastou para que lhe saíssem a matar alguém. Afastou o braço com o que rodeava o corpo da Brenna, esperando silenciar o maldito aparelho antes que despertasse.

Agarrou o telefone da mesa de noite, entrou no lavabo e fechou a porta.

—Espero que seja importante-grunhiu pelo auricular.

—te cale, Trahern. Eu levo várias horas acordado e passo de ouvir suas queixa. — Havia muitas interferências na linha, mas o mau humor do Jarvis chegou até o Trahern com total clareza.

Em lugar de encetar-se em um campeonato para ver quem estava de menos bom humor, Trahern voltou a começar. —O que quer, Jarvis?

—Noto um formigamento perto do talão. A sismologia está recebendo dados de uma série de terremotos débéis e superficiais que se vão produzindo em feitas ondas. Estão chamando a todos os locais. Eu diria que esta noite teremos baile. — É muito grave?

Trahern sabia, graças ao tempo que levava vivendo naquela zona, que os terremotos de pouca intensidade eram habituais por ali. Os paladinos que montavam guarda ao longo do enguiço de New Madrid tinham mais

atividade que alguns dos atribuídos a enguiços mais conhecidos. De todas maneiras, quando os terremotos se aconteciam em feitas ondas, os paladinos e os guardas juntos não bastavam para proteger aquela zona. Se não tivesse que ocupar-se da Brenna, teria se devotado para lutar junto ao Jarvis. Trahern já não estava tão sintonizado com aquela barreira como antes, mas seguia percebendo sua vibração e sabia quando estava sendo atacada.

— Ainda não sei. Os regentes nos comunicaram que, em caso necessário, enviarão-nos reforços de outro estado, mas já nos têm feito esta promessa anteriormente. Com sorte, estarei de retorno dentro de um par de dias. Até então, fica sozinho.

Isto não constituía uma novidade para o Trahern.

— De acordo. Me chame assim que tenha retornado. E, Jarvis...

Sim?

Trahern queria desejar o seu amigo sorte na batalha, mas não encontrou as palavras adequadas.

— Hum!..., Não importa. Já falaremos quando estiver de volta.

De todas as formas, Jarvis captou o que lhe queria dizer: - te cuide você também, Trahern. Tenho que ir. — A comunicação se interrompeu.

Tanto Jarvis como ele tinham vivido tempos duros, lutando e bebendo com igual desenfreamento; mas também tinham feito muitas coisas das que se podiam sentir orgulhosos. A gente da rua podia não ser consciente das batalhas que se livravam ao longo dos enguiços e perto dos vulcões; batalha em que os Paladinos lutavam para evitar que os Outros cruzassem a barreira e entrassem neste mundo, mas não por glória. Os paladinos lutavam porque alguém tinha que fazê-lo e eles eram os mais indicados neste trabalho.

— Quem era?

Brenna estava ao outro lado da porta do lavabo, com aspecto quente e desalinhado, e a via terrivelmente sexi. — Jarvis.

— O que queria a estas horas?

Brenna se esfregava os pontos do braço, o qual provavelmente significava que a ferida começava a curar.

— Deixa de te arranhar o braço.

— Não tente esquivar minha pergunta. O que queria Jarvis? Algo vai mal?

Agora estava mais acordada e o medo tinha retornado a seus olhos.

— Não, tudo vai bem. Tem que sair um par de dias da cidade por negócios e queria que eu soubesse. — Que tipo de trabalho realiza? — O mesmo que eu.

Brenna soltou um suspiro de exasperação: - Ontem te disse que deixaria as perguntas a um lado só até que tivéssemos descansado. O tempo de descanso já terminou, assim começa a falar ou vou daqui agora mesmo.

Trahern soprou:

— E aonde iria e como chegaria até ali? Não tem sua bolsa, nem dinheiro, e não se pode dizer que os dois detetives com os que falaram ontem lhe causassem muito boa impressão.

Brenna jogou os ombros para trás e se endireitou fazendo alarde de toda sua altura, uns trinta centímetros menos que ele. Aquilo resultou muito gracioso.

— Sou uma mulher adulta, Blake Trahern. Posso cuidar de mim mesma e o farei. Levo fazendo-o muitos anos.

Brenna se deu a volta e Trahern ficou olhando-a enquanto se afastava. Ele não pretendia zangá-la, mas não podia lhe contar como ganhavam a vida ele e Jarvis. Em qualquer caso, tampouco era provável que acreditasse.

Lhe custou muito aceitar a existência dos Outros..., até que se topou com suas largas espadas e suas armas. Este tipo de coisas

fazia que um homem se fizesse crente com grande rapidez.

Brenna tinha aceso o televisor, sem dúvida para ouvir notícias a respeito da morte de seu pai. Trahern se sentou junto a ela no bordo da cama justo quando uma fotografia de seu pai aparecia na tela e uma voz em off anunciava que, depois da publicidade, falariam sobre ele. Brenna encurvou os ombros, como se a imagem de seu pai lhe causasse uma grande dor. Tinha aceito o consolo do Blake enquanto dormia. Aceitaria-o também agora que estava acordada?

Trahern lhe aproximou lhe oferecendo seu mudo apoio. Brenna não se reclinou nele, mas tampouco se apartou, possivelmente porque tinha toda a atenção centrada no televisor. Assim que terminaram os anúncios, os jornalistas se lançaram a explicar detalhes sórdidos sobre a morte do pai da Brenna. Durante os primeiros dias depois do

assassinato, tinham falado sobre a inestimável reputação do juiz, sua distinguida carreira e o muito que todos o sentiriam falta de.

Entretanto, o tom da reportagem que estavam vendo naquele momento era muito distinto. As primeiras palavras que pronunciou a repórter fizeram que Blake se levantasse bruscamente disposto a atravessar a tela do televisor com o punho.

«... Fontes não identificadas do Departamento da Polícia informaram que se estão investigando certas acusações no sentido de que a recente morte do juiz Nichols poderia estar relacionada com sua suposta implicação em certas atividades financeiras de duvidosa legalidade. O exame de suas contas bancárias revelou a existência de somas de dinheiro que superam o salário normal de um juiz.»

— Mentirosos! Denunciarei-os por tudo o que não dito! — Brenna lançava faíscas pelos

olhos — . Espera a que lhes ponha as mãos em cima! Não sabem com quem estão tratando!

— Brenna, pode falar mais baixo? A reportagem não terminou.

Uma imagem da Brenna apareceu na tela, detrás dos dois repórteres.

«A senhorita Nichols, quem também resultou ferida na explosão do carro bomba, desapareceu misteriosamente do hospital onde dispunha de guarda armada. Entretanto, tanto a polícia como um porta-voz do hospital negaram ter conhecimento da existência de dito guarda. Além disso, uma enfermeira resultou ferida quando um franco-atirador disparou através da janela da habitação da senhorita Nichols. Na confusão resultante, a senhorita Nichols desapareceu, pelo visto acompanhada de um homem não identificado. “Nem sequer agora se sabe se ela se foi com ele por própria vontade ou se o desconhecido a levou a força.»

Com uma expressão de preocupação falsa,

a repórter se inclinou um pouco para diante e falou diretamente com a câmara enquanto um número de telefone aparecia ao pé da tela.

«roga-se que qualquer pessoa que conheça o paradeiro da senhorita Nichols telefone à polícia ao número que aparece na parte inferior da tela.»

— Filhos de puta! — As coisas não podiam ir pior.

Blake se voltou para a Brenna e viu que folheava a listas telefônica do escritório enquanto murmurava algo em voz baixa. Quando desprendeu o auricular do telefone e começou a marcar um número, Blake pulsou a tecla de desconexão. Ela tentou apartar a mão do Blake.

— Para, Blake! Tenho que lhes dizer quatro coisas a esses jornalistas.

Blake nem se alterou:

— lhes gritar através do telefone só piorará as coisas. Se parar a pensar um momento,

verá que tenho razão.

Brenna apertava o auricular com tanta força que tinha os nódulos brancos.

— Estão difundindo mentiras sobre meu pai. Não lhes basta com que o tenham assassinado que também têm que acabar com sua reputação? Ser juiz era a ilusão de sua vida, e não o teria posto em perigo por nenhuma quantidade de dinheiro.

Por norma, os regentes não se envolviam em questões alheias a sua missão, consistente em evitar que o mundo fora invadido pelos Outros. Entretanto, se pressentiam que seu segredo corria perigo, podiam tomar, e de fato tomavam, cartas no assunto. Se Brenna começava a proclamar aos quatro ventos que tinham tendido uma armadilha a seu pai e que pretendiam acusá-lo injustamente, podia ser vítima do ataque dos regentes, além disso, do dos traidores que se encontravam depois da explosão na qual tinha morrido seu pai.

Trahern já tinha bastante investigando a

corrupção que havia no seio dos regentes sem ter que vigiar também constantemente a Brenna. Maldição Teria que romper seu voto de silêncio e lhe contar a verdade. A verdade a respeito dos regentes, de seu pai e, o que era ainda pior, a respeito de si mesmo.

Aquilo era uma autêntica merda!

Capítulo 4

O olhar do Trahern se voltou fria.

— Olhe, agora tenho que tomar banho. Assim que estejamos preparados vamos do hotel e já falaremos enquanto tomamos o café da manhã em algum lugar.

Brenna já esperava que Blake tentasse esquivar suas perguntas.

— Que desculpa utilizará depois, Blake? Que falaremos quando refrescar o dia? Ou quando o sol saia pelo oeste?

— Maldita seja, Brenna, me dê uma pausa!

Permaneceram em silêncio até que, incapaz de sustentar mais tempo o olhar do Blake, Brenna se voltou para a cama... A cama com os lençóis e a colcha enrugados em ambos os lados, não só no que ela tinha dormido.

— dormiste comigo? Sem me perguntar se

me parecia bem?

Brenna não sabia se sentir-se furiosa ou decepcionada por não recordar o que se sentia ao ter o forte corpo do Blake junto ao dela.

— Despertou-me com suas choramangações e a única maneira que tinha de te tranquilizar para poder seguir dormindo era te abraçar.

Blake pronunciou a palavra «te abraçar» como se aquela idéia lhe repugnasse. Acaso lhe tocá-la parecia algo tão horrível? Certamente, quando a beijou no hospital no dia anterior não parecia pensar o mesmo.

Antes de que Brenna pudesse responder, Blake entrou no lavabo e fechou a porta de repente.

A água da ducha caiu durante uns bons vinte minutos. O esteira do Blake estava em cima do escritório, ao outro lado da habitação. Quanto tempo permaneceria Blake na ducha antes de sair a procurar sua roupa

limpa e seus acessórios de barbeado? O suficiente para que ela pudesse registrar suas coisas, decidiu Brenna, embora não sabia o que era o que procurava. Em realidade, o que queria eram respostas, mas Blake não teria deixado nada que contivera informação por ali, ao alcance de qualquer. Era muito preparado e reservado para isso.

Brenna decidiu não arriscar-se a zangá-lo e deixou as mãos quietas. Possivelmente pecasse de ingênua, mas tinha que confiar em alguém. A polícia, com suas perguntas indiscretas e a falsa informação que tinha filtrado à imprensa a respeito de seu pai, não se tinha ganho sua confiança.

Brenna agarrou a esteira, deixou-o junto ao lavabo e golpeou a porta.

— Blake, aqui está sua bolsa. Pensei que a poderia necessitar.

O murmurou algo que pôde ou não ser um «obrigado». Brenna se separou da porta, pois supôs que ele não a abriria enquanto ela

estivesse ali. Acaso acreditava que tentava vê-lo nu e ainda molhado da ducha? Pois não, ela não precisava ter essa imagem em sua cabeça! De repente, os peitos lhe puseram turgentes, e os mamilos, duros, ansiando o tato de um homem. O tato do Blake. O que experimentaria se a séria boca do Blake os lambesse e os chupasse? A mão da Brenna se dirigiu para a porta do lavabo e a retirou com rapidez.

Já tinha bastante com que seu corpo se excitasse cada vez que olhava aos olhos cinza prata do Blake. Ceder a um intenso afã de luxúria era quão último necessitava naqueles momentos. Durante todo o tempo que Blake viveu com ela e seu pai, Brenna esteve perdidamente apaixonada por ele, salvo quando o odiava por agüentar a todas aquelas garotas do instituto pendentes de tudo o que dizia. Já então, Brenna sabia que o que lhes atraía era sua perigosa aparência. Não lhe incomodava saber que, embora

desejavam ver-se com ele às escondidas, nenhuma delas teria querido vê-lo na entrada principal de sua casa?

Brenna estava convencida de que uma daquelas garotas lhe tinha ensinado ao Blake aquele parque junto à estrada. Claro que ela não tinha ciúmes. Bom, possivelmente um pouco; mas o sexo apaixonado sobre uma mesa de picnic não era, precisamente, uma de suas fantasias.

O estalo do fecho da porta do lavabo a fez retornar à presente, enquanto Blake entrava na habitação rodeado de uma nuvem de vapor. Levava a camiseta branca pega ao torso, remarcando seus bem moldados músculos. Era evidente que se comprou os jeans mais por comodidade que respondendo aos ditados da moda. Sua malha de algodão suave e descolorido lhe sentava bem, e o buraco na zona do joelho fazia que parecesse mais acessível.

Entretanto, e muito a seu pesar, o que a

fez ser mais consciente dele como homem foram seus pés descalços. Havia algo em um homem descalço que ela sempre tinha encontrado muito sexy.

Blake se dispôs a ficá-los meias três-quartos e os sapatos.

—Paguemos a conta e nos larguemos daqui. Quanto menos tempo passemos em um lugar, melhor. Também temos que trocar de carro, porque resulta muito fácil seguir a pista de um carro alugado.

—Bom plano. —Brenna agarrou as bolsas nas que guardava a camisola de hospital e as quatro coisas que Blake lhe tinha comprado — falaremos depois.

Blake não pareceu sentir-se muito contente com a proposta, mas não protestou.

— Isso, já falaremos.

Os dois deram uma última olhada à habitação para assegurar-se de que não se deixavam nada. Brenna se dispôs a abrir a porta da habitação, mas Blake o impediu.

— Mas pensa uma coisa, Brenna.

— O que?

— antes que comece a formular perguntas, te assegure de querer ouvir as respostas. — Blake saiu da habitação.

As luzes piscaram pela terceira vez durante alguns minutos. Jarvis se estremeceu, embora a frieza do ambiente não se devia por completo à profundidade da caverna em que se encontrava. A noite tinha sido larga, e ainda não tinha terminado. De momento, a barreira funcionava aos cem por cem, mas o mais provável era que aquilo trocasse logo.

Ao menos, tinham tido tempo suficiente para levar-se aos feridos e os mortos. tinham enviado comida quente, mas certamente o rumor não era mais que o reflexo de um desejo. Naquele momento, ele se conformaria com uma dessas comidas preparadas que o exército utilizava como rações de combate, ou inclusive com um sândwich de manteiga de amendoim e gelatina. Um pouco de água

estaria bem, mas um café quente estaria muito melhor.

—Senhores já trasladaram ao último defunto ao quartel geral para o tratamento.

O guarda parecia extremamente jovem e sério. Até que o olhava aos olhos. Durante os dois últimos dias havia visto suficiente ação para que seu olhar não voltasse a parecer jovem nunca mais.

— Quantas baixas houve?

Jarvis se apoiou na parede da caverna. Sentia-se tão cansado que não lhe importava se podia voltar a endireitar-se outra vez.

—Dois dos nossos morreram e meia dúzia resultou gravemente ferido.

Tendo em conta a quantidade dos Outros que tinham cruzado a barreira, esta cifra resultava milagrosamente baixa.

—Dava a seus homens que descansem durante as próximas quatro horas. Nos encarregaremos do primeiro guarda.

—Sim, senhor.

Possivelmente seus companheiros paladinos não estivessem de acordo com sua decisão, mas tinham mais guardas, quem era totalmente humanos. Se a barreira voltava a flutuar como um maldito farol, necessitariam que os guardas estivessem descansados e preparados para entrar em combate.

Quando o guarda ficou fora do alcance do ouvido, Jarvis tirou seu rádio e ficou em contato com o quartel geral. As interferências fizeram que Jarvis soltasse uma réstia de maldições. Nenhum aparelho eletrônico funcionava bem tão perto da barreira.

As interferências se interromperam o tempo suficiente para que Jarvis ouvisse uma voz.

— Onde demônios estão os reforços que nos prometeram? — exigiu Jarvis.

Só ouviu alguma que outra palavra da resposta, e não eram boas notícias. Os reforços demorariam dias em chegar, não horas. Jarvis sentiu desejos de arrojear a rádio

contra a parede da caverna.

—Sim, senhor, compreendo-o. Também compreendo que você e outros nunca se tomam esta falha a sério. Um dia nossas defesas cederão e então teremos sorte se vivermos o suficiente para lhes comunicar que já o havíamos dito.

Jarvis pulsou com raiva a tecla de desconexão antes que o regente pudesse lhe oferecer mais desculpa. Já as tinha ouvido todas antes e fazia décadas que não acreditava tudo o que lhe diziam. O enguiço de New Madrid podia não ter o glamour e a glória do enguiço do Pacífico, mas era igual e perigosa. Jarvis estava farto de ver seus companheiros paladinos morrer uma e outra vez e fazia quase cinco anos que suas férias não duravam mais de três dias seguidos.

Sempre podia pedir um traslado. Certamente, os mandos locais, cansados de suas contínuas petições de reforços estariam contentes de vê-lo partir. Entretanto, ele já era

muito maior e estava muito perto do final de sua viagem à loucura para aprender a ressonância de uma nova seção de barreira ou para memorizar uns túneis de acesso distintos.

Jarvis se endireitou e se dirigiu pelo túnel até onde estava apostado o seguinte paladino. Ignorou a fileira de Outros mortos e seus rostos crispados pela última dor de saber que não tinham encontrado refúgio neste mundo. Gerações e gerações de paladinos tinham rechaçado a constante ameaça de invasão dos Outros sem saber o que empurrava aos cinzas guerreiros a atravessar, em feitas ondas suicidas, a barreira.

E sem que lhes importasse sabê-lo.

Jarvis se aproximou com cautela ao paladino. Todos tinham os nervos a flor de pele por tanta luta e tanta morte. Um passo em falso por sua parte, e seu camarada blandiria a primeiro espada e perguntaria

depois.

Jarvis se tirou um par de barras de cereais do bolso de sua calça de batalha.

— pensei que você gostaria de tomar algo até que chegue a comida.

— Obrigado.

O cansado guerreiro agarrou a barra sem perder de vista a barreira.

— Hei-lhes dito aos guardas que vão se dormir um pouco. — Jarvis abriu o pacote de sua barra e a mordeu. Tinha sabor de carne, mas lhe tirou o sabor acobreado da batalha —. Estaremos sozinhos durante outro par de dias.

— Já me imaginava.

— O direi a outros.

Jarvis continuou seu percurso pelo túnel e repetiu a conversação em cada uma de quão paradas realizava. Quando finalizou o percurso e retornava a seu posto, teve que esforçar-se para dar os últimos passos. A frustração e o cansaço, que lhe chegava até a

medula dos ossos, estavam-lhe consumindo suas últimas forças.

O jovem guarda o esperava em seu posto.

— Acreditei lhes haver dito que fossem se descansar.

— Sim, senhor, fez-o; mas pensei que era melhor esperar a que todos vocês comessem. Enviei comida quente a todos os paladinos. Quando tiverem terminado de comer nos retiraremos como você nos ordenou, senhor.

Os dois sabiam que deveria ter acatado suas ordens imediatamente, mas também sabiam que Jarvis não estava em disposição de queixar-se. Às vezes, a relação entre os paladinos e os guardas era tenso, mas um combate de vinte e quatro horas seguidas constituía um bom aviso de que estavam todos no mesmo bando.

— Obrigado.

— Sua comida chegará dentro de dois minutos. — Estupendo.

Jarvis se sentou no chão com as costas

apoiada na parede e estirou as pernas. Sentiu um grande alívio ao poder descansar os pés, embora o áspero chão da caverna não era nada cômodo. Comería e, depois, realizaria outra ronda pelos túneis.

E, quando a barreira se estabilizou, os de acima foram ouvir pelo desastre dos dois dias passados. Os paladinos não eram uns malditos heróis. Também podiam resultar feridos, sangravam e morriam. Às vezes, para sempre. Uma coisa era enviá-los em inferioridade numérica contra os invasores quando a barreira se apagava de uma forma inesperada, mas pedir continuamente o impossível aos que ficavam em pé era injusto e insensato.

— Aqui está sua comida, senhor.

Jarvis agarrou a bandeja e respirou, agradecido, o rico aroma. Ao menos, alguém de acima tinha feito algo bem. Ficou a comer como se aquela fora a última vez. O tempo que tinha passado ali, em primeira linha da

guerra secreta entre seu mundo e a escuridão do outro lado da barreira, tinha-lhe ensinado a comer depressa; porque uma comida quente era algo muito estranho que não terei que desperdiçar.

Estava a ponto de comer a sobremesa, quando um dos paladinos o chamou.

— Jarvis, olhe isto! Encontrei-o junto a um dos Outros mortos.

Uma pedra do tamanho de uma bola voou pelos ares. Jarvis a colheu com um movimento das mãos e a sustentou entre os dedos indicadores e polegar. A pedra azul de múltiplos caras captou a luz e a projetou em todas as cores do arco íris. Nunca tinha visto nada parecido. Tinha que contar ao Trahern. Certos rumores muito estranhos tinham chegado a seus ouvidos procedentes de Seattle.

De repente, o bolo de maçã perdeu seu atrativo. E, embora, de todos os modos, a comeu, não a desfrutou, pois sabia que o

rastro de morte que Trahern tinha estado seguindo conduzia diretamente a seu território.

—Quero ir a casa. Preciso ir a casa!

Trahern se esforçou em ser paciente. Já havia dito a Brenna um par de vezes que ir a sua casa não constituía um plano inteligente; mas ela não atendia a razões. O mais provável era que quem queria vê-la morta mantivera sua casa sob vigilância. Isto é o que ele teria feito se estivesse em seu lugar.

Tomaram o café da manhã em um restaurante de comida rápida. Ainda não tinham falado, de modo que esta questão ainda pendia sobre suas cabeças. Mas Brenna já não agüentava mais. Tinha chegado a hora de enfrentar-se a certos feitos frios e duros. Sem prévio aviso, Trahern cruzou a rua de um lado a outro para girar à esquerda. Sua repentina manobra fez que vários condutores tivessem que pisar a fundo o freio e que Brenna gritasse com sobressalto; mas, ao

Trahern, nada disto lhe importou. Estava quase seguro de que ninguém os seguia e, se alguém o fizesse, sua manobra revelaria sua presença.

Além de umas quantas olhadas hostis, ninguém parecia sentir grande interesse por eles. Estupendo.

— A que veio isso? — Brenna se tinha zangado — Está louco? Poderia nos haver matado!

Trahern lhe lançou um olhar desdenhoso.

— Levo-te a casa.

Ela entrecerrou os olhos tentando adivinhar suas autênticas intenções.

— Disse que era muito perigoso.

Pelo visto, Brenna não confiava nele. Garota esperta.

— Assim é, mas você não acredita. Além disso, quer conhecer a verdade e lhe vou ensinar isso.

Circularam imersos em um silêncio carregado de irritação, enquanto Trahern

tomava uma rota indireta para a casa do juiz. Ao final, entrou em uma rua situada a casa de Brenna e estacionou o carro.

— por que parou aqui?

— Porque, se formos entrar pela porta principal, poderíamos parar antes na loja de esportes e comprar um par de alvos para pendurar-nos as das costas. Mas, se formos pelo beco de atrás, teremos mais probabilidades de êxito.

Brenna enrugou o cenho enquanto refletia sobre suas palavras e decidia se acreditá-lo ou não.

— Não estarão vigiando também o beco?

— Boa pergunta. E, por esta mesma razão, você esperará no carro até que averigüe onde nos colocamos. Quando me tiver assegurado de que a via está livre, retornarei a por ti.

Trahern lhe tendeu seu telefone móvel e as chaves do carro.

— Se não ter retornado dentro de vinte minutos, te saia a toda velocidade e telefona

ao Jarvis. Seu número está no modo de marcação rápida. Possivelmente não possa vir em seguida, mas saberá o que fazer para te manter a salvo.

— Tome cuidado.

— Terei-o. Você fica no carro e se preparada para sair a todo gás. — Mas...

Trahern surpreendeu a Brenna e se surpreendeu a si mesmo lhe estampando um rápido beijo nos lábios. Podia dizer-se a si mesmo que esta era a forma mais rápida que tinha de fazê-la calar, mas no fundo sabia que isso não era certo. Antes que pudesse endireitar-se para sair do carro, Brenna o agarrou pelos ombros e o aproximou mais a ela. Seus olhos verdes se obscureceram enquanto se umedecia os lábios com a ponta de sua língua.

— O que...? — perguntou Trahern com a mesma paixão que percebia na Brenna.

— esperei muitos anos a que beijasse a consciência. E, embora o beijo de ontem não

estivesse mau, suspeito que possa fazê-lo melhor.

Trahern soltou um grunhido e apoiou os lábios nos da Brenna. Lhe rodeou o pescoço com os braços e inclinou a cabeça a um lado para que seus lábios encaixassem melhor com os dele. Então lhe mordiscou o lábio inferior e sua língua se encontrou com a dela.

O atrevimento da Brenna surpreendeu ao Trahern. Seus dedos se entrelaçaram nos cabelos do Trahern e gemeu em sinal de aprovação enquanto ele a levava a seu regaço por cima do console do carro. O cotovelo do Trahern golpeou o volante do carro lhe recordando onde estavam e o que tinham entre mãos.

Embora desejava intensamente terminar o que tinham começado, Brenna se merecia algo melhor que ser manuseada no assento dianteiro de um carro. Quando fizesse o amor com ela, se é que chegava o momento, não seria em um lugar qualquer, quem passasse

pudesse vê-los.

Trahern interrompeu o beijo e aproximou a mão ao cabo da porta. — Voltarei.

Ignorando a expressão de frustração da Brenna, Trahern saiu do carro a radiante luz do dia. Desejou ter pego os óculos de sol, mas não pensava voltar a entrar no carro até que a testosterona tivesse descendido a um grau manejável.

A vizinhança era tranqüila, o tipo de vizinhança no que as anciãs passavam os dias sentadas junto à janela tomando nota de quem chegava. Quando passava algum desconhecido por ali. Dedicava-se muito tempo a observar o terreno, o mais provável era que alguém chamasse à polícia. Claro que isto significava que ao inimigo lhe resultaria igual de difícil rondar por ali.

Trahern cruzou uma rua secundária até o beco que comunicava com o pátio traseiro da casa do juiz. Cedros-brancos que lhe ofereciam amparo fariam o mesmo com

qualquer que esperasse apanhar a Brenna quando ela retornasse a sua casa. Trahern comprovou que poderia alcançar sua pistola com facilidade em um momento de apuro.

Tinham substituído a antiga porta do jardim, mas não tinham posto nenhuma fechadura. Uma cadeia com um cadeado não teria evitado que entrassem intrusos, mas ao menos os teria entretido. Inclusive um cão teria constituído certo amparo, pois teria montado um escândalo quando manipularam o carro do juiz.

Mas tudo isto era águas passadas. Quando a casa voltasse a constituir um lugar seguro, ele se asseguraria de que Brenna dispusera de um sistema de segurança de alta tecnologia.

O fecho da grade rangeu com suavidade quando Trahern o abriu. Deixou a porta totalmente aberto, se por acaso tinha que sair a toda pressa, e cruzou com rapidez o jardim traseiro e o alpendre carbonizado até a porta

traseira da casa.

Depois de observar com atenção o perímetro do jardim, Trahern utilizou a chave que tinha pego da bolsa da Brenna. Teria se perguntado ela como ia entrar ele na casa? Certamente não, o qual constituía outra prova de sua ingenuidade. Bom, isto estava a ponto de terminar para sempre. Brenna nunca estaria segura, a menos que soubesse e aceitasse que seu pai andava metido em outras coisas além de estar sentado em um estrado ditando sentenças.

No interior da casa, o ruído surdo do ar condicionado invadia o espaço do silêncio. A casa parecia abandonada. As tigelas do café da manhã estavam sobre a mesa da cozinha, onde Brenna e seu pai os tinham deixado. O resto de leite que ficava no fundo das tigelas cheirava a azedo e os poucos flocos de cereais que ficavam tinham secado nos borde.

A polícia tinha deixado um caos a sua casa. Brenna odiaria saber que alguém tinha

revirado todas as gavetas e armários da casa e possivelmente inclusive sua cômoda, na parte de cima da casa. A idéia de que um policial depravado tivesse visto as roupa íntima da Brenna fez que Trahern desejasse lhe dar um murro a alguém.

Fechou os punhos e desejou ter um pescoço para estrangulá-lo. Percorreu com rapidez as distintas habitações e viu que todas estavam muito desordenadas. O que tinham estado procurando? E quem o tinha feito? A polícia teria registrado a casa em busca de provas para identificar ao assassino, mas era pouco provável que tivessem sido tão minuciosos em sua busca, pois o ataque tinha tido lugar no exterior.

Sem dúvida, alguém andava procurando os arquivos do juiz, não os arquivos dos casos judiciais que tinha a seu cargo. Um calafrio percorreu as costas ao Trahern. Esperava que o juiz tivesse escondido seus arquivos em um lugar no que a ninguém lhe tivesse ocorrido

olhar.

Trahern saiu da casa. Quanto mais tempo demorasse a retornar ao carro, mais probabilidades teriam que Brenna decidisse ir buscá-lo transgredindo suas ordens. Dobrou a esquina bem a tempo de ver como ela saía do carro. Trahern percorreu os últimos metros que o separavam dela a toda pressa enquanto resmungava e se dispunha a lhe soltar um sermão.

Entretanto, antes que pudesse começar a falar, lhe estendeu o móvel.

—Jarvis quer que o chame o antes possível. Há-me dito que é importante.

Trahern soltou um grunhido e pulsou a tecla do Jarvis. O telefone soou meia dúzia de vezes e depois se desviou à caixa postal. Se Jarvis tinha tanta pressa em falar com ele, por que não respondia à chamada? Devia estar nos túneis, clandestinamente, onde o sinal era muito ruim. Trahern soltou um «me Chame» no auricular e cortou a comunicação. —

Vamos.

Agarrou a Brenna pelo braço e se dirigiu à casa.

Brenna se soltou e se deteve.

— O que te passa? — perguntou ao Trahern.

— Nada, a menos que calcule tentar te manter fora da linha de fogo enquanto você não pára de resistir a minha ajuda.

Se sua forma de explicar-se não resultava muito amável, não lhe importava. Nunca ninguém lhe tinha devotado nenhum prêmio por ser encantador.

— Se me desse explicações em lugar de ordens, possivelmente cooperaria um pouco mais.

Brenna levantou o queixo. Seu gesto resultou gracioso, mas não especialmente intimidador. Por outro lado, acalmou a irritação do Trahern, embora o tentou a voltar a beijá-la.

— Olhe, só quero que entremos na casa.

Aqui fora estamos muito expostos.

Trahern avançou um par de passos. E se alegrou de que ela fizesse o próprio.

Quando chegaram ao jardim traseiro da casa, Trahern a apressou para que atravessasse depressa o alpendre e a zona dos cedros chamuscados. Ela atravessou o jardim virtualmente correndo e, a menos que ele se equivocasse, ia chorando enquanto corria. Uma vez no interior da casa, Brenna ficou imóvel com o olhar cravado nas duas tigelas que havia junto à pia. Trahern desejou havê-los metido na máquina de lavar pratos, mas já era muito tarde.

— Não quis lhe preparar ovos para tomar o café da manhã porque o médico lhe havia dito que tomasse cuidado com o colesterol. Assim que sua última comida consistiu em uns simples cereais frios.

Uma lágrima solitária lhe escorregou pela cara e caiu sobre sua camiseta.

Trahern apoiou a mão no ombro da

Brenna em um intento por consolá-la.

—se preocupava por seu pai porque o queria. E ele sabia.

Brenna se sorveu o nariz e utilizou a prega da camiseta para enxugá-las lágrimas.

—Vamos, Brenna. Eu darei uma olhada por aqui embaixo enquanto você embala algumas de suas coisas.

Trahern a empurrou com suavidade para o salão, de onde se acessava a parte de acima. Enquanto isso, ele montaria guarda na parte de baixo.

— por que não posso ficar em minha casa? —Brenna formulou a pergunta com pouco entusiasmo, como se, no fundo, já tivesse aceitado que não podia permanecer muito tempo em um mesmo lugar.

— Voltará quando for um lugar seguro. — O qual podia não chegar a acontecer nunca, mas isso ele não pensava dizer-lhe Em qualquer caso, ainda não.

Brenna subiu as escadas arrastando os

pés. Quando desapareceu da vista, Trahern inspecionou a planta baixa para comprovar o grau de meticulosidade do registro da polícia. Não demorou muito em dar-se conta de que tinham registrado até o último rincão. O que sabiam ou suspeitavam para registrar a casa tão a fundo?

Trahern decidiu esperar até que Brenna baixasse, antes de examinar os esconderijos secretos de seu pai. Quando ela se inteirasse de que seu pai tinha levado uma vida dupla, sentir-se-ia traída em muitos aspectos. A única forma de que acreditasse o que lhe contasse era que encontrasse as provas por si mesmo.

Ouviu a Brenna caminhar na planta de acima e seus passos ressonaram no silêncio da casa. Ele sempre tinha considerado que aquela casa era cálida e acolhedora. Gerações e gerações de famílias tinham vivido e morto entre suas sólidas paredes de tijolo, deixando seu rastro na desgastada madeira e nas

diversas reformas realizadas ao longo dos anos.

Agora, a mancha da violência o tinha trocado tudo e a casa parecia velha e triste. Trahern deslizou a mão pela chaminé de mármore e desfrutou de do tato suave e frio deste material. No suporte, havia uma fileira de fotografias familiares de distintos tamanhos e lhe surpreendeu ver que ele aparecia em uma delas.

Trahern não pôde resistir à tentação de agarrá-la. O juiz sorria enquanto rodeava os ombros da Brenna com um braço e apoiava a outra mão nas costas do Blake. No preciso momento em que Maisy tomou a fotografia, Brenna ria por algo que seu pai havia dito. A aquela idade, Brenna tentava manter os lábios fechados quando sorria, mas naquela ocasião ria com vontades e seus aparelhos de ortodontia refletiam a luz do entardecer.

Tinha sido ele tão inocente como ela em alguma época de sua vida? Por isso

recordava, não. Ao menos, seguro que não depois de ter completo cinco ou seis anos. A vida sabia como fazer que um filho de uma mãe prostituta que não sabia qual de seus clientes a tinha deixado grávida logo deixasse de ver a vida de cor de rosa. Ao Trahern o tinham acusado alguma vez de ser um frio filho de puta sem coração. E era verdade.

Fechou os olhos e recordou a noite que o pai da Brenna o convidou a viver com eles. Nunca tinha entendido o que tinha visto o juiz além da amargura e a ira daquele adolescente anti-social e vítima de maus entendimentos para acreditar-se capaz de redimi-lo. Naquela época, Trahern era mais um animal feroz que um ser humano e logo que conseguia sobreviver nas ruas. Entretanto, entre o severo, mas justa disciplina do juiz e Maisy, o ama de chaves que mimava ao Blake com suas bolachas, conseguiram aplacar, pouco a pouco, sua necessidade de golpear a qualquer que lhe

aproximasse. Blake deslizou os dedos pela fotografia. Sentia falta de ao juiz e ao Maisy.

—O meu pai adorava esta fotografia. Sempre quis que você lhe ficasse.

A voz suave da Brenna o sobressaltou até o ponto de que quase lhe caiu a fotografia ao chão. Blake voltou a deixá-la sobre o suporte com cuidado. Como tinha conseguido Brenna aproximar-se dele sem que se desse conta?

—Quando desapareceu, eu me zanguei muito, mas meu pai nunca se incomodou. sentia-se orgulhoso do muito que tinha trocado enquanto viveu conosco. —Brenna tocou o rosto de seu pai na fotografia—Ele acreditava muito nas segundas oportunidades.

—E nas terceiras... E nas quartas.

Em mais de uma ocasião, o juiz o tinha convencido para que lhe desse ao colégio outra oportunidade. Se tinha aprendido algo, era que um homem não podia trocar seu passado, mas em troca sim podia escolher seu

futuro.

E agora se via obrigado a trocar a imagem que Brenna tinha de seu pai. Ela odiaria saber que o juiz tinha guardado segredos que não tinha compartilhado com ela. Ainda mais, Brenna odiaria descobrir que seu pai tinha compartilhado sua vida secreta com o Blake. Por desgraça, ele não podia lhe explicar a realidade da morte de seu pai e, ao mesmo tempo, conseguir que ela o compreendesse e o perdoasse. Além disso, não era momento para dar largas à verdade.

Blake respirou fundo e olhou a Brenna diretamente aos olhos.

— Brenna, isto não te vai gostar, mas a polícia tem razão. Não mataram seu pai por seu trabalho como juiz. Mataram-no por mim.

Ela retrocedeu como se Blake a tivesse esbofeteado e empalideceu de repente.

Capítulo 5

Brenna se deixou cair em uma poltrona. O que tentava lhe dizer Blake? Que mataram seu pai porque conhecia o Trahern? No que tinha envolvido Blake ao seu pai?

Brenna apertou os punhos enquanto a invadia uma raiva intensa.

— te explique. Mas, se implicou a meu pai em algo ilegal, eu mesma te denunciarei à polícia, Trahern.

Ele meneou a cabeça aborrecido.

— Muito bem, Brenna, pensa sempre o pior de mim.

Sua reação à ameaça da Brenna a enfureceu.

— O que se supõe que devo pensar depois da pequena bomba que acaba de deixar cair?

Trahern se abaixou até ficar à altura da Brenna. Ela não queria que lhe suavizasse as coisas, só que lhe contasse a verdade.

—Começa pelo princípio. —Brenna se cruzou de braços.

— Está bem, mas me prometa que escutará tudo o que tenho que dizer antes de começar a formular perguntas ou nunca acabará com isto.

— Está bem.

—Conheci seu pai quando me acusaram de atacar a um agente de polícia. Naquela época, eu vivia nas ruas e aquele polícia me chateava sempre que podia. Quando ficava fanfarrão comigo, eu me defendia, mas não fui eu quem esteve a ponto de matá-lo. Por desgraça, a seus companheiros não importava que o muito porco tivesse por costume meter-se com os que eram mais fracos que ele. Quando me prenderam, alguns de seus companheiros se passaram com as técnicas de interrogatório.

—você seus machucados - sussurrou Brenna.

—Sim, bom, minhas feridas se curam

rápido, assim não sofra. Além disso, seguro que seu pai lhes fez pagar por aquilo.

—Então foi quando te convidou a viver conosco.

A rígida boca do Trahern se suavizou e seus frios olhos cinzas se voltaram uns graus mais quentes.

—Não, então foi quando me ordenou que me mudasse a viver com ele ou que permitisse que as autoridades se fizessem cargo de mim até que cumprisse os dezoito anos. Não me deixou outra alternativa.

Isto encaixava com a forma de ser de seu pai. Por outro lado, seu pai tinha conhecido a centenas de delinqüentes juvenis ao longo dos anos e não se levou a nenhum deles a sua casa. Que fazia que Blake Trahern fora diferente?

—O seu pai custou me convencer de que podia confiar nele e que me sentisse cômodo vivendo em um lugar como este. —Blake contemplou a habitação com um olhar tão

sério que Brenna se perguntou que aspecto tinha a habitação através de seus olhos — Comer todos os dias foi um grande incentivo para que ficasse com vocês.

— E as bolachas de canela da Maisy.

Blake assentiu com a cabeça.

— Seu pai me manteve em rédeas curtas até que estive razoavelmente seguro de que não me escaparia. Não sei quem se surpreendeu mais quando trouxe boas notas a casa. A história ia durar mais do que ela tinha esperado. Brenna deu um leve empurrão ao Blake e lhe fez perder o equilíbrio.

— Sente-se, Blake, doem-me as pernas de verte nesta posição durante tanto tempo. Não me sinto cômoda te vendo assim.

Sua reação surpreendeu ao Blake, mas lhe fez caso e se apoiou em uma poltrona próxima antes de prosseguir com a narração.

— Uma noite me fez entrar na biblioteca para me apresentar a dois homens. — Blake

olhou a Brenna aos olhos, como se a desafiasse a duvidar do que lhe ia contar a seguir — Aquela noite descobri o que sou em realidade.

— E o que é? — apressou-o ela.

— Um paladino, como os dois homens que seu pai me apresentou. Jarvis era um deles.

Um paladino? Não era isto uma espécie de cavaleiro?

— Faz doze anos Jarvis devia ser pouco mais que um moço.

Blake entrecerrou os olhos.

— Que idade que tem agora?

— possivelmente trinta?

— Já cumpriu os quarenta e cinco.

— Não pode ser. Não, a menos que se feito um montão de operações de cirurgia plástica ou algo assim — respondeu Brenna.

— O que o faz parecer tão jovem é o «algo assim» de sua afirmação. A maioria dos paladinos desenvolvem até alcançar a aparência física de um macho adulto em

excelente forma. Mais ou menos, a correspondente aos trinta anos. Depois, o processo de envelhecimento físico avança muito lentamente. Em realidade, só trocamos cada vez que morremos. E o fazemos a pior.

Blake falava como se ele e Jarvis fossem de outra espécie e a morte tivesse um significado distinto para eles que para o resto dos humanos. Se não estivesse tão sério, ela se teria posto-se a rir.

— Blake, o que diz não tem sentido. — Possivelmente pudesse conduzir o de volta ao assunto que lhes pertencia— Estava-me contando algo a respeito de que meu pai apresentou ao Jarvis.

Blake assentiu com a cabeça:

— Disse-te que te custaria acreditá-lo, Brenna, mas te estou contando a verdade. Uma verdade que jurei manter em segredo, igual o seu pai.

Aquilo era muito!

— Meu pai não era um paladino ou como

quero que te chame! O era um juiz. Isso é tudo.

—Eu não hei dito que seu pai fora um paladino, mas sim realizamos o mesmo juramento de silêncio. Seu pai era um regente. —Blake sustentou a mão no ar, paralela ao chão— No nível superior, estão os regentes. Eles são os administradores e dirigentes de toda a organização. —Blake baixou um pouco a mão—. A seguir estão Investigação e Intendência. Investigação é como um departamento médico de alta tecnologia. Os tutores, que são os médicos encarregados de curar aos paladinos que resultam feridos ou mortos durante as batalhas. Intendência é como o ramo militar. Eles enviam aos guardas humanos, quem atua como recurso de segurança e reforço, e enviam aos paladinos aonde sejam necessários.

Blake voltou a baixar a mão.

—Ao final o que é paladino? Nós atuamos

mais como comandos que como soldados. Embora talvez o término «guerreiros» resultaria mais apropriado. Seu pai era um regente, e graças a ele uni aos outros paladinos.

O orgulho que Blake experimentava era indisputável. Lástima que ela não acreditasse nenhuma palavra do que lhe estava contando. Brenna não conseguia aceitar aquela idéia tão louca.

— me conte mais.

Ele a agradou.

— Os paladinos nascem com uma série de genes incomuns que nos permitem lutar em uma guerra que se remonta até onde alcança a memória. Uma barreira separa nosso mundo do outro. Trata-se de uma espécie de fronteira compartilhada de duas dimensões. A maior parte do tempo, a barreira mantém aos dois mundos totalmente separados, mas em alguns lugares é mais frágil. Sobre tudo ao longo dos enguiços, como a de New

Madrid e a de São Andrés, e perto dos vulcões, como os que há ao longo da costa do Pacífico. Cada vez que se produz um ligeiro terremoto ou um vulcão começa a cuspir lava, a barreira pode sofrer danos.

—A verdade, Blake, deveria me haver contado que ganhava a vida escrevendo novelas de ficção científica. Blake franziu o cenho:

—Você queria a verdade, Brenna, e eu lhe estou contando isso. —Não, você me está contando histórias desatinadas e esperas que me cria isso. Ninguém poderia ter mantido em segredo a um grupo como o do que você me fala todo este tempo. Além disso, nenhuma destas desatinadas afirmações tem nada que ver com a razão pela que meu pai morreu.

Brenna se dispôs a levantar da poltrona. Entretanto, com mais rapidez da que ela acreditava possível, Blake ficou de pé e colocou as mãos nos braços da poltrona da

Brenna obrigando-a assim a permanecer sentada e escutá-lo.

—Quando as barreiras se apagam, Brenna, os seres do outro mundo se dispersam. Vêm armados com espadas e facas e lutam a morte. Nosso trabalho consiste em devolvê-los a seu mundo e matar aos que se negam a fazê-lo.

—Isto soa a um desses fantasiosos videojogos tão de moda nos últimos anos— declarou Brenna, sem ocultar sua irritação e incredulidade.

—me acredite, Brenna, quando um desses bastardos te crava a espada no ventre e a faz girar, não é nenhuma fantasia. —Blake se levantou a camiseta e lhe mostrou várias cicatrizes— As feridas sempre são extremamente dolorosas; mas, como nasci para isto, volto para brandir minha espada e volta ao subsolo para proteger a barreira. Sem homens como Jarvis ou como eu, o mundo no que vive se estaria afogando por

toda a imundície que os loucos dos Outros trazem consigo.

Blake guardou silêncio, sem dúvida esperando que ela cedesse e aceitasse sua estranha história. Pois bem, teria que esperar um bom momento!

Depois de um comprido silêncio, Blake retomou seu relato.

— Eu sirvo na zona do noroeste do Pacífico, na área de Seattle. Recentemente, mataram um amigo meu, antes que apanhássemos ao que ia atrás dele, estiveram a ponto de fazê-lo uma segunda vez. O traidor era um guarda local, mas morreu antes que pudéssemos averiguar. Resultava evidente que recebia ajuda de alguém situado em um escalão mais alto da organização.

Brenna levantou o olhar para o teto.

— E por que não esperaram a que revivesse para perguntar-lhe? — Porque o guarda era um humano, não um paladino. Nossa constituição genética nos permite

reviver do que seria uma morte permanente para um ser humano, mas ele morreu e segue morto.

— Você não. Bem por ti e por seu amigo!

Brenna apartou o braço do Blake para levantar-se e, nesta ocasião, ele o permitiu.

Blake cruzou a habitação e contemplou a rua através da janela. Embora o visse tranqüilo, Brenna percebeu as quebras de onda de frustração que despedia seu corpo.

— Que me cria ou não depende de ti, mas me pediu que te explicasse a verdade e isso é o que estou fazendo. Conteí a seu pai que suspeitávamos que alguém estivesse pactuando ilegalmente com o inimigo. Telefonei-o a ele porque era o único regente no que eu confiava por completo. E, ao cabo de uns dias, estava morto.

Suas palavras refletiam, de forma indisputável, sua dor.

— Seu pai deve ter escondido suas notas ou arquivos, onde estava convencido de que

você ou eu os encontraríamos. Quando encontrarmos, procuraremos um lugar seguro onde te esconder enquanto dou caça aos filhos de puta responsáveis por sua morte.

Ela não estava disposta a lhe permitir que a deixasse de lado enquanto ele se concentrava em uma espécie de vingança. Além disso, embora também gostasse ver-se com os assassinos de seu pai, confiava no sistema legal.

— Entregaremos à polícia qualquer prova que encontremos, Blake. Meu pai assim o teria querido.

— Quem matou seu pai não foi uns criminosos comuns, Brenna. Se assim fora, depois de me assegurar de que te encontrava bem, eu teria tornado a desaparecer. Mas muitas coisas apontam a que nos encontramos frente a uma grave conspiração que tem sua origem no seio dos regentes.

— Está-me dizendo que, durante todos

estes anos, meu pai soube onde estava e alguma vez e não me contou isso?

Blake assentiu com a cabeça.

— E que vivia uma dupla vida que me ocultava?

O duro olhar do Blake se suavizou.

—Ocultava-lhe isso por sua própria segurança, Brenna. Queria-te muito para querer verte envolta no mundo em que ele e eu vivíamos.

Brenna odiava tudo o que Blake lhe estava contando. Todas e cada uma de suas palavras. E, ainda pior, tinha medo de que lhe estivesse contando a verdade. Ao menos, tal e como ele a via. Seu pai tinha sido um homem honorável que acreditava nos valores tradicionais, como a honra, a verdade e o amparo dos fracos e os inocentes. Era exatamente o tipo de homem que, de ter acreditado que existia uma ameaça real, teria se unido a uma organização secreta para salvar ao mundo.

Brenna sentiu dor no coração. Perdeu a sua mãe sendo muito pequena e seu pai se esforçou muito para cumprir com ambos os papéis para ela. Os dois tinham estado tão unidos como podiam estar um pai e uma filha e falavam de algo sem disfarces. O homem que ela tinha conhecido não teria tido segredos para ela.

Não, a menos que tivesse realizado um juramento, um que considerasse tão sagrado como o que lhe tinha permitido passar de fiscal a juiz. Embora ela desejasse negá-lo com todas suas forças, uma voz em seu interior insistia em que devia confiar no Trahern; por muito que ele afirmasse que ela nunca tinha conhecido de verdade a seu próprio pai.

Ignorando a pontada de dor, Brenna tomou uma decisão.

— O que estamos procurando?

— Algo pequeno. Um disquete, possivelmente, ou uns papéis com notas. —

Blake olhou a Brenna — Suponho que seguia confiando mais no lápis e o papel que nos ordenadores ou as agendas eletrônicas.

A lembrança daquela pequena debilidade de seu pai fez brotar um sorriso passageiro no semblante da Brenna.

O leve sorriso do Trahern aliviou a tensão que reinava entre ambos.

— Se estava preocupado ou se sentia ameaçado, deveria guardar a informação em um lugar que você ou eu conhecêssemos, mas que a polícia passaria por cima.

Brenna refletiu sobre aquela questão.

— Isto eliminaria seu escritório. E eu também desprezaria seu dormitório. Os dois considerávamos que o dormitório era um lugar privado e pessoal.

Blake assentiu.

— Parece lógico. Então, prefere a cozinha ou esta habitação?

— Começarei pela cozinha. Acredito que reconheceria algo que não pertencesse a ela

com mais facilidade que você.

—Só podemos ficar uma hora. Dois no máximo. Temos que estar fora antes de que comece a anoitecer. Acender as luzes poderia atrair uma atenção que não desejamos.

—De acordo. Se me necessitar, me chame.

Brenna odiava sentir-se como uma intrusa em sua própria casa.

Uma vez fora do alcance daqueles olhos cinza que viam muito, Brenna se permitiu fraquejar. Mais que qualquer outra coisa, desejava rebobinar sua vida e conseguir que todo aquilo desaparecesse, mas isto resultava impossível. Tinha chegado a hora de por mãos à obra.

Brenna começou na cozinha mais próxima à porta e, pouco a pouco, examinou todas as gavetas e armários da habitação, separando inclusive os pratos empilhados. Deu-se conta de que alguém, certamente a polícia, já tinha registrado aquela habitação. Imbecis! Como se atreviam a atuar como se seu pai tivesse

algo que ocultar?

Claro que..., segundo Blake, sim que o tinha.

Enquanto registrava a geladeira, Brenna tirou todos os produtos que tinham estragados. Depois de introduzi-los em uma bolsa, dispôs-se a tirá-la ao cubo do lixo que havia no exterior, mas antes de ter dado dois passos ao ar livre, Blake a puxou para o interior da casa.

— Maldita seja, Brenna! Não me ouviste ou o que? Acaba de te pôr a tiro de qualquer que estivesse vigiando a casa. — Blake lhe tirou a bolsa do lixo de um puxão — E, para cúmulo, põe-te a limpar a geladeira! E por que não publica um anúncio nos jornal informando de seu paradeiro?

A Brenna não gostava que a manipulassem, mas Blake tinha razão. Enquanto murmurava uma desculpa, voltou a entrar na cozinha deixando que Blake se encarregasse do lixo.

Blake se reuniu com ela um minuto mais tarde.

— encontrei algo?

— Não.

Brenna seguiu procurando na gaveta dos utensílios de cozinha. Maisy teria odiado toda aquela desordem. Deus, como sentia falta da aquela mulher suscetível e de coração quente!

— Eu tampouco encontrei nada — declarou Blake — Se seu pai deixou algo no salão, ou alguém o levou ou o lugar onde o escondeu não resulta tão óbvio como para que eu o encontre.

— Aqui não há nada que esteja oculto, a menos que haja algo em cima da geladeira. Ainda não olhei aí acima.

Trahern o fez por ela.

— Aqui não há nada. — Blake passou o dedo por cima da geladeira e o sustentou em alto para que Brenna o visse — Eu diria que ninguém passou a mão por aqui há muito

tempo. Maisy teria um ataque de nervos e chamaria a mulher da limpeza por isso.

— Era uma mulher especial, não crie? — Resultava agradável compartilhar as lembranças que conservava do Maisy com alguém que a compreendia— Não conheci nenhuma mulher tão dura e, ao mesmo tempo, com um coração tão grande como ela.

Blake sorriu.

— me dava um medo terrível. Em todos os anos que levo lutando com armas brancas, não vi a ninguém apontar uma faca como ela.

Brenna sabia que Blake estava exagerando, mas o carinho que refletia sua voz era autêntico.

— Sim, lembrança a primeira vez que a abraçou. Acreditei que teríamos que chamar uma ambulância para que a ingressassem em um hospital.

— Sim, bom, só o fiz pelas bolachas.

Sim, Maisy o tinha abarrotado de doces

do primeiro dia que chegou e todos se sentiram muito surpreendidos ao ver o Trahern demonstrar seu carinho para alguém pela primeira vez em sua vida. Seu gesto tinha constituído um momento decisivo em sua evolução. Brenna se perguntou se Blake sabia.

—Será melhor que registremos outra habitação antes que nos acabe o tempo.

Blake saiu da cozinha e Brenna o seguiu.

O móvel do Blake vibrou pela terceira vez em menos de quinze minutos. Blake suspirou e o tirou de seu bolso. Esperava que se tratasse do Jarvis, mas o número tinha o prefixo da área de Seattle.

—Banhe, espero que seja algo importante. Disse-te que te chamaria quando tivesse algo que valesse a pena.

A voz da mulher ao outro lado da linha soou divertida.

—Se não poder distinguir ao Devlin de mim, Trahern, será melhor que peça aos

tutores do St. Louis que lhe enviem de volta a casa.

— O que ocorre, doutora, não tem suficientes paladinos de cabeça oca em Seattle que a mantenham ocupada?

Blake não necessitava uma galinha poedeira que cuidasse dele. E menos ainda com a Brenna pendente de todas suas palavras. Laurel riu da ocorrência do Blake. A via extremamente feliz desde que tinha iniciado sua relação com o Devlin Banhe, o qual bastava para que qualquer homem adulto sentisse vontades de vomitar... E despertasse também seu ciúme.

—Se Devlin não consegue mantê-la ocupada, por que não vai se jogar com seu mascote, ou seja, o Outro? Ou alguém mostrou o suficiente sentido comum para matá-lo?

Blake sabia que a doutora não apreciaria seu comentário, mas não lhe importava. Ele tinha nascido e crescido para odiar aos

Outros. Os paladinos de Seattle se sentiam raivosos porque ela tinha acolhido a um dos Outros, mas, como qualquer cão guia de ruas, o mais provável era que em lugar de lhe agradecer o gesto acabasse mordendo-a. E tudo porque aquele indivíduo lhe tinha salvado a vida.

—Deixa ao Barak fora de tudo isto. Sabe que tem que me informar com regularidade, Blake Trahern, e não soube nada de ti há quase dois dias.

—estive ocupado.

—Isso não é desculpa. A única razão pela que os tutores do St. Louis não está seguindo seus passos todo o dia é que lhes prometi que estaria em contato comigo.

Qualquer sinal de bom humor tinha desaparecido da voz de Laurel, lhe recordando que era capaz de dirigir ao pior dos paladinos, ele incluído.

—Está bem. Manterei-a informada.

O silêncio que se produziu ao outro lado

da linha falava por si só. Ao final, Laurel suspirou.

— Como te encontra?

— Bem.

— Blake...

A advertência era clara.

Blake amaldiçoou, por enésima vez, a existência do telefone.

—por aqui, a barreira esteve flutuando como um maldito ioiô, assim, como acredita que me encontro? Não estou tão sintonizado com ela como estava acostumado a, mas sigo sentindo-a tanto como para estar mais irascível do normal. Embora, tendo em conta que não dormi mais de uma noite inteira em uma semana, levo-o bastante bem. Ao menos, de momento não matei a ninguém. —A honestidade fez que Blake acrescentasse—: Embora estive a ponto de fazê-lo um par de vezes.

Os dois sabiam que sua capacidade de controlar seu temperamento constituía um

fato crucial para sua existência.

— Alegra-me ouvir que mantém o controle, Blake. — A doutora deveria sentir-se satisfeita com a explicação do Blake, porque trocou de tema—Como certo, como se encontra a filha de seu amigo?

Blake percebeu um movimento pela extremidade do olho.

— Tenho que deixá-la, doutora. Chamarei-a amanhã.

Blake cortou a comunicação antes que Laurel pudesse falar mais. — Era um de seus amigos paladinos?

— Não.

Brenna o olhou com desagrado.

— Você quer que confie em ti, mas não me põe isso muito fácil ao não responder nem a uma simples pergunta.

— Antes respondi a suas perguntas, mas você não me deu crédito. Blake se deu a volta e simulou registrar a coleção do CD do juiz. Atuava como um imbecil, mas não queria

explicar a Brenna sua relação com Laurel Young. Como se sentiria se soubesse que sua doutora tinha medo de que andasse por aí sozinho devido ao perigo real de que cruzasse a linha e se convertesse em um louco assassino?

—Pensei que você gostaria de saber que terminei que inspecionar o comilão. Quer examinar seu antigo dormitório enquanto eu examino o meu?

—De acordo. Teríamos que ir, mais ou menos, dentro de meia hora.

Certamente devia uma desculpa a Brenna, mas ela já tinha saído da habitação. Possivelmente fora melhor assim. A chamada de Laurel lhe tinha recordado todas as razões pelas que devia manter-se afastado da Brenna. O beijo que lhe tinha dado no carro tinha sido um engano monumental. Um engano que daria algo por voltar a cometer.

Capítulo 6

Blake se dirigiu a seu antigo dormitório, situado no andar de baixo. Não sentia saudade por muitas coisas, mas aquela habitação representava para ele o primeiro refúgio que tinha tido em sua vida. Os primeiros anos de sua existência lhe tinham ensinado a não apegar-se a nada que alguém maior, mais malvado ou mais forte que lhe pudesse arrebatá-lo.

Uma quebra de onda de familiaridade o invadiu ao entrar no dormitório. Tudo seguia igual. Quando partiu de Seattle doze anos atrás, só se levou sua roupa e alguns livros. O resto de seus pertences estava, exatamente, onde ele as tinha deixado.

Nada mais terminar sua formação como paladino, ofereceu-lhe escolher o destino ao que desejava ser atribuído. Seattle constituiu sua opção preferida por duas razões: a

primeira era sua proximidade a um enguiço principal e a vários vulcões, o que prometia muita ação. Naquela época, a aventura o atraía; e a segunda, não por isso menos importante, era que Seattle era o mais longe que podia estar da Brenna. Naquela época, ele tinha dezoito anos, apenas quatro mais que ela, mas a diferença entre eles quanto à experiência era abismal.

Aos quatorze anos, Brenna era uma garota doce, amável e extremamente brilhante. Seus grandes olhos verdes olhavam o mundo com tanta curiosidade como inocência. E, com muita frequência, esses mesmos olhos seguiam todos os movimentos do Blake.

Ele, por sua parte, já tinha visto mais maldade da que a maioria das pessoas experimentavam em toda uma vida. E agora, aí estava exatamente onde tinha começado.

Uns quantos tacos bem escolhidos aliviaram a necessidade urgente que sentiu de lhe dar um murro à parede. Quando

começou a registrar a habitação, o primeiro que notou foi que a colcha estava torcida. Podia tratar-se de outro exemplo de que o serviço não realizava bem seu trabalho, mas Blake não acreditava que esta fora a razão. Embora se notasse que a habitação não estava habitada, alguém havia sentido a necessidade de registrá-la.

Fora quem fora, devia sentir-se desesperado, pois tinha perdido o tempo registrando seus velhos livros escolares. Por outro lado, se essa pessoa se perguntou qual era sua relação com a Brenna, agora saberia. Claro que isto não importava muito. O doutor Vega e as enfermeiras sabiam como se chamava e deveram comunicar-lhe à polícia quando Brenna desapareceu do hospital.

Blake deslizou as mãos por debaixo da borda do colchão e o levantou. Nada. O mesmo obteve do registro das gavetas da cômoda e a mesa de noite, o qual só lhe deixava o armário. Uma lembrança o fez

sorrir. Tinha um esconderijo que nem sequer os melhores soldados treinados teriam encontrado.

Blake agarrou a manta e o travesseiro do armário e os deixou em cima da cama. Continuando, tirou a estanteria e a barra de pendurar a roupa, o que lhe permitiu retirar a tabua que os fazia de suporte. Quando vivia ali, tinha colocado dobradiças no armário para poder retirá-lo com facilidade e acessar ao pequeno esconderijo que tinha feito na parede.

Ali estava acostumado a guardar seu dinheiro e uma caixa de camisinhas para evitar que Maisy os descobrisse quando limpava o quarto. Não lhe tinha falado a ninguém da existência daquele esconderijo; mas o juiz descobriu, porque Blake encontrou no buraco outro maço de dinheiro.

Arrastou um abajur até o armário para poder examinar melhor o interior. Existia a possibilidade de que quem tivesse registrado

o quarto lhe tivesse deixado ali uma desagradável surpresa. Blake contemplou o sobre sem tocá-lo, mas não pôde ler o que tinha escrito nele. Blake tirou o sobre de um puxão e o deixou cair ao chão. Como não explodiu nem se produziu nenhum tictac, Blake voltou a agarrá-lo.

Ia dirigido ao Blake Trahern e seu nome estava escrito em uma caligrafia que lhe resultava familiar. Blake começou a abri-lo, mas trocou de opinião. Se aquela era a última mensagem do juiz, Brenna se merecia estar com ele quando o lesse. Possivelmente as palavras de seu pai a convenceriam de que Blake lhe tinha contado a verdade e de que corria um grave perigo.

Blake voltou a colocá-lo tudo no armário com rapidez, se por acaso os anteriores intrusos decidiam retornar. Quando a habitação voltou a estar como a tinha encontrado, foi em busca da Brenna. Tinha chegado a hora de sair. Quando estivessem

na habitação de um hotel, averiguariam o que tinha descoberto o juiz para que lhe custasse à vida. Blake sentiu náuseas ao pensar que tinha sido ele quem tinha envolvido o seu amigo naquele assunto.

Subiu de dois em dois os degraus que conduziam à planta superior, pois o apressava a necessidade de sair dali. Encontrou a Brenna de pé frente à porta do dormitório de seu pai, chorando a lágrima viva.

— Brenna?

Blake se tinha perguntado, anteriormente, quando voltaria realidade à morte de seu pai.

Brenna não lhe respondeu ao momento; mas, ao final, voltou-se para ele.

— Sinto como se tivesse que bater na porta antes de entrar. Pequena estupidez, Não? — Brenna apoiou a mão no cabo da porta — Mas um de nós tem que registrar seu dormitório e suponho que essa pessoa sou eu. — Quando a porta se abriu, Brenna soltou um grito

afogado — Meu Deus! O que ocorreu aqui?

Blake a fez a um lado e entrou na habitação. Parecia como se um tornado tivesse desdobrado toda sua fúria no interior. Os livros estavam rasgados e pulverizados pelo chão. O colchão médio pendurava da cama e alguém tinha derrubado as gavetas da cômoda. Quem tivesse registrado a habitação, tinha-o feito em um autêntico ataque de ira.

Brenna passou junto ao Blake. As lágrimas tinham dado passo à raiva e a determinação.

— Quero fazer mal a quem tem feito isto, Blake!

— Levantou os punhos em alto — Quero lhe fazer mal.

Ele também. Daria caça a aqueles bodes e os mataria com suas próprias mãos, mas não sem antes fazê-los sofrer por ter esmigalhado a vida da Brenna. O juiz Nichols sempre soube que uma de suas duas profissões podia fazer que alguém derrubasse sua fúria sobre

ele, mas Brenna não tinha nada que ver com tudo aquilo, e os assassinos pagariam por isso.

Blake apoiou a mão no ombro da Brenna.

— Brenna, não sei se te servirá de consolo, mas não encontraremos o que estamos procurando.

— Como sabe? — perguntou ela.

— Porque tínhamos razão. Seu pai escondeu os documentos em um lugar onde um de nós pudesse encontrá-lo.

Blake sustentou o pacote permitindo que Brenna visse a letra de seu pai.

Enquanto passava com a ponta do dedo sobre o nome de Blake, ela pareceu sentir-se ainda mais deprimida.

— Quer dizer que os escondeu onde você pudesse encontrá-los, não eu?

Maldição, não tinha pensado naquele fato desde aquele ponto de vista!

— Isto só significa que seu pai descobriu meu esconderijo.

—Esta encaminhado a ti, Blake. —Os olhos da Brenna eram o mais triste que Blake tinha visto jamais.

Maldição! Certamente, o juiz considerou que aquele material era confidencial e que não devia lê-lo ninguém que não estivesse relacionado com os regentes. Até da sepultura excluía a sua filha.

O único meio de que dispunha Blake para aliviar o sofrimento da Brenna era tirar ela da casa, carregada de lembranças.

—Temos que ir. Pegue suas coisas.

Blake a agarrou por braço e a arrastou fora da habitação. Possivelmente a impressão que tinha sofrido a fizesse entrar em razão.

Brenna lhe lançou um olhar irado e soltou.

—Não levo muito bem o de acatar ordens, e menos se procederem de sua pessoa.

—Pois pior para ti, mas já levamos aqui muito tempo.

O estado em que tinham encontrado o

dormitório do juiz o preocupava seriamente. Se o louco que o tinha feito retornava naquele preciso instante, ninguém sabia o que podia ocorrer. Blake podia sobreviver a quase qualquer tipo de ataque, mas Brenna era muito mais vulnerável que ele. Blake a agarrou e a carregou ao ombro.

— Blake Trahern! Deixe-me agora mesmo no chão!

Blake ignorou os punhos que o golpeavam nas costas. Junto à porta do dormitório da Brenna havia uma mala.

— Isto é tudo o que te leva?

— Acredita se quiser imbecil!

Blake teve que realizar malabarismos para agarrar a mala sem soltar o sobre e a Brenna e, continuando, baixou as escadas. Brenna tinha deixado de resistir, mas ele sabia que, assim que a soltasse, armaria um escândalo. O olhar do Blake captou um movimento através de uma das janelas da fachada principal.

— Maldita seja! — — Temos companhia, Brenna. Agarra a mala.

— Tem as chaves do carro?

Ela assentiu enquanto contemplava como um carro estacionava frente à casa.

— São os detetives que me interrogaram no hospital.

— É provável que eles destroçassem o dormitório de seu pai. Sai pela cozinha e não olhe para atrás. Assegurarei-me de que te afasta sem problemas e depois te seguirei. Se puder.

— Mas...

— Vai Brenna! — Blake lhe lançou o telefone — Se não me reuni contigo cinco minutos depois de que tenha chegado ao carro ou se ouvir disparos, te afaste da zona a toda velocidade. Quando estiver segura de que ninguém te seguiu, telefona ao Devlin Banhe, em Seattle, e o conte o ocorrido. Está na lista de marcação rápida. Pode confiar nele.

Brenna foi tão lista para sentir-se assustada e dirigir-se à porta da cozinha.

— Não me ponha a correr Blake. Se alguém tiver que te dar uma surra, serei eu por me levar como um saco de batatas.

— Estou desejando vê-lo, bonita. — Blake sorriu e a beijou com força e rapidez antes que ela pudesse protestar. Continuando, voltou-a por volta da saída— Vai-te agora que ainda pode!

Brenna se voltou para ele justo antes de sair pela porta. — Tome cuidado, Blake!

Ele esperou junto à porta da cozinha, de onde podia vigiar o alpendre dianteiro e o jardim traseiro ao mesmo tempo. Brenna se tinha tomado a sério suas ordens e cruzava o jardim a correr. Concederia-lhe um par de minutos antes de segui-la, embora sabia que, se conseguiram escapar, seria pelos cabelos. Os detetives já tinham saído do carro e se dirigiam ao alpendre.

Blake olhou para trás e viu que Brenna

tinha problemas com a porta da cerca.

— Vamos, carinho, você pode. São só os nervos os que lhe fazem atuar com estupidez.

Brenna necessitou dois intentos mais para abrir a porta, mas lhe conseguiria todo o tempo que necessitasse para escapar. Embora isto significasse utilizar outra de suas vidas. Blake ouviu o ruído de uma chave na fechadura da porta principal e desencapou a pistola.

— Maldita seja, Trahern, responde o telefone!

Jarvis percorreu seu escritório de um extremo ao outro pela quinta vez em outros tantos minutos.

Uma voz automatizada lhe informou que o número solicitado estava fora de cobertura. Jarvis cortou a comunicação e lhe deu uma patada ao cesto de papéis, a qual se estrelou contra a parede dispersando pelo chão as bolas de papel que continha. Aquele pequeno ato de violência o agradou, embora teria que

comprar um cesto de papéis novo. Em geral, os regentes se mostravam generosos e proporcionavam aos paladinos tudo o que necessitavam, mas a ruptura continuada de cestos de papéis estava mau vista.

Tinha que estar de retorno nos túneis ao cabo de duas horas. E a possibilidade de contar com uma boa comunicação perto da barreira era quase nula. Jarvis introduziu a mão no bolso dianteiro de sua calça e tirou a pedra azul. Gostava de seu tato suave, mas odiava o enigma que representava. Tinha procurado por Internet e não tinha encontrado nada parecido nem por sua cor nem por suas outras características, o qual confirmava sua suspeita de que procedia do outro lado da barreira. A única pergunta era por que a pedra tinha chegado até ali e o instinto lhe indicava que Trahern conhecia a resposta.

Ninguém tinha comentado nada em concreto, mas algo tinha acontecido

recentemente em Seattle e os regentes estavam nervosos. A ausência de dados não tinha evitado que os que tinham ouvido os rumores especulassem compridos e tendidos sobre o ocorrido. Porra, se até alguém tinha insinuado que os paladinos de Seattle tinham adotado a um dos Outros como mascote!

Quando Jarvis se inteirou desta idéia, pôs-se a rir. Em todo o relacionado com seus inimigos do lado escuro, Blake Trahern era um assassino implacável. Ele seria o último em permitir que um dos Outros se movesse por aí de uma peça. Tinha que tratar-se de uma dessas lendas urbanas que tinha tomado vida própria.

Decidiu voltar a tentar comunicar-se com o Trahern. Enquanto procurava na lista de contatos, alguém bateu na porta de seu escritório. Jarvis se meteu o móvel no bolso e respondeu:

— Adiante!

Um homem que lhe resultava familiar, e

desagradável ao mesmo tempo, apareceu na soleira. Que fazia Ritter rondando pelo posto de mando dos paladinos? Ritter era um regente e, normalmente, não se afastava de seu moderno edifício de escritórios no St. Louis. Queria o que quisesse, seguro que não era nada bom. Jarvis não se levantou. Não tinha sentido fazer acreditar no Ritter que era bem-vindo.

Reclinou-se na cadeira, entrelaçou os dedos das mãos e contemplou a seu visitante.

— Senhor Ritter, o que lhe traz por aqui?

Ritter se sentou.

— ouvi que a batalha foi especialmente árdua e queria ver como estavam os moços. O juiz Nichols estava acostumado a estar à corrente dos assuntos dos paladinos. Sua morte deixou um vazio imenso na organização. — Ritter se encolheu de ombros levemente, como querendo mostrar sua aflição pela morte prematura de seu companheiro — Acreditei oportuno tomar a

substituição.

Quão último necessitavam naqueles momentos era um regente farejando por toda parte.

—Estarei encantado de lhe enviar uma cópia de meu relatório diário por correio eletrônico, senhor. — Algo, com tal de tirar o de no meio.

—Isso seria estupendo, Jarvis, e avaliação sua idéia. Entretanto, até que nomeiem a alguém para assumir as responsabilidades do juiz Nichols, considero que uma forte presença dos regentes é necessária para recordar aos paladinos que tudo funciona corretamente dentro da organização. Não queremos que criam que não nos preocupa seu bem-estar.

Seu sorriso enfureceu ao Jarvis. Ritter era sincero como uma raposa. Com o Trahern dedicado a uma missão vingativa, os Outros que deixavam misteriosas pedras azuis nos túneis e as quebras de onda de pequenos

terremotos que se vinham produzindo, quão último Jarvis precisava era a um regente intrometido.

— Sabe quando tomará posse do cargo o novo regente? — perguntou Jarvis.

Ritter se tirou um penugem do punho da jaqueta de seu traje antes de responder.

— A junta diretiva dos regentes está trabalhando duro neste assunto, mas os progressos são lentos. Muitos de meus companheiros se sentem profundamente afetados pelo atentado contra o juiz Nichols e se perguntam se eles poderiam ser os seguintes. Até que descobramos por que o assassinaram, nenhum de nós se sentirá seguro.

— Acreditei que a polícia estava investigando seus casos judiciais em busca de suspeitos. — Não é que ele acreditasse nem por um segundo que fossem encontrar a um ex-presidiário louco que queria vingar do juiz.

Ritter se reclinou em sua cadeira e olhou fixamente o teto durante vários e segundos compridos antes de voltar-se para o Jarvis.

—O que lhe vou dizer não deve ser difundido, Jarvis, mas há indícios de que não tudo vai bem na organização. Eu, pessoalmente, considero muito suspeito que um guarda fora assassinado em Seattle. Conforme tenho entendido, Trahern está comprometido naquele sucesso. Depois assassinam a um regente aqui, no St. Louis e, quem aparece pelo hospital, se não Blake Trahern? Depois está à questão do desaparecimento da senhorita Nichols em estranhas circunstâncias. Acredito que a polícia estaria muito interessada em qualquer informação que você pudesse ter sobre o atual paradeiro do Trahern e a senhorita Nichols.

Jarvis flexionou as mãos para aliviar a aguda necessidade de saltar por cima da mesa e estrangular ao Ritter. Qualquer

insinuação no sentido de que Trahern tinha matado ao juiz era imperdoável, a menos que Ritter dispusera de provas que respaldassem sua acusação. E, se os regentes dispuserem dessas provas, já teriam mandado a todos os tutores da zona a lhe dar caça e executá-lo ali onde o encontrassem.

A forma de expressar-se do Ritter, intercalando indiretas e insinuações com adulações para a pessoa com a que falava, resultava pouco digna de confiança.

Naquele momento, Ritter observava ao Jarvis como uma aranha que espião a uma presa potencial para decidir desde que direção equilibrar-se sobre ela.

Jarvis lançou ao Ritter um olhar inescrutável.

—Não tenho nem idéia de onde se encontra Trahern nestes momentos, e o mesmo lhe digo em relação à senhorita Nichols. Entretanto, você já sabe que a relação entre o Blake Trahern e o juiz Nichols

provém de muito tempo atrás. Estou seguro de que você também tem amigos que iriam a lhe apoiar em momentos de apuro.

Jarvis consultou seu relógio e se levantou.

— Detesto ser brusco, mas tenho coisas que fazer. Devo estar de volta nos túneis em pouco mais de uma hora.

Ritter ficou de pé a inapetência.

— Espero que tenha uma noite tranquila. — dirigiu-se para a porta, mas se deteve antes de cruzar a soleira — Suponho que não tenho que lhe recordar, Jarvis, que por cima de tudo está seu dever para com a organização dos regentes como conjunto. Se Trahern está envolvido em algo que possa pôr em perigo nossa missão, sua obrigação é assegurar-se de que alguém o detenha. Está claro?

— Sim, senhor. Tenho muito claras quais são minhas obrigações. — Jarvis sustentou o olhar do Ritter — Agora, se me desculpar...

Jarvis lhe deu as costas e simulou estar interessado em um montão de expedientes

que havia em uma estanteria, detrás de seu escritório. Esperou até ouvir o estalo da porta ao fechar-se e voltou a sentar-se na cadeira. Decidiu postergar a chamada ao Trahern, se por acaso Ritter realizava uma manobra infantil, como retornar com a desculpa de ter esquecido algo para ver se Jarvis telefonava imediatamente ao Trahern para informar o de sua conversação.

Mas não, Ritter encaixava mais com o tipo que ordenaria que colocassem microfones ocultos no despacho do Jarvis. Pois bem, podia tentá-lo. Alguns dos melhores peritos em informática eram paladinos. Advertiria-lhes de suas suspeitas. Jogar gato e ao camundongo formava parte do tipo de vida que levavam.

Chamar o Trahern teria que esperar até que estivesse caminho dos túneis. Esperava que seu amigo não estivesse comprometido em toda aquela animação. Sua intuição lhe indicava que algo não ia nada bem, mas que

Trahern não era a causa. Ao contrário, seu amigo de olhar frio podia ser a salvação. Que Deus os ajudará!

Blake lhe havia dito que lhe concedesse só cinco minutos desde que chegasse ao carro. O prazo já tinha concluído. Brenna girou a chave de contato e o motor ficou em marcha.

Pôs a primeira e se separou do meio-fio da calçada esperando que Blake aparecesse. O medo a que lhe tivesse passado algo deixou um sabor amargo em sua boca. O que tinha ocorrido? Tinham-no capturado? Estava sangrando ou morto em algum lugar?

Baixou os guichês se por acaso Blake a via e gritava para chamar sua atenção, mas quando passou junto à rua que conduzia ao beco de sua casa, o único ruído que ouviu foram vários estalos surdos. Disparos! OH céus, procediam de onde estava sua casa! As ordens do Blake tinham sido muito concretas: tinha que largar-se dali e telefonar a seu amigo de Seattle.

Uma mulher inteligente faria o que lhe tinha indicado confiando em que Blake se salvaria a si mesmo. Mas como poderia viver se o deixava morrer sem tentar ajudá-lo? Umas imagens do Blake morto caído no jardim de sua casa bastaram para que desse meia volta e tomasse a rua secundária. Os pneumáticos chiaram e Brenna soltou uma maldição. Bem por sua intenção de atuar com sigilo!

Ouviram-se mais disparos e Brenna considerou sua decisão, mas já era muito tarde para retroceder. O beco era muito estreito e quão único podia fazer era conduzir pelo centro. Conforme se aproximava da grade de sua casa, Brenna reduziu a marcha. Tinha deixado a porta do jardim aberta para lhe economizar ao Blake um ou dois segundos, mas ele não estava à vista. O que podia fazer se ele tinha ficado apanhado no interior da casa? Deveria estacionar o carro e entrar em sua busca? Não; se o fazia,

certamente ofereceria outro alvo aos atiradores e só complicaria a situação.

Brenna tirou a cabeça pela janela do carro e tentou ver o que ocorria na casa. Percebeu um movimento através da janela da cozinha, mas foi muito rápido e não pôde identificar à pessoa que o tinha realizado. Tentavam os detetives encurralar ao Blake na cozinha?

Quando o carro ultrapassou o final da cerca, um homem apareceu dando tropeções por detrás de uma garagem, duas casas mais à frente. O homem agitava os braços para chamar a atenção de Brenna. Sua repentina aparição fez que ela soltasse um grito e freasse de repente. O carro se deteve escassos centímetros do Blake, quem, com uma mancha de uma cor vermelha intensa no ombro, cambaleava-se. Brenna abriu a porta com rapidez para sair do carro.

Blake se aproximou do carro dando tropeções e grunhiu:

— Volta a entrar! Seguem-me de perto.

Blake, virtualmente, derrubou-se dentro do carro enquanto fazia um gesto de dor. O suor lhe escorregava pela cara enquanto tentava conter a hemorragia com uma mão.

— nos tire daqui!

Brenna pisou no acelerador.

Aonde podia ir? Até que detivera a hemorragia do Blake e ele se trocasse a camisa, terei que descartar um hotel. Inclusive nos motéis sórdidos e baratos estava muito mal visto que os clientes se sangrassem nos lençóis. Esta idéia a fez rir bobamente, o qual foi um indício do perto que estava de sofrer um ataque de histeria.

Enquanto conduzia, manteve um olho vigilante no espelho retrovisor para comprovar que ninguém os seguia. De momento, a rua se via vazia. Quando chegou a uma estrada principal, lembrou-se do pequeno parque no que se trocou de roupa. Ali disporiam de intimidade enquanto examinava a ferida do Blake e lhe aplicava

uns primeiros auxílios.

Se Blake não recuperava logo a consciência, pediria ajuda ao Jarvis ou ao amigo de Seattle que tinha mencionado antes. Devlin Banhe estava muito longe para lhes oferecer ajuda imediata, mas possivelmente poderia lhe dizer se podia confiar no Jarvis para que se ocupasse do Blake.

Blake gemeu com suavidade quando tomaram uma curva e Brenna viu a entrada do parque, que estava um pouco mais adiante. Cruzou os dedos para que ninguém tivesse visto aquele momento para dar um passeio pelo parque do amor. Tiveram sorte; o parque estava deserto. Brenna seguiu o caminho que conduzia à solitária mesa de picnic e estacionou o carro.

Blake se estremeceu e tentou abrir os olhos. — Onde...?

— Estamos realizando outra visita a sua mesa de picnic favorita, Blake. — Brenna saiu do carro e correu ao outro lado— Queria

ouvir mais sobre suas aventuras de juventude.

Não estava segura, mas acreditou perceber um sorriso na cara do Blake. O murmurou algo que soava a «lascas», o qual era mais informação da que Brenna queria ouvir.

Brenna puxou Blake pelo braço são tentando tirá-lo do carro.

—Vamos, Trahern, tenho que ver se sua ferida é grave ou não.

Blake piscou olhando a Brenna. —Não importa. Terei-me curado dentro de um dia; dois, no máximo.

—Ninguém se cura tão depressa.

—Nós sim. Pregúntas-te ao Jarvis ou ao Devlin Banhe. —Seu rosto adquiriu uma estranha expressão enquanto se inclinava para a Brenna e sussurrava— Sabe uma coisa? Todo mundo acredita que eu sou o tipo mais duro, mas Devlin poderia me vencer em um abrir e fechar de olhos.

Blake tentou sem êxito estalar os dedos para demonstrar sua afirmação.

Brenna se apoiou na porta aberta do carro e voltou a tentar levantar o Blake do assento.

— Pode me contar o que queira sobre quão duro é quando estiver sentado na «Mesa de picnic em memória do Blake Trahern».

Blake teve a coragem de rir dela.

— Está ciumenta, Brenna? Se quiser, podemos nos dar uma magnífica queda em cima da velha mesa. Eu estou a ponto.

O inadvertido dobro sentido de sua expressão fez que voltasse a sentir-se enjoado.

— Sinto muito, mas minha idéia de passar um bom momento não inclui a alguém sangrando em cima de mim. Vamos, menino, sai do carro.

Brenna necessitou de todas suas forças para levantar o Blake do assento. Ele tentou ajudá-la, mas sua grande altura fazia que Brenna perdesse o equilíbrio cada vez que ele

se apoiava nela.

Quando, depois de grandes esforços, chegaram à mesa, Brenna o ajudou a sentar-se no banco. — Fique aqui.

Brenna voltou correndo ao carro para agarrar o estojo de primeiro socorros que ele tinha comprado para enfaixar o braço dela. Umas quantas gazes e um pouco de esparadrapo não pareciam grande coisa em comparação com tudo o sangue que empapava sua camisa, mas serviria. Quando Brenna retornou junto ao Blake, ele se estava desabotoando a camisa com uma só mão, mas seus intentos por ajudar constituíam mais um estorvo que outra coisa.

Brenna deixou o estojo de primeiro socorros em cima da mesa e lhe tirou a camisa pelo ombro. Não podia deixá-la por ali, pois se alguém a encontrava e o comunicava à polícia poderia lhe ocasionar ao Blake e a ela sérios problemas. Tirar-lhe a camiseta, que agora era mais vermelha que

branca, resultaria-lhe ainda mais difícil.

— me dê sua faca.

Brenna cortou várias tiras da camisa do Blake para sujeitar as gazes sobre a ferida.

Conseguiu não olhar diretamente a ferida até que terminou de lhe tirar a camiseta. A maior parte do sangue estava no tecido de algodão e Brenna lhe limpou a que ficava no corpo o melhor que pôde. Então ficou ao descoberto um buraco profundo na parte alta do ombro do Blake. Devia resultar muito doloroso, mas ele parecia insensível à dor.

—Primeiro limparei a ferida.

Brenna verteu um pouco de água mineral em um par de gazes e deu uns toques na ferida. Blake a agarrou seu pulso e a obrigou a pressionar com mais força.

—Não pode me fazer mal Brenna. Os paladinos têm uma tolerância muito alta à dor.

Ela o teria acreditado se ele não tivesse os lábios tão apertados que tinha empalidecido

nas comissuras. Mas Blake tinha razão, não o fazia nenhum favor com seus débeis esforços. Brenna verteu água na ferida aberta e Blake soltou um grunhido de dor. Depois de limpar o sangue, a ferida ficou o mais limpa que Brenna pôde conseguir; de modo que aplicou sobre ela uma espessa capa de pomada antibiótica.

Quão único ficava por fazer era tampá-la com mais gazes que imobilizaria com as tiras da camisa. Quando teve terminado, Brenna pegou a bolsa do Blake em busca de outra camisa. Ficar a sem lhe roçar a ferida requereu cuidado e esforço. Blake tentou ajudá-la, mas Brenna lhe deu uns tapinhas nas mãos para que as apartasse.

Depois, recolheu os restos da roupa do Blake e os pacotes das gazes. Possivelmente lhe estava contagiando a paranóia do Blake, mas não deixaria nenhum rastro que demonstrasse que tinham estado no parque.

— Muito bem, levarei-te até o carro.

Blake se levantou médio cambaleando-se e quase fez que os dois perdessem o equilíbrio.

— Sinto-o-murmurou, enquanto se apoiava na mesa para recuperar-se.

— Não se preocupe.

Talvez se aferrava desesperadamente a uma leve esperança, mas a Brenna pareceu que Blake caminhava com mais segurança conforme avançavam para o carro.

Quando esteve sentado no assento do passageiro, Brenna se inclinou sobre ele para lhe grampear o cinto de segurança. O corpo do Blake despidia muito calor, mas não era muito logo para que se iniciou um processo infeccioso? Brenna esperava que isto não ocorresse, se não teria que procurar ajuda médica. Entretanto, qualquer que visse o buraco de bala teria que informar à polícia, e eles não queriam que isto acontecesse. Ao menos não até que averiguassem quem eram os bons e os quais os maus.

Brenna se sentou no assento do condutor e se perguntou como era possível que os dois policiais não os tivessem alcançado. Tinha ouvido vários disparos. Os teria matado Blake? Céus esperava que não!

—Blake, como pode ser que nos desfizéramos da polícia com tanta facilidade?

Blake se voltou levemente para ela e abriu as pálpebras. A cor cinza prata de seus olhos se obscureceu quando percebeu a verdadeira pergunta que refletiam os dela.

—Eu disparei aos pneumáticos de seu carro. Eles me acertaram.

Blake, com uma dura expressão em todas suas facções, voltou-se para olhar pelo retrovisor.

—Sinto tudo muito, Blake. Parece que cada vez te vê mais comprometido em meus problemas.

Fez-se um silêncio que durou vários minutos.

—Não tem importância. De ter sido

necessário, os teria matado sem hesitações nem remorsos.

Suas palavras a impressionaram.

— Não o dirá a sério.

Blake suspirou com uma expressão firme e sombria no olhar.

— Carinho, matei tantas vezes que dois cadáveres mais não teriam tido importância para mim. Isso é o que faço, o que sou.

Nesta ocasião, quando Blake apartou seu olhar, Brenna se sentiu aliviada.

Capítulo 7

Brenna conduziu por volta do oeste pela estrada 44 durante vários quilômetros antes de escolher um motel ao azar. O estacionamento estava cheio de carros e caminhões, assim que os empregados estariam muito ocupados para lhes emprestar atenção.

Depois de pagar sua estadia em efetivo, Brenna levou o carro até a entrada da habitação. Tinha pedido uma na planta baixa e na traseira do edifício para que o carro não se visse da estrada.

Necessitou vários intentos para despertar ao Blake e tirá-lo do carro e viu que havia tornado a sangrar.

—Vamos, Blake, tenho que te trocar a vendagem.

O apartou as mãos da Brenna.

—Esta ferida não me matará. E, se o fizer,

não permanecerei morto muito tempo. — Blake voltou seus duros olhos cinzas para a Brenna — Mas, se morrer ou me deprimos e não pode despertar, me ate. O ideal seria que utilizasse umas cadeias, mas se empregar suficiente corda servirá. Depois espera no carro até que Jarvis venha. Saberá o que fazer.

— Do que está falando, Blake? Não penso em te amarrar. — Esta idéia a horrorizou.

— prometa-me isso Brenna. Tem que fazê-lo; se não o fizer, não estará segura.

— Você nunca me faria mal. Ela mesma se surpreendeu do convencimento de sua afirmação.

— Já não seria eu. — Blake se estremeceu, enquanto seus olhos adquiriam a tonalidade fria e dura do mármore cinza — me Prometa isso. Estava tão agitado, que Brenna temeu que sangrasse ainda mais.

— Prometo-lhe isso.

Uma vez esclarecida esta absurda questão, Blake saiu do carro com grandes

esforços. Logo que tinham cruzado a soleira da porta quando começou a fraquejar, mas Brenna conseguiu empurrá-lo até a cama mais próxima antes que ele se desabasse sobre ela. Brenna apartou a colcha, tirou-lhe os sapatos e cobriu seu corpo.

Brenna se sentou na outra cama para recuperar o fôlego e pensar. Fazia horas que não comia e o mais provável era que na cafeteria do motel tivessem algo deliciosamente cheio de sal e colesterol. Blake não se iria a nenhuma parte a curto prazo e ela precisava recuperar forças para poder ajudá-lo. Agarrou a bolsa e saiu da habitação fechando a porta detrás de si.

No interior da ruidosa cafeteria, uma garçonete que fazia explorar globos de chiclete a conduziu a uma mesa situada ao fundo do local, além de um par de mesas cheias de agentes da polícia. Um deles lhe ofereceu um amistoso sorriso que Brenna lhe devolveu. Embora os dois detetives tivessem

deslocado o alarme, a polícia procuraria um homem e uma mulher, não a uma mulher sozinha.

Sempre cabia a possibilidade de que algum dos agentes a reconhecesse; mas, se ia naquele momento, quão único faria seria chamar mais a atenção. Brenna se sentou e observou a mesa dos policiais com discrição. Quando esteve convencida de que não estavam interessados nela, leu o menu.

Uma garçonete de média idade apareceu, cafeteira em mão.

— O que te trago carinho?

— Tomarei um hambúrguer com queijo, beicon e batatas fritas. E um chá gelado. Também quero uma sopa para levar e duas partes de bolo.

— Recomendo-te a de maçã e a de cerejas.

— Pois um de cada.

Brenna lhe entregou o menu.

— Em seguida volto com a bebida.

A garçonete lhe levou o chá gelado e

Brenna em seguida bebeu um gole. Maldita seja, tratava-se de um desses chás com sabor a fruta! Quem tinha estendido a idéia errônea de que o sabor do chá e o das framboesas encaixavam? Em qualquer caso, o tato do cristal frio do copo lhe resultou agradável e acalmou seus nervos a flor de pele.

O silêncio fez que as palavras do Blake voltassem para sua mente. Ao não saber nada dele durante todos aqueles anos, Brenna temeu que tivesse morrido. Mas, se tinha que acreditá-lo, seu pai soube, em todo momento, onde estava Blake e não o contou. Para piorar as coisas, os dois pertenciam a uma organização secreta, uma organização que se cobrou a vida de seu pai e agora ameaçava a do Blake.

Brenna se sentiu traída por ambos os homens. Uma raiva inesperada a invadiu e sua intensidade a surpreendeu. As decisões que seu pai e Blake tinham tomado sem consultá-la semearam o caos em seus sonhos

e esperanças. Ela tinha planejado o verão investigando para seu próximo livro. Entretanto, ali estava fugindo com um homem ferido que se considerava imortal.

Seu mau humor se desvaneceu enquanto voltava a dirigir o olhar aos policiais, que estavam terminando seu jantar. Durante toda sua vida, tinham-lhe ensinado a respeitar a lei e a quem ostentava uma placa. A maioria deles eram pessoas boas e honestas em quem se podia confiar para que defendessem a lei com justiça. Por isso a inquietava tanto a má impressão que lhe tinham causado o detetive Montgomery e seu companheiro, o detetive Swan.

Do primeiro momento, sentiu que algo ia mal a seu enfoque para resolver o assassinato de seu pai. Estaria sua intuição totalmente equivocada? Ela confiava no Blake, quem falava como se estivesse louco a respeito de ser imortal e ter que ser acorrentado. E, por outro lado, os dois detetives levavam a

caminhos diferentes, mas ela não os queria por perto nem por brincadeira, sobre tudo até que Blake e ela averiguassem o que havia no sobre que seu pai tinha deixado para o Blake.

A garçonete retornou com o hambúrguer e as batatas. Brenna se inclinou para poder morder o hambúrguer sem que a gordura lhe manchasse a camisa.

O sabor a carne de assada à churrasqueira encheu seus sentidos lhe recordando o tempo que levava sem comer. Brenna mastigou mais devagar, pois não queria engolir a comida, embora tampouco se podia entreter muito, pois Blake estava sozinho e ferido gravemente. O mais provável era que dormisse profundamente durante várias horas, mas suas anteriores divagações a respeito da morte e as cadeias a tinham inquietado.

Uma repentina vibração a sobressaltou tanto que esteve a ponto de deixar cair o hambúrguer de repente. Limpou-se os dedos

no guardanapo e tirou o móvel do Blake do bolso dianteiro de sua calça. Esqueceu-se de que o tinha ali. Devia responder à chamada?

Brenna abriu o móvel e leu o número. O prefixo não era local e na tela aparecia a palavra «DOC». Certamente se tratava de algum conhecido do Blake em Seattle. Blake lhe tinha advertido de que só se confiasse em um homem chamado Devlin Banhe, entretanto...

Brenna pulsou a tecla de resposta.

Diga?

A mulher que estava ao outro lado da linha respondeu com cautela.

— Posso falar com o Blake Trahern, por favor?

— Quem o chama?

— A doutora Young. E você é...?

— Brenna Nichols.

A frieza da voz da doutora se atenuou.

— Sinto o de seu pai, senhorita Nichols. Sei que Trahern o apreciava muito.

—Obrigado, doutora. —Brenna refletiu sobre o que acrescentar a seguir. Possivelmente aquela mulher conhecia o Devlin Banhe — você conhece Devlin Banhe?

—Sim, conheço-o. Por que me pergunta isso?

— Pode lhe dizer que me chame?

A frieza retornou à voz da doutora.

— por que necessita ao Devlin? E por que Blake não respondeu a minha chamada pessoalmente?

Brenna tinha que confiar em alguém. Jogou uma olhada a seu redor para assegurar-se de que ninguém lhe emprestava atenção, baixou a voz e se jogou o tudo pelo tudo.

—Doutora Young, ao Blake dispararam hoje quando fugia comigo da polícia que investiga a morte de meu pai.

Disse-me que, se necessitava ajuda, telefonasse ao Devlin Banhe.

— Feriram-no que gravidade? — A voz da

doutora refletia preocupação.

— À bala o impactou na parte alta do ombro. Não sei muito sobre feridas de bala, mas acredito que, embora sangue o bastante, não é grave. A limpei e a tampei com gazes. Nestes momentos, Blake está dormindo.

— Senhorita Nichols, me escute com atenção. Quero que telefone ao Jarvis, o amigo do Blake, e lhe conte o que me acaba de contar para mim. Pode confiar em que lhe proporcionará toda a ajuda que necessite. por agora, está você a salvo, mas se Trahern atuar de uma forma estranha, dele afaste-se tanto como possa e o mais às pressas que possa. Compreende-me?

Brenna franziu o sobrecenho.

— Explique-se, doutora Young.

— Não posso.

Brenna, molesta, advertiu-lhe com voz tênue:

— Olhe, doutora, eu não gosto de nada que tente que sinta medo do Blake. Ele já o

tentou com uma ridícula história sobre uns paladinos. Conheço o Blake desde que era um adolescente e ele nunca me faria mal, assim não tente me convencer do contrário. E agora, se me desculpar, eu gostaria de acabar meu jantar.

Brenna cortou a comunicação. Enquanto falava, a comida lhe tinha esfriado, mas não lhe importava. A conversação lhe tinha encolhido o estômago. Chamou a atenção da garçonete e lhe indicou que podia lhe levar a conta e a comida para levar.

Quando passava pelo estacionamento, caminho da habitação, o telefone voltou a soar, mas Brenna ignorou a chamada. Depois de fechar com chave a porta da habitação, acendeu um abajur que havia junto à cama que Blake ocupava. Por isso pôde deduzir, ele não se moveu em todo o tempo que ela esteve fora.

— Blake, acordada, trouxe-te um pouco de sopa.

Ele não respondeu, assim Brenna voltou a chamá-lo. Nesta ocasião, com voz mais alta e lhe tocando o braço.

Blake se sentou de repente lançando a Brenna até a outra cama. Continuando, meneou a cabeça e abriu os olhos com olhar enlouquecido. Tinha os punhos apertados e preparados para o combate. Brenna resistiu contra o impulso de correr para a porta, pois teve a sensação de que, se o fazia, não faria mais que piorar o estado do Blake.

—Sinto muito, Blake. Não pretendia te assustar. —Nem tampouco sentir medo.

O rosto do Blake era completamente inexpressivo e tinha o olhar perdido. Brenna não estava segura de se ele se reconhecia a si mesmo e, muito menos, a ela. Tentou tranqüilizá-lo lhe falando.

—Blake, sou eu, Brenna Nichols. Faz um momento lhe dispararam enquanto tentava me proteger de dois detetives em casa de meu pai. Recorda? Deu-me seu telefone

móvel e as chaves do carro.

O impulso de sair correndo era premente, mas Brenna se manteve firme. Já tinha deslocado o suficiente durante os dois últimos dias.

—Estamos em um motel. Fui à cafeteria para comer algo e te trouxe um pouco de sopa e bolo de maçã. Para mim trouxe uma parte de bolo de cereja; mas, se quiser, podemos as intercambiar. eu gosto das duas. Deveria comer antes de que te esfrie o jantar.

Blake continuava imóvel, embora Brenna quase podia notar como a adrenalina percorria suas veias. O a olhava com fixidez sem mostrar nenhum sinal de reconhecê-la. Uma violência potencial flutuava com pesadez na habitação. Blake podia ficar a dar golpes de um momento a outro sem saber o que fazia. Brenna voltou a considerar a possibilidade de deslocar-se para a porta, mas sabia que não podia fugir dele.

Pese ao medo que experimentava, Brenna

percebeu que Blake se sentia terrivelmente perdido. Como o ia abandonar, quando ele mais a necessitava? Ela podia dirigir a um Blake Trahern zangado, mas a gente perdido e sofrendo-lhe fazia desejar rodeá-lo com os braços para lhe demonstrar que não estava sozinho.

O telefone do Blake escolheu aquele preciso momento para voltar a vibrar. Possivelmente a pessoa que estivesse ao outro lado da linha pudesse ajudá-la.

—vou responder seu telefone, Blake. Poderia tratar-se de um de seus amigos.

«Por favor, Deus, que seja um amigo que esteja perto e possa vir a nos ajudar!»

Um rápido olhar à tela indicou que estava a ponto de falar com o Devlin Banhe. Brenna pulsou a tecla de comunicação e se aproximou o telefone à orelha.

—Olá, sou Brenna Nichols.

Certamente, o amigo do Blake era outro desses que não esbanjava o tempo em bate-

papos superficiais.

— Senhorita Nichols, sou Devlin Banhe. A doutora Young me pediu que a telefone. Contou-me que Trahern está ferido.

— Exato. — Brenna manteve a voz estável e o olhar fixo no Blake.

— Segue dormido? — Já não.

A forma de falar de Banhe era curta e concisa, e a Brenna, o tom de sua voz e a eleição de suas palavras, recordaram ao Blake. Por alguma razão, isto a reconfortou.

— Que aspecto têm seus olhos?

— um pouco selvagens.

— Não, pergunto-lhe de que cor são. — Sua voz era algo sombria. — Cor?

Que tipo de estranha pergunta era esta?

— Eu não formulo perguntas frívolas. Me responda. A Brenna não gostou nem o tom de sua voz nem sua atitude, mas se Banhe podia ajudar ao Blake suportaria-o. — Cinza prateado.

Ao outro lado da linha se ouviu um

suspiro de alívio.

— Isso é bom. Muito bom. O que faz ele agora?

— Está sentado na cama, com aspecto de não saber onde se encontra.

Blake se moveu ligeiramente, endireitou um pouco as costas, piscou e cravou seu olhar na Brenna. Em questão de segundos, toda a confusão que experimentava se desvaneceu, e também a maior parte da tensão de seu corpo.

— Uf, acredito que já tornou, senhor Banhe!

Embora não tinha nem idéia de onde e tampouco queria sabê-lo.

Blake alargou a mão para agarrar o telefone. Brenna o aproximou e se sentou junto a ele. Blake a ignorou enquanto se aproximava o móvel à orelha.

— Banhe, que demônios quer?

Blake apartou o olhar, como se procurasse privacidade, mas Brenna não tinha intenção

de ir a nenhuma parte. Ao contrário, desejou poder ouvir a outra parte da conversação, porque Blake só respondia com monossílabos. Ao final, Blake cortou a comunicação e deixou o móvel em cima da mesinha de noite.

— Quanto tempo estive inconsciente? —
Perto de uma hora.

— Tenho-te feito mal? — acrescentou, com olhar inexpressivo.

Renovada-a tensão que refletia seu corpo indicou a Brenna quão importante sua resposta era para ele.

— Responderei-te o mesmo que lhe respondi à doutora Young: você nunca me faria mal. Não entendo por que disso tudo, demora entendê-lo!

Blake a observou com aqueles olhos chapeados que tinham refletido tanta frieza minutos antes. Mas agora algo vibrou no mais profundo deles, algo que enviou uns quentes e deliciosos calafrios pelo corpo da

Brenna até hospedar-se no mais fundo de seu ser.

OH, Deus, ele ia beijar a outra vez! Brenna teve a sensação de que Blake não queria fazê-lo, pois era um homem nobre; mas o que vibrava entre eles era mais forte que eles mesmos. Brenna lhe acariciou a bochecha com um toque suave, desfrutando da aspereza de sua incipiente barba, e depois resiguió com o dedo a reta linha de seus lábios.

Blake lhe rodeou os ombros com o braço são e a aproximou dele. Brenna se surpreendeu a si mesmo sentando-se escarranchado no regaço do Blake. Ele abriu mais os olhos e a olhou com calidez. Ninguém o tinha acusado nunca de ser lento. Seus braços rodearam a Brenna e a estreitaram contra seu peito com tanta força que apenas ficou espaço para respirar. Mas a Brenna não importou.

— Brenna...

Sua forma de pronunciar seu nome foi como um suspiro ou uma prece. Ela fechou os olhos e apoiou a cabeça na fortaleza de seu peito enquanto se empapava de seu calidez. Blake subiu e baixou a mão pela coluna da Brenna chegando cada vez mais perto de suas nádegas. Brenna experimentou uma estranha sensação, uma mescla de carinho e paixão. Conforme as carícias do Blake eram mais e mais atrevidas, seu corpo se voltava mais quente e líquido.

Brenna lhe deu um beijo na base do pescoço e ele a recompensou baixando a mão até suas nádegas e apertando-lhe com suavidade.

Brenna, sentindo-se audaz, foi beijando a linha da mandíbula do Blake até chegar a sua boca. Em apenas um segundo, o ar que os rodeava estava carregado de eletricidade e de paixão, uma tormenta a ponto de estalar. Não tinham onde refugiar-se da força que os envolvia, mas a Brenna não importou. Era

justo e necessário que encontrassem consolo o um nos braços do outro.

Quando seus lábios se encontraram, a língua do Blake entrou na boca da Brenna reclamando seu direito a possuí-la. Brenna rebolou aproximando-se mais a ele e acolhendo a dura resposta do corpo do Blake no centro de sua própria necessidade.

Blake tinha sabor de escuridão e a um poder distinto a tudo o que ela tinha experiente até então. Pela primeira vez, Brenna acreditou que ele era algo mais que um simples homem mortal, algo escuro que outros, com razão, temiam. Mas, quando ele a envolveu com sua força, apagando a luz do mundo, ela soube que sua escuridão gozava de uma calidez e uma doçura próprias. Como a lua, Blake era variável; entretanto, sua força a arrastou como nada o tinha feito até então.

Blake se tombou na cama, permitindo que ela se deslizesse sobre seu corpo. Brenna apoiou as mãos no peito do Blake e se

incorporou levemente para ver seu rosto a tênue luz da habitação. Assim que transpassassem aquela linha, não haveria mais volta.

—Não quero te fazer mal —declarou Brenna, mas não se referia a seu ombro.

—Não pode. —Isso era mentira, e ambos sabiam.

Brenna lhe tirou a camiseta, desejando sentir o calor de sua pele e sabendo que o tato era mais sincero que as palavras. Fechou os olhos enquanto se concentrava no puro prazer da conversação pele a pele. Blake permaneceu imóvel e permitiu que ela o explorasse. Brenna esfregou o centro úmido de seu corpo contra a dura protuberância do desejo do Blake enquanto ansiava que chegasse o momento em que os dois se desfizeram dos últimos vestígios do comportamento civilizado.

—Quero-te.

A voz do Blake soou grave e profunda em

contraste com a doçura do tato de suas mãos, que se deslizavam pelo corpo da Brenna em direção a seus peitos. Ela se inclinou para as Palmas das mãos do Blake, enquanto suas carícias a tranquilizavam e a acendiam ao mesmo tempo.

— Então tome, Blake.

— Brenna, nós...

Ela o fez calar apoiando a ponta do dedo em sua boca.

— Já basta de palavras. Não quero ouvir mais argumentos sobre por que não deveríamos fazê-lo.

Blake beijou e chupou a ponta de seu dedo enviando um desejo ardente ao centro do corpo da Brenna. Ela queria que usasse sua maravilhosa boca para coisas distintas a advertir a dos inconvenientes de sua relação.

— Quero-te. Quero isto. — Brenna voltou a esfregar-se contra seu membro —. «Necessito» isto.

— Eu não sou o tipo de homem que fica

para sempre, Brenna. Já sabe. — Blake lhe cortou a respiração lhe dando um beijo comprido e úmido na palma da mão.

— E eu não te estou pedindo nada que não possa me dar. Só esta noite. Só nós.

Brenna se tirou a camisa pela cabeça, lançou-a ao chão e conduziu a mão do Blake ao fechamento de seu prendedor. Os olhos do Blake adquiriram a tonalidade da prata fundida enquanto lhe desabotoava o sustento e liberava seus peitos. As calosidades das mãos do Blake roçaram os sensíveis topos dos peitos da Brenna, que se voltaram duras e turgentes.

Com um movimento rápido, Blake girou sobre si mesmo fazendo que Brenna ficasse apoiada sobre as costas e ele convexo a seu lado. Começando na curvatura do pescoço da Brenna, Blake lhe deu pequenas dentadas até chegar a seu peito. Chupou-o com força e depois o acariciou com a ponta da língua. Com cada puxão e carícia, enviava uma

quebra de onda de calor ao ponto de união das inquietas pernas da Brenna. A mão do Blake seguiu o mesmo caminho que as quebras de onda de calor e a acariciou por cima das calças com seus largos dedos.

Ela necessitava que os dois estivessem nus, mas quando procurou abertura da calça do Blake, lhe agarrou as mãos e as sujeitou por cima de sua cabeça. Os protestos da Brenna se apagaram em seus lábios enquanto lhe baixava a cremalheira das calças e deslizava a mão pelo interior de suas calcinhas. Seu contato era mais do que ela podia suportar, mas não o suficiente para satisfazê-la, sobre tudo porque ele só a mediu.

— Blake!

Ele quase sorriu, sem dúvida desfrutando ao perceber sua frustração, mas então deslizou um dedo até o mais fundo da Brenna. Aquilo constituiu um passo para o céu, embora insuficiente. Todos os sentidos

da Brenna se centraram no quente membro do homem que tinha a seu lado. Quando, por fim, Blake lhe soltou as mãos, ela o agarrou por cabelo e atirou de sua cabeça para lhe dar um longo e doce beijo. Brenna colocou e tirou a língua da boca do Blake imitando, com exatidão, o que queria dele.

E voltou a sussurrar sua petição:

— Tome, Blake. Agora.

— Não sou um homem amável, Brenna.

— Não te estou pedindo que me mime.

Brenna voltou a dirigir a mão para a cremalheira da calça do Blake e, nesta ocasião, ele não o impediu.

Aquilo o conduziria ao inferno e ele sabia; mas, naquele momento, não lhe importava absolutamente porque, pelo caminho, vislumbraria o céu. Todos os sonhos que tinha tido a respeito de fazer o amor com aquela mulher só eram uma sombra da realidade. Blake acreditou morrer pelo prazer que lhe produziam as decididas mãos da

Brenna tentando lhe tirar as calças. Normalmente, os botões de seu jeans funcionava com suavidade, mas naquele momento estava com o membro inchado de necessidade que as calças ficavam muito ajustados.

Ao final, Blake se sentou e se tirou as calças ele mesmo desfrutando da expressão de surpresa da Brenna quando o viu nu. Blake era um homem grande em todas suas partes, mas ela não pareceu sentir-se intimidada absolutamente. Ao contrário, Brenna se tirou suas próprias calças e separou as pernas como convite. Ele sabia que deveria ir pouco a pouco, permitindo que o corpo dela se ajustasse ao dele; o qual não aconteceria assim, não com a paixão que ardia entre eles.

Blake queria inundar-se no calor úmido da Brenna e penetrá-la com força e que as pernas dela o rodeassem pela cintura e suas unhas lhe cravassem nas costas. O aroma

daquela mulher o estava voltando louco. Ajoelhou-se entre os tornozelos dela e se tomou seu tempo para lhe beijar o arco do pé e depois lhe lambeu a doce curva situada na parte traseira de seu joelho. Brenna se arqueou como convite apressando-o na viagem ao vértice de suas pernas. Blake estudou a beleza de seu corpo e deslizou a ponta da língua por seu lábio superior para advertir a do que pensava fazer a seguir.

Os olhos da Brenna se obscureceram ante a perspectiva.

Blake se inclinou para acariciar a parte interior da coxa de Brenna com sua língua. A fizeram ofegar, até que ele por fim chegou a seu objetivo. Brenna cheirava a paixão. Blake se sentiu agrado ao saber que ela o desejava tanto como ele a desejava a ela. Brenna cravou os dedos de suas mãos no colchão.

— Blake! Não posso...

Ele sorriu junto a seu corpo.

— OH, sim, sim que pode, e poderá!

Blake deslizou dois dedos no interior da Brenna enquanto lambia sua pequena proeminência, até conseguir que ela gritasse ao limite do prazer. Blake se ajoelhou e lambeu sua íntima abertura com cuidado para conter-se durante uns segundos. O rosto da Brenna, rodeado pelo esplendor de seu cabelo escuro, estava ruborizado de prazer. Poderia haver ficado olhando-a durante toda uma eternidade, mas então Brenna sorriu e estendeu os braços para ele.

— Blake Trahern, estou cansada de lhe dizer isso Tome!

E ele assim o fez.

Blake não estava seguro do que lhe falharia antes, se o coração ou os pulmões. Ela o tinha apressado sem descanso até que não ficou nada; mas, inclusive então, no esgotamento posterior, resistia a sair do corpo dela e recuperar o sentido comum. Blake se apoiou nos cotovelos e contemplou à

mulher que tinha feito estremecer sua alma.

— Tenho-te feito mal?

Ofereceu-lhe um sorriso sexy e sedutor.

— Tenho aspecto de não ter desfrutado?

Blake teve que admitir que a Brenna a via muito satisfeita. Se tivesse tratado de outra mulher, naqueles momentos ele estaria procurando seu jeans e planejando a fuga; mas com ela era distinta.

— Não pense tanto, Blake. — Brenna se incorporou para apoiar a palma da mão na bochecha do Blake — Amanhã teremos tempo suficiente para nos preocupar com o que venha a seguir.

O traiçoeiro corpo do Blake se estremeceu com o desejo de repetir a atuação e Blake se esfregou contra Brenna enquanto se inclinava para lhe beijar a ponta do nariz. As comissuras dos lábios da Brenna se curvaram em um sorriso de prazer enquanto ela baixava as mãos pelas costas do Blake, agarrava-lhe o traseiro e o apertava.

—Vá, senhor Trahern, tenho a impressão de que volta você para estar... em plena forma.

Ao Blake gostou que Brenna brincasse, embora não estava seguro de como responder. Nada em sua vida o tinha preparado para uma mulher que brincasse na cama. Como não encontrava as palavras adequadas, decidiu lhe ceder o controle do que viria a seguir. Blake a rodeou com os braços e girou sobre si mesmo de modo que Brenna ficasse sobre ele mas com seus corpos ainda unidos. A exclamação de surpresa da Brenna em seguida se converteu em um gemido de prazer.

—Isto eu gosto de —sussurrou, enquanto se balançava com suavidade para trás e para diante.

E a ele também. Em uma vida cheia de morte e feiúra, aquele momento brilhava com intensidade, beleza e calidez, lhe permitindo entrever como poderia ter sido sua vida se

tivesse nascido como um simples mortal.

Brenna podia dizer-se a si mesmo que aquela noite que tinham acontecido juntos era suficiente para ela, mas ele sabia que não era assim. Uma mulher como ela não transaria com um homem só pelos velhos tempos. Não. Ela experimentava uns sentimentos intensos e profundos para ele, uns sentimentos que faria melhor dirigindo-os para alguém que pudesse permanecer a seu lado, construir uma cerca branca e abraçá-la todas as noites.

Mas, se aquela noite era tudo o que ele podia lhe dar, sem dúvida alguma faria que fora memorável. Blake levantou os quadris para aumentar sua penetração enquanto beijava os doces lábios da Brenna e desfrutava da generosa abundância de seus peitos com as mãos. A julgar pelos ruídos que surgiram do fundo da garganta da Brenna, Então, aumentou o ritmo e se levantou até quase perder o contato com o membro do

Blake. Mas então voltou a descender e ambos suspiraram pela doçura de sua conexão compartilhada. Brenna só teve que repeti-lo duas vezes mais para que Blake perdesse o controle. Grunhindo de frustração, Blake a tombou de costas. Os olhos da Brenna brilhavam de triunfo enquanto ele a penetrava profundamente uma e outra vez, até que o corpo da Brenna se convulsionou no prazer último. Uma penetração mais foi o que Blake necessitou para unir-se a ela e derramar sua semente com um grito de felicidade.

Brenna não estava acostumada a despertar com a mão de um homem em seu peito e sua ereção matutina pressionada contra seu traseiro, mas decidiu que gostava. Gostava de muito. O suficiente para querer averiguar o que acontecia rebolava um pouco. Em seguida descobriu que um paladino despertava preparado e disposto a terminar o que ela tinha começado.

—bom dia. —O som rouco da voz do Blake contra seu ombro resultava delicioso.

Trahern a beijou na nuca enquanto lhe separava as pernas com as suas próprias. A sensação do ter estirado detrás dela enquanto a penetrava com lentidão foi o melhor despertar que ela tinha experiente nunca. Nenhum dos dois sentiu a necessidade de atuar com rapidez e juntos saborearam os últimos minutos antes de que o sol se apropriasse do céu.

O móvel do Blake começou a vibrar na mesa de noite. Um segundo depois de que se deteve, ficou a vibrar outra vez empanando, definitivamente, o momento.

Tinha que ser Devlin Banhe ou Jarvis.

—Será melhor que responda. Não deixarão de chamar até que o faça.

Blake soltou uma maldição afogada e alargou o braço para trás para agarrar o móvel. Pulsou a tecla de conexão e soltou:

—Trahern. —Escutou a seu interlocutor

sem pronunciar uma palavra e, depois do que pareceu uma eternidade, voltou a falar —: De acordo. Estaremos ali depois de comer.

Cortou a comunicação e lançou o telefone sobre a outra cama.

Pareceu titubear um pouco, mas ao final girou sobre si mesmo separando-se da Brenna.

—Jarvis tem algo que quer que vejamos.

Bem por sua queda matutina! Brenna se cobriu com o lençol, já que de repente se sentiu exposta.

—De acordo. Toma banho você primeiro ou o faço eu?

—Vê você, eu tenho que telefonar ao Devlin.

O quente refúgio da cama, definitivamente, esfriou-se, mas o orgulho fez que Brenna caminhasse nua e sem reparos até o lavabo. Uma vez ali, apoiou-se na parede, desejando saber como resolver a incômoda manhã do dia depois. Seu corpo

experimentava as seqüelas da noite mais ativa de sexo que tinha vivido jamais. Blake não se conteve absolutamente e ela não quis que o fizesse, pois no fundo de seu coração de mulher sabia que quando sua vida voltasse para a normalidade, ele desapareceria. E esta vez, quando partisse, seria para sempre.

Ao menos, ela não tinha proferido nenhuma estupidez, como que não queria que voltasse a desaparecer de sua vida. Blake não estava preparado para ouvir algo assim. Além disso, o que podiam fazer, trocar felicitações de Natal? De algum modo, ela não se imaginava uma relação assim com ele.

Um golpe na porta a fez voltar para presente.

SIM?

—Perguntava-me se te encontrava bem. Não ouvi a água da ducha.

Céus! Quanto tempo levava ali sentindo lástima por si mesmo?

— Estou bem, só estou um pouco lenta.

Abriu o grifo da ducha imediatamente e se meteu sob a água antes de que esta tivesse tempo de esquentar-se. O repentino jorro de água fria fez que soltasse um grito. Trahern devia estar esperando ao outro lado da porta, porque em seguida entrou e abriu a cortina da ducha.

Brenna se estremeceu e se ruborizou. — Sinto muito, não esperava que a água estivesse tão fria. Blake ajustou a manivela até que a água saiu quente, entrou na ducha e correu a cortina. — De a volta.

Sua brusca ordem fez que Brenna desejasse não obedecê-lo, mas estar ali com ele era muito melhor que estar os dois sós em habitações separadas. Quando Blake começou a lhe lavar as costas com carícias lentas e prolongadas, Brenna virtualmente se derreteu.

— Separa as pernas.

Teve que apoiar-se na parede enquanto

ele começava lhe esfregando os pés e subia por suas pernas. A combinação da água quente escorregando por sua pele e o tato suave do Blake fizeram que ansiasse que não terminasse nunca.

— te volte para mim.

A expressão do Blake era extremamente séria enquanto voltava a pôr sabão na luva da ducha e o utilizava para voltar louca a Brenna emprestando especial atenção a seus peitos e outras zonas sensíveis. Pois bem, os dois podiam jogar a aquele jogo!

Brenna lhe tirou a luva de cacho.

— De a volta.

Brenna desfrutou do poder que lhe tinha cedido enquanto explorava todas as curvas e músculos de suas potentes costas e sólidas pernas. Suas numerosas cicatrizes a feriram no coração e ela as beijou desejando ter estado junto a ele quando as causaram para aliviar sua dor. Blake se estremeceu com cada um de seus beijos, mas não protestou.

— te volte para mim.

Hum! Seus cuidados tinham causado um grande efeito em uma parte de sua anatomia seu membro ficou duro. Ignorando este fato, de momento, Brenna ensaboou o peito do Blake e deixou que a água da ducha o enxaguasse. Quando se ajoelhou para lhe lavar as pernas, sua ereção ficou à altura de seus olhos. Brenna fez espuma com as mãos e agarrou o membro do Blake com suavidade. Em seguida se viu recompensada com um gemido. A sensação de poder que ela experimentou a aturdiu. Deslizou as mãos acima e abaixo do membro do Blake várias vezes sem saber com certeza quem dos dois desfrutava mais.

Inclinou-se e lambeu o pênis do Blake. Ele conteve o fôlego enquanto se aproximava dela em sinal de convite. Ela sorriu e se introduziu o membro do Blake na boca. Entretanto, antes de que pudesse adquirir um ritmo, as grandes mãos do Blake a agarraram

pelos braços e a levantaram.

— Não dispomos de muito tempo, Brenna.

Durante um doloroso instante, Brenna acreditou que ele rechaçava o que lhe oferecia, mas Blake fechou o grifo e declarou:

— Ou seja, que será melhor que vamos à cama.

Blake a agarrou em seus escorregadios e úmidos braços e saiu da ducha. Levou-a até a cama e a deixou cair de forma que ela ficou tombada de barriga para baixo.

— Blake Trahern!

Brenna começou a dá-la volta, mas ele o impediu de deslizando o braço por debaixo de sua cintura e atirando de modo que ficasse apoiada sobre os joelhos e frente a ele.

Blake a penetrou com força pondo fim a todo pensamento coerente enquanto bombeava com intensidade e seu estômago golpeava as nádegas da Brenna. Suas mãos a sustentaram pelos quadris com firmeza enquanto seus poderosos embates a

penetravam profundamente. Nada nem ninguém a havia possuído com aquele desenfreno primitivo. Brenna gritou o nome do Blake expressando, assim, quanto desejava aquilo.

Blake se inclinou sobre ela e utilizou uma mão para apertar seus peitos até o ponto de lhe causar uma doce dor. Ela agitou os quadris lhe comunicando sem palavras que queria mais. A mão do Blake seguiu a curva da cintura da Brenna, passou por cima de seu estômago, chegou ao ninho de cabelos frisados que havia entre suas pernas e esfregou o calor úmido que encontrou dentro. Uma corrente elétrica percorreu o corpo da Brenna levando-a ao êxtase. Blake também expressou seu próprio alívio e juntos se derrubaram enredados o um no outro.

Blake se separou da Brenna muito logo levando-se com ele seu calor; mas, nesta ocasião, ofereceu-lhe uma mão para ajudá-la a levantar-se da cama e lhe deu um beijo

rápido.

—Será melhor que terminemos de tomar banho e nos vistamos. Jarvis nos estará esperando.

Brenna o seguiu ao interior da ducha, mas agora Blake não se distraiu. Tinha chegado a hora de retornar ao mundo real.

Capítulo 8

Blake se vestiu e foi se procurar um café da manhã para dois. Enquanto Brenna se escovava o cabelo diante do espelho, viu a vendagem do Blake no cesto de papéis que havia junto à cômoda. Que fazia ali? Quando o tinha tirado Blake?

Ela se tinha esquecido por completo de sua ferida. Brenna fechou os olhos e recordou ao Blake vestindo uns minutos antes. Deveria havê-lo feito com cuidado por causa de seu ombro, mas Blake se moveu como se tal coisa. Além disso, onde antes tinha o buraco de bala, não viu nenhuma ferida coberta com uma crosta de sangue seca, a não ser uma cicatriz fresca. Como podia ser? Seus cortes, embora mais antigos, tinham um aspecto muito pior.

Brenna se deixou cair no bordo da cama enquanto seu mundo se cambaleava. Era

possível que suas absurdas afirmações fossem verdade? Podia ser ele o que afirmava ser, um paladino que morria e voltava a reviver e que se recuperava de feridas que resultariam mortais para qualquer outro ser humano? Se isto era certo, então os de sua espécie realmente lutavam em uma guerra secreta contra os invasores de outros mundos. E, não só isso, mas também seu pai tinha formado parte do mundo do Blake vivendo uma dobro vida da que ela não sabia nada.

Sua mente se negava a aceitá-lo, mas seu coração lhe indicava o contrário.

Uma imperiosa necessidade de mover-se, de sair correndo e negá-lo todo a obrigou a levantar-se e fazer novamente a mala. Necessitou um par de intentos para fechar o zíper, mas ao final pôde deixar a mala no chão, junto à porta. Continuando, sentou-se na cama esperando a volta do Blake.

Brenna se alegrou de que ainda não

houvesse tornado, pois necessitava tempo para fazer-se à idéia do que tinha ocorrido.

A noite passada tinha feito o amor com alguém que não era de tudo humano.

Nada mais entrar na habitação, Blake soube que algo tinha mudado. Brenna aceitou a comida que lhe deu com um discreto obrigado; mas, desde aquele momento, não voltou a olhá-lo à cara.

Definitivamente, algo não ia bem. notava-se na tensão de seus ombros e nas olhados de esguelha que lhe lançava quando acreditava que ele não a observava. Sua mala estava junto à porta, como se lhe tivesse passado pela cabeça ir-se antes que ele retornasse.

Antes tinha adulado muito a forma em que tinham feito o amor, mas agora se retirou a um lugar do que ele ficava excluído. Os dois tinham estado de acordo em que a noite anterior tinha sido algo especial, algo no que deleitar-se e, depois, deixar atrás. Possivelmente esta fora sua forma de fazê-lo,

mas não gostava. Não gostava absolutamente.

— E, agora, alguém te possui assim? — «Além de mim a noite anterior», disse-se Blake, embora sabiamente guardou este malicioso comentário.

Brenna se sobressaltou, como se acreditasse que ele fora a atacá-la. Tinha aceitado por fim o que lhe tinha explicado?

Brenna seguia sem responder, assim Blake cruzou a habitação e a insistiu a responder.

— O que ocorreu para que te convença de que sou um paladino?

Blake estava frente a ela com as pernas separadas, na postura de um guerreiro. Não se desculpava por ser o que era.

Ao menos, agora Brenna o olhava ou, para ser mais exatos, olhava seu ombro.

— A ferida não só se fechou, mas também não é mais que uma cicatriz.

— Isto forma parte do pacote de ser um paladino, carinho.

Lançou-lhe um olhar irado sentindo-se indignada por sua atitude.

Pior para ela, ele era o que era. Mas isto não significava que gostasse da forma em que ela o olhava, como se de repente se converteu em um monstro. Brenna era a primeira pessoa fora de seu mundo em que tinha crédulo lhe contando o que era, e agora lhe lançava sua confiança à cara. Se não a tivesse assustado ainda mais, teria jogado sua mala ao outro extremo da habitação.

Odiava, com todo seu coração, o medo que percebia em seus olhos.

— E como se converte um em um paladín? — Brenna falou como uma estirada professora universitária, e ao Blake sua nova atitude não gostou mais que a anterior. O estava orgulhoso do que era e acreditou que ela também o estaria.

— Um não se converte em um paladino, mas sim nasce sendo-o. Os doutores de Investigação poderiam te explicar mais, mas

duvido que as encontre muito interessantes.

Brenna levantou o queixo.

— A doutora Young é um deles?

O que era aquele tom estranho em sua voz?

— É- Onde ouviste falar dela?

Brenna se concentrou em cortar o beicon em pedaços muito pequenos.

— Chamou antes por telefone. Como não sabia se podia confiar nela, pedi-lhe que dissesse a seu amigo Devlin que te telefonasse.

Blake não era um perito nas emoções das mulheres, mas estava bastante seguro de que sua voz refletia ciúmes. Embora isto o agradasse, em certo sentido egoísta, aquele não era o momento de introduzir mais tensão em sua relação.

— Devlin é a cabeça dos paladinos de Seattle. A doutora Young é nossa tutora. Isto significa que nos recompõe e decide se ainda conservamos suficiente humanidade para

seguir vivendo. Ela e Devlin são amantes. — Blake meneou a cabeça — Ninguém esperava algo assim.

Brenna pareceu intrigada.

— E o que tem que mau em que sejam amantes?

— Em toda a história dos paladinos não tinha acontecido nunca. Os tutores e os paladinos não se implicam emocionalmente. Isto faz que tudo resulte mais fácil quando o tutor tem que terminar com um paladino que cruzou a linha.

Brenna abriu uns olhos como pratos por causa da impressão.

— Que linha?

— Maldita seja, Brenna, não me escuta ou o que? — Blake falou devagar e com clareza, como se lhe estivesse explicando algo a um menino pequeno — Os paladinos vivem e morrem uma e outra vez e, com cada morte, voltam-se um pouco mais como os Outros, até que, ao final, terá que acabar com

eles como se fossem cães raivosos. Percorremos este caminho a distintos ritmos; mas, ao final, todos chegamos ao mesmo destino.

Brenna o olhou com fixidez enquanto uma emoção detrás de outra cruzavam por seu rosto: impressão, horror e a pior de todas, lástima.

— por que, Blake? Por que tem que ser assim?

Ele se encolheu de ombros.

— Genética. A doutora Young acredita que pode trocá-lo, mas eu não tenho grande esperança. De todos os modos, foi divertido ver discutir a todo mundo, sobre se estava bem que um paladino fizesse amor com sua tutora. Ao Devlin não importa o que outros pensem, e Laurel Young está à altura, e melhor de todos eles.

— Também é sua tutora?

— Sim.

E, um desses dias, quando tivesse que

agarrar a seringa de injeção carregada de toxinas e cravar-lhe no braço, causaria-lhe uma intensa dor. Todos tinham visto à desolação que se sentiu a primeira vez que teve que acabar com a vida de um paladino, apesar de que este era um completo estranho para ela. A nenhum dos paladinos de Seattle, e ao Devlin menos que a ninguém, gostava da idéia de que sua morte definitiva ferisse profundamente à doutora.

Entretanto, o processo de converter-se em um dos Outros, se havia acalmado uma forma evidente no Devlin. Ninguém sabia por que, mas todos os de Investigação estavam interessados em averiguá-lo. Ao Devlin não atraía absolutamente ser considerado um rato de laboratório, embora se isto implicava salvar a alguns de seus amigos de uma morte segura, suportaria umas quantas espetadas e provas extras. Além disso, isto lhe proporcionava uma desculpa para ver-se seu amante diante dos

narizes dos outro e Devlin era o suficiente perverso para desfrutar com isso.

Brenna apartou a um lado o prato do café da manhã, em que pese a que só tinha comido uma pequena parte do conteúdo. De momento, parecia não ter mais pergunta que lhe fazer, de modo que Blake se concentrou em terminar seus ovos com beicon. Tinham que conduzir um comprido trecho para encontrar-se com o Jarvis, assim podia passar muito tempo antes de que pudessem voltar a comer. Embora seu corpo se curava com rapidez, demoraria um par de dias em recuperar a energia que tinha perdido no processo de cura.

Quando acabou de tomar o café da manhã, Blake fez sua mala com rapidez. Se ficar por ali muito mais tempo, teria que comprar um pouco de roupa. Partiu de Seattle tão depressa que só meteu em sua mala o imprescindível. Tinha perdido uma camiseta no tiroteio do dia anterior e Brenna

não lhe havia devolvido a que lhe tinha emprestado. Claro que ele tampouco a tinha reclamado. Em realidade, gostava da idéia de que ela dormisse com sua camiseta; a menos que tivesse outra oportunidade de dormir com ela nua a seu lado.

Mas não acreditava que isto voltasse a acontecer a curto prazo.

Ritter olhou pela janela do hotel e soltou uma maldição. Onde demônios estavam Trahern e Brenna Nichols? Seus dois bufões com placa tinham admitido a inapetência, que os tinham descoberto saindo da casa do juiz e os muito estúpidos tinham cometido dois enganos. Em primeiro lugar, tinham permitido que Trahern disparasse aos pneumáticos de seu carro evitando que pudessem segui-los. E, em segundo lugar, eles tinham disparado ao Trahern. Não tinham nem idéia do que era um paladino e ele tampouco via a necessidade de informá-los a respeito.

Os guardas investigariam muitas coisas a próxima vez que seu caminho se cruzasse com o do Trahern. Por isso ele sabia, Trahern era de quão pior um se podia encontrar por aí: um assassino imprevisível e desumano. Com um pouco de sorte, Trahern se faria cargo dos dois policiais e lhe economizaria a tarefa.

Naquele momento, Ritter daria o que fora por saber onde se escondeu Trahern com a filha do juiz Nichols. O que tinham encontrado na casa que os policiais não descobrissem no transcurso de dois registros? Não havia nenhuma prova de que tivessem encontrado algo, mas era pouco provável que se fossem da casa com as mãos vazias.

Maldição! Odiava os enigmas. Se o juiz tinha encontrado suficiente informação incriminatória para atuar contra ele, por que seguia fugindo Trahern em lugar de perseguir os responsáveis pela morte do juiz com as pistolas cuspidas balas? Se os dois

detetives tinham realizado um disparo afortunado, pode que se escondeu até recuperar-se da ferida. Isto concedia a ele umas doze horas para localizar aos fugitivos e lhes arrancar a informação antes que pudessem utilizá-la contra ele.

Os mesmos genes que outorgavam aos paladinos uma vida larga e grandes poderes de recuperação, também lhes proporcionavam uma lógica e uma inteligência excepcionais. Poucas coisas lhes escapavam no referente à sua vida nas trincheiras, e algo tinha ocorrido em Seattle para levantar as suspeitas do Trahern e seu companheiro Devlin Banhe.

Se o idiota do sargento Purefoy não tivesse morrido por causa de sua incompetência, ele mesmo teria experiente um grande prazer acabando com sua vida. Purefoy não só não tinha conseguido eliminar a Banhe e semear o caos entre os paladinos de Seattle, mas sim suas ações

tinham empurrado ao Trahern a implicar ao juiz em seus problemas. Nichols era um dos regentes mais destacados, um homem honrado e trabalhador. Céus, como tinha odiado a aquele homem! Como podia um homem sendo juiz criminal e seguir sendo incorruptível?

Entretanto, ele tinha tropeçado com um trambique irresistível. Tinha conseguido estender o rumor, ao outro lado da barreira, de que quem queria entrar neste mundo, podia fazê-lo pagando um preço. Quando a barreira flutuava, umas quantas pedras azuis trocavam de mãos e aqueles pobres desgraçados acreditavam que a podiam cruzar e sentir-se, a este lado da barreira, como em casa. Só um grupo seleta de guardas conhecia o trato que tinha feito, de modo que, uma vez neste lado, aqueles imundos seres do outro mundo encontravam a morte na ponta da espada de um dos paladinos. Deste modo, os subornos só

serviam para lhe encher os bolsos.

Isto lhe recordava que o último pagamento chegava com atraso. Tinha comprovado seu extrato bancário por Internet e não constava nenhuma transferência de recursos de seu cliente. Como ele era quem assumia todos os riscos, o menos que podiam fazer aqueles filhos de puta era ser pontuais nos pagamentos. O tinha que subornar a uns quantos policiais, ensaboar algumas mãos e tampar rastros. Assim que tivesse solucionado o pequeno problema que constituíam Trahern e a filha do Nichols, enquanto isso resolveria algumas coisas e desapareceria.

A julgar pelo relatório médico do Trahern, este só estava a um passo da loucura e de converter-se em um dos Outros. Uma vez eliminada a senhorita Nichols, não lhe custaria convencer aos regentes e a Intendência de que era necessário acabar com a vida do instável paladino, sobre tudo com a

morte de dois detetives em seu histórico. Sim, esta seria a cereja que coroaria seu bolo. E com todas aquelas mortes e o caos que teria semeado, seu desaparecimento passaria inadvertida até que já fora muito tarde.

Mas, antes que nada, tinha que conseguir a informação do juiz para conter os danos. Não lhe preocupava que esta o incriminasse, pois, quando desaparecesse, não teria importância. Entretanto, se Nichols tinha conseguido seguir o rastro além dele, não haveria nenhum lugar no mundo no que se pudesse sentir a salvo. E que sentido tinha amassar uma fortuna se não vivia o suficiente para desfrutá-la?

O silêncio que reinava no carro era tão denso que Brenna logo que podia respirar. Voltou à cabeça para contemplar as mãos do Trahern ao volante. Tratava-se de umas mãos masculinas, grandes e fortes, com calosidades que agora ela sabia que se deviam ao feito de brandir uma espada. Esta idéia teria que

horrorizá-la, mas agora que tinha superado a impressão inicial de saber quem e o que era em realidade Blake, no único que podia pensar eram no que lhe tinham feito sentir aquelas mesmas mãos a noite anterior enquanto faziam o amor.

O sexo tinha sido intenso e apaixonado, e inclusive um pouco rude, mas ela se havia sentido absolutamente amada nos braços do Blake. Inclusive agora desfrutava com a lembrança de ter constituído o único foco de atenção de toda sua intensidade.

Embora Blake fosse um tipo duro e, com toda segurança, negaria-o, ela sabia que sua reação daquela manhã o tinha ferido. Entretanto, certamente compreenderia que tudo isto lhe tinha causado a ela. Depois de tudo, um homem normal ferido no ombro dormia um par de horas e despertavam com forças suficientes para fazer amor três ou quatro vezes antes que saísse o sol.

E, se por acaso fora pouco, ela desejava

que pudessem repeti-lo todo outra vez. Seus amalucados pensamentos fizeram que se agitasse no assento, o qual captou a atenção do Trahern.

— O que tem agora? — Blake não se incomodou em voltar à vista para ela.

— Nada. Estou bem. — Mas não o estava nem acreditava que voltasse a está-lo alguma vez — Quanto falta?

— Uns oitenta quilômetros.

Viajaram em silencio durante uns quantos minutos mais. A Brenna, o estômago lhe indicava que fazia tempo que tinha passado a hora de comer. Segundo o último sinal de tráfico, logo apareceria outra cidade no horizonte.

Brenna estava a ponto de comentá-lo quando Blake declarou:

— pensei parar na próxima cidade. Temos que falar.

Seu comentário não pressagiava nada bom.

— Quando abrirá o pacote que meu pai deixou para ti?

Brenna não apartou o olhar do frente, pois não queria ver a reação do Blake.

— Há um parque pequeno uns quilômetros antes de onde Jarvis nos espera. Pensava parar ali depois de comer.

— É outro de seus lugares de entrevistas?

— soltou Brenna.

Blake manteve a atenção fixa nas pronunciadas curvas da estrada, embora uma expressão especialmente irritante se refletisse em seu rosto, como se a pergunta da Brenna lhe parecesse divertida.

— Conheço o parque porque passei por aqui outras vezes. Nele há um montão de mesas de picnic que não provei nunca. — Blake sorriu levemente — Poderíamos acrescentar outra mesa a minha lista, se está interessada...

Ela sim que estava interessada, mas praticar o sexo ao ar livre não constituía uma

de suas fantasias. Ao menos, até então.

A comida ajudou. E o café tão quente que lhe esquentava a boca também ajudou. Inclusive o bolo duro que conservava da noite anterior ajudou. Algo que o mantivera ocupado e lhe impedisse de pensar na mulher que estava sentada frente a ele. Como podia Brenna ter acontecido à noite em seus braços, queimando os lençóis, e depois olhá-lo como se fora algo que tivesse encontrado debaixo de uma pedra? Isto o zangava sobremaneira. Isto e ter que admitir quanto lhe doía sua atitude.

Que porra, ele sabia que não era completamente humano, mas a maior parte do tempo não se sentia tão diferente! Durante sua época de treinamento, um tutor lhe disse que a diferença genética entre um ser humano normal e um paladino era inferior a um zero vírgula cinco por cento. Claro que esta pequena percentagem era de DNA alienígena, um legado de uns quantos Outros

que tinham conseguido cruzar a barreira e mesclar-se com a população deste mundo. Sua constituição genética, combinada com a humana, fazia que seus filhos fossem distintos a ambas as linhas paternas em aspectos muito importantes.

Algumas das diferenças eram boas: maior longevidade, maior capacidade de curar-se, inteligência aguda... Mas as más as ultrapassavam com acréscimo: todos os paladinos, sem exceção, convertiam-se, com o tempo, em um dos Outros. Resultava irônico que se passasse a vida lutando contra seus familiares longínquos.

—te acalme, Blake, não te vás engasgar com a comida. Temos tempo de sobra.

Para ela era fácil dizê-lo, mas o tempo lhes acabava ambos. Blake deduziu que os dois policiais do St. Louis era dois bonecos de pano a salário, como o guarda de Seattle, e a ele quem lhe interessava era o homem que dirigia os fios.

Blake fechou os olhos e se imaginou o prazer que sentiria ao cortar a aquele tipo em pedacinhos. Esta não era sua forma habitual de atuar. Os Outros contra os que lutavam morriam com dor, mas depressa. Entretanto, nesta ocasião, pensava saborear a morte de seu adversário.

— Né, Blake! Não sei no que estará pensando, mas não pode ser nada bom.

Os olhos da Brenna refletiram preocupação e, uma vez mais, um pouco de temor.

Deus, já era bastante mau que o considerasse uma espécie de criatura alienígena para em cima lhe dar medo! Blake voltou a dirigir sua atenção à presente e agarrou a conta.

— Vamos, não quero fazer esperar ao Jarvis.

Brenna alargou o braço e apoiou a mão na do Blake:

— Não podemos falar antes de ir?

— Sobre o que?

Blake não se moveu, desfrutando da calidez da mão da Brenna.

Ela agitou o garfo no ar.

— Não sei, sobre algo da que fala as pessoas... O tempo... O último livro que tem lido... Blake olhou pela janela. — Lá fora faz calor.

Brenna levantou a vista para o teto e se reclinou no assento.

— Interessante tema. O que tem lido ultimamente? Blake titubeou, pois não queria que ela percebesse em sua resposta mais do necessário. — Um de seus livros. — De verdade?

— Sim, já te contei no hospital que tenho lido todos seus livros menos o último. O que acontece, acaso acredita que somos uma espécie de vida primitiva que não sabemos ler? — Blake estendeu as mãos frente a ele — Como vós, temos polegares opostos ao resto dos dedos. Com uma formação especial,

inclusive podemos passar as folhas nós sozinhos.

Brenna o surpreendeu tornando-se a rir.

—Oxalá pudesse verte a cara, Blake.

Em lugar de ofender-se, Blake se sentiu feliz ao vê-la sorrir de novo. Parecia-lhe estupendo que ela o passasse bem, embora fora a suas costas.

—Bom, agora a sério. Sinto-me muito adulada pelo fato de que tenha comprado minhas novelas e as tenha lido.

Blake se encolheu de ombros.

—Eu gosto da forma que tem de trazer a história ao âmbito pessoal, já que a maior parte do tempo só a vemos da distância.

Os olhos da Brenna se iluminaram de prazer.

—Esta é uma das coisas mais bonitas que me hão dito a respeito de meu trabalho. Alguns de meus companheiros da universidade me desprezam porque escrevo para o público em geral, em lugar de alguma

revista culta e decrepita.

Brenna agarrou a mão do Blake entre as suas e seguiu, com a ponta do dedo, a linha de calosidades que eram o resultado de horas e horas de brandir uma espada.

— Enviarei-te um exemplar de promoção do próximo livro, que se publicará, mais ou menos, dentro de oito meses.

O bom humor do Blake caiu em picado. Se tiver que confiar-se nos resultados de suas provas, existia uma grande possibilidade de que não estivesse vivo ao cabo de oito meses. Tirou sua carteira e deixou em cima da mesa o dinheiro suficiente para pagar a conta.

— Já é hora de partir.

O sorriso da Brenna se desvaneceu.

— De acordo. Pararemos pelo caminho, como disse antes?

— Sim, acredito que deveríamos fazê-lo.

— Blake observou o relógio de parede com forma de gato cuja cauda marcava os segundos — Será melhor que telefone ao Jarvis

e lhe diga que chegaremos mais tarde que o lembrado.

— Eu vou ao lavabo. Vejo-te no carro.

Brenna se afastou um pouco muito depressa e Blake a contemplou até que desapareceu no território proibido dos lavabos de senhoras. O que ia fazer ali para olhá-lo com ar de culpabilidade? Acaso ia fazer algo estúpido como escrever uma nota à polícia no espelho com um baton?

Blake tentou recordar em vão se Brenna levava baton. Não, o mais provável era que realizasse uma chamada Telefônica. Mas a quem? Desde que iniciaram a fuga, ela não tinha mencionado a nenhuma amiga íntima. Blake tomou nota, mentalmente, de conseguir mais informação a respeito de sua vida privada quando as coisas se acalmassem. Claro que não queria conhecer muitos detalhes, pois estes só fariam que lhe resultasse mais difícil afastar-se dela chegado o momento. Não queria poder imaginar-se

seu apartamento ou a universidade em que trabalhava. Ou, pior ainda, o homem com o que, possivelmente, estava saindo.

Este pensamento fez que se dirigisse ao lavabo, embora não tinha nem idéia do que era o que pensava fazer. Quando se deu conta de que estava reagindo de forma exagerada, deteve-se em seco e se voltou para a porta de entrada. Não importava a quem telefonasse Brenna, os dois estariam seguros nos túneis subterrâneos antes que ninguém conseguisse lhes seguir a pista.

Brenna se encontrou com ele no exterior só um par de minutos depois. Blake esperava vê-la caminhar com lentidão, para lhe dar tempo a seu misterioso cavaleiro a chegar para resgatá-la, mas ela subiu diretamente ao carro. Entretanto, quando Blake girou a chave de contato, Brenna apoiou a mão sobre a sua.

— Temos que parar ao outro lado da rua.

Blake voltou à cabeça e viu um centro comercial de que entravam e saíam montões

de clientes.

— por quê?

Brenna apartou o olhar.

—Tenho que comprar algo que me receitaram. —Deveria me haver contado que sentia dor. Ontem mesmo poderíamos ter comprado algo. —Não tenho dor. —Brenna se ruborizou. —Então o que te passa?

—Tenho que comprar comprimidos anticoncepcionais. Brenna lhe lançou um olhar irado, como se o desafiasse a responder; mas, naquele momento, Blake não poderia ter pronunciado duas palavras seguidas. Santo céu! A noite anterior, a idéia dos anticoncepcionais nem sequer lhe tinha passado pela cabeça! Quantas vezes havia...? Claro que isto não importava, pois uma vez era suficiente. Dois, era pedir que acontecesse. E quatro ou cinco vezes...

Se ele se oferecia a comprar uma caixa de camisinhas, acreditaria ela que dava por descontado que reatariam o que tinham

iniciado aquela manhã?

Se Brenna se saltou umas quantas dose, corria o risco de ficar grávida. Enquanto esperava um vazio no tráfico, Blake refletiu sobre sua própria reação ante aquela situação.

Não deveria sentir pânico? Quão último precisavam era que ela ficasse grávida dele. A Brenna a tinha criado seu pai, mas ele era um homem excepcional. Blake não queria que ela tivesse que fazer malabarismos para compatibilizar a maternidade e o trabalho sem um marido que a ajudasse. A sua mente acudiu a imagem de um menino de olhos cinzas ensinando a sua orgulhosa mãe uma torre impressionante de blocos de madeira. Depois a derrubou com um sorriso malicioso e pôs-se a rir ante o ruído e a destruição que tinha causado.

—Blake, não há para tanto. Milhares de mulheres tomam anticoncepcionais por razões médicas-declarou Brenna com voz

zangada.

— Razões médicas?

— Não me pergunte. Tenho que tomar os comprimidos e ponto. Você aborrece? — Agora sua voz refletia certo mau humor.

Brenna não queria os anticoncepcionais porque não acreditasse poder resistir seus duvidosos encantos. Não, simplesmente os necessitava. Blake experimentou uma repentina e amarga decepção.

Entretanto, isto não implicava que ele não fora a comprar as camisinhas. No caso de. Se pensar na noite anterior, poderia ser muito tarde, mas, de todas as formas, queria estar preparado.

Afundou o pé no acelerador e cruzaram a rua queimando borracha. Estacionou no primeiro lugar que encontrou e seguiu a Brenna ao interior dos armazéns. Ela não se sentiria feliz quando visse que ele comprava a caixa de camisinhas de tamanho familiar, mas Blake tinha aprendido anos atrás a estar

sempre preparado.

Os contrafortes do Ozark, com suas bonitas colinas cobertas de árvores e seus resplandecentes rios, passaram pela janela da Brenna. Aquele era um de seus lugares favoritos para conduzir com tranquilidade. Para sua última novela, tinha passado horas percorrendo a zona e seguindo os caminhos das mulheres que tinham estado ali antes que ela, cuidando de suas famílias em suas cabanas de troncos.

Claro que com o Trahern ao volante, o percurso foi tudo menos tranquilo. Passaram a toda velocidade junto a um sinal que lhe informou que o parque que Blake tinha mencionado estava a pouca distância.

Brenna ainda estava tentando assimilar o pequeno episódio dos armazéns. Quando se dispunha a pagar os anticoncepcionais, Blake deixou uma caixa grande de camisinhas sobre o mostrador e ela não teve mais

remedeio que pagar ambos os produtos com o dinheiro que lhe tinha dado.

Até aquele momento, não se tinha dado conta realmente de que tinham jogado com fogo ao praticar o sexo desprotegido. Embora só se saltou a medicação uns dias, até que as pastilhas novas lhe fizessem efeito se encontravam em uma situação de risco. Sua mão se deslizou até seu estômago. Ela sempre tinha querido ter filhos, mas tinha planejado encontrar, primeiro, um marido; ao estilo extraordinário.

Mas Blake Trahern era tudo menos irresponsável. Mas bem chegava ao extraordinário. Como lhe explicaria ela a seu filho o que fazia para ganhar vida? «Carinho, papai chegará tarde esta noite porque ele e seus amigos têm que matar a uns alienígenas.» Brenna sentiu desejos de tornar-se a rir, embora não havia nada divertido naquela situação.

Blake diminuiu a marcha para entrar no

parque e, uma vez ali, deteve o carro. Brenna agarrou o sobre que tinham escondido debaixo de seu assento e o tendeu ao Blake. O aceitou, enquanto seus olhos chapeados adquiriam uma sombria expressão.

— Quer ler você primeiro?

Brenna assim o teria querido, mas não ia dirigido a ela. — Não, lê-você.

Blake assentiu com a cabeça, saiu do carro e se dirigiu ao lado do passageiro para abrir a porta a Brenna. Quando lhe ofereceu a mão, ela a aceitou sem titubear. Não importava quem ou o que era Blake, seguia sendo o homem que a tinha sustentado em seus braços e a tinha feito sentir-se segura.

O pequeno parque, que oferecia uma vista panorâmica das intermináveis montanhas do Ozark para o oeste, estava deserto. Trahern escolheu uma mesa de picnic ao azar, sentou-se sobre ela e contemplou o sobre que tinha nas mãos com uma estranha expressão no rosto.

Em lugar de ficar rondando por ali, Brenna percorreu a pequena distância que a separava dos lavabos para assear-se um pouco. A sensação da água fria no rosto lhe sentou bem. Apoiou-se tinha tempo que não examinava sua cara no espelho. Estava cansada, e isto se notava nas escuras olheiras que sombreavam seus olhos. Em que pese a isso, sentia-se melhor que dois dias atrás. Lástima que não pudesse tomar emprestada parte da assombrosa capacidade de cura do Blake.

Para lhe proporcionar um pouco de intimidade, a seguir Brenna se aproximou de um letreiro que explicava que o parque se construiu em memória de uma das famílias pioneiras da zona. Quando sua vida voltasse para a normalidade, a história daquela família podia constituir a semente de sua próxima novela. Adorava indagar no passado e encontrar a maneira de voltá-lo para a vida na mente de seus leitores.

Blake se colocou a seu lado. A pesar do calor que fazia, Brenna se estremeceu e desejou apoiar-se em sua sólida fortaleza, mas resistiu à tentação.

— Seu pai me pediu em sua carta que te dê isto. — Blake lhe tendeu um sobre com seu nome escrito em letras maiúsculas — Quando estiver pronta te ensinarei o resto do conteúdo.

Blake se dispôs a afastar-se, mas Brenna o agarrou pelo braço. Quando ele se deteve, ela o soltou. Brenna sabia que lhe estava dando sinais contraditórios, desejando que estivesse a seu lado e, ao mesmo tempo, rechaçando sua natureza não humana. Possivelmente sua atitude não fora justa, mas naquele momento, poucas coisas em sua vida o eram.

— Não te afaste muito.

Blake ficou perto olhando em direção à estrada. Os dedos da Brenna tremeram enquanto abria o sobre. Doía-lhe saber que seu pai estava tão seguro de sua possível

morte que havia sentido a necessidade de lhe escrever seus últimos pensamentos. Desdobrou a folha e piscou várias vezes para apartar as lágrimas que lhe impediam de ler.

Querida Brenna:

Sinto que esteja lendo esta carta porque isto significa que algo terrível aconteceu. Sempre existe o perigo potencial de que um acusado desate sua raiva contra mim, mas isto vai implícito com a tarefa de ser juiz. Eu aceitei esse risco e confiei em que a lei protegeria aos dois.

O que nunca te contei foi que meu amor pela lei me levou a assumir outro papel, o de membro de um grupo secreto denominado «Os regentes». Embora seja imperativo que operem escondido da gente comum, te contarei a verdade.

Nosso mundo está em constante perigo de invasão por parte dos habitantes de outro mundo. Sei que isto soa a uma extravagante história de ficção científica, mas te juro que é

verdade. Entretanto, nosso mundo também tem a imensa sorte de contar com um tipo de guerreiros que parecem saídos de uma dessas novelas fantásticas que tanto você gosta. Seu trabalho consiste em lutar a morte para impedir a invasão dos Outros. Nosso velho amigo Blake Trahern é um desses surpreendentes guerreiros. Soube do primeiro momento que o levaram a julgamento.

O fato de que esteja lendo esta carta significa que eu estou morto e que você está com o Blake. Eu lhe confiaria minha vida e, o que é ainda mais importante, confiaria-lhe a tua. Sinto-me orgulhoso do homem no que se converteu e quero que o diga de minha parte.

Quero-te, Brenna. Você foi à luz de minha vida. Sinto não poder te acompanhar o dia de suas bodas e abraçar a meu primeiro neto. Te lembre de mim nesses momentos e quero que saiba que seu pai teria desejado estar ali, a seu lado.

Repito: confia em que Blake te manterá a salvo. Temo por vós até que ele e seus amigos descubram aos membros corruptos que ameaçam acabando com os regentes. Se isto acontecesse, o mundo inteiro sofreria as conseqüências. Quer-te,

PAPAI

Toda a dor que Brenna tinha estado retendo caiu finalmente sobre ela. Rompeu-lhe o coração e as lágrimas a cegaram enquanto procurava algo sólido ao que agarrar-se. Então o mundo se inclinou e Brenna caiu ao chão.

Capítulo 9

Blake percebeu que Brenna caía pela extremidade do olho. Merda! Logo que conseguiu amortecer sua queda. Agarrou-a em braços, levou-a até a mesa mais próxima e a sentou em seu regaço. Ao princípio, ela resistiu e tentou livrar-se dos braços do Blake, mas ele não pensava deixá-la ir.

Brenna afundou a cara no peito do Blake e soluçou enquanto suas lágrimas queimavam a pele do Blake através do fino tecido de sua camiseta. Ele desejou com todas suas forças ter as palavras adequadas para reconfortá-la, mas o único que lhe podia oferecer era o santuário de seus braços todo o tempo que ela o necessitasse.

O furacão da dor da Brenna os rasgou a ambos. A dor que Blake experimentava era tão intenso como o dela, só que ele carecia do alívio das lágrimas. Embora Brenna não

soubesse, ela chorava pelos dois. O juiz Nichols tinha sido E Salvador do Blake. Sem o juiz, ele teria morrido uma e outra vez nas ruas. O juiz lhe tinha dado a Brenna a vida, mas ao Blake tinha dado esperança; um presente muito mais difícil de encontrar no mundo.

Blake se alegrou de que estivessem sozinhos quando as lágrimas continha a dor da Brenna se derrubou, pois qualquer que os tivesse visto se teria ficado impressionado pela intensidade de seus soluços. Ao final, Brenna se foi tranquilizando pouco a pouco enquanto Blake lhe acariciava com suavidade as costas, esperando que seu gesto lhe proporcionasse um pouco de paz.

Brenna sussurrou junto ao peito do Blake que já tinha terminado. O curvou o dedo indicador e lhe levantou o queixo. Brenna tinha a cara suja e os olhos inchados e vermelhos de chorar. O nunca tinha visto ninguém tão formosa em sua vida. Com mais

doçura da que ele acreditava possuir, Blake aproximou seus lábios aos da Brenna e ela uniu os seu aos dele o meio caminho.

Aquele doce beijo proporcionou ao Blake o consolo que necessitava. Reclinou a cabeça da Brenna em seu ombro e apoiou nela seu queixo. Brenna deslizou uma mão até o rosto do Blake e ele fechou os olhos desfrutando da suave carícia. Depois, Blake girou a cara e beijou a palma da mão da Brenna.

—Obrigado, Blake. Não era minha intenção perder o controle desta maneira.

—Não se preocupe. Surpreende-me que não o tenha feito antes. —Blake a estreitou levemente contra seu peito para lhe indicar que se sentia feliz de ter estado ali quando aconteceu.

Brenna endireitou a cabeça para vê-lo melhor.

—Meu pai queria que te dissesse que ele te teria entregado sua vida a você Blake e que te confiava a minha.

Suas palavras se cravaram no peito do Blake como uma adaga. O tinha posto ao juiz em perigo e a este havia confiado a vida.

Evidentemente, Brenna podia ler seus pensamentos melhor que qualquer outra pessoa.

— Não, Blake, não foi tua culpa. Você não colocou os explosivos. Se não tivesse avisado a meu pai de que algo ia mal, alguma outra pessoa o teria feito. E sabe que ele nunca se teria mantido fora disso.

Suas palavras não convenceram ao Blake, mas ajudaram a aplacar seu sentimento de culpa. Sem dúvida, outro beijo era o mais adequado naquele momento, pensou Blake; embora, se seguiam por este caminho, ele queria provar a mesa de picnic e duvidava que ela queria fazê-lo. Literalmente. A idéia o fez sorrir.

— Blake Trahern, seu olhar não me inspira nenhuma confiança. — Blake ampliou o sorriso e Brenna deduziu a que se devia —

Não. De maneira nenhuma. — Brenna se endireitou, o que fez que fora mais consciente da reação do corpo do Blake — Não penso me despir aqui contigo, a plena luz do dia.

Significava isto que o faria quando obscurecesse? Isso o esperava. Blake sentou a Brenna a seu lado; à distância o ajudaria a concentrar-se no assunto que tinham entre mãos.

— Temos que ir. Antes que Jarvis nos mande a cavalaria. Prometi-lhe que estaríamos ali como muito tarde às três.

— Estou preparada.

Brenna se deu conta de que lhe tinha cansado a carta de seu pai ao chão. Desceu da mesa, agarrou-a e a tendeu ao Blake.

— Acredito que ele queria que você também a lesse.

Blake leu a carta com rapidez. Ao menos o juiz se despediu de sua filha e lhe havia dito que a queria. Era possível que ela não valorasse este fato naquele momento, mas

mais tarde obteria consolo naquela despedida. Entretanto, se o juiz suspeitava que estava em perigo, por que demônios não o tinha chamado? Ele sabia que Blake teria ido a sua chamada com uns quantos amigos de confiança. Juntos possivelmente poderiam ter evitado aquele desastre.

Não deveria lhe dar tempo.

Blake devolveu a carta a Brenna.

— Seu pai era um bom homem que se tomou seu juramento com seriedade. O mundo é um lugar mais pobre sem ele.

— Obrigado, Blake. Vindo de ti, isto significa muito para mim.

Retornaram ao carro.

— Que mais havia? — perguntou Brenna.

— Um disquete e umas quantas folhas de dados. Deixou-me uma nota em que me indicava que podia confiar no Jarvis e que lhe pedisse ajuda para decifrar a informação do disquete e dos listrados.

O sobre também continha uma carta para

ele; uma carta que não estava preparado para compartilhar com a Brenna e possivelmente nunca o estivesse.

— Então será melhor que nos andarmos de pressa.

— Bem dito.

Blake girou a chave de contato e saíram do parque deixando atrás uma nuvem de pó.

Jarvis soltou uma maldição. Se o maldito regente telefonava ou passava por ali outra vez, ele faria algo do que ambos se arrependeriam. Embora possivelmente valesse a pena tendo em conta quão imbecil era aquele tipo.

Odiava o caro corte de cabelo do Ritter e seus trajes feitos a medida. É mais, odiava a forma desdenhosa em que Ritter olhava seu jeans e seus sapatos desgastados. A merda com ele! Os regentes pagavam com generosidade aos paladinos, mas ele não se gastava o dinheiro em roupa. Resultava muito difícil eliminar as manchas de sangue.

O telefone soou.

Jarvis consultou seu relógio e pensou que podia tratar-se do Trahern. Desprende o auricular. — Jarvis fala.

Escutou o que lhe disse o guarda da entrada. — Quer repeti-lo?

A segunda vez que o ouviu não lhe fez sentir mais feliz. Em que demônios estava pensando Trahern? Por que não tinha deixado à senhorita Nichols em algum hotel da zona? Evidentemente, o muito imbecil pensava com a parte equivocada do corpo. Até um cego se daria conta de que Trahern estava ligado a Brenna Nichols, embora ele não queria admiti-lo.

Mesmo assim, ninguém, absolutamente ninguém, podia levar civis ao Centro. O sistema de segurança do Centro rivalizava com o do mesmo Pentágono, mas Blake era o rei do inesperado.

— Agora vou.

Jarvis tomou com calma, pois sabia que,

se ia correndo à porta, ainda chamaria mais a atenção sobre aquela infração da segurança. Já se encarregaria do Trahern quando ele e sua companheira não desejada estivessem em seu escritório.

O guarda apontava diretamente ao peito do Trahern. Jarvis franziu o cenho com desagrado. Só um disparo à cabeça teria detido ao Trahern em caso de que tivesse querido entrar no complexo. A única razão para que não o tivesse feito já era que teria posto em perigo a Brenna Nichols.

Trahern viu o Jarvis antes que o guarda o fizesse.

— Não se pode dizer grande coisa de sua hospitalidade, Jarvis.

O guarda manteve sua posição; embora, em certa maneira, relaxou-se.

— Senhor, Blake Trahern está autorizado a entrar, mas a mulher não. Ela afirma ser a filha do juiz Nichols.

— Isso é exatamente o que é, de modo que

pode você baixar o guarda. Eu me responsabilizo dos dois.

Jarvis lhes indicou que acontecessem a porta de segurança e ignorou o sinal de alarme que advertia de que Trahern levava armas. Todos os paladinos disparavam os alarmes com regularidade.

— Me alegro de que esteja bem, Brenna.

Ao Jarvis não lhe escapou o fato de que ela se mantinha muito perto do Trahern. Sem dúvida este a tinha convencido para que confiasse nele. Um tipo com sorte!

— me sigam. Iremos a meu escritório.

Jarvis os conduziu rapidamente ao elevador para evitar que o intrometido regente descobrisse a presença da filha do juiz no complexo e introduziu o código que os levaria às profundidades da terra.

Quando o elevador chegou a seu destino, realizou uma leve sacudida. Jarvis foi o primeiro a sair. Os deuses lhe sorriam, porque a zona mais próxima aos elevadores

estava vazia.

— Não há ninguém à vista, assim lhes dê pressa.

Entretanto, antes que chegassem ao final do corredor, Trahern o agarrou por braço e inclinou a cabeça a um lado. Alguém se aproximava pelo corredor da direita. Os três se esconderam em um armazém de armas. Ao ver todas aquelas tochas e espadas, Brenna se sentiu horrorizada, embora não surpreendida. Quanta informação lhe tinha revelado Blake?

Quando os dois guardas passaram de comprimento sem que se produzira nenhum incidente, os três percorreram a toda pressa a distância que os separava do despacho do Jarvis. Uma vez dentro, Jarvis respirou fundo e soltou um comprido suspiro. De momento, estavam a salvo.

— O que é tão importante, Trahern, para que cometas a loucura de trazê-la aqui? Já conhece as normas. Se alguém averiguar o

que tem feito, encadearão-lhe até as orelhas e entregarão aos tutores.

Jarvis se cruzou de braços.

— Ao juiz o assassinou um dos nossos - declarou Trahern, com um gélido olhar.

Jarvis contemplou a Brenna.

— E ela sabe quem somos?

— Ela pode responder por si mesmo. — Brenna se colocou ao lado do Blake — Eu sei o que Blake me contou. E meu pai me disse que confiasse nele.

— E o sobre mim?

— Sobre ti também — assentiu Brenna com a cabeça — face às desatinadas histórias que ouvi ultimamente, meu pai desejava que confiasse em vocês dois para descobrir à pessoa que o matou.

Jarvis voltou a centrar sua atenção no Trahern.

— Tenho entendido que dispõe de provas que demonstram que um dos nossos está detrás dos ataques.

Trahern lhe tendeu um sobre.

—Segundo o juiz, tudo está neste sobre. Aqui está a causa de que o matassem. E estou seguro de que, se não seremos cuidadosos, também poderiam nos matar a nós. Está comigo?

Jarvis nem sequer o teve que pensar.

—Estou contigo.

—Temos que voltar aí dentro.

O detetive Swan bebeu um gole de seu refresco de tamanho familiar. Tinham estacionado no beco que comunicava com o jardim traseiro da casa do juiz.

—Não importa o que diga esse tal senhor Knight, temos que atuar ao menos como se esta fora uma investigação normal de assassinato. Se não lhe entregarmos algo logo a tenente, dará-nos um chute no trazeiro. Estão-o pressionando muito de acima para que resolva este caso.

—me conte algo que não saiba.

Montgomery envolveu o que ficava em

seu guardanapo e o meteu em uma bolsa. Não deveria ter comido algo tão picante e gordurento como aquilo estando tão tenso. Guardava um frasco de antiácido no portaluvas, mas se não se encarregavam logo daquele assunto, sofreria algo muito pior que um ardor de estômago.

—registramos a maldita casa tantas vezes que sinto como se vivesse nela. —reclinou-se no assento e fechou os olhos— Têm que encontrar ao tipo que fugiu com a Brenna Nichols, por não mencioná-la a ela. A filha do juiz sabe mais do que nos contou no hospital.

Swan se pôs a rir.

—Já sabemos quem matou ao juiz. Knight não nos subornaria se não tivesse sido ele quem conectou a bomba ao mecanismo de posta em marcha do carro do juiz. A verdadeira questão é por que o fez e por que esse tal Trahern está farejando por aqui.

—E por que Brenna Nichols saiu fugindo como uma lebre assustada —acrescentou

Montgomery—Se não tivesse algo que esconder, teria solicitado amparo policial, como todo mundo.

Sim, encontravam-se ante uns autênticos quebra-cabeças. Mas o que Swan desejava averiguar por cima de tudo era a identidade do senhor Knight. Se este era seu verdadeiro nome, ele se comeria sua placa para tomar o café da manhã. De momento, não tinha podido conseguir os rastros digitais daquele indivíduo; mas algum dia Knight cometeria um engano e, quando o cometesse, Montgomery convenceria a seu amigo do laboratório para que identificasse os rastros com caráter prioritário.

—Registremos de novo a conta bancária do Trahern —sugeriu Montgomery—O tipo não pode ser feito de dinheiro em efetivo. Em determinado momento, ele ou a mulher terão que ir a uma caixa ou a um banco e, quando o fizerem, saberemos por onde começar a procurá-los.

Swan engoliu a última parte do suco

— Você comprova as contas. Eu telefonarei para as casas de carros de aluguel mais para tentar averiguar que modelo de carro utiliza.

— Boa idéia.

Gostava que seu jovem companheiro tivesse idéias próprias. Swan tinha o potencial para ser um grande detetive, mas ele não estaria a seu lado para ver se o conseguia ou não. Ou se retiraria graças ao dinheiro que Knight lhe pagasse ou procuraria um buraco no que esconder-se quando Knight decidisse que Swan e já não lhe resultavam úteis.

— Vamos ao escritório.

A idéia de encontrar-se com seu oficial ao mando fez que Montgomery agarrasse o frasco de antiácido. Logo teria que comprar outro.

Brenna parecia ter frio. Deveria ter pensado em lhe recomendar que agarrasse

uma jaqueta. Os paladinos eram insensíveis ao frio constante dos túneis, mas os humanos não toleravam como eles as baixas temperaturas. Blake subiu uns quantos graus o termostato do despacho do Jarvis.

Quanto tempo mais estaria fora Jarvis? Cansou-se de percorrer a habitação enquanto Brenna cabeceava em uma cadeira. Os hematomas da explosão estavam desvanecendo com rapidez, mas às escuras olheiras que tinha debaixo dos olhos recordavam ao Blake todo aquilo pelo que tinha passado nos últimos dias. Blake deslizou os dedos por uma mecha do cabelo da Brenna desejando poder fazer algo mais por ela.

Sem dúvida alguma, ele tinha contribuído a semear o caos na vida da Brenna, tão dentro como fora da cama. Conservaria até o dia de sua morte a lembrança de quão agradável tinha sido tê-la debaixo dele, ofegando seu nome enquanto ele os transportava a ambos

ao êxtase.

Ela o tinha feito sentir-se quente e humano outra vez. Se Jarvis não fora a retornar em qualquer momento, cederia à tentação de despertá-la com um beijo e convencer a de provar o escritório do Jarvis. Consideraria ela que o escritório era uma melhor em relação à mesa de picnic? Em certo modo, ele o duvidava.

Brenna voltou a estremecer-se e Blake franziu o cenho recordando, uma vez mais, quão incompatível eram ela e seu mundo. Murmurou uma maldição, tirou-se a camisa e cobriu a Brenna com ela.

Brenna abriu os olhos e o olhou com um sorriso sonolento.

—Obrigado. Está seguro de que não a necessita?

—Se a necessitasse, não lhe teria dado isso.

Brenna franziu o cenho e fechou os olhos apartando-o, assim, de sua visão. Blake sabia

que se estava mostrando brusco com ela, mas aquela espera interminável o estava consumindo. Possivelmente deveria lhe haver explicado que os paladinos se adaptavam com rapidez às mudanças de temperatura, de um frio intenso até um calor extremo, mas ela já o olhava como se fora um inseto estranho. Quão último queria era lhe proporcionar mais exemplos de quão estranho era.

Brenna se acomodou na cadeira e se agasalhou com a camisa do Blake. Este acreditou que ia se dormir, mas ela voltou a abrir os olhos.

— Quanto tempo estará fora?

— Oxalá soubesse. Se não retornar logo, sairei para buscá-lo. Não se encherá muito o saco se, me encontra rondando por aí, mas será melhor que você te espere aqui.

— por que se zangou tanto contigo?

— Ao te falar dos paladinos e os regentes, rompi minha promessa de silêncio. Ao

mesmo tempo, expu-lo a ele sem lhe haver pedida permissão.

Brenna se endireitou na cadeira.

— A que vem tanto sincretismo? Não me parecem tão distintos a qualquer outra força especial de operações.

— Para começar, outros não lutam com espadas. Depois está o pequeno detalhe de que resulta quase impossível de nos matar. E, se morrermos, voltamos para a vida. Quando pela primeira vez organizaram aos paladinos como uma força de luta contra os Outros, a sociedade tinha a desafortunada tendência de crucificar a qualquer que fora diferente. Então nos escondemos clandestinamente, tão literal como metaforicamente, porque é aqui onde têm lugar nossas batalhas. Quanto menos soubessem outros sobre nós e os Outros, melhor.

Jarvis escolheu aquele momento para aparecer.

— Sinto ter demorado tanto.

—Não tem importância. Estava-lhe dando a Brenna uma breve lição de história a respeito dos paladinos e a razão de que nos mantenhemos em segredo.

Jarvis se deixou cair em sua cadeira e apoiou os pés sobre o escritório.

—Enquanto explica, quer que imprima uma lista dos membros para que possa nos expor a todos de uma vez?

Brenna se endireitou na cadeira, pois uma indignação justificada a dispôs a liberar batalha. Embora ao Blake tivesse resultado divertido vê-la questionar a seu amigo, não tinham tempo para discussões.

—tive que lhe contar nossa história para que saiba a que nos enfrentamos. Brenna é uma pessoa inteligente. Quando compreender nossa situação, guardará nosso segredo. —Blake olhou a Brenna— Eu confio nela.

Para ouvir esta afirmação, Jarvis baixou os pés ao chão e Brenna contemplou ao Blake

com a boca aberta.

Ao final, Jarvis sacudiu a cabeça como querendo limpar a mente.

— Bom, nesse caso, vamos.

— Aonde?

— Aos túneis.

Jarvis agarrou um papel e escreveu uma nota. Blake a leu ao reverso, do outro lado do escritório.

Acreditam que se infiltraram no servidor de nosso ordenador. Meus moços estabeleceram um terminal nas covas, de onde poderemos controlar quem tem acesso a nosso sistema. Dois deles estão trabalhando no disquete e os listrados do juiz. Também equipamos meu escritório para interferir em qualquer escuta indesejada. Só uso minha equipe durante breves espaços de tempo, assim evito levantar suspeitas.

— De acordo. Vamos.

Brenna ficou a camisa do Blake e os seguiu até a porta.

— As covas lhe incomodam, Brenna? —
perguntou Trahern.

Se ela padecia de claustrofobia, decididamente tinham um problema.

— Não sei. Nunca estive em nenhuma.
Jarvis a olhou com incredulidade.

— Mas se te criaste no estado com mais covas e cavernas do mundo! Como é que não visitaste Onondoga ou as Cavernas Meramec?

Brenna se encolheu de ombros.

— Bom, pois te prepare. Está a ponto de visitar uma das maravilhas do mundo menos conhecidas.

Jarvis os conduziu de volta ao elevador e teclou seu código de identificação.

Enquanto o elevador descendia ao mais fundo da terra, Blake permaneceu ao lado da Brenna, se por acaso as profundidades a inquietavam. Ela se apoiou na parede do elevador e fechou as pálpebras. O dia tinha sido muito comprido para ambos e a estas

alturas não parecia ter fim. Blake estava acostumado a viver largos períodos de tempo sem o descanso adequado; mas, por deferência para a Brenna, assim que Jarvis lhes ensinasse o que tinham averiguado graças ao disquete e os listrados, pediria-lhe uma habitação para que ambos pudessem descansar.

Quando chegaram a seu destino, o elevador se deteve com um suave zumbido. Brenna entrou na caverna com olhos maravilhados. A barreira se encontrava na parede do fundo, e seu lhe titilem resplendor iluminava a caverna com um tênue brilho. Blake fechou os olhos e permitiu que a energia da barreira percorresse seu corpo enquanto ele absorvia parte de seu poder. Em seguida captou o instante em que Brenna a viu. Ela se agarrou a seu braço e assinalou aquela maravilha como se ele não a pudesse ver por si mesmo.

— É preciosa.

Como ela, enquanto contemplava todas aquelas maravilhas.

— Posso tocá-la?

— Só se você gosta de jogar com redes de alta voltagem. São muito potentes, por isso os Outros só a transpassam quando está apagada.

— Oxalá tivesse uma câmara! —deu-se conta do que acabava de dizer e emitiu um som de arrependimento— O sinto, me escapou.

Então olhou ao Jarvis.

—Minha profissão consiste em estudar a história e a vida cotidiana das pessoas. Escrever a história dos regentes e os paladinos é algo pelo que os historiadores dariam nosso braço direito.

Jarvis assentiu com a cabeça aceitando sua desculpa e sua explicação. Trahern entendia que a história dos paladinos atraía a um estudioso e pensou em todos os armários repletos de arquivos que se guardavam no

porão do Centro de Seattle. A maioria das mulheres desejava possuir jóias brilhantes ou sair de noite pela cidade, mas Brenna preferiria passar as horas entre todos aqueles arquivos poeirentos. Entretanto, isso nunca ocorreria.

Jarvis os conduziu por um labirinto de túneis, uns estreitos e serpenteastes e outros amplos e com maravilhosas vistas a enorme caverna em que a barreira pulsava e brilhava. Quando chegaram a uma série de cubículos construídos em uma das cavernas de menor tamanho, Trahern voltou a ser consciente de quão estranho resultava ver aparelhos de alta tecnologia rodeados de pedra milenária.

Um paladino que Trahern não conhecia estava sentado ante um ordenador. Seus dedos voavam sobre o teclado. Até que o paladino se reclinou no assento para deixar que o ordenador cumprisse sua função, Jarvis não realizou as apresentações.

— Blake Trahern e Brenna Nichols, este é

John Doe. Embora lhes resulte estranho, todos os que trabalham aqui se chamam John Doe. Se tivéssemos tempo, nós adoraríamos levar a cabo uma análise estatística das vezes que aconteceu algo assim.

Jarvis sorriu.

Se aquele homem se surpreendeu de que lhe tivessem trocado o nome, não o demonstrou.

—Sinto muito o de seu pai, senhorita Nichols. Era um bom homem.

—Obrigado, senhor Doe. Suas palavras significam muito para mim.

O paladino voltou a centrar-se no ordenador e seus dedos voltaram a voar pelo teclado. Outros o observaram em silêncio durante vários minutos. Ao final, Trahern não agüentou mais.

—Jarvis, há algum lugar onde possamos dormir? Levamos todo o dia na estrada e não se pode dizer que a noite passada tenha sido muito tranqüila. —Brenna avermelhou.

Merda, tinha-o expresso mau!— Ontem, quando saí da casa do juiz me dispararam. Não foi grave, mas me doeu um montão.

Jarvis franziu o sobrecenho.

— Quer que um tutor te jogue uma olhada?

—Não, Brenna realizou uns primeiros auxílios básicos e falou com o Devlin Banhe e a doutora Young. Eles lhe disseram o que tinha que fazer.

Seu amigo pareceu convenientemente impressionado e, depois de examinar a Brenna com expressão pensativa, disse-lhe:

—Tendo em conta que lhe dispararam, seqüestraram-lhe que um hospital e que tiveste que passar toda uma noite com um paladino ferido, está bastante bem. Conheço guardas bem treinados que não teriam agüentado tanta pressão.

—Obrigado... Isso acredito. —Brenna o olhou com expressão intrigada, como se perguntasse se Jarvis falava a sério ou não.

—E, sim, Trahern, posso lhes oferecer uma habitação no corredor do lado. Não dispõe de grandes comodidades, mas temos lençóis limpos e muita água quente. —Jarvis chamou por telefone— Farei que baixem suas malas.

Uma só habitação. Provavelmente teria duas camas, pois estavam pensadas para albergar aos paladinos que precisavam descansar quando a barreira flutuava; mas, mesmo assim, estaria muito perto da Brenna. Como se supunha que poderia dormir sabendo que ela estava a escassos centímetros de distância? Blake fechou os olhos e recordou como se havia sentido quando seus corpos estavam unidos e quando a abraçou, depois de que a paixão os deixasse exaustos e felizes. Seu corpo reagiu imediatamente e Blake trocou de posição para ocultá-lo.

Brenna voltou à cabeça para olhá-lo. Seus olhos viam muito, porque em seguida se ruborizou e de novo girou a cabeça.

Entretanto, não pediu que lhes dessem habitações separadas.

Jarvis pendurou o telefone e indicou que o seguissem.

— Desejaria poder lhes oferecer algo mais afastado da barreira, mas acredito que sua energia não te incomodará muito, Trahern, pois agora está mais habituado a de Seattle.

Isso era certo, mas Blake ainda sentia o ligeiro zumbido desta em suas veias. Quanto mais tempo passasse perto dela, mais notaria suas flutuações. A menos que outra coisa ocupasse sua mente. Blake conteve seus desejos de sorrir. Brenna não aceitaria o fato de que se deitasse com ela só para não ter que prestar atenção à energia da barreira.

Brenna lhe tinha devotado uma visão do paraíso ardendo de paixão com ele entre os lençóis, mas o tinha jogado tudo a perder pelo simples feito de que ele se curou da noite para o dia.

E agora teria que passar uma larga noite

acordado e desejando-a quando o que realmente precisava era dormir de verdade.

Blake deu um tapinha no ombro ao misterioso senhor Doe.

—Se descobrir algo que valha a pena, desperta, seja a hora que seja.

Doe olhou ao Jarvis antes de assentir com a cabeça. Ao Trahern incomodou que Jarvis estivesse por cima dele, mas o mesmo lhe ocorria com o Devlin Banhe em Seattle. Ninguém os tinha eleito como líderes e, entretanto, ambos se tinham ganho o respeito de seus companheiros paladinos. Trahern teria que viver com aquela hierarquia.

—Deixarei- instalados e voltarei para trabalho. —Jarvis os conduziu a um dos túneis secundários que se bifurtacavam para a direita.

Os três caminharam em silêncio. Brenna seguia tremendo, face à camisa do Trahern. Ele a teria rodeado com o braço para lhe transmitir o calor de seu corpo, mas não

estava seguro de como reagiria ela. Quão último desejava era que Brenna o afastasse diante do Jarvis e outros. Em privado, agüentaria suas mudanças de humor, mas até aí chegava sua paciência.

Jarvis abriu uma porta e lançou as chaves ao Trahern.

—Como já lhes hei dito, não é grande coisa, mas é um lugar seguro. Se me necessitarem, pulsem o zero no telefone que há junto à cama e peçam que me passem a chamada. Como os móveis não funcionam bem tão perto da barreira, a telefonia por cabo será sua melhor opção.

—Obrigado, Jarvis. —Brenna entrou na habitação, deteve-se e voltou à olhar para o Jarvis—Queria perguntar se Jarvis era seu nome ou seu sobrenome.

—Sim. —O muito imbecil se afastou pelo corredor rendo.

Trahern seguiu a Brenna ao interior da habitação e olhou a seu redor. Não havia

duas camas, a não ser uma, e era de matrimônio. Continuando, examinou o chão. A pedra calcária de este resultaria fria e incômoda para dormir sobre ela. Claro que ele tinha dormido em sítios piores. Ou não?

—O serviço é rápido. —Brenna mostrou sua mala e o mochila de Blake, que estavam no canto do quarto.

—Provavelmente estão ansiosos de ter encerrados a boa cobrança, antes que alguém mais descubra que estamos aqui. —Blake agarrou sua mochila e o deixou sobre a pesada cômoda metálica que havia junto à parede—Telefonarei para pedir outra manta. Resulta quase impossível esquentar um lugar como este com essa caverna enorme aí fora.

—De acordo... Se acredita que podemos necessitá-la.

Brenna entrou no lavabo e fechou a porta atrás dela enquanto Blake se perguntava o que tinha querido dizer exatamente. Acaso acreditava que uma manta para cada um era

suficiente ou que não necessitariam mais porque compartilhariam as mantas e a cama?

Blake desprendeu o telefone:

— Podem nos trazer um par de mantas mais? A senhorita Nichols não suporta o frio tão bem como nós.

E que pensassem o que quisessem! Só ele e Brenna saberiam como se organizariam para dormir. Ele passaria a noite sobre a pedra calcária ou junto à Brenna, inalando seu calor e aquele aroma doce que era tão pessoal e único dela. Tinha suas dúvidas, mas um homem sempre podia ter esperanças.

Brenna se inclinou sobre o lavabo para contemplar melhor seu rosto. Os hematomas já quase tinham desaparecido. Inclusive o corte do braço se ia curando sem problemas. Acabava de lavá-los dentes e o cabelo, que cheirava a limpo, caía em cachos soltos lhe emoldurando a cara.

Teria o valor de entrar na habitação e compartilhar a mesma cama com o Blake?

Tinha pensado na possibilidade de preparar uma cama no chão de pedra, mas finalmente desistiu. Blake tinha sacudido seu próprio mundo com sua forma de fazer o amor e queria comprovar se poderia fazê-lo outra vez.

Respirou fundo, entrou na habitação e viu que Blake se preparava uma acolhedora cama no chão. Ou não estava interessado em compartilhar a cama com ela ou não queria arriscar-se a que ela o afastar-se. Pois bem, já se veria o que aconteceria.

— Já estou. É sua vez.

Para ouvir o tom alegre de sua voz, Blake lhe lançou um olhar de estranheza. Depois agarrou seus acessórios de asseio e suas calças de pijama. Nada mais ouvir o grifo da ducha, Brenna tendeu uma das mantas do Blake sobre a cama para ter mais calor e escondeu o resto do cama de armar que ele tinha preparado debaixo da cama.

Depois apagou a luz do teto, deixando

acesa só o pequeno abajur da mesa de noite. Necessitava as sombras para ocultar sua vergonha, enquanto tentava atrair ao Blake a sua cama.

Antes que pudesse acovardar-se, a ducha se apagou. Tinha chegado a hora da verdade.

Abriu a roupa da cama e se meteu entre os lençóis. Os mamilos em seguida lhe puseram doloridos desejando ainda mais o contato das grandes mãos do Blake para esquentá-los. Deveria tirá-la camiseta e as calcinhas que se pôs depois de tomar banho? Não, já seria bastante vergonhoso que Trahern decidisse dormir no chão sem a humilhação acrescentada de ter que voltar a ficá-la roupa.

A porta do lavabo se abriu. Meu deus! O que tinha feito?

Capítulo 10

Trahern não demorou muito em dar-se conta de que sua cama de armar tinha desaparecido. Seus olhos em seguida procuraram a Brenna e então se deu conta de que ela tinha colocado outro travesseiro na cama.

—Se compartilharmos cama, eu não ficarei em meu lado, Brenna.

—Sei-respondeu Brenna, desejando que Blake deixasse de ser tão nobre.

—Sigo sendo um paladino e tudo o que suporta. Nada trocou.

Por que não se calava e o fazia o amor de uma vez?

— Isso também sabe.

— Então tire a calcinha e a camiseta

Algo no brilho de seus olhos esquentou o coração da Brenna e lhe deu valor. Blake Trahern, paladino e guerreiro, queriam-a

tanto como ela o queria a ele. Um calor úmido lhe instalou entre as pernas e seus peitos ficaram em tensão. Brenna tirou a camiseta e a lançou ao chão. Logo que podia esperar a que lhe agarrasse os peitos com as mãos e os chupasse com aquela boca teimosa e maravilhosa que tinha. Se por acaso ele não captava a idéia, Brenna segurou os peitos e os levantou exigindo a imediata atenção do Blake.

A expressão do paladino se suavizou até converter-se, quase, em um sorriso.

— Primeiro te tire as calcinhas. Não quero que nada se interponha em meu caminho.

A visão que criaram suas palavras fez que Brenna avermelhasse enquanto as calcinhas se uniam a sua camiseta. Mas os dois podiam jogar a aquele jogo.

— Agora é você.

Blake se tirou a camiseta e as calças com rapidez para ficar perfeito e deliciosamente nu. O corpo da Brenna não era o único que

queria algo mais que uns olhares quentes e um strip-tease.

— Vêem aqui, Blake. Agora. — Brenna estendeu os braços — Sinto-me vazia.

Blake se aproximou da cama dando largos passos. Um guerreiro que reclamava seu castigo premio noturno. Quando apartou as mantas e se deitou na cama, a rajada de ar frio que provocou em seguida se viu substituída pelo calor de seu corpo.

— me diga o que quer Brenna.

Ela voltou a levantar seus peitos e ele, obediente, plantou um malicioso e quente beijo justo em um de seus mamilos. Brenna colocou as mãos do Blake em lugar das suas e assim lhe apertou os peitos com suavidade. Brenna fechou os olhos e gemeu de prazer enquanto ele esfregava a áspera pele daquela cara contra a tenra carne dos peitos da Brenna.

Blake se deteve.

— Deveria me haver barbeado.

Brenna deslizou os dedos por sua bochecha.

— Eu gosto de seu tato. Agora me beije.

— Sim, senhora.

Blake se deitou em cima de Brenna e obedeceu sua ordem enquanto, com seu beijo, pressionava a cabeça dela contra o travesseiro. Sua língua exigiu entrar na boca da Brenna lhe indicando que, embora ela pudesse ter começado aquele baile, ele pensava tomar a iniciativa. Brenna se lambeu os lábios convidando-o a entrar enquanto separava as pernas para acolhê-lo no centro de seu corpo.

Resultava tão prazenteiro o ter de novo entre os braços e sentir sua prodigiosa força! Enquanto suas línguas jogavam e se entrelaçavam, Blake levantou as pernas da Brenna e as colocou sobre seus quadris. Ela juntou os tornozelos nas costas do Blake, desejosa de que ele a possuísse com força e rapidez.

O sussurro da risada do Blake percorreu todo o corpo da Brenna.

—Temos um pouco depressa, não? —
Quero-te, Blake.

Tinha compreendido ele que ela se referia a algo mais que ao sexo? Esperava que sim.

Depois de realizar dois fortes empurrões Blake se situou no mais fundo do interior da Brenna e, pela primeira vez em todo o dia, ela deixou de sentir frio. Blake girou sobre si mesmo transportando a Brenna com ele. Quando ela se endireitou, ele penetrou ainda mais em seu interior conseguindo que se sentisse ampla e cheia.

As mãos do Blake agarraram os peitos da Brenna e os apertaram enquanto ela se balançava para diante. Blake lhe chupou os peitos, transportando-a até a loucura. Ela o recompensou subindo e baixando com rapidez e aprisionando-o com seus músculos internos. Blake gemeu. Brenna sorriu e o voltou a repetir.

Blake a olhou com olhos resplandecentes, lhe advertindo que a represália seria imediata e prazenteira. Depois de umas quantas subidas e baixadas mais, de repente Brenna se encontrou tombada sobre suas costas e com as pernas nos ombros do Blake enquanto ele descidia com seus beijos por seu estômago até as dobras que havia entre suas pernas.

O quente fôlego do Blake fez que Brenna se estremecesse, e lhe lambeu as úmidas dobras acendendo a chama de seu desejo enquanto procurava sem trégua seu prazer. Mas ela não queria alcançar o clímax sem ele.

— Por favor. Preciso voltar a te ter dentro de mim.

Brenna se deu a volta e dobrou os joelhos oferecendo-se a ele na postura mais primitiva que conhecia.

— Deus, volta-me louco, mulher!

Blake deslizou a mão entre as pernas da Brenna enquanto a acariciava e introduzia

um dedo em seu interior. Ela afundou a cara no travesseiro afligido por todas as sensações que experimentava.

— Brenna!

Seu nome soou como uma prece enquanto Blake se unia a ela pouco a pouco, lhe permitindo ajustar-se à nova posição. Blake se agarrou a seus quadris e a penetrou mais fundo e com mais rapidez procurando essa felicidade suprema que só o corpo da Brenna lhe proporcionava.

Enquanto o universo se desmoronava a seu redor, Blake e Brenna gritaram de êxtase e, continuando, derrubaram-se. Quando, pouco a pouco, foram recuperando a prudência, Blake a abraçou e lhe deu um beijo doce e tenro.

Apagou a luz da mesa de noite e se acomodou junto a ela com a promessa de manter longe escuridão.

Tinha acordado quase uma hora, mas não

tinha pressa por abandonar o calor da cama. Adorava sentir a curva das costas da Brenna junto a ele.

Brenna se estremeceu.

— bom dia.

— Sim que o são. — Blake lhe deu um beijo na bochecha enquanto lhe deslizava a mão pelas costas e riscava a curva de seus quadris — Dormiu bem?

Ela se voltou para ele e sorriu.

— Muito bem.

Blake lhe rodeou a cintura com o braço e a aproximou mais a ele para lhe fazer notar o bem que se sentia ele. Brenna deslizou a mão entre seus corpos e admirou a largura e a grossura do seu membro de Blake com os dedos.

Um prazer puramente físico ardeu no corpo do Blake enquanto este reclamava os lábios da Brenna. Adoraria terminar o que tinham começado, mas ela devia estar um pouco dolorida pela atividade noturna.

Necessitou de todas suas forças para romper o beijo e retirou a mão da Brenna da tentação.

— Que tal se for procurar algo para tomar o café da manhã?

— Sonha bem.

Blake se sentou e desprendeu o telefone. Enquanto esperava que alguém respondesse, Brenna se ajoelhou e se apoiou em suas costas. Jarvis desprendeu o telefone justo quando lhe começava a morder a orelha de Blake.

— Para!

— Que pare o que? Eu não tenho feito nada. A voz do Jarvis continha um rastro de risada. Blake agarrou a mão da Brenna e apertou com força.

— Perguntava-me onde poderíamos conseguir algo de comer por aqui.

— Volta para a caverna principal tem o elevador até o segundo nível. Encontre John Doe que te mostre a direção.

— Obrigado.

—Se te der pressa, depois de tomar o café da manhã possivelmente possa te unir a nós nos exercícios matutinos. —Parece divertido. Aí estarei.

Blake pendurou o telefone e agarrou as mãos da Brenna entre as suas.

—Escuta mocinha, tenho que reservar minhas forças para demonstrar ao Jarvis quem de nós é melhor espadachim.

—Eu poderia lhe contar quão bom é—declarou Brenna com um sorriso sedutor, enquanto contemplava certa parte da anatomia do Blake—depois de tudo, conheço de primeira mão sua habilidade com a espada.

—Sim, mas então quererá te demonstrar quem é o melhor e eu terei que lhe dar uma surra—Blake puxou Brenna para que descesse da cama—nos Vistamos. Tenho fome.

Brenna pôs a rir.

—A mim também. Está seguro de que não

podemos chamar o serviço de quarto?

— A verdade é que não imagino ao Jarvis vestido de uniforme estendendo a mão para que lhe demos uma gorjeta.

Brenna começou a tirar roupa de sua mala.

— Poderei ir também?

Trahern vestiu a camiseta. Não estava seguro de que Brenna estivesse preparada para ver os paladinos exercendo seu ofício, embora só fora em uma sessão de práticas.

— O perguntarei ao Jarvis. Possivelmente prefira que te mantenha fora da vista de outros.

Blake observou a Brenna enquanto ela estava com camisa que lhe tinha emprestado no dia anterior. Gostava de vê-la vestida com sua camisa. Possivelmente ela queria ficar para sempre, mas ele também a queria porque conservaria seu aroma. adoraria ter aquela lembrança olfativa dela quando retornasse a Seattle.

— Preparada?

— Preparada.

— Sempre que se mantenha longe, não vejo por que não pode nos olhar.

Brenna obsequiou ao Jarvis com um amplo sorriso.

— me deixem em um canto e não notarão nem que estou aqui.

Jarvis arqueou uma sobrancelha.

— Carinho, é a única mulher em todo o edifício. Asseguro-te que não passará inadvertida.

Jarvis abriu uma porta que comunicava com um ginásio de grande tamanho. No interior já havia uns quantos homens, a maioria realizando estiramentos ou hábeis movimentos. Todos mediam mais de um metro oitenta e estavam em muito boa forma, embora, em opinião da Brenna, Jarvis e Trahern destacavam por cima deles. A verdade era que nunca tinha visto tantos bombons juntos!

Brenna se sentou em cima de um montão de colchonetes de ginástica e se apoiou na parede para contemplar o espetáculo. Durante os minutos seguintes, mais homens, conforme deduziu Brenna todos os paladinos, entraram no ginásio. Jarvis indicou que escolhessem uma espada que havia sobre uma prateleira.

Trahern tirou a camiseta e a lançou a Brenna. Ela o observou enquanto ele escolhia uma espada e comprovava o tamanho e o estado do punho e a folha. Blake a devolveu à prateleira escolheu outra e a brandiu várias vezes antes de sentir-se satisfeito. Brenna não podia separar a vista da flexão e estiramento de seus músculos enquanto brandia a espada. Embora não tivesse sabido a que se dedicava, teria reconhecido nele a um guerreiro. Blake olhou para onde estava Brenna e ela se ruborizou, pois se precaveu de que a tinha pilhado admirando-o.

Blake lhe piscou um olho enquanto se

dirigia aonde se encontrava Jarvis. Os dois homens levantaram a ponta da espada para o teto em sinal de saudação e maravilharam a Brenna com um desdobramento de graça e poder enquanto tentavam tirar o melhor um do outro. Pareciam muito iguais e, de maneira alterna, um ou outro dominava o enfrentamento.

Brenna se deu conta de que o resto dos homens tinham deixado de realizar seus exercícios para contemplar a Jarvis e Trahern. Pelo sorriso de seus rostos, deduziu que estavam desfrutando do espetáculo tanto como ela. Os dois lutadores gotejavam suor e tanto a ferocidade de sua expressão como sua determinação para dominar ao adversário tinham fascinados a outros paladinos.

Seus estilos de luta eram muito distintos. Jarvis era rápido e se movia com a graça de um bailarino, enquanto que

Trahern utilizava, sobre tudo, seu tamanho e sua força. Ao final, em resposta a

um sinal invisível entre eles, deixaram de lutar e se separaram um do outro.

Jarvis tendeu a mão ao Trahern.

— Vá, com a idade melhoraste!

— Sim, bom, e você te movem bastante bem para ser um velho.

Alguns dos paladinos riram e Jarvis se voltou para eles.

— Algum de vós quer ver o que pode fazer este velho?

A maioria deles levantaram as mãos e retrocederam, mas uns quantos se mantiveram firmes. Jarvis assentiu com a cabeça.

— Trahern, quer me ajudar a dar uma surra nesses paladinos?

— Sonha divertido. — Trahern se colocou junto a seu amigo — A quantos nos enfrentamos cada vez? Não dispomos de todo o dia.

— Tem razão. Que tal a todos de repente?

A luta começou com o Blake e Jarvis

costas contra costas e enfrentando-se a todos os que os atacavam. Brenna os observava com o coração na garganta, enfeitiçada pela beleza do que faziam e, ao mesmo tempo, aterrada ante a possibilidade de que a alguém se o fora a mão e corresse o sangue.

Trahern e Jarvis venceram gradualmente a seus oponentes até que só ficaram quatro. Brenna esperava que, para então, os dois amigos mostrassem algum signo de cansaço; em troca, Trahern desdobrou mais potencializa e obrigou aos dois homens aos que se enfrentava a retroceder e render-se. Jarvis o aceitou como a provocação que era e, em um abrir e fechar de olhos o venceu também a seus dois oponentes.

Todos os presentes romperam em uma salva de aplausos para os vencedores. Jarvis e Trahern sorriram e entregaram suas espadas aos paladinos que tinham mais perto.

— Olha que jogava isto de menos! — Jarvis deu uma palmada ao Trahern no

ombro — Possivelmente não tenha muito estilo, moço, mas ninguém te pode vencer em força e pontaria.

Trahern olhou com ironia a seu amigo.

— Prestar atenção a quem chamas moço, velho; mas, quanto a você e Devlin, devo reconhecer que aprendi com os melhores.

Brenna não encontrava as palavras adequadas para descrever o que acabava de presenciar. Havia visto muitas competições esportivas e sabia do que era capaz um atleta bem treinado, mas nada do que tinha visto até então podia comparar-se com a beleza e a gracilidade mortífera daqueles homens brandindo suas armas.

E seu amante era o melhor de todos. Enquanto entregava a camiseta ao Blake, não soube como sentir-se com tudo aquilo.

— Não está dormindo. — Brenna levantou a cabeça para olhar ao Blake — Algo vai mal?

— trata-se da barreira. Posso senti-la. — Blake se voltou sobre suas costas e cruzou os

braços por debaixo de sua cabeça—quanto mais tempo passo aqui, mais sensível me volto para ela.

Brenna riscou com frouxidão um círculo sobre o peito do Blake com a ponta do dedo.

— trata-se de uma sensação agradável?

— É uma espécie de vibração que se pode experimentar como algo bom ou algo mau. Poderia comparar-se a uma melodia que sonha discordante durante umas quantas notas; o qual, em lugar de relaxar.

— O que se sente quando se apaga por completo?

— Como se gritasse pedindo ajuda. Quando isto acontece, todos os paladinos da zona agarram uma espada e correm para ela. Alguns têm a habilidade de restabelecer o fluxo de energia. Enquanto isso, o resto luta contra os invasores.

Brenna se estremeceu.

— E por que seguem tentando nos invadir, se já sabem que os paladinos estão

esperando?

— Boa pergunta, a que nunca encontramos uma resposta satisfatória. A maioria dos Outros, quando cruzam a barreira estão sedentos de luta. Carregam contra nós até com muito poucas probabilidades de êxito. Nós, por nossa parte, tentamos evitar com todas nossas forças que cheguem à superfície, porque mataria a tudo ser vivente.

— E o resto dos Outros?

— Ultimamente, alguns atuam como se tivessem conseguido um passe a nosso mundo pagando sua entrada com umas pedras azuis que não existem aqui. Nós os obrigamos a retroceder e, se não o fizerem, matamos todos.

— E o que tem que os poucos que conseguem chegar à superfície? O que acontece?

Brenna olhava ao Blake com os olhos como pratos.

— Se estiverem loucos, encontramos e

matamos. O resto desaparece entre a população e encontra uma forma de viver.

A mão com a que Brenna brincava sobre o peito do Blake ficou imóvel.

— Alguns se casaram com seres humanos, não?

— sim.

— E seus filhos são muito distintos dos humanos? — Brenna se acomodou junto ao Blake — Há alguma forma de distingui-los?

Blake não sentia desejos de responder a sua pergunta, mas não lhe mentiria.

— Externamente, não.

— E internamente?

Blake levantou a vista para o teto, agarrou a mão da Brenna e a beijou na palma.

— Têm algumas habilidades especiais. Uma delas consiste em recuperar-se das feridas mortais.

Brenna não demorou muito a ligar as coisas.

— A mescla de seus genes e os dos

humanos dá como resultado aos paladinos, não?

— Sim, essa é nossa sorte.

Brenna se estreitou mais contra ele.

— me diga se o entendi bem. Sua contribuição a sua formação genética permite recuperar de feridas que resultariam mortais para os seres humanos, mas só durante certo tempo. Depois, algo muda?

Blake contou a crua verdade.

— Sim, convertemos no pior tipo dos Outros, dispostos a matar a qualquer ser vivente que se cruze em nosso caminho. Esta é a razão de que, quando nos ferem ou nos matam, nos amarram a uma maca de aço com pesadas cadeias. Segundo como despertamos, alimentam-nos ou nos matam. Não há meio termo.

Blake esperava que Brenna se afastasse dele; mas, pelo contrário, ela deitou a cabeça sobre seu peito. Depois o beijou com doçura na boca, separou os lábios com sua língua

procurou a dele. O beijo da Brenna foi comprido e úmido, o presente mais doce que lhe tinham dado jamais.

Blake rodeou sua mulher com os braços e a apertou contra seu coração tanto como pôde. Pela primeira vez em sua vida, enfrentava-se às sombras que configuravam seu mundo sem sentir-se sozinho.

Nas profundidades das cavernas, resultava impossível saber quanto tempo levavam dormindo. Brenna se moveu ligeiramente. Sentia-se dolorida e intumescida. Claro que isto não deveria surpreendê-la, pois ela e Trahern tinham realizado um bom exercício durante a noite. Ela não era uma completa novata, mas nunca tinha tido um amante que a fizesse sentir como o fazia Trahern. Nem de longe.

— por que sorri? — A voz do Blake ecoou em seu peito, onde Brenna tinha a cabeça apoiada.

— Como sabe que estou sorrindo?

Ao não dispor de nenhuma janela, a habitação estava completamente às escuras, a menos que um deles acendesse uma luz.

— notei.

Blake levantou o queixo da Brenna e lhe deu um beijo na boca.

— Estou sorrindo por você, por tudo isto.

Blake apoiou uma perna em cima das da Brenna.

— Assim que você gosta verdade?

Brenna lhe deu uma tapa no braço.

— Não me parece que seja o tipo de homem que precisa ir por aí procurando competição. Verdade que há um montão de mulheres fazendo fila por ti.

— Não, não houve tantas. Em geral, os paladinos não são o tipo de homens que se casam, assim que as mulheres percebem isso mantém afastadas de nós. Qualquer mulher encontraria algo melhor que um homem que ganha à vida matando.

Brenna pensou em todas as gerações de

paladinos que se perderam a vida matando sem nenhum tipo de amor ou compaixão que compensasse seu trabalho e os olhos lhe encheram de lágrimas. Cortava o coração pensar em como deviam sentir-se aqueles homens. Se dependesse dela, Blake jamais esqueceria que a mulher que compartilhava sua cama se preocupava com ele.

Estava a ponto de demonstrar especificamente este fato, quando um alarme que teria despertado aos mortos se disparou ao outro lado da porta. Blake a empurrou virtualmente a um lado apartou as mantas de um chute e saltou da cama. Caminhou a até a porta e acendeu a luz do teto. Brenna se sentou piscando a causa do repentino resplendor.

— O que ocorre, Blake? — perguntou, enquanto tentava não sentir-se ferida por seu brusco comportamento.

— A barreira. Apagou-se. — Blake se estava vestindo as calças e a camiseta a toda

velocidade—Não dispara o alarme a menos que seja grave. Retornarei assim que puder.

Blake podia estar na habitação fisicamente, mas Brenna sabia que já não se encontrava ali. Isto era o que ele tinha estado tentando lhe explicar. Sempre que a barreira estivesse em perigo, ele tinha que lutar.

Blake abriu um pequeno armário que havia em um quarto, agarrou uma espada e a testou. Que cômodo, espadas de empréstimo! Blake testou um par de espadas mais antes de escolher uma comprovou mais uma vez.

O alarme seguiu soando. O que devia fazer? Certamente, não pensava esconder-se debaixo dos lençóis. Brenna se dirigiu ao lavabo, abriu o grifo da ducha e se lavou os dentes enquanto esperava a que a água saísse quente. Tomou seu banho vestiu com rapidez. Depois de secar o cabelo tanto como pôde com uma toalha, o escovou a toda pressa.

Já não ficava outra coisa que fazer mais

que arrumar a cama e a roupa de sua mala. Hesitou antes de fazer o mesmo com a mochila do Blake e se perguntou mexer entre suas coisas não seria algo muito pessoal. Então pôs a rir. Conhecia o Blake o suficiente para praticar o sexo apaixonado durante toda a noite com ele, mas não para lhe dobrar as calças sem perguntar-lhe Brenna avançou até o fundo do túnel. Depois de dar uma rápida olhada na caverna soube que nunca voltaria a ser a mesma. Claro que sua relação era só temporária. Desfrutavam praticando sexo juntos, mas Trahern tinha deixado claro que não passariam o resto da vida um com o outro. Se quisesse proteger seu coração, tinha que pôr alguns limites.

O alarme se apagou e o repentino silêncio que se produziu quase lhe causou o mesmo impacto que o potente ruído. Quando o zumbido de seus ouvidos se desvaneceu, Brenna ouviu com clareza outros sons; uns sons que lhe puseram os nervos formaram

um nó no estômago. Brenna distinguiu o entrechocar de umas folhas de aço e os gritos de dor de alguém que caía ferido ou que, possivelmente, agonizava.

Trahern havia dito que, em geral, os paladinos sobreviviam a qualquer ataque; mas ela não estava convencida de que assim era. Curar-se com rapidez era uma coisa, mas ressuscitar de entre os mortos era algo muito diferente. O ruído subiu de intensidade e, de repente, desvaneceu-se na distância. A habitação estava em um túnel que conduzia à caverna principal e não havia forma de saber a que distância se estava liberando a batalha.

Brenna respirou fundo e girou com cautela o trinco da porta para jogar uma olhada ao aspecto. Seus sentidos em seguida se viram alagados pelo ruído e os aromas da luta. Um aroma acre e denso a sangue, a muito sangue, flutuava no ar. Ao percebê-lo, Brenna sentiu desejos de fechar a porta e esconder-se; mas, não longe de ali, um

homem gemia de dor.

Certamente, Blake se zangaria muito com ela por abandonar a segurança da habitação, mas tinha que averiguar se podia ajudar a alguém. A zona do túnel próxima à habitação estava vazia. Brenna correu para a caverna sabendo que se expor a muito mais que a uma reprimenda do Blake ou Jarvis. Conforme chegava ao final do túnel, o ruído do entrecocar das espadas e os gritos dos homens em duas línguas distintas aumentaram de volume. Brenna reconheceu uma das línguas como a sua própria; a outra era mais gutural e resultava dura ao ouvido.

Brenna avançou até o fundo do túnel. Depois de dar uma rápida olhada à caverna, soube que nunca voltaria a ser a mesma. Graças à televisão, todos conheciam os horrores da guerra; mas as imagens da televisão logo que era uma sombra da realidade. O que Brenna viu parecia uma cena do mesmo inferno, todo caos e terror.

Resultava fácil distinguir aos Outros porque foram vestidos de negro e cinza, o qual encaixava com a cor escura de seu cabelo. Em contraste com estas cores, sua pele destacava por ser extremamente pálida.

Os paladinos, por sua parte, vestiam, em sua grande maioria, com jeans e camisetas. Uns quantos vestiam calças de moletom e outros levavam o torso nu e umas calças de pijama de flanela. A luta parecia oscilar entre dois extremos. Uma vez os Outros ganhavam terreno e, outras, retrocediam enquanto os paladinos os empurravam sem descanso para a barreira.

Havia muitos corpos no chão. Alguns eram de paladinos, mas quase todos eram dos Outros que se contorciam de dor ou estavam mortas. Brenna procurou com frenesi ao Trahern. Ao final o viu, costas contra costas com o Jarvis. Os dois brandiam suas enormes espadas em amplos semicírculos mantendo a raia a uns quantos

Outros que lutavam com determinação. Vários de seus irmãos tinham cansado frente às espadas dos paladinos, mas eles seguiam atacando.

No dia anterior, ela tinha visto o Jarvis e Trahern treinar-se na luta; mas agora, ao vê-los, sentiu náuseas e medo. Embora Blake lhe tivesse falado de sua vida do primeiro momento, nada do que lhe tinha contado a tinha preparado para aquele horror.

Brenna sentiu desejos de gritar, mas se conteve. Quão último necessitavam aqueles homens em meio de uma batalha era a distração de uma mulher em pleno ataque de histeria, O que podia fazer para ajudá-los? Aquele simples desejo poderia constituir uma loucura; mas só alguém sem coração não sentiria o impulso de querer aliviar o sofrimento que presenciava.

Ao final, Brenna viu, a poucos metros de distância, que um paladino gravemente ferido se arrastava para ela deixando um

rastro de sangue atrás dele. Naqueles momentos, a batalha se deslocou em sentido contrário. Sem conceder-se tempo para pensar, Brenna entrou na caverna, agarrou ao homem pelo braço e o arrastou até uma zona mais segura.

— Com minha ajuda, poderia ficar de pé?

Ele assentiu com a cabeça enquanto realizava um gesto de dor. Ao segundo intento, ele conseguiu levantar-se, embora apoiasse a maior parte de seu peso no ombro da Brenna. Juntos conseguiram percorrer a curta distância que os separava do túnel e, quando estiveram fora do alcance da vista dos que estavam na caverna, Brenna deixou ao paladino ferido no chão.

— Em seguida volto.

Brenna correu até sua habitação e apanhou as toalhas. Encontrou uma equipe de primeiros socorros no armário das armas e também agarrou o resto dos produtos médicos que ela e Blake tinham comprado

antes de retornar junto a seu paciente.

Ele seguia onde ela o tinha deixado. Sua cara gotejava suor a pesar do frio. Brenna se ajoelhou a seu lado e abriu a maleta de primeiros auxílios. Os artigos do interior pareciam absolutamente insuficientes para as feridas abertas do braço e a perna do paladino. A perna da calça de seu jeans estava empapada em sangue. E sua camisa, também.

— vou cortar lhe os jeans.

Ele se mordeu o lábio inferior e assentiu com a cabeça.

Brenna utilizou umas tesouras para deixar ao descoberto o profundo corte que o paladino tinha na coxa. O corte era irregular e chegava até o osso. Ele devia sofrer muito, mas enquanto ela retirava os fios da malha dos jeans que se pegaram à ferida e a limpava o melhor que podia, ele só soltou um gemido. Brenna aplicou umas gazes podas sobre a ferida e as sujeitou à perna com esparadrapo.

Comparativamente, ferida-las do braço pareciam muito menos graves. Brenna se centrou em deter a hemorragia que emanava das feridas, a qual foi diminuindo conforme ela as enfaixava. Para sua surpresa, quando acabou de lhe colocar a última parte de esparadrapo, o paladino ficou de pé.

— O que está fazendo?

Brenna não podia acreditar que aquele homem pudesse mover-se, e muito menos levantar-se por seus próprios meios.

Ele assinalou a caverna com a cabeça.

— Ainda não terminou. Seja quem for, obrigado.

Depois de lhe dar um rápido beijo na bochecha, o paladino partiu. Brenna o contemplou enquanto se afastava coxeando e deixando-a junto a um montão de toalhas ensangüentadas e os restos pulverizados da equipe de primeiros socorros. O que podia fazer agora? Esperar até que outro paladino ensangüentado ficasse a seu alcance? Do que

servia curá-los, se eles voltavam a lançar-se ao coração da batalha? Sem dúvida, pessoas como a doutora Young levavam anos formulando-se estas mesmas perguntas. Brenna recolheu tudo o que havia pelo chão e retornou a sua habitação.

Presenciar a batalha, embora só tivesse sido durante um breve instante, constituía uma valiosa peça do quebra-cabeças que Trahern tinha tentado lhe ajudar a entender. Os paladinos se curavam com rapidez. Os paladinos lutavam contra os Outros. Os paladinos não eram completamente humanos. Tinham vistas solitárias perto dos enguiços continentais e os vulcões, ocultando ao resto da humanidade as batalhas que liberavam. E a lista seguia e seguia.

Trahern se sentia orgulhoso daquilo no que se converteu, o qual era compreensível. Mas, no mais fundo de seu coração, estava convencido de que estava perdendo a conexão com sua humanidade. Entretanto,

nenhum homem tratava a uma mulher como ele a tinha tratado, tão dentro como fora da cama, se não experimentava fortes sentimentos para ela. E se Blake se preocupava com ela, então havia esperança para ele. Brenna se negava a acreditar o contrário.

Sentada no bordo da cama, fez o que as mulheres levavam fazendo durante uma eternidade: esperar a que seu homem retornasse da guerra.

Capítulo 11

Trahern entregou a espada ao armeiro.

—Sinto o estado da folha. Tive que parar com ela um par de ataques com uma tocha.

O armeiro local deslizou a mão pela folha.

—Fez seu trabalho. Isso é o que importa. Repararei-a amanhã.

—Obrigado por me emprestar. Deixei-me a minha em Seattle.

—Não há problema. Por isso ouvi, estão muito contentes de que hoje você haja brandido aí fora. —O homem se voltou para guardar a espada—E, ao menos, conheço um homem que lhe está muito agradecido a sua mulher.

A temperatura da habitação caiu dez graus de repente.

— De verdade? E quem é ele?

Algo, no tom de sua voz, ou possivelmente a forma em que apertou os

punhos, advertiu ao armeiro de que, de maneira involuntária, introduziu-se em terreno perigoso. O armeiro se separou do mostrador aproximando-se de uma espada que tinha detrás.

—Pelo visto, ela o viu sangrando no chão da caverna e o arrastou até um túnel para lhe curar a perna e o braço. Sem dúvida, fez um trabalho excelente, porque ele retornou à batalha. Quão último ouvi é que os tutores se ocupavam dele, mas, graças a ela, ficara curado sem ter que morrer antes.

—Transmitirei-lhe a boa notícia.

Trahern se obrigou a relaxar as mãos a pesar do profundo medo que experimentava nas vísceras. Que demônios fazia Brenna na caverna? Devia estar louca, porque ele sabia que não era uma estúpida. O que teria passado se a tivessem ferido a ela com uma espada no braço ou na perna? Poderia haver-se sangrado até morrer antes de que ele sequer tivesse sabido que estava ferida.

Tinha planejado deter-se nas duchas e lavar-se um pouco antes de retornar à habitação, mas agora não pensava fazê-lo. Se Brenna tinha presenciado a batalha, não lhe surpreenderia que ele estivesse empapado de sangue.

As batalhas sempre o deixavam anti-social e irritável. Tinha pensado deixar a Brenna só durante o resto da noite porque se sentia como uma bomba relógio. Mas se não podia confiar-se em que ficasse no quarto, quando a barreira voltasse a apagar-se, constituiria um perigo para ela e para outros.

Enquanto a raiva e a adrenalina ferviam em suas veias. Os trabalhos de limpeza da caverna já estavam em andamento e os agentes montavam guarda enquanto os paladinos mortos ou feridos eram levados aos tutores. Os cadáveres dos Outros já tinham desaparecido. Blake nunca tinha perguntado o que faziam com eles, nem lhe importava.

Quando chegou ao quarto, não se incomodou em bater na porta.

Brenna estava sentada no bordo da cama com as mãos sobre o regaço. A julgar pela palidez de sua cara, sua breve incursão na realidade do Blake a havia comocionado.

Bem! Assim era como devia estar, assustada.

Blake se foi diretamente ao lavabo para dar uma ducha bem merecida. Naquele momento, não se confiava tanto em si mesmo para estar seguro de não fazer nada contra Brenna. Não porque fora a fazer-lhe intencionalmente, mas sim porque o ardor da batalha ainda fervia em suas veias.

Antes que a porta se fechasse por completo, Brenna entrou no lavabo.

— Não!

Foi à única advertência que Blake pôde pronunciar.

— Cala Blake. A estas alturas já deveria saber que não respondo bem às ordens.

Brenna lhe tirou a camiseta rota e manchada de sangue. Seu expressivo rosto não mostrou medo, só preocupação por um par de cortes superficiais e os novos morados do Blake. Suas mãos, extremamente suaves, examinavam ao Blake em busca de possíveis feridas e seu contato constituiu um bálsamo curador para algo mais que as feridas. Blake fechou os olhos e notou como a febre da batalha se desvanecia e era substituída por algo igual de ardente, mas que procedia de uma fonte totalmente distinta.

Agarrou a Brenna pelo pulso para evitar que ela continuasse com sua exploração e ele perdesse o controle.

—Tenho que tomar banho. —Ela esboçou um de seus sorrisos mais tentadores.

— Necessita que alguém te esfregue as costas?

As boas intenções do Blake encontraram uma morte rápida. Seguia querendo lhe dar uma boa reprimenda por arriscar sua vida,

mas isso podia esperar. Naquele instante, ela teria sorte se ele não a possuía contra a parede sem nenhum preâmbulo nem refinamento.

— Não estou de humor para ser amável.

— Blake lhe soltou o pulso, lhe oferecendo uma última oportunidade para afastar-se dele.

Brenna não hesitou. Ficou nas pontas dos pés, rodeou-lhe o pescoço com os braços para lhe dar um beijo ardente e ansioso. Suas línguas lutaram pela supremacia, mas não importava qual delas dominasse a situação. Os dois ardiam com um fogo que só uma coisa podia aplacar.

Blake se apartou o suficiente para desabotoar os jeans a Brenna e deslizou sua mão até o membro duro de Blake. Brenna já estava úmida, o qual constituía tudo o convite que ele necessitava. Blake lhe baixou com ímpeto os jeans e as calcinhas. Brenna sorriu, acabou de tirar-lhe com os pés e

separou as pernas em sinal de convite. Blake se ajoelhou, colocou uma das pernas da Brenna sobre seu ombro e sorriu ao ver a faminta expressão daquele rosto enquanto lhe cravava os dedos no ombro e esperava que ele atuasse.

— Por favor, Blake!

O se aproximou dos cachos que cobriam o ponto de união de suas pernas e a beijou no interior da coxa. Com o toque mais ligeiro que pôde realizar, Blake deslizou com lentidão seus dedos pela parte interior da perna da Brenna até o joelho.

Brenna entrelaçou seus dedos com o cabelo do Blake e o obrigou a levantar a cabeça.

— Jamais imaginei que fosse um provocador.

— Carinho, tem muitas coisas que você ainda não sabe.

Blake subiu os dedos pela parte posterior das coxas da Brenna, agarrou-lhe as nádegas

e as apertou aproximando-os tenras dobras à boca. Brenna ficou a tremer enquanto lhe lambia o sexo com suavidade, mas ela estava ao perto do clímax, assim Blake se afastou. Brenna demonstrou sua frustração.

Blake levantou e levou as mãos da Brenna aos botões do fechamento de seu jeans.

Enquanto ela o provocava e esfregava a parte frontal das calças do Blake, ele a estreitou contra seu peito para beijar o ponto da veia na base de seu pescoço. Brenna lhe desabotoou os botões da calça um a um, até que Blake ficou livre. Ela ronronou de prazer enquanto agarrava e lhe acariciava o membro, comprido e duro. Se lhe permitisse continuar, tudo teria acabado muito antes que a ele lhe tivessem acabado as idéias sobre como atormentá-la.

Blake apartou as mãos da Brenna de seu corpo e a levantou apoiando-a nos ladrilhos da parede. Com um simples empurrão, fundiu seu corpo com o dela. Blake entrou e

saiu do interior de Brenna repetidas vezes, levando-os a ambos além dos limites da prudência. Respirou entrecortadamente enquanto queimava os últimos restos de adrenalina de seu corpo. Adorava a forma que Brenna tinha de ofegar e de agarrar-se a ele, lhe cravando as unhas nos ombros.

Antes de perder o controle por completo, Blake se separou da Brenna. Sem lugar a dúvidas, ela não se sentiu feliz quando ele a deixou de pé no chão, mas Blake a conduziu até a cama.

—Sente-se.

Por uma vez, ela obedeceu sem discutir. Blake se ajoelhou entre as pernas da Brenna e lhe tirou a camisa. Adorava a curva de seus peitos aparecendo pelo bordo superior de seu prendedor e lhe demonstrou seu prazer com vários beijos breves e rápidos. Com uma flexão dos dedos, Blake lhe desabotoou o prendedor, do sutiã de Brenna e jogou ao chão. Brenna empurrou a cabeça do Blake

para baixo, para que lhe chupasse os peitos. Sabia que tinha que atuar com delicadeza para não lhe irritar a fina pele com as calos de suas mãos, mas a julgar pelos ronronar que procediam da garganta da Brenna, isto não parecia lhe importar absolutamente.

— Te deite Brenna — Uma vez mais, Blake levantou as pernas da Brenna até seus ombros, separando-lhe amplamente — É tão bonita!

Ela sabia que ele estava exagerando, mas se sentia muito afligida por como lhe dava prazer para discutir. Esta vez o toque de sua língua foi mais potente, mais exigente, e ela sentiu o calor de seu fôlego justo no centro do fogo que Blake estava fazendo crescer em seu interior. Enquanto beijava o sexo da Brenna, Blake lhe introduziu os dedos no mais fundo. Brenna se sentiu melhor, mas isto ainda não era o que ela queria. Seu corpo pedia mais, muito mais, para sentir-se cheia por completo.

Blake apoiou os ombros naquele momento para deslizar a língua por sua sensível protuberância ao mesmo ritmo com que deslizava seus dedos em seu interior. O corpo da Brenna ficou tenso, esperando o toque de graça. Entretanto antes de chegar ao clímax, uma vez mais, Blake se deteve antes que isto acontecesse.

— Blake Trahern!

O soltou uma risada muito masculina que refletia quão orgulhoso estava de si mesmo. E, para frustrá-la ainda mais, tomou seu tempo para colocar a camisinha. Com o sorriso de um predador, subiu pelo corpo da Brenna, deu uns beijos úmidos e ardentes nos mamilos e a mordiscou até chegar a sua boca. Colocou-se justo na entrada do corpo da Brenna e ela levantou as nádegas animando-o a penetrá-la. Blake lhe beijou a ponta do nariz e, depois de várias investidas potentes, afundou-se em seu corpo.

Depois, tirou seu membro com lentidão

quase por completo e Brenna se sentiu vazia. Quando voltou a penetrá-la repetidas vezes, o prazer percorreu o corpo da Brenna. Ela pronunciou o nome do Blake como um mantra enquanto seus embates adquiriam velocidade e bombeava seu prazer ao interior da Brenna. Ela o beijou ao ritmo de suas investidas.

Brenna rodeou a cintura do Blake com suas pernas enquanto ele a penetrava com força, deslizava uma mão entre seus corpos e esfregava o centro do desejo de Brenna com as pontas dos dedos. Ela inclinou a cabeça para trás e soltou uma exclamação de felicidade e satisfação. Aquele doce som transportou ao Blake ao limite e seu corpo liberou o prazer.

Passou certo tempo até que o mundo voltou para seu lugar. Ao Blake adorava sentir a Brenna relaxada entre seus braços enquanto seus corpos permaneciam unidos.

De maneira inesperada, ela começou a rir.

—Suponho o que acabamos de fazer responde à pergunta que te encontrar bem.

Blake soltou umas gargalhadas potentes e prolongadas.

—Não recordo me haver sentido tão bem declarou Blake, ao recuperar o fôlego.

—Vá de verdade que sabe como conseguir que um homem se sinta bem recebido!

Blake lhe deu um beijo na boca antes de separar-se, com delicadeza, de seu corpo.

—Sigo necessitando uma ducha.

—Acompanho-te.

Blake não pensava discutir- Todo um mundo de possibilidades girava ao redor da água quente e a pele escorregadia pelo sabão.

Trahern, agasalhado no calor da cama, respirou fundo.

—Não deveria ter saído da habitação até ter comprovado que era seguro.

Ela levava esperando aquele sermão desde que ele tinha retornado com um aspecto lúgubre e frio que lhe chegava até a

alma. Embora Blake tivesse razão, ela não se arrependia de ter dado uma olhada ao inferno no que ele vivia de uma forma cotidiana. Como podia alguém viver sabendo que sua vida estava imersa na luta e a dor?

— Não posso te prometer que não volte a fazê-lo. — Brenna o olhou diretamente aos olhos — E não quero que tente me proteger das partes de sua vida que você não acredita que posso conduzir.

Para dar ênfase a sua afirmação, Brenna lhe deu uns golpes no peito com o dedo indicador.

Blake exalou um suspiro:

— Brenna, os segredos dos paladinos estiveram a salvo do mundo exterior durante gerações. Se déssemos publicidade a nossa existência, quem sabe o que poderia ocorrer. Para começar, os militares quereriam nos dominar, e não podemos nos permitir ter que nos defender em outro frente. Não somos muitos, sabe?

— Muito bem! — soltou Brenna enquanto se afastava dele tanto como lhe permitiu o largo da cama. Como se atrevia a colocá-la no mesmo saco que ao resto do mundo? — Mantém seus segredos ocultos do mundo exterior; embora, tendo em conta tudo o que vivemos durante os últimos dias, eu não me considero parte desse coletivo.

Blake em seguida a rodeou com seus braços e agasalhando-a com seu corpo na posição de duas colheres.

— Maldita seja, Brenna, não troque minhas palavras! Só tentava te dizer que não estou acostumado a compartilhar minha realidade com ninguém. A maioria dos homens que levam anos lutando comigo não me conhecem tão bem como você.

Este reconhecimento acalmou, em grande medida, o aborrecimento da Brenna.

— Eu não te peço mais do que você possa me dar, Blake; mas só conhecendo a verdade posso me enfrentar aos fatos. Não tem por

que me ocultar quem e o que é. Inclusive quando for seus segredos estarão a salvo comigo.

O estridente timbre do telefone a interrompeu. Blake se inclinou por cima da Brenna para desprender o telefone.

— Trahern à fala.

A julgar pela repentina tensão de seu corpo, não se alegrou de saber quem estava ao outro lado da linha. Uns segundos depois, Blake pendurou o telefone de repente e se separou da Brenna. O frio da atmosfera não tinha nada que ver com as paredes de pedra que rodeavam a habitação.

— Blake?

Brenna apoiou a mão no ombro nu do Blake.

A única resposta que obteve foi um denso silêncio; ao menos, Blake não tentou evitar que ela o tocasse.

— Se não saber o que te passa, não posso te ajudar.

Brenna lhe aproximou, rodeou-lhe o peito com o braço e compartilhou seu calor com ele. Pouco a pouco, a tensão do Blake se desvaneceu. Transcorridos uns instantes, por fim se decidiu a falar.

—Jarvis me há dito que o senhor Doe realizou progressos com o disquete e os listrados de seu pai.

Boas notícias, não? Assim tinha que haver algo mais. Brenna decidiu esperar a que Blake lhe contasse o que ocorria; mas, ao final, cansou-se de esperar e o animou a falar.

— E bem?

Trahern ficou em pé.

— Tenho que me submeter a um punhado de prova! — Provas? Por quê?

Brenna conteve a respiração, pois não estava segura de como podia ajudá-lo quando ele estava naquele estado.

Blake respirou fundo um par de vezes.

—Em Seattle se produziu um incidente com um paladino que não era da zona.

— O que ocorreu? — perguntou Brenna.

— converteu-se em um dos Outros de forma inesperada e teve que ser eliminado.

Os olhos do Trahern eram frios como um céu de inverno.

Brenna voltou a centrar a conversação nele.

— E o que tem que ver isto contigo?

Em um estalo de raiva, Trahern enviou de uma chute sua esteira ao outro extremo da habitação.

— Por isso, cada vez que entro em batalha tenho que me apresentar ante o tutor mais próximo e passar uma série de provas.

— Que tipo de provas?

Blake começou a caminhar de um lado a outro da habitação.

— Do tipo que lhes leva a decidir se ainda sou o bastante humano para viver ou se devo morrer. Aí mesmo, nesse mesmo instante e sem trégua alguma.

A compaixão não o ajudaria, mas a

firmeza possivelmente sim.

Brenna se levantou da cama para encarar a seu ferido e zangado paladino.

— E o que é o que se preocupa?

A palavra «surpresa» não alcança a descrever a expressão do Blake, quem contemplou a Brenna como se, naquele momento, tivesse duas cabeças.

— Acabo de te contar o que ocorreu a aquele paladino em Seattle!

— Sinto que tivesse que morrer, mas você não é ele.

Naqueles instantes, o que mais lhe preocupava era o homem que tinha diante. Ela acreditava que nada assustava ao Blake Trahern, mas resultava evidente que aquelas provas sim que o atemorizavam.

— A palavra «morrer» constitui uma forma muito bonita e higiênica de descrever o ocorrido. — Blake lhe lançou um olhar iracundo — O ataram enquanto ele gritava e injetaram uma dose de medicamentos que o

matou para sempre; como teriam feito com um animal raivoso. Laurel Young é a doutora que lhe injetou a agulha e aquilo quase a destruiu a ela também.

Blake deslizou os dedos por seu cabelo.

— Agora, como é uma insensata, dedica a maior parte de seu tempo a encontrar a forma de evitar as mudanças que formam parte de nossa natureza básica. Depois de tudo, seu amante poderia ser o destinatário da agulha em qualquer momento.

Blake entrou no lavabo e fechou a porta de repente.

Brenna se deu conta de que não tinha deslocado o fecho. De momento, concederia-lhe certa intimidade; mas, se não saía logo, entraria por ele.

Assim que o trabalho de Laurel Young era o único que se interpunha entre ele e aquela agulha que tanto temia. E ela também. Lutaria com unhas e dentes para proteger a seu homem, igual a estava fazendo Laurel

Young. Possivelmente ela não tivesse os conhecimentos médicos da tutora, mas as duas tinham uma coisa em comum: sentiam uma funda preocupação pelos paladinos e não queriam que sofressem.

Tinha chegado a hora de demonstrar ao Blake Trahern que ela pensava lutar por ele. Brenna bateu na porta e, ao não receber nenhuma resposta, golpeou-a com mais ímpeto.

— Blake Trahern tem que me vestir, assim deixa de monopolizar o lavabo. Temos que superar essas provas para descobrir quem matou a meu pai. E não pode fazê-lo escondido aí dentro.

A porta se abriu de repente. Resultava evidente que ao Blake não tinha gostado de seu comentário. Pois pior para ele.

Brenna passou junto ao Blake e agarrou a escova de dentes.

— O que te parece se formos passar essas provas? Assim poderemos nos concentrar no

que é importante de verdade.

— Assim que a morte de seu pai é mais importante que a minha. — Sua voz soou tão glacial como o era a cor cinza prata de seus olhos.

Brenna o contemplou de cima abaixo e à inversa permitindo que seus olhos se desfrutassem em alguns lugares a meio caminho.

— Se buscas compaixão, está falando com a mulher equivocada. Eu mesma atestarei que está muito, mas que muito vivo. Se o tivesse estado mais, ali, na cama, não estou segura de que tivesse sobrevivido à experiência. — Brenna deu um leve empurrãozinho — Agora vá vestir e me conceda um pouco de intimidade. E, enquanto te veste, decide o que quer fazer primeiro, passar as provas ou falar com o senhor Doe.

Brenna fechou a porta do lavabo esperando ter animado ao Blake. Ele passaria

as provas com sobressalente. Encontrar-se com um bom problema se acreditavam que podiam aproximar-se dele com aquela horrível agulha. Ela podia estar deitando-se com aquele pedaço de bruto, mas não queria dizer que não enxergava suas falhas. Blake era teimoso, autoritário, egoísta... E do mais doce quando ela menos o esperava!

Possivelmente tinha tido problemas com as provas no passado, quando estava sozinho, mas agora a tinha a ela. O e o resto de seus amigos super secretos teriam que aceitar que as coisas tinham trocado.

Blake fechou os olhos e tentou relaxar seu corpo. Uma multidão de Outros armados e médio loucos não o assustava tanto como o matagal de cabos que o conectavam à maldita máquina que apitava, zumbia e riscava um esboço de seus pensamentos com ganchos de ferro de tinta. Um suave toque em sua mão lhe recordava que Brenna estava sentada a seu lado, separar sua atenção de todo aquilo

que odiava.

Ainda lhe surpreendia o fato de que ela tivesse conseguido entrar na habitação com angústia ao tutor e seu superior. Tinha-o conseguido com sorrisos e lhes assegurando que a doutora Young a respaldava. Isto era exatamente o que Laurel tinha feito, pois lhes havia dito que, se o doutor Crosby, o tutor local, não permitia que Brenna entrasse na habitação, lhe negaria o acesso a seu paciente.

— Vejo que você fez uma cara de preocupação, doutor Crosby. Há algum problema?

Brenna apertou a mão do Blake. Tinha a palma da mão úmida, o que constituía um sinal de que não estava tão tranqüila como esperava que outros acreditassem.

O doutor meneou a cabeça.

— A verdade é que eu não encontro nenhum, mas os resultados não se correspondem com os anteriores do senhor Trahern.

Brenna ficou de pé de um salto e quase fez que o pobre homem perdesse o equilíbrio ao ficar entre ele e Blake. Pela primeira vez em horas, Blake sentiu desejos de sorrir.

—Então realize as provas de novo, doutor. Blake está bem e não permitirei que você ou esta condenada máquina digam o contrário.

O doutor se alisou a bata tentando assumir certo ar de dignidade.

—Me interpretou mal, senhorita Nichols. Entretanto, não comentarei os resultados com nenhum de vocês antes de fazê-lo com a tutora do senhor Trahern.

O doutor parecia mais intrigado que preocupado. O que estaria passando?

Trahern se uniu à conversação.

—Os resultados são meus, doutor. Pode você comentá-los comigo, e tudo o que tenha que me dizer Brenna também pode ouvi-lo.

—Direi-lhe o que vamos fazer. Explique à senhorita Nichols como desconectar os

eletrodos. Estou seguro de que saberá fazê-lo. Enquanto isso chamarei à doutora Young. Quando vierem ao laboratório, estarei preparado para comentar com vocês os resultados das provas.

O doutor saiu da habitação antes de que eles pudessem discutir sua proposta.

— Isto me pareceu muito estranho. — Brenna contemplou a porta — Esta reação é normal em um tutor?

Blake se sentou e começou a tirá-los eletrodos ele mesmo.

— Não sei se nada do que fazem é normal ou não. Entretanto, Laurel Young sempre punha uma expressão de preocupação quando a maldita máquina cuspiu os resultados.

Brenna se aproximou para lhe tirar o último eletrodo. Deixou-o em cima da cama e apoiou a palma da mão na bochecha do Blake.

— Não devem ser muito maus, pois te

permitiu sair daqui por seu próprio pé.

Blake girou a cara para beijar a palma da mão da Brenna e a sentou em seu regaço. Ela soltou uma risita e suspirou enquanto ele a beijava da forma adequada.

A mão do Blake começou a explorar o corpo da Brenna, mas ela a apartou.

—Vamos, Blake, agora temos outras coisas que fazer.

—Eu não —respondeu ele, mas a deixou ir quando ela quis levantar-se.

—vamos ver o que tem que nos dizer o doutor.

Blake se deu conta de que não lhe soltou a mão quando entraram no laboratório. Se aquele contato a tranqüilizava, ele se alegrava de que assim fora. Ninguém se tinha aproximado dele em busca de consolo e esta sensação lhe resultava estranha. Estranha mas agradável.

O doutor, que ainda falava por telefone, levantou um dedo para lhes indicar que

esperassem.

— Não estou seguro de que seja uma boa idéia, doutora Young, mas o senhor Trahern e sua prometida acabam de entrar, assim passarei a chamada ao alto-falante.

De maneira que sua prometida, né? Assim que esta era a desculpa que Brenna tinha utilizado para sortear o sistema de segurança! Mas agora teria que arrumar-lhe para sair do apuro diante de todos. Brenna contemplou o telefone como se fora o objeto mais curioso que tivesse visto nunca. Blake lhe apertou a mão enquanto esperavam que Laurel lhes explicasse o que era o que tinha posto tão nervoso ao doutor.

— Trahern, é você?

— Sim, doutora, sou eu.

— me deixe ser primeira em te felicitar por seu recente compromisso.

Havia em sua voz o suficiente sarcasmo para que o doutor Crosby lançasse ao Blake e a Brenna um olhar irado.

—Obrigado. Até me custa acreditá-lo.

A julgar pelo olhar que Brenna lhe lançou, mais tarde teria que pagar por aquele comentário.

—Espero que ela saiba no que anda enfiada.

—Posso falar por mim mesma, doutora Young. E sim, sei o que estou fazendo.

—Suponho que assim é senhorita Nichols. Mas voltando para assunto que nos ocupa... Blake, pelo visto, você e Devlin estão deixando perplexos aos regentes. Estive lendo os resultados do exploratório que o doutor Crosby te realizou e, nesta ocasião, não só melhoraram, mas também a diferença é extraordinária. Igual a ocorre com os do Devlin.

Não era de sentir saudades que a voz da doutora soasse alegre. Se a melhora nos resultados do Devlin não se devia a uma casualidade, havia esperança para eles. Blake supôs que também o utilizaria a ele como

coelhinho de Índias quando retornasse a Seattle, mas não resistiria muito.

— Imagino que quererá celebrá-lo, Trahern. E felicidades outra vez. Suspeito que a senhorita Nichols tem algo que ver com seus resultados.

Antes de que Trahern pudesse responder, um calafrio percorreu sua coluna vertebral: a barreira de novo. Sua percepção lhe indicava que a situação não era tão grave como a anterior, mas sim o suficiente.

— Tenho que ir, doutora, mas obrigado pelas boas notícias. Mantereí informada de como se desembrulham as coisas por aqui.

Enquanto falava, Blake arrastava a Brenna para a porta e ao final saiu do laboratório a tudo correr. Possivelmente teria sido mais sensato deixá-la com o doutor Crosby; mas, se livrava outra batalha, o doutor teria que realizar seus próprios preparativos.

— O que ocorre? — perguntou Brenna.

— A barreira. — A necessidade de lutar

ardia de tal modo em suas veias que inclusive lhe resultou difícil pronunciar essas palavras — Mas primeiro ficarei a salvo.

— Mas...

— Agora não, Brenna. Tenho que ir. Ela cravou os pés no chão obrigando Blake a deter-se.

— Já sei tolo, assim me solte e vai. Posso chegar ao quarto sozinha.

— Embora pudesse, não conhece os códigos de segurança. — Se era necessário, voltaria a carregá-la sobre seu ombro e a encerraria sob chave na habitação — Não fique teimosa nestes momentos.

— Está bem.

Chegaram ao elevador e Blake teclou a chave que Jarvis lhe tinha indicado antes. Sem dúvida, tratava-se de uma chave super secreta, mas não lhe importava se Brenna memorizava. O elevador demorou um tempo em chegar; claro que, certamente, ele não era o único paladín que estava na superfície

quando a barreira se apagou. Em que pese a seus esforços, logo que podia controlar as quebras de onda de adrenalina que corriam por suas veias. Embora os resultados fossem bons, não serviriam de nada se não conseguia dominar-se até que sustentara uma espada na mão.

Ao final, chegou o elevador. Uma vez em seu interior, Blake contou os segundos que demoraram para baixar às cavernas. Já no subsolo, Blake se colocou instintivamente diante da Brenna a fim de averiguar o que esperava ali exatamente antes de deixá-la sair. Comporta-as se abriram e se encontraram com um punhado de paladinos armados e preparados para a luta. Os paladinos se voltaram para comprovar quem era o recém-chegado. Embora Blake não conhecia os nomes de todos, ao menos, a metade deles, os paladinos sim que o reconheceram da batalha anterior.

— O corredor está livre?

O homem que tinha mais perto assentiu com a cabeça.

—Sim. A barreira só se apagou durante uns segundos, mas volta a debilitar-se. —Seu sorriso se voltou feroz—Se te der pressa, chegará a tempo para a festa.

—Sonha bem.

—Eu posso encontrar o caminho sozinha.

Brenna tentou soltar-se da mão do Blake.

—Já discutimos esta questão.

Blake a agarrou em braços e correu pelo corredor sabendo que lhe arrancaria a pele mais tarde por tela envergonhado. O merecia por lhe haver contado à equipe médica que era sua prometida. Blake abriu a porta da habitação e deixou cair a Brenna sobre a cama. Cometeu o engano de tornar-se a rir quando ela soltou um grito. A raiva cresceu no interior da Brenna, quem se equilibrou sobre o Blake como um tigre ao jugular.

Para ser uma mulher muito mais pequena que ele, tinha bons punhos. Blake retrocedeu

de um salto enquanto se esfregava a mandíbula.

— Maldita seja, Brenna, isto doeu!

Ela o olhou zangada, até que se deu conta de que lhe tinha produzido um arroxeadão. A tensão se desvaneceu enquanto ela pedia desculpas.

— Sinto muito, não queria...

Blake voltou a rir o que não ajudou a melhorar o humor da Brenna.

— Sim que queria, e é provável que eu o merecesse; mas me disse que podia suportar estar junto a mim mesmo que me invade a necessidade de lutar.

Brenna lhe lançou um olhar de irritação.

— Só queria aparecer diante de seus amigos. Pois bem, já pode ir a jogar. — Então acrescentou — E tome cuidado.

Blake lhe deu um beijo que garantisse que ela seguisse excitada e preocupada até que ele retornasse e pudessem terminar o que tinham começado.

—Não saia da habitação. Não posso me concentrar se tiver que me preocupar com o que está fazendo.

Ela assentiu com a cabeça, afundou a cara no peito do Blake e lhe deu um longo abraço.

—Falei a sério, Blake, me prometa que tomará cuidado.

—Prometo carinho. E quando esta briga tenha terminado, concentraremos em resolver o assassinato de seu pai para que possa voltar para sua vida normal.

O aspecto da Brenna era de grande fragilidade, enquanto Blake agarrava outra espada do armário e saía da habitação. Quando fechou a porta, perguntou-se se alguma vez reuniria as forças suficientes para afastar-se dela de maneira permanente.

Ritter contemplou os resultados das provas e franziu o sobrecenho. Aquele não era um bom momento para que a barreira se apagasse e se acendesse como um maldito ioiô. Claro que agora ao menos sabia que

Blake Trahern estava ali, embora não o tinha averiguado graças aos dois palhaços que pagava para que o encontrassem. Não, sabia por que tinha tropeçado, por acaso, com um relatório médico do doutor Crosby enquanto realizava a inspeção mensal do departamento médico.

Não podia mostrar interesse pelo relatório, porque os tutores se tornaram muito reservados com os expedientes de seus pacientes. Ainda recordava a época em que os tutores se consideravam pouco mais que guardiães de um zoológico.

Mas isto tinha mudado. Inclusive se um dos tutores da zona de Seattle virtualmente vivia com um dos paladinos. A idéia fez que lhe arrepiasse o pêlo. O que acontecia com aquela mulher para que aceitasse a uma criatura mutante como amante?

Chegou à cerca exterior do complexo desejando não ter que descender às cavernas. Se confirmava que Trahern estava ali abaixo

com seu velho amigo Jarvis, a filha do juiz devia estar pelos arredores. Certamente, escondida em um hotel das imediações, pois os dois paladinos deviam querer vigiar a de perto.

Terei que reconhecer que aqueles trogloditas tinham um profundo sentido da lealdade. Quando se tivesse encarregado do Trahern, iria a pelo Jarvis por não lhe haver informado do paradeiro de seu amigo. Arriscava-se a provocar uma rebelião entre os paladinos locais, mas a quem lhe importava sua reação? Assim que tivesse com o pacote, desapareceria sem deixar rastro.

A nova identidade que tinha comprado permitiria abandonar o país e, quando chegasse a seu primeiro destino, recolheria os papéis de sua nova identidade permanente. Então já nada o deteria.

Simular sua própria morte resultaria o mais complicado; entretanto, para quando a polícia averiguasse que o cadáver não era o

dele, seria muito tarde. Para então ele estaria tomando sol e gastando o dinheiro que teria em poucos dias, depois de fazer entrega das pedras.

Teclou o código de segurança que permitia o acesso ao recinto e esperou a ser identificado. Como o complexo estava em estado de alerta, demoraram um pouco mais do habitual. Os guardas tinham coisas mais urgentes a fazer que dar atenção a um regente. Ao final, a porta se abriu e o guarda falou o que estava acontecendo.

—Desculpe pelo atraso, senhor, mas voltamos a estar em estado de isolamento.

—Parece-me muito bem. A segurança é uma de nossas prioridades; sobre tudo, quando nos estão atacando.

A reação do guarda foi insólita.

—Isso seria o lógico, não acredita? —O guarda soltou uma maldição e acrescentou — Suponho que tudo depende dos contatos que alguém tenha.

Começou a retirar-se para a guarita, mas Ritter o chamou.

— por quê? O que ocorreu?

O guarda baixou a voz e evitou olhar a seu companheiro, que os observava do interior da guarita.

— Desde que trabalho para os regentes, recebi ordens estritas no sentido de que está categoricamente proibida a entrada ao recinto aos civis.

Ao Ritter só lembrava um civil que pudesse ter entrado com a ajuda de dois dos amigos de seu pai, mas tomou cuidado de não mostrar sua excitação.

— Exato isto é o que eu dizia. Mas, como se trata do Jarvis e desse tipo de olhar gélido chamado Trahern, todo mundo faz ver que ela não está aqui.

Quão último Ritter queria era um guarda irado semeando o descontentamento na cadeia de chefia.

— Ah, deve referir-se à senhorita Nichols,

a filha do juiz! —Ritter se apoiou no parapeito do guichê do carro e baixou a voz obrigando ao guarda a aproximar-se do veículo— Ainda bem que a ela está aqui. Até que verifiquemos quem assassinou o seu pai, resulta indispensável que a protejamos. Faríamos o mesmo por qualquer familiar de nossos homens que estivesse em perigo por uma causa alheia a ele.

Esta tolice deveria satisfazer a um membro leal do Guarda Nacional.

O homem era preparado e olhou ao Ritter com incredulidade, como tinha que ser. Se deixasse enganar com facilidade, fazia anos que o teriam despedido.

—Admiro sua cautela, sargento. Falarei com o Jarvis para me assegurar de que não se permite à senhorita Nichols o livre acesso às instalações.

Pôs a primeira e cruzou a cerca enquanto reorganizava seus planos.

A batalha só consistiu em uma matança.

Foi suficiente para ativá-los a todos, mas não para desafogar suas ânsias de luta. A diferença de outros, Blake tinha a uma mulher quente e, supostamente, bem disposta que o esperava em sua habitação para ajudá-lo a acalmar-se.

—Se ela te vir sorrindo desta forma, trancará a porta. —Jarvis caminhou a seu lado—Depois do espetáculo de antes, terá sorte se não utilizar sua espada enquanto dorme.

Blake sorriu com malícia.

—Valeu à pena correr o risco.

—Jarvis sacudiu a cabeça chateado— Assim voltará a te mudar Blake?Ou levará Brenna a Seattle contigo?

Blake se deteve de repente.

— De que demônio está falando?

—A menos que tenha dormido no chão durante as noites passadas, devo acreditar que compartilhastes algo mais que o calor corporal. Ela não é o tipo de mulher que

goste de aventuras, o qual significa que te quer. Pessoalmente, não o entendo claro que nunca entendi muito às mulheres.

Trahern deixou cair à espada ao chão e empurrou ao Jarvis contra a áspera parede de pedra, agarrando-o pelo pescoço.

— Sabe qual é seu problema, Jarvis? Que nunca sabe quando tem que fechar o pico! O que tenhamos feito ou deixado de fazer não é de sua maldita incumbência! — Blake o deu um forte murro no estômago.

Seu amigo devolveu um chute no joelho e, continuando, uma cotovelada nos rins. Blake amaldiçoou a toda a família do Jarvis enquanto esquivava um murro e utilizava a inércia de seu oponente para lançá-lo contra o chão. Jarvis rodou sobre si mesmo até ficar de pé e carregou contra Blake, quem experimentou um grande prazer ao enviá-lo ao chão pela segunda vez. Mas então Jarvis o lançou contra a parede do túnel lhe cortando a respiração.

De repente se abriu a porta que comunicava com o túnel.

— Blake Trahern! Jarvis! O que estão fazendo? Não está satisfeito lutando contra os Outros que agora têm que fazê-lo entre vós?

Blake levantou as mãos indicando que se retirava da luta.

Jarvis conseguiu um golpe baixo antes de render-se também. Continuando, secou se um fio de sangue que brotava da comissura de seus lábios.

— Sinto muito, Brenna, mas começou ele.

— E uma merda! — rugiu Trahern.

Brenna pôs os olhos em branco com indignação.

— Parecem dois meninos de oito anos!

— Bom, mami, perdoa.

A brincadeira do Jarvis não divertiu a Brenna, mas ao Blake pareceu extremamente graciosa. Não recordava haver rido nunca tanto como o tinha feito durante os últimos dias. Este fato não lhe parecia normal, mas

fazia que se sentisse bem.

Possivelmente Brenna percebeu algo neste sentido, porque as rugas de desaprovação que emolduravam sua tentadora boca se suavizaram e Blake se arriscou a abraçá-la para lhe dar um apaixonado beijo. Ela simulou querer apartá-lo, mas, depois, suspirou e se rendeu. Quando Blake voltou a deixá-la sobre seus pés, Brenna ficou a seu lado lhe rodeando a cintura com o braço.

— OH, por favor, entrem aí dentro! — Jarvis simulou sentir náuseas — Tinha pensado ir com vocês para falar com o Doe a respeito de suas investigações, mas acho que não é um bom momento.

Brenna franziu o cenho.

— Podemos comer algo primeiro? Blake deve estar faminto.

Jarvis, com toda malícia, pôs-se a rir.

— Carinho, a fome do Blake não tem nada que ver com a comida. Mas a mim sim que me viria bem um descanso. — Jarvis

consultou seu relógio — Nos vemos dentro de uma hora.

Jarvis se afastou sem deixar de rir.

Brenna esperou até que considerou que Jarvis não a ouvia e declarou:

— Ufa, que vergonha! Jarvis acredita que necessitávamos tempo para praticar o sexo.

Sem dúvida, tinha o ouvido altamente desenvolvido os paladinos; mas Blake supôs que, de todas as maneiras, ela não se precaveu da leve sacudida que experimentou Jarvis antes de desaparecer pela esquina.

— Não, ele sabe que precisamos comer, mas imagina que, primeiro, praticaremos o sexo.

Brenna ficou vermelha de vergonha, mas não o negou. Blake, em lugar de lhe dar tempo a pensar em umas quantas razões pelas que não deveriam fazê-lo, tomou em seus braços e a levou a interior da habitação não sem antes fechar a porta.

Nesta ocasião, quando a deixou sobre a

cama, ele também deitou com ela. E, durante um momento, nenhum dos dois dedicou muito tempo a pensar em comer.

Capítulo 12

O senhor Doe fazia grandes adiantamentos seguindo o rastro dos nomes e os números que o pai da Brenna tinha deixado. Seus dedos se moviam velozes sobre o teclado enquanto ele navegava pelo ciberespaço com a mesma expressão de arrebatamento que tinham a maioria dos loucos dos jogos de rol. Entretanto, estes últimos não mantinham uma espada apoiada no bordo do escritório se por acaso tinham que entrar em batalha.

— Bem, vêem isto? — Doe assinalou a tela — Estas cifras não têm sentido, a menos que alguém lhe tenha metido mão à caixa.

— De quanto dinheiro estamos falando? — Trahern se inclinou sobre o ombro do Doe para examinar a lista de números e seus lábios se moveram enquanto somava mentalmente algumas cifra — Merda! Não me

surpreende que mora gente por isso.

O telefone soou e Jarvis o desprende.

— Como? Merda! Onde está agora?

Blake se separou do escritório e se situou entre a Brenna e a desconhecida ameaça. Vários de seus companheiros ajustaram, ao mesmo tempo, suas posições. Brenna se perguntou se algum deles se deu conta do que acabavam de fazer. Provavelmente não, pois a necessidade de proteger a outros era algo inato neles. Jarvis pendurou o auricular.

— Um dos regentes está chegando. É evidente que um dos guardas de acima contou que Brenna está nos túneis.

— É muito tarde para escondê-la?

O olhar do Trahern se tornou gélida.

— Certamente. O bode já estava caminho dos elevadores antes de que a alguém lhe ocorresse de me avisar. — Jarvis murmurou uma maldição — Simulem que estão fazendo algo útil. Se entrar e encontra a todos brandir as espadas contra ele e olhando-o com fúria

suspeitará que algo não vai bem.

Blake esperou a que alguns de seus companheiros se afastassem para perguntar:

— Acredita que está comprometido na trama?

Jarvis franziu o sobrecenho.

— Odeio acusar alguém antes de ter mais informação, mas não sentiria saudades. Esteve rondando mais por aqui esta última semana que nos últimos anos. Também mostrou grande interesse em conhecer seu paradeiro. Tudo disfarçado de uma sentida preocupação pela filha de seu defunto amigo. Nunca experimentei grande devoção, mas isto não significa que seja culpado.

— Podemos demonstrar alguma coisa?

— Ainda não - declarou Doe.

Pulsaram umas quantas teclas e o listrado desapareceu depois de um redemoinho de cores brilhantes que ao final se converteu em um jogo de rol. Um dragão planejou de um arranha-céu para varrer as ruas com rajadas

de labaredas verdes. Doe riu com regozijo enquanto manipulava ao dragão para que desse caça a uma desafortunada pessoa atrás de outra.

—Jamais tinha visto este jogo —declarou Brenna, enquanto se aproximava para observar por cima do ombro do Doe.

Os vídeo games eram um de seus vícios secretos.

—Será porque ainda não terminei o software. Ainda não estou satisfeito com o aspecto do dragão quando luta contra o herói.

Sua voz refletia, com clareza, o orgulho do criador.

Brenna se aproximou ainda mais à tela.

—É tão bom que não imagino como poderia melhorá-lo. Eu adoraria prová-lo quando estiver terminado.

Doe, evidentemente agradado, assentiu com a cabeça.

—te mandarei uma cópia. Eu gosto que

algun perito me dê sua opinião antes de colocá-lo no mercado.

Brenna lhe sorriu.

—Recordarei sua promessa. Claro que posso ter problemas para localizar você senhor Doe.

—Não se preocupe, eu a encontrarei.

O assobio do elevador acabou com o bom humor do grupo. Jarvis e Trahern deviam ter decidido tomar a ofensiva, porque chegaram ao elevador justo quando as comporta se abriam.

A Brenna, o regente que os tinha a todos tão zangados lhe resultava familiar, mas antes de que pudesse associar um nome a sua cara, o alarme voltou a disparar-se. Blake e Jarvis empurraram ao homem de volta ao interior do elevador sem muita cerimônia, conforme percebeu Brenna, e o enviaram de volta à superfície, longe do perigo.

Os paladinos pareciam estranhamente alheios ao som do alarme. John Doe tinha

fechado o jogo do dragão e estudava de novo os listrados. Um momento! A barreira não se apagou! De fato, nem sequer tinha flutuado.

Jarvis chamou a atenção de um dos paladinos e deslizou a mão em direção perpendicular a sua garganta. O paladino pulsou uma série de teclas em um computador e um bendito silêncio reinou no ambiente. Quando sua cabeça deixou de ecoar, Brenna se deu conta de que tinham disparado o alarme de propósito para evitar que o regente invadisse seu território.

Blake se uniu a ela junto ao ordenador.

— Se por acaso alguém te perguntar, Jarvis acaba de realizar a comprovação mensal do alarme.

— De verdade? E o regente que acabam de meter no elevador sabe que se tratava de um simulação?

— Não-respondeu Jarvis sacudindo a cabeça — Se todos soubessem que se tratava de um simulação em vez da realidade,

ninguém a teria levado sério. —Seus olhos piscaram com picardia — Além disso, parte de nosso trabalho consiste em nos assegurar de que os regentes estão a salvo dos ataques dos Outros. Se lhe deixássemos ficar porque se tratava de uma simulação, a próxima vez poderia não nos fazer caso quando lhe disséssemos que ia a sério.

— E quanto tempo estará fora?

— programei o elevador para que fique bloqueado durante meia hora.

Doe interveio na conversação.

— Vêem estes ganhos? As importâncias individuais são distintas, mas a cifra total retirada é a mesma. — Baixou um dedo pela tela — Aqui, aqui e aqui.

— Pode constatar de onde procede o dinheiro?

Blake se aproximou da tela e deslizou um braço ao redor da cintura da Brenna.

— Poderia lhe seguir a pista. Pelo visto, o juiz Nichols tinha dado com algo.

—Mas, para que era o dinheiro? — perguntou Brenna.

E o que podia valer tanto como a vida de seu pai?

—Suponho que para pagar isto. —Jarvis deixou uma pedra azul em cima do escritório. Esta absorveu a luz dos fluorescentes e despediu um intenso brilho azul por todo o escritório—Se parece em algo ao pó azul que você e Banhe encontrou em Seattle?

Trahern assentiu com a cabeça.

—Sim, mas nunca encontramos uma pedra tão grande como esta. Onde a conseguiu?

—Nos túneis. É a única que encontramos, mas isto não significa grande coisa. Com a quantidade de pequenos terremotos que têm lugar nesta zona, a barreira está tanto tempo apagada como acesa. Temos muitas horas de sonho atrasadas, assim não poderia jurar que nada tenha passado sob nossos narizes sem que nos tenhamos dado conta.

—Nós não conseguimos suficiente pó para analisá-lo. Conhece alguém no laboratório em quem confia e que seja capaz de manter a boca fechada?

—Já mandei analisar. —Jarvis agarrou a pedra e a esfregou contra sua camisa—Pelo que me hão dito a pedra não existe. Ao menos, não neste mundo.

—E segundo o homem do laboratório, o que é?

—Ele supõe que se trata de uma espécie estranha de granada, mas tem suas dúvidas. A natureza as produz em distintas cores, mas o azul não é um deles. Queria ficar a mais tempo para determinar que propriedades a feitos tão valiosos para alguém de nosso mundo, mas, embora confie nele, não posso dizer o mesmo respeito a seus colegas. Se um deles descobrisse o que ele estava fazendo, não poderíamos guardá-lo em segredo. Trahern franziu o cenho.

—Conheço alguém em Seattle que poderia

nos proporcionar algumas respostas.

— Quem? Devlin Banhe? O que pode saber ele da pedra?

Jarvis voltou a introduzir a pedra em seu bolso.

— Não, não refiro a ele. — Trahern olhou a seu redor recordando ao Jarvis, sem palavras, que não estavam sozinhos— Não posso te dizer nada mais até que realize certas comprovações.

— E quando será isso? — perguntou Doe.

Jarvis sacudiu levemente a cabeça.

— A pedra pode esperar. Agora mesmo, temos que decidir o que fazer com o Ritter antes que descubra como invalidar a programação do elevador e comece a farejar por onde não deve.

Brenna tocou o braço do Jarvis.

— Você e Blake terão muitos problemas agora que sabe que me permitiram entrar no complexo?

Jarvis respondeu com um gesto que a

Brenna recordou ao Trahern. Outro homem duro que podia cuidar de si mesmo frente a qualquer eventualidade. Mas isto não significava que tivessem que enfrentar-se a todos eles sozinhos. Os paladinos se mereciam algo melhor.

—vou empacotar minhas coisas. — Brenna se dispôs a ir-se, mas Trahern a deteve—O que?

— Aonde planeja ir? — Boa pergunta—O mais sensato seria que ficássemos até que descobramos o rastro que seguia seu pai. Isto nos indicará aonde temos que ir a seguir.

O alarme se disparou outra vez e Trahern gritou ao Jarvis, quem estava a um metro escasso de distância dele:

— diga que deixem de brincar com o maldito alarme! Já nos livramos que esse imbecil.

Mas a atenção do Jarvis estava centrada no outro extremo da caverna, na barreira. O que antes eram uns incríveis redemoinhos de

cores brilhantes agora estavam tintas de umas franjas negras e de uma feia cor verde.

— Merda!

Doe apagou o computador, agarrou sua espada e se uniu ao resto dos paladinos, que já se alinharam em formação de combate. Jarvis o seguiu de perto. A necessidade de unir-se a eles resultava imperante para o Trahern, mas, por outro lado, não queria deixar sozinha a Brenna.

Ela o empurrou para seus amigos.

— Vai, eu posso retornar ao quarto sozinha!

Antes de que Trahern pudesse responder, a barreira brilhou com intensidade e, continuando, desapareceu. Para horror da Brenna, uma multidão dos Outros cruzaram a este mundo em uma quebra de onda enorme e desorganizada. O entrechocar do aço contra o aço a deixou paralisada enquanto os Outros tentavam vencer aos paladinos com a força bruta e a superioridade

numérica.

Suficiente sangue se verteu para alagar o ar com seu acre aroma. A melhor maneira de ajudar ao Trahern era deixá-lo para que pudesse concentrar-se em deter aquela maré, assim Brenna se foi direita para o quarto.

Blake esperou até que ela esteve na boca do túnel para encarar a seus inimigos. Brenna acreditou lhe ouvir exclamar um grito de desafio, mas podia tratar-se somente de sua imaginação. A voz do Trahern era uma entre muitas; todas elas cheias de fúria e, algumas, de dor. As lágrimas arderam nos olhos da Brenna enquanto tentava sossegar aqueles espantosos sons. Deteve-se para dar uma última olhada à batalha e viu que Trahern brandia sua espada em um amplo círculo enviando a cabeça de seu oponente ao chão da caverna, onde expulsou várias vezes despedindo jorros de sangue.

A Brenna lhe revolveu o estômago. Tampou-se a boca com o dorso da mão e

correu pelo túnel até o quarto. Como tinha acontecido antes, a porta logo que amortecia os sons de morte que se produziam a curta distância dali. Como podiam Trahern e outros confrontar isso todos os dias de sua vida sabendo o que os esperava? Não sentia saudades que tivessem uma visão tão dura do mundo.

Como podia Trahern ser tão amável com ela e, ao mesmo tempo, enfrentar-se a aquelas mortes brutais com dedicação? Uma mulher tinha que ser uma Santa ou uma louca para apaixonar-se por um paladino e compartilhar essa vida com ele. Como ela nunca se considerou uma coisa nem outra, possivelmente tinha chegado o momento de começar a expor-se em que situação se encontravam ela e Blake.

Quando chegasse o outono, ela retornaria à universidade e Blake retomaria sua vida em Seattle, onde seguiria lutando, enquanto pudesse, naquela guerra. Ela só esperava que,

quando aquela poderosa atração que sentiam o um para o outro se apagasse, pudessem ficar como amigos. Entretanto, agora que Blake tinha retornado a sua vida, queria que continuasse ali.

Ritter passeava de um extremo a outro do quarto, embora se detivesse com frequência para contemplar, com fúria, o relógio da parede. Assim que aquela bruxa estava ali; tão perto dele que quase podia perceber seu aroma. E quando estava virtualmente a seu alcance, com a informação que seu intrometido pai lhe tinha deixado, os malditos Outros tinham tido que atacar. Tinham chamado aos guardas para que ajudassem aos paladinos e, enquanto durasse a batalha, não lhe deixariam aproximar-se da caverna.

Haviam-lhe dito que não podia descer por sua própria segurança, mas ele sabia que acreditavam que se interporia em seu caminho. Ele tentou convencer os de que não

lhe interessava a batalha, a não ser proteger à senhorita Nichols, mas não conseguiu nada. Enquanto tudo o que necessitava para terminar com aquele desastre se encontrava a poucos metros dele, mas fora de seu alcance.

Os elevadores só respondiam aos códigos secretos de alerta, assim que o melhor que podia fazer era ir-se dali em busca de seus dois detetives. Só se podia acessar ao complexo por uma estrada. Ordenaria que esperassem até que Trahern e sua amiga saíssem por ali, assim poderia fazer uma emboscada. Lástima que a inocente senhorita Nichols morrera no tiroteio entre a polícia e seu seqüestrador! E que tragédia que os policiais morreriam também!

sentiu-se orgulhoso e saiu do edifício em direção a seu carro. O pesado calor das tardes do Missouri o golpeou como se tivesse entrado em uma sauna, mas não lhe importou. Dentro de poucos minutos, estaria desfrutando da comodidade de uma poltrona

de pele e do ar condicionado enquanto os bodes que estavam na caverna lutavam para salvar a vida.

Sim, alguns dias as coisas saíam exatamente como tinha planejado!

Swan se agitou no assento, se desperezó e suas mãos se chocaram contra o teto do carro.

— Quanto tempo mais terá que esperar?

— O necessário.

Ao Montgomery incomodavam as contínuas perguntas de seu companheiro. Era como trabalhar com um menino de cinco anos.

— Disse quando passariam por aqui Trahern e a mulher? — Swan deu uma olhada ao desolada paisagem — Ou sequer por que passariam por aqui? Demônios, não há nada em quilômetros à redonda!

Montgomery estava de acordo, mas queixar-se cada cinco minutos não ajudava em nada. Tinha que mijar e estirar as pernas.

— Fica no carro. Em seguida volto. —

Aonde vai?

Como se não pudesse deduzi-lo ele sozinho! Levavam cinco horas bebendo água e café. A única razão de que Swan não tivesse que responder à chamada da natureza era que tinha quinze anos menos que ele. Dentro de uns quantos anos, sua próstata também o obrigaria a mijar nos arbustos... A menos que terminassem na prisão por aquela aventura, mas não merecia a pena pensar nesta possibilidade.

Tinham-lhes contratado para realizar um trabalho e tinham que terminá-lo. Todo aquele assunto emprestava, mas era muito tarde para fazer nada. Inclusive embora não gastou a maior parte do dinheiro que o senhor Knight lhe tinha pago, este não era do tipo de homem que aceitavam devoluções de um empregado que se sentia a desgosto com o trabalho.

Embora parecesse bem caminhar um pouco ao ar livre, fazia calor e o dia se estava

voltando mais e mais caloroso. Ao menos tinham encontrado um lugar junto ao caminho onde tinham podido estacionar à sombra de umas árvores. Esta era outra das questões que o intrigavam. Como tinha conseguido o senhor Knight encontrar o rastro do Trahern naquele lugar tão afastado?

O caminho não aparecia em nenhum dos mapas que tinha consultado. Claro que era lógico que Trahern procurasse um esconderijo seguro, sobre tudo se tinha que recuperar-se da ferida de bala. Mas esconder-se ali? Aquele lugar resultava fácil de proteger, pois só contava com uma via de entrada, mas isto também significava que só contava com uma via de saída.

Escolheu uma árvore próxima e ficou mãos à obra. Depois, subiu o Zíper da calça e se dirigiu a uma pequena colina para estudar o terreno no que se encontravam.

Conforme chegava ao topo, agachou-se. Possivelmente, ao outro lado, não houvesse

mais que quilômetros e quilômetros de terreno baldio e árvores, mas, no caso de, não havia necessidade de constituir-se em um branco certo. Avançou de árvore em árvore e chegou a umas rochas que davam a um pequeno vale.

Sua cautela tinha merecido a pena. Vislumbrou a continuação do caminho, que serpenteava por um arvoredo e atravessava uma cerca de arame de espinheiro. Deslocou-se para a direita procurando o amparo das árvores se por acaso alguém estava observando de abaixo. Sua nova posição lhe permitiu dispor de melhor vista e o que viu lhe acelerou o pulso.

A cerca de arame tinha uma porta que estava vigiada por dois guardas armados vestidos com uniforme militar. Merda! Uma coisa era encarregar-se de um só tipo, mas se a morte do Trahern levantava a ira dos militares, ele não queria ter nada que ver nela.

Baixou a colina a toda velocidade. Tinham que sair-se dali enquanto tivessem uma oportunidade. O calor e a umidade mesclados com uma boa dose de medo fizeram que chegasse ao carro sem fôlego. Abriu a porta de um puxão e entrou no veículo. Girou a chave de contato e apertou o acelerador, embora não conseguiu pôr em marcha o motor até o segundo intento.

— Estamos ferrados! Vamos daqui agora mesmo! Explicarei isso quando estivermos em um lugar seguro.

Como Swan não disse nada, Montgomery o sacudiu para despertá-lo. Como podia seguir dormindo aquele imbecil com os bodes que estavam pelo caminho de terra? Retirou a mão e sentiu que estava úmida. Demorou uns segundos em dar-se conta de que o que gotejava de seus dedos era sangue e que Swan tinha uma adaga parecida nas costelas.

Uma sensação náusea percorreu seu

interior ante a certeza de sua morte iminente e, naquele mesmo instante, o pára-brisa se rompeu e a dor lhe quebrou o peito. Solto o volante e o carro se saiu do caminho embutindo-se contra uma árvore.

O motor caloteou e se apagou e no bosque reinou um inquietante silêncio, só pelo som de sua própria e trabalhosa respiração. Uma sombra turvou sua visão, mas não se tratava da morte. Embora, em certa maneira, sim que o era, pois o senhor Knight estava junto ao carro com uma pistola na mão.

Ritter apontou a arma à têmpora esquerda do Montgomery e sorriu enquanto apertava o gatilho.

— Devlin chega esta noite.

Trahern se deixou cair em uma cadeira e apoiou os pés em outra. Jarvis levantou a vista do escritório com o cenho franzido.

— E por que demônio vem?

Trahern se deu conta de que tinha a possibilidade de encher o saco ao Jarvis e esta

idéia gostou. — Porque lhe dá a vontade.

Como não podia desafogar seu mau humor na Brenna, tinha decidido procurar briga com alguma outra pessoa e Jarvis era a paladino certo, além disso, estava tão irascível como ele. O regente tinha desaparecido e até que soubessem no que andava metido não ficaria tranqüilo.

—Necessito uma razão melhor que esta. Pode que Banhe dirija o albergue na zona da costa, mas aqui não tem nenhuma autoridade.

Jarvis separou sua cadeira do escritório, como se intuía aonde conduzia aquela discussão.

—De acordo. —Trahern entrelaçou os dedos e fez ranger seus nódulos — Me sentia sozinho e o convidei para que venha me ver.

—Já tenho muitos problemas para dar uma festa para Bane. —Jarvis entrecerrou os olhos, pois seu mau humor começava a aflorar — Chama-o e lhe diga que não venha.

—Sinto muito, mas não posso fazê-lo. — Trahern sorriu com malícia—Seu avião decolou faz uma hora.

— Maldito seja, Trahern, quão último preciso é que Banhe interfira em meus assuntos! Vai ao aeroporto e retorna a Seattle com ele. —ficou de pé e se inclinou sobre o escritório—Você causaste esta confusão, assim leve-o de volta a Seattle.

A chamada do Trahern pedindo ajuda ao juiz podia ter provocado sua morte, mas a pedra azul que Jarvis conservava em seu bolso constituía uma prova de que o problema não existia só na costa noroeste do Pacífico.

Os dois sabiam. De repente, as vontades de briga do Trahern se desvaneceram. reclinou-se na cadeira e sacudiu a cabeça.

—Sinto muito, teria que te haver contado o do Devlin antes, mas lhe contar isso não teria trocado nada. Quando lhe coloca uma idéia na cabeça, nada consegue fazê-lo trocar

de opinião. Quer que uma pessoa examine a pedra.

— trata-se de um dos empregados do laboratório de Seattle?

Trahern estava bastante seguro de quem desceria do avião com Banhe, mas não pensava iniciar uma briga até que soubesse com certeza.

Jarvis se sentou com lentidão na cadeira. Beliscou-se a ponte do nariz e fechou os olhos.

— Os dias como este fazem que deseje me retirar.

Como se algum deles pudesse fazê-lo algum dia! Os genes que faziam deles uns paladinos eram muito pouco comuns e sempre andavam escassos de mãos. No passado, os guerreiros mais fortes podiam escolher às mulheres que queriam assegurando, assim, a continuidade de sua espécie. Entretanto, os modernos métodos de controle da natalidade tinham terminado

com esta situação.

Portanto, Jarvis se retiraria como o faria o mesmo Trahern: ao final de uma agulha.

— Onde está Brenna?

— Descansando. Diz que lhe dói a cabeça.

Jarvis soltou uma desagradável gargalhada.

— Já não te quer em sua cama? Eu diria que bateste inclusive seu próprio recorde.

Possivelmente, depois de tudo, acabariam brigando.

— Os últimos dias foram muito duros para ela. Primeiro, perde a seu pai, por não falar de tudo o que seguiu a seguir. Deve acreditar que está vivendo um episódio de Expediente X.

— Suspeito que seja muito forte e que poderá conduzir tudo o que lhe conte.

— Sim, claro.

Trahern exalou um suspiro.

— Digo-o a sério, Trahern. Inclusive reconheço que sinto um pouco de ciúmes.

Nenhuma mulher me olhou nunca como ela olha para você.

— Isto era antes de que me visse matar a um dos Outros. — depois de separar a cabeça do tronco de um dos Outros, Trahern se voltou para assegurar-se de que Brenna já estava a salvo — Saber que ganho a vida matando é uma coisa, mas vê-lo é algo muito distinto.

Jarvis se encolheu de ombros.

— Vai superar isso.

Ele tinha vivido bem sem ela durante anos, assim, se não o superava, ele podia seguir fazendo-o. E, se o repetia a si mesmo, inclusive podia chegar a convencer-se de que poderia.

Antes de que pudesse recrear-se na auto compaixão, o telefone do Jarvis soou. Seu amigo respondeu a chamada e escutou durante vários segundos com uma expressão de encho o saco no rosto.

Quando pendurou o telefone, Jarvis

declarou:

— Há um carro estacionado no bosque que há juntado ao caminho. Um dos guardas acredita ter visto alguém na colina que há frente à entrada e enviou a uma patrulha. — A expressão do Jarvis era sombria — A patrulha avistou o carro, mas nos esperam para aproximar-se.

Jarvis abriu a gaveta inferior de seu escritório e tirou um par de pistolas. Introduziu uma na cintura traseira de sua calça e ofereceu a outra ao Trahern.

— de vez em quando, algum que outro adolescente chega até aqui em busca de um lugar tranquilo onde follar, mas nunca se aproximaram tanto.

Trahern, contente de ter algo que fazer, aceitou a pistola. Não se necessitavam dois paladinos e uma patrulha de guardas para afastar a um par de intrusos, mas assim poderia descarregar seu mau humor.

No exterior, o sol iniciava sua lenta

descida para as montanhas do oeste. Jarvis tinha ordenado à patrulha dos guardas que se retirasse, mas que alguém permanecesse alerta e os avisasse se produzia alguma mudança. Jarvis e Trahern avançaram pelo caminho e, quando estavam a ponto de cruzar campo através, o móvel do Jarvis soou.

— Merda! Em seguida vamos.

Pôs-se a correr pelo caminho e Trahern se colocou a seu lado.

— O que acontece?

— Pelo visto, um dos intrusos ficou dormitando no carro enquanto o outro saía a explorar. De repente, o bisbilhoteiro saiu correndo do bosque e se foram zumbindo no carro. Quando tinham percorrido uns trezentos metros, alguém lhes disparou através do pára-brisa e o condutor perdeu o controle do veículo. Depois, produziu-se outro disparo.

Um guarda os esperava escondido em um

arvoredo a uns cinqüenta metros da entrada do recinto. Saiu de seu esconderijo para assegurar-se de que Jarvis e Trahern o viam e voltou a ocultar-se nas sombras. Até que averiguassem quem tinha disparado, deviam procurar não constituir-se em um alvo fácil.

—O carro está aí diante. —O guarda assinalou ao caminho na ladeira da colina— Os que estiveram observando desde que o carro se embutiu nas árvores, mas não percebi nenhum movimento, nem dentro nem fora do veículo.

Ao Trahern todo aquilo ia mal.

—Darei um volta e me aproximarei deles da direita. Dê-me cinco minutos para me situar antes de realizar nenhum movimento.

Jarvis assentiu.

—Eu darei uma volta pela esquerda. — Então olhou ao guarda—Você siga em seu posto até que um de nós lhe indique o contrário.

Os dois paladinos se afastaram. Havia

alguém mais no bosque. Trahern quase podia cheirar a aquele bastardo. Fora quem fora, não queria ser visto. Pretendia utilizar o carro para ter ao Jarvis ou Trahern sob sua mira? Se não estava familiarizado com a existência dos paladinos, possivelmente acreditava que uma bala podia acabar com sua vida. Mas se sabia algo a respeito deles, devia estar afastando do carro a toda velocidade. Claro que, se era um bom atirador, podia tentar atirar ao Jarvis ou a ele mesmo na cabeça.

Neste caso, bem podia tratar do regente que tinha desaparecido.

Trahern estava impaciente por averiguá-lo. Diminuiu a velocidade seus passos e prestou atenção se por acaso ouvia algum som produzido por sua presa. O espesso bosque dificultava que enxergasse ao possível franco-atirador. Ao final, descobriu umas folhas esmagadas. O rastro retornava ao caminho. Percebeu o reflexo do sol poente no capô do carro.

Trahern permaneceu imóvel e escutou com atenção. O bosque estava em silêncio, salvo pelo canto das cigarras e o movimento ocasional de algum pequeno animal. Nada que soasse como um homem correndo presa do pânico ou nem sequer andando.

Ou o franco-atirador se largou fazia momento ou estava escondido por ali. Trahern se aproximou do carro. No caso de que sua presa atirasse isto permitiria ao Jarvis saber onde se escondia aquele bastardo.

O carro estava em silêncio, salvo pelo zumbido do vapor que escapava do radiador quebrado. Os passageiros não se moviam. Possivelmente tinham ficado inconscientes devido ao choque, mas seus instintos lhe diziam que estavam mortos. Agachou-se e correu a curta distância que ainda o separava do veículo avançando em ziguezague entre as árvores.

O homem sentado no assento do piloto estava inclinado e olhava para o exterior com

uns olhos sem vida. Ao condutor lhe tinham saltados os miolos. Certamente, com o segundo disparo que o guarda tinha ouvido. Trahern sentiu mais que ouviu que Jarvis chegava a seu lado.

— Estão mortos?

— Muito.

— Reconhece-os? — perguntou Jarvis olhando por cima do ombro do Trahern.

— Sim. São os dois polis que investigavam a morte do juiz. Os que me dispararam.

Trahern se separou do carro e examinou o bosque que os rodeava. Nesta ocasião teve a sensação de que estava vazio.

Jarvis soltou um assobio amortecido.

— Quem quereria vê-los mortos?

— Não acredito que tropeçassem com este caminho por acaso. Não aparece em nenhum mapa e está muito longe de sua jurisdição. Acredito que alguém os atraiu até aqui, embora duvide que o plano original consistisse em matá-los. Ao menos, ainda

não.

— Parece que tem uma idéia de quem pôde ter apertado o gatilho.

Jarvis olhou mais à frente do carro e examinou a arvoredo do outro lado.

— Pois bem, agora temos a um regente desaparecido e dois policiais mortos. Muita coincidência para mim-declarou Trahern.

Os olhos escuros do Jarvis refletiam preocupação.

— Para mim também. Aqui de pé me sinto como um alvo de feira. Chamarei os guardas para que retirem os corpos. Nós voltemos para recinto.

— Quanto tempo pode manter estas mortes em segredo? — perguntou Trahern.

— O suficiente. Por quê?

— Porque chegou à hora de lançar-se ao ataque. Duvido que este par fosse trigo limpo, mas tampouco acredito que merecessem morrer. Quero contar com o tempo suficiente para encontrar ao bastardo

que os dirigia e desmascará-lo. Matou ao juiz e a estes dois homens. Chegou a hora da vingança.

Enquanto retornavam ao complexo, Trahern recordou ter percebido a presença do assassino no bosque e pensou que quão único não encaixava em sua mente era por que o assassino não tinha fugido depois de matar aos policiais. Seguro que já tinha elaborado um plano de fuga. A única explicação que lhe ocorria era que os dados que o juiz tinha deixado implicavam a mais pessoas, além do regente. O comprometido que ocupava um elo mais elevado na cadeia da conspiração devia ser temível, pois Ritter estava disposto a arriscar sua vida para obter aquela informação. Bem! Isto significava que, nesta ocasião, tinham a possibilidade de eliminar a origem da corrupção de raiz.

Capítulo 13

O estalo da porta ao abrir despertou a Brenna, mas ela manteve os olhos fechados. Dormiu-se tentando decidir o que fazer, mas seguia sem ter uma resposta.

Cada vez que recordava a cabeça do Outro voando pelos ares e despedindo jorros de sangue para, logo, rodar pelo chão, sentia náuseas. Ela se tinha imaginado aos Outros como uns monstros saídos de um filme de terror, mas seu aspecto era humano.

Possivelmente fora uma ingênua. Durante toda sua vida tinha visto imagens de uma guerra atrás de outra nas notícias da televisão. Isto acaso era distinto?

Blake diria que sim. E o mesmo opinaria Jarvis e o resto dos paladinos. Eles dedicavam sua vida a proteger o mundo dos Outros, e possivelmente tinham razão. Mas seu ponto de vista não a ajudava a ela a digeri-lo. Daria algo por poder voltar para os

dias de ignorância, quando não sabia nada a respeito dos paladinos e as batalhas nas que lutavam.

Entretanto, não podia fazer desaparecer esta realidade e, em um ou outro momento, teria que enfrentar-se ao Blake. Pelo visto, esse momento tinha chegado.

A porta se fechou.

— Não tem por que andar com sigilo-declarou Brenna — Estou acordada.

Acendeu a luz da mesa de noite, e se surpreendeu ao ver que não era Blake quem tinha entrado na no quarto, a não ser o regente que tinha desaparecido depois do incidente do elevador. Ele a olhava com olhos enlouquecidos e um desagradável sorriso no rosto enquanto sustentava uma pistola na mão.

— O que faz você aqui?

Brenna se tampou melhor com as mantas. O frio sorriso do regente lhe arrepiou o pêlo.

— Estou aqui para me encarregar de um

cabo solto.

Falou como se a gente se dissesse coisas assim todos os dias.

Brenna lutou contra a necessidade imperante de esconder-se debaixo das mantas.

—Eu não sou nenhum cabo solto. E será melhor que saia antes que Trahern retorne, pois é de tipo ciumento.

Seu atacante soltou uma gargalhada.

— Como se queria tocá-la depois de que tenha estado transando com um animal!

—Esse animal é mais homem do que você. Ritter se aproximou dela e a golpeou com o dorso da mão. Brenna sentiu uma dor aguda, deu um chute com a intenção de lhe dar nas bolas, mas falhou o golpe e só lhe deu na coxa. Desceu depressa da cama e correu para a porta, mas ele foi atrás dela.

Ritter a agarrou por cabelo e atirou com força lançando-a contra o chão.

—Não tente me ameaçar com a chegada

do Blake Trahern, puta. Talvez que seja difícil de matar, mas uma vez morto, é vulnerável.

Brenna cruzou com o Ritter um olhar furioso.

— Você não é tão homem para matá-lo, porco assassino! Os covardes como você matam com explosivos porque têm medo de encarar-se a suas vítimas. Mas Blake não terá este problema. Ele desfrutará estripando-o como o porco que é. Além disso, embora conseguisse matá-lo, estão Jarvis e os outros. Não sairá deste lugar vivo.

— Aqui é onde te equivoca. Todos acreditam que já estou morto. Agora mesmo, estão fora, tentando adivinhar como dois detetives de homicídios do St. Louis acabaram mortos nas portas do recinto. Enquanto resolvem este pequeno dilema, você e eu apanharemos a informação que o louco de seu pai te deixou.

— Não se atreva a chamar louco o meu pai! Ele era um homem bom e honorável.

Ritter pareceu zangar-se.

— Chama-o como quer, mas se tivesse mantido o nariz longe de meus assuntos, ainda estaria vivo! Entretanto, morreu em milhares de pedacinhos. E tudo por nada.

A imagem que tinha evocado revolveu o estômago da Brenna, mas ela evitou mostrar nenhum signo de debilidade.

— Ao menos, meu pai acreditava em algo. Isto é mais do que você pode afirmar.

— Isto não é certo, querida. Eu acredito no dinheiro; e em viver uma boa vida. — Assinalou para a porta com o canhão da pistola—Quando estiver longe daqui, o regente Ritter terá deixado de existir. — Sorriu com sarcasmo—Claro que você também. Coopera comigo e te prometo uma morte rápida e indolor. — Vá-se ao inferno!

Podia chegar a matá-la, mas ela não o ia pôr fácil.

— Bruxa estúpida! —Ritter voltou a assinalar para a porta com o canhão da

pistola — Viste e vamos! Está-me acabando a paciência.

A pistola não lhe deixava mais alternativa que lhe obedecer. Brenna se voltou de costas para ele para dispor de uma intimidade aparente, embora sentisse que Ritter observava todos seus movimentos. O frio fez que fazia dava arrepios a sua Pele, pois se vestiu com lentidão para lhes dar tempo ao Trahern e Jarvis a retornar. Enquanto isso, as perguntas se formavam redemoinhos em sua mente. Resultava evidente que os dois detetives estavam afundados até o pescoço nos planos daquele lunático, mas esta não era uma razão para que morreram. Aquele louco estava decidido a matar a qualquer que se interpor entre ele e seu objetivo.

Ao final, não pôde atrasar mais o vestir-se. No túnel, reinava o silêncio. Quando a barreira se estabilizou, as maiorias dos paladinos se retiraram a seus aposentos para descansar.

—Suponho que seu pai te deixou um disquete ou um pouco parecido.

Ritter podia lhe formular as perguntas que quisesse, mas isto não significava que ela fora às responder. Como recompensa, Brenna recebeu um golpe nas costelas com o canhão da pistola.

—Sugiro-te que mostre algo mais de cooperação, Brenna. Posso obter a informação por mim mesmo, só demorarei um pouco mais.

—Não, não poderá.

—Não subestime minhas habilidades. Antes que Jarvis me empurrasse de novo ao interior do elevador, vi. Que estava junto a esse paladino que é um louco da informática. E, agora, caminhos de seu quarto viram que ele seguia trabalhando frente do computador. Estou convencido de que, com um pouco de persuasão por minha parte, entregará-me a informação.

—Os paladinos são incorruptíveis. Ao

menos, isso acreditava ela.

—Sim que é verdade que têm uma desafortunada vertente íntegra. Entretanto, estou convencido de que me entregaria o disquete para evitar que te atirasse.

E depois, o muito louco também atirasse ao paladino. Possivelmente pudesse encontrar uma maneira de advertir ao despreparado paladino de sua chegada. Brenna tropeçou deliberadamente com a esperança de que o ruído de sua queda captasse a atenção do Doe.

Ritter a obrigou a levantar-se de um puxão.

—Deixa de fazer teatro, Brenna. Não te pode ouvir.

Seu plano se foi ao traste e quão único tinha conseguido era um par de hematomas mais que faziam jogo com o que tinha na cara devido ao bofetão do Ritter. Quase tinham chegado ao final do túnel. A brilhante luz da caverna resplandecia um pouco mais adiante.

Como podia evitar que Ritter atacasse a alguém mais?

Realizando um pacto com o diabo.

Brenna se deteve de repente, a poucos metros da entrada da caverna.

— Deixe que eu vá a procurar o disquete.

— E uma merda!

Ritter a empurrou para diante.

— Terá mais oportunidades de escapar se nunca chegam, ou seja, que esteve aqui.

— Sim, e se você entrar na caverna gritando e pedindo ajuda, todos os paladinos que lhe ouçam brigarão pelo privilégio de me abrir em canal com suas malditas espadas.

Um brilho de medo cruzou sua cara.

— Não gritarei pedindo ajuda.

— E por que deveria te acreditar?

Ritter a empurrou para que avançasse uns passos mais.

— Porque não quero que mora ninguém mais. — Os paladinos podiam sobreviver à morte, mas não todos retornavam à vida

como eram antes — prometo que apanharei o disquete e os documentos e virei diretamente aqui.

Ritter a apartou a um lado e jogou uma olhada à caverna.

— Tem sorte. O louco da informática é a única pessoa que há à vista. Dou-te uma só oportunidade.

Brenna respirou fundo para tranquilizar-se; mas, como não o conseguiu, voltou a tentá-lo e endireitou as costas. Enquanto entrava na caverna, sentiu o peso do olhar do Ritter justo em metade de suas costas, como se a desafiasse a traí-lo.

E o faria. Se as circunstâncias o permitiam.

— Algo vai mal. - Nada mais cruzar a porta da cerca, Trahern se deteve — Entendo a razão de que matasse aos dois policiais, mas o momento não é o adequado.

Jarvis o olhou intrigado.

— estiveste muito tempo ao sol, Trahern. O bastardo decidiu deixá-lo tudo e sair

correndo.

—Não. Ao escolher este momento para matá-los, conseguiu nos fazer sair do complexo. Agora não só sabemos quem eram seus cúmplices, mas também quase temos a certeza de que ele está detrás da morte do juiz.

—E enquanto nós estamos caçando sombras no bosque, ele está...

Jarvis olhou a entrada que conduzia à caverna com preocupação.

— Merda!

Trahern pôs-se a correr e seu amigo.

Entraram no elevador para baixar à caverna, seria como contratar a uma banda para que encabeçasse a carga em uma batalha. As escadas eram mais seguras, embora empregassem algo mais de seu muito valioso tempo. Claro que não sabiam quanto tempo levava Ritter dentro ou o dano que já tinha causado.

—Se lhe fizer mal...

—Morrerá-declarou Jarvis sem nenhuma entonação especial na voz, só como a simples manifestação de um fato.

—Dava aos guardas que estamos em estado de isolamento total. Ninguém sai. Ninguém entra. A menos que você dê a ordem pessoalmente. Que atirem a matar se alguém resistir.

Jarvis assentiu com a cabeça enquanto agarrava o móvel e gritava as ordens e os códigos que confirmavam o estado de emergência.

Chegaram a uma porta que comunicava com umas escadas. Antes de abri-la, Trahern perguntou: — Aonde conduzem? — Aos elevadores, na sala principal. — Há alguma outra forma de baixar? Uma que nos permita chegar à caverna de uma direção insuspeitada.

Jarvis refletiu sobre as distintas possibilidades.

—Sim, há um elevador de serviço detrás

dos aposentos de abaixo. Quase ninguém o utiliza, assim duvido que Ritter sequer conheça sua existência.

Jarvis liderou o passo por um labirinto de corredores e Trahern correu atrás dele. A melhor forma de chegar ao fundo da corrupção que minava a organização dos regentes era capturar ao Ritter vivo e lhe tirar a verdade. Mas se lhe perdoar a vida implicava pôr em perigo a Brenna, toda a organização podia ir-se a merda fossem quais fossem as conseqüências. Seria melhor que Jarvis e os outros se mantiveram fora de seu caminho quando encurralassem ao Ritter.

Enquanto Jarvis teclava o código para que subisse o elevador de serviço, Trahern comprovou o estado de sua pistola, embora tivesse preferido ter uma espada. Resultava arriscado utilizar pistolas perto da barreira. Um disparo desafortunado podia apagá-la. Liberar do perigo a Brenna já seria bastante complicado, mas acrescentar a isto um ataque

dos Outros, constituiria seu pior pesadelo feito realidade.

O suave assobio do elevador o trouxe de novo ao presente. Tanto Jarvis como ele contaram os segundos enquanto desciam em picado ao mundo de pedra do subsolo. Nenhum sentia desejos de falar. Ao Trahern resultava difícil controlar as ânsias de entrar em batalha, mas era muito importante que mantivera seu gênio e seu instinto de matar a raia em benefício da Brenna.

— Qual é o plano?

Trahern se encolheu de ombros.

— Não tenho nenhum.

Jarvis esboçou um sorriso perverso.

— Sempre quis carregar contra o inimigo como Newman e Redford em Dois homens e um destino. Esta poderia ser minha oportunidade.

— Nenhuns dos dois são tão bonitos.

Jarvis se pôs-se a rir, que era o que Blake pretendia. A risada ajudava a aliviar a tensão

quando estavam a ponto de entrar em combate. A raiva cega só conduzia à morte. Nesta ocasião, não se enfrentavam a uma ação contra os Outros, a não ser a uma situação delicada que podia ir terrivelmente mal se não atuavam com cautela.

— Seria melhor que apanhássemos vivo ao Ritter-declarou Jarvis.

Trahern o olhou diretamente aos olhos. — Mas só com que respire em direção a Brenna, matamos, parece-te bem? Jarvis voltou a rir. — Agora temos um plano.

Correu a toda velocidade para a caverna principal com as pistolas a ponto. Quando se cruzaram com outros paladinos, Jarvis os pôs ao dia dos últimos acontecimentos enquanto Trahern continuava avançando. O silêncio que se percebia mais adiante o preocupava grandemente. Ou se tinham equivocado e o regente não era a pessoa que procuravam ou tinha estado ali e já se foi. Com a Brenna ou deixando atrás seu cadáver?

Ao Trahern lhe gelou o sangue.

Jarvis se uniu a ele com um par de espadas. Blake brandiu a seu no ar para comprovar que estava bem equilibrada. Não era tão boa como sua espada favorita, que estava em Seattle, mas lhe serviria. A sensação familiar que lhe proporcionava ter uma boa arma na mão acalmou em certa medida suas ânsias de violência. Conforme se aproximavam da barreira, percebia mais e mais aos Outros, que esperavam, à espreita, uma oportunidade para invadi-los. Sua proximidade fazia que o pêlo do Trahern se arrepiasse com a necessidade de lutar, de matar.

Jarvis sustentava sua espada em posição de ataque e suas dilatadas pupilas tinham um olhar selvagem.

Detiveram-se para escutar e perceberam um suave murmúrio de vozes; entre elas a da Brenna. Trahern se aproximou um pouco mais. Brenna estava falando com o perito

informático, mas algo não ia bem. Notou-o em sua postura e no fato de que se mantinha muito longe do Doe para estar mantendo uma conversação normal. Sua voz estava tinta de tensão, como se logo que pudesse dominar seus nervos.

Trahern deduziu que o regente se achava nas proximidades; tão perto como para que Brenna se sentisse ameaçada. Então, por que não ficava a coberto e deixava que Doe a protegesse? A resposta lhe chegou como uma patada no estômago: ela o estava protegendo!

Merda! Acaso tinha perdido o juízo? Embora o regente realizasse um disparo certo e matasse ao paladino, este voltaria a viver para enfrentar-se a um novo dia. Mas, para ela, a morte era a morte. A julgar pelo lugar no que se encontrava, Ritter devia estar no túnel que conduzia à habitação.

Trahern retrocedeu e falou com o Jarvis.

— Está no túnel do outro lado e Brenna está justo na linha de fogo. Pode fazer que

alguém dê um rodeio e tome posições no outro extremo do túnel? Não nos interessa que este bode saiba que está apanhado até que Brenna e seu companheiro estejam a salvo.

Jarvis assentiu e voltou sobre seus passos para realizar uma chamada sem ser ouvido.

Blake seguiu vigiando de perto a caverna, pois sabia que a situação podia piorar em questão de poucos segundos.

O regente devia ser consciente de que quase lhe tinha acabado o tempo e podia perder a paciência em qualquer momento.

Jarvis baixou a voz para que só Trahern o ouvisse.

—Dois homens estão apostados no outro lado se por acaso decide fugir por ali. Já sabem que não devem realizar nenhum movimento até que o ordenemos.

—Estupendo. Vou entrar. Não poderá atirar sem deixar-se ver. Fique atento.

—Não funcionará. Daqui só disponho de

um ângulo de tiro muito fechado. Poderia te dar a ti em lugar.

Jarvis tinha razão. Os dois sabiam.

— Se esta for à única possibilidade de tiro que tem, utiliza-a. Quando eu tenha cansado poderá fazer.

— E uma merda! Não pode permitir morrer. Poderia não voltar a reviver.

Blake esboçou uma sorriso forçado.

— Algum dia tem que acontecer. O dia de hoje é tão bom como qualquer outro.

Introduziu a pistola na parte traseira de seu jeans e deixou a espada no chão.

— Sairei como se não suspeitasse nada. Certamente, ele não notara durante um momento, sobre tudo se me aproximo muito a Brenna. Jarvis cuida dela por mim.

— Assim o farei.

— Uma coisa mais. Se morrer, não permita que Brenna esteja comigo no laboratório. Não é necessário que saiba pelo que acontecemos. E menos eu.

Jarvis o saudou com a espada em alto: a saudação de um guerreiro a outro. Trahern entrou na caverna disposto a morrer se era necessário, para salvar a sua mulher.

Com uma tranqüilidade fingida, dirigiu-se a Brenna. Se aquele ia ser seu último momento de prudência na Terra, ao menos o passaria com ela.

— Ah, está aqui! Perguntava-me onde te tinha escondido.

A Brenna quase deu uma síncope ao vê-lo aparecer tão repentinamente.

— Vai Trahern. Não quero falar contigo.

Mas o fazia; o medo de seus olhos o expressava sem a menor duvida.

— Algum dia terá que deixar de estar zangada. E, se fosse um tipo ciumento, teria que lhe dar uma surra a seu amigo informático aqui presente.

Trahern se aproximou com calma a eles desejando com todas suas forças que a telepatia fora um dos dons dos paladinos.

Enquanto Doe se girava na cadeira para olhá-lo, produziram-se uma série de disparos. Uma mancha de sangue se estendeu pela parte dianteira da perna do Doe e Brenna soltou um grito. Blake carregou para diante e a jogou ao chão, mas muito tarde. Brenna se desabou enquanto se sujeitava um braço com a mão e o sangue se escorria entre seus dedos.

Com um bramido de raiva, Blake arremeteu contra Ritter ignorando a aguda dor que experimentava na perna e no peito. Perseguiu-o pelo túnel, atirou-o ao chão e se sentou escarranchado sobre o apavorado covarde. Blake lhe rodeou o pescoço com as mãos e apertou.

Ritter suplicou clemência com um murmúrio afogado.

— Tenho dinheiro! Se me tirar daqui, será todo teu.

— Seu dinheiro não me importa uma merda. Atirou na minha mulher, merda de

bastardo, morrerá por isso.

Mas os dedos do Blake resistiam a cooperar. Enquanto tentava esmagar a traquéia do Ritter, a luz da caverna se foi apagando até que tudo ficou às escuras e Trahern perdeu a sensibilidade. Com o último resplendor de seu olhar, contemplou iracundo ao Ritter.

— Maldito seja... Mataste-me.

— Blake! Blake!

Enquanto Brenna tentava reavivar ao Blake, seu braço gotejava sangue que se mesclava com a da mancha crescente que se estendia pela camisa de flanela do paladín.

Umas mãos fortes a separaram do corpo do Trahern, mas Brenna resistiu.

— Não, está ferido! Vá procurar ao doutor!

Esta vez, Jarvis não se mostrou tão amável.

— Maldita seja, Brenna, está morto! Mas você está sangrando como um porco. Agora

mesmo, não pode ajudar ao Blake não.

« OH, céus, está morto! Está morto! Está morto!»

Seus bonitos olhos chapeados, que agora eram de um cinza apagado, olhavam-na sem vida.

—Vamos, Brenna, tenho que te levar a laboratório. O doutor te curará o braço e te dará algo para a dor.

Jarvis, virtualmente, arrastou-a pelo túnel até os elevadores.

Não podiam deixar ao Blake caído sobre um atoleiro de seu próprio sangue no chão de pedra! Além disso, nunca havia dito que o amava. Sabia que ele vivia em um perigo constante e, mesmo assim, tinha-o deixado morrer sem que ouvisse estas palavras.

Jarvis pulsou o código de chamada do elevador, tirou um lenço limpo de seu bolso e enfaixou, com ele, o braço da Brenna.

—Quando tiverem terminado de te costurar a ferida, já teriam levado ao Trahern

ali. — E o reviverão!

Esta esperança constituiu um imenso consolo para a Brenna.

Jarvis assentiu, mas não estava tão contente como ela esperava.

— O que acontece, Jarvis? O que me está ocultando? Jarvis evitou olhá-la.

— É verdade que podemos voltar para a vida, mas não indefinidamente. Por isso Trahern me contou, os resultados de suas provas indicam que está muito perto do final. Resulta impossível adivinhar quando chegará este ou por que é diferente para cada um de nós.

— Mas se seus últimos resultados indicavam uma melhora! — Declarou Brenna com determinação — O que posso fazer para ajudá-lo?

— Rezar e manter os dedos cruzados.

Uma vez nele laboratório, e ao ver o lenço manchado de sangue no braço da Brenna, o doutor lhe indicou que se sentasse na maca

de reconhecimento.

Durante alguns minutos, Brenna se viu rodeada de uma nuvem de batas brancas enquanto a equipe médica limpava a ferida e realizava a sutura correspondente. A Brenna surpreendeu que o doutor lhe formulasse muito poucas perguntas. Possivelmente estava tão acostumado às terríveis feridas dos paladinos, que uma ferida de bala lhe parecia pouca coisa.

— Isto é tudo, senhorita Nichols — declarou o doutor enquanto cortava o fio do último ponto — Mantenha a ferida limpa e seca e vá a seu médico dentro de uma semana. Assegure-se de tomar todos os medicamentos que lhe receitei se não o fizer, a ferida poderia infectar-se.

— Obrigado, doutor.

Jarvis avançou um passo.

— Terá que voltar aqui para que lhe tire os pontos, doutor. Trata-se de uma ferida de bala, terá que informar à polícia. E nenhum

de nós quer que isto aconteça. Sobre tudo se tivermos em conta que hoje utilizaram a mesma pistola para matar a um policial.

O doutor se encolheu levemente de ombros.

— Bem, verei-a dentro de uma semana. E não tente ser valente, assim tome os comprimidos para a dor que lhe receitei.

Antes de que Brenna pudesse lhe agradecer, as portas batentes do laboratório se abriram de repente e uns paladinos entraram John Doe.

— Que demônios aconteceu? — Perguntou o doutor Crosby ao Jarvis—Não ouvi o alarme. Quantos mais vão trazer-me?

— foi um ataque fortuito. Além da Brenna, só terá dois pacientes mais. Jake recebeu um disparo na perna. — A expressão do Jarvis se voltou lúgubre—Trahern é a única baixa mortal.

O doutor realizou um sinal para que Jake ocupasse o lugar da Brenna na maca. Dois

dos paladinos o ajudaram os enfermeiros se dispuseram a lhe cortar as calças.

— que estas calças são quase novas! — queixou-se Jake.

— E o que? Agora têm um buraco de bala.

— não tem nenhuma importância.

Os enfermeiros reclamaram, mas lhe ajudaram a tirá-los jeans.

— Brenna, me de a sua mão enquanto tratam de me costurar a minha perna?

Jake piscou os olhos o olho a Brenna e sorriu, embora de uma forma tremente.

Jarvis respondeu por ela.

— Se Trahern averiguar que estiveste flertando com sua mulher, terá algo mais que um buraco na perna.

— Vamos, não negará a um homem um pouco de consolo no leito da dor!

Jarvis contemplou com incredulidade ao paladino ferido.

— Olá! Estamos falando do Trahern! Se apurar o que tem feito, e o fará, porque eu o

contarei, arrancará sua pele.

As brincadeiras ajudaram a distrair Jake. A julgar pelo suor que banhava sua cara, a anestesia local que lhe tinham injetado ainda não tinha feito efeito.

Brenna se aproximou da maca e lhe agarrou a mão. Jake abriu os olhos surpreso e lhe sorriu.

— Possivelmente Jarvis tenha medo ao Trahern, mas eu não. Acredite-me, não é tão duro como parece. Além disso, as pessoas que foram feridas juntas deveriam estar juntas, não é certo?

Brenna lhe apartou o cabelo da frente. Jake realizou uma careta de dor. — com certeza que sim.

Brenna notou quando a anestesia começou a sortir efeito, porque Jake afrouxou a mão com a que a agarrava com força. Ao final, soltou-a. A Brenna o braço pulsava de dor, assim que pediu ao Jarvis:

— Dá-me um analgésico para a dor?

Jarvis lhe aproximou um copo de água com um comprimido.

—Trarão Blake em qualquer momento e não quererá estar aqui nesse instante.

—Sim que quero.

E ninguém a tiraria dali até que soubesse que se estava recuperando.

—Ele me disse, de uma forma específica, que não queria que o visse nesse estado.

—Má sorte. Já me gritará quando estiver melhor.

As portas voltaram a abrir-se e entraram uma maca com o corpo do Blake.

—Um dois e três-contou o doutor enquanto trasladavam ao Trahern a uma mesa de operações de aço inoxidável—lhe Tirem a roupa.

Nesta ocasião, os enfermeiros não realizaram nenhum esforço para salvar sua roupa. Inclusive lhe cortaram as cueca deixando-o completamente nu sobre a fria mesa de metal. Continuando, começaram a

amarrá-lo.

Brenna olhou horrorizada. Blake lhe tinha advertido do que tinha que suportar quando morria, mas a realidade era muitíssimo pior.

— Tem que ser assim, Jarvis?

— Sim. Disse-te que fosse, Brenna. Assim funciona para nós, assim supera-o ou sai daqui. Se por acaso me necessita, estarei em meu escritório.

Jarvis saiu sem olhar para atrás e o resto dos paladinos o seguiram.

Por muito que desejasse escapar à dura realidade, Brenna ficou onde estava. Mais tarde, enfrentaria gostosa fúria do Blake, pois isto significaria que estava vivo outra vez.

Capítulo 14

— Tem que ir—falou o doutor Crosby.

— Não o abandonarei. Blake me necessita.

— Tenho que lhe recordar que está em umas instalações médicas, senhorita Nichols? Aqui mando eu. Não se permitem visitas aos pacientes, e menos aos mortos. —O doutor Crosby lhe lançou um olhar iracundo e impaciente por cima dos arreios de seus óculos. — Você esta ferida, jovem, e tem que descansar. Manteremos você informada sobre alguma mudança no estado do senhor Trahern.

— Jarvis disse que eu posso ficar.

Brenna cruzou os dedos, pois se tratava de uma mentira, mas estava segura de que Jarvis a protegeria.

O doutor não recebeu com agrado que sua autoridade fora posta em dúvida.

— Não é ele quem está no comando do laboratório, a não ser eu.

As portas voltaram a abrir-se e o zangado doutor descarregou seu mau humor nos novos intrusos, que eram dois homens e uma mulher.

— Não sei quem são vocês nem me importa! Saiam de meu laboratório e levem à senhorita Nichols com vocês!

O doutor se dispôs a pulsar o botão de alarme, mas o homem que tinha mais perto o dominou pela mão antes que Brenna dessa conta de que se moveu. O doutor Crosby ficou quieto. Tendo em conta que quem o tinha sujeitado era o dobro de seu tamanho e que, sem dúvida, tratava-se de um paladino, sua reação foi a mais sensata.

—Sinto muito, doutor, mas o último que necessitamos agora mesmo por aqui é um punhado de guardas ligeiros em apertar o gatilho. —O paladino falou sem levantar a voz e com um tom muito razoável— O deixarei ir, mas lhe rogo que nos dê a oportunidade de nos explicar antes de pedir

ajuda.

O doutor olhou para a mulher, quem sustentava em alto um cartão identificativa. O doutor assentiu, embora sem dúvida não se sentisse satisfeito com a situação.

— Desculpo-me por nossa inesperada aparição, doutor Crosby — declarou a mulher — me Permita que me presente. Sou a doutora Laurel Young, do laboratório de Seattle. Já falamos antes por telefone. E ele é Devlin Banhe, um amigo do Blake Trahern, também de Seattle.

Brenna avançou um passo.

— Doutora Young? Eu sou Brenna Nichols.

A doutora lhe sorriu com calidez.

— Por favor, me chame Laurel. Prazer em conhecê-la, embora desejasse que nos tivéssemos conhecido em melhores circunstâncias.

Sua afeição fez que Brenna se justificasse.

— Eles... Ele... Não me permite ficar com o

Blake. Amarrarão como a um animal e ninguém faz nada por ele. — Brenna lançou ao doutor um olhar carregado de veneno — por que veio, Laurel?

— Eu estava a ponto de fazer a mesma pergunta-declarou o doutor Crosby.

— Devlin Banhe e meu amigo aqui presente, vieram por assuntos que só concernem aos paladinos. Jarvis os espera. Como eu sou a tutora de Banhe e Trahern, vim para ver como ia ao Trahern. Assim, se não lhe importar, doutor, examinarei o meu paciente.

Laurel falou como se invadir e assumir o mando do território do doutor fora para ela o mais natural do mundo.

— Tudo isto me parece muito irregular, doutora Young, mas valorizo sua experiência com este paciente em concreto — declarou o doutor Crosby — Entretanto, eu sou o tutor estou no comando destas instalações e levo tratando aos paladinos desde antes que você

nascesse. Minhas decisões a respeito de seu tratamento serão decisivas.

Devlin Banhe se colocou diante de Laurel e lançou um olhar furioso ao doutor enquanto apertava os punhos, embora sem levantar os braços.

— As probabilidades de que este homem retorne à vida nesta ocasião são quase nulas. Se tiver a estas duas mulheres a seu lado aumenta essas probabilidades, embora só seja de uma forma ínfima, elas ficam. E, agora, quer deixar de atuar como um idiota ou quer que saíamos ao corredor a continuar esta discussão?

O silêncio flutuou na habitação enquanto todos continham a respiração.

O doutor Crosby contemplou o corpo frio e imóvel do Blake e assentiu com lentidão.

— Eu quero o melhor para meu paciente e sei que está extremamente perto do fim. —
voltou-se para a doutora Young —
Agradecerei qualquer sugestão que queira

me fazer.

Banhe assentiu com a cabeça.

—Obrigado, doutor Crosby. Neste caso, meu sócio e eu nos separaremos de seu caminho.

—Direi a um dos guardas que os conduza até o despacho do Jarvis.

O doutor pulsou o botão do intercomunicador e pediu uma escolta.

Banhe lhe deu à doutora Young um beijo rápido.

—me chame se me necessitar. Aconteça o que acontecer. Quero estar aqui com ele.

—Assim o farei. —Laurel olhou ao outro homem-E cuida dele.

Devlin pareceu zangado.

—Já te disse que o faria. Mas ao Jarvis não gostará que esteja aqui.

—Sei, mas Barak poderá responder perguntas que ninguém mais pode responder. —Laurel empurrou com suavidade ao Devlin em direção à porta-

Tenho trabalho a fazer e você também. Vemo-nos logo.

Brenna e o doutor Crosby tinham seguido a conversação com grande curiosidade. Barak suportou seu escrutínio com mudo estoicismo. Enquanto Barak seguia ao Devlin e ao doutor Crosby fora do laboratório, a Brenna por fim lhe ocorreu quem ou, melhor dizendo, o que era Barak. Tratava-se de Outro! Não sentia saudades que Laurel estivesse preocupada com sua segurança. Tendo em conta o estado de humor do Jarvis quando saiu do laboratório, o mais provável era que matasse primeiro e formulasse perguntas depois.

Laurel se voltou para a Brenna.

—Vejam os que podemos fazer pelo Blake.

Jarvis esperava sentado em seu escritório a que batessem na porta. Devlin Banhe estava a ponto de chegar e lhe acompanhava alguém que podia identificar a pedra. Jarvis não tinha

nem idéia de por que o paladino de Seattle acreditava que seu acompanhante sabia mais que os cientistas do laboratório local, mas escutaria o que aquele homem tivesse a dizer. Depois, voltaria a interrogar ao Ritter.

De momento, o regente traidor tinha mantido uma atitude de suficiência durante os interrogatórios. Claro que isto ao Jarvis não surpreendia; depois de tudo, tinha vivido um dobro vida durante bastante tempo. Pois bem, Ritter podia seguir com sua atitude e sentir-se tudo quão superior quisesse, mas estava passando por cima um pequeno detalhe.

Ritter não estava sob a custódia da polícia e o sistema legal comum, onde, inclusive para um assassino de policiais, havia procedimentos em vigor que podiam salvar à escória como ele. Não, Ritter estava rodeado de paladinos, uns homens que tinham perdido a multidão de amigos lutando contra os Outros. O fato de que um dos seus os

tivesse traído pelo frio e duro dinheiro, não lhes sentaria nada bem.

Jarvis não permitiria que matassem ao maldito bastardo, mas, quando tivessem acabado com ele, Ritter desejaria estar morto. Em concreto, Trahern se merecia passar certo tempo a sós com aquele bode.

... Se retornava à vida. Jarvis se beliscou a ponte do nariz e rezou para que seu amigo voltasse a viver. Não estava preparado para dar por perdido a seu amigo, dissessem o que dissessem os resultados das provas. O destino não podia ser tão cruel para permitir que Blake desfrutasse de certa felicidade e arrebatá-lo em tão pouco tempo.

Além disso, se havia esperança para o Blake, possivelmente também a houvesse para ele.

Alguém chamou com brutalidade à porta. Sem dúvida se tratava do Devlin Banhe e seu misterioso acompanhante. —Se não haver mais remédio, entre.

Jarvis se reclinou no assento e esperou. Nem sequer se incomodou em simular que estava ocupado. Não gostava que o paladino de Seattle colocasse o nariz onde não o chamavam.

Os dois homens entraram e, quando Jarvis viu o companheiro de Banhe, saltou da cadeira e agarrou sua espada. Um Outro! Enquanto rodeava seu escritório para atacá-lo, Banhe se colocou entre o Jarvis e seu inimigo natural.

— te aparte de meu caminho, Banhe!

Jarvis e Banhe tinham a mesma altura, embora Banhe o superava em pura musculatura. Isto não impediu que Jarvis tentasse esquivá-lo para matar a seu inimigo. E quase o conseguiu em uma ocasião, mas Banhe soltou uma maldição e o sujeitou.

— por que protege a esse bastardo? — soltou Jarvis.

Banhe o tinha agarrado pela parte frontal da camisa com um punho e, com a outra

mão, sujeitava o braço com o que Jarvis sustentava a espada.

— Porque salvou a vida de minha mulher, maldito seja!

Parte das ânsias de luta que invadiam ao Jarvis se desvaneceu, mas não todas.

— te explique.

—Primeiro deixa a espada. Temos problemas mais importantes que tratar que ele.

Durante uns segundos, Jarvis seguiu olhando ao Devlin com desafio para lhe demonstrar que não era fácil de dominar e, depois, relaxou o braço com o que sustentava a espada. Devlin retrocedeu um passo procurando manter-se entre o Jarvis e o Outro. Menino preparado!

Jarvis deixou a espada de forma que pudesse voltar a agarrá-la com facilidade em caso necessário e voltou a sentar-se na cadeira do escritório.

— me responda. Por que está ele aqui?

—Para ver a pedra que Trahern me disse que tinha encontrado. Barak saberá com o que estamos tratando.

Jarvis tirou a pedra azul de seu bolso e a deixou em cima do escritório.

—A ver se adivinhar o que é-declarou Jarvis com cepticismo.

A proximidade do Barak lhe produzia um incômodo formigamento. A quantos paladinos tinha matado? Fixou-se em que o Outro se movia com a graça do melhor dos guerreiros paladinos. Punha-lhe doente pensar que podiam ter algo mais em comum que a imperiosa necessidade de matar o um ao outro.

Se o Outro fora um humano, a palidez de sua pele e a estranha cor de seus olhos teriam feito pensar que estava doente. Apesar de seu cabelo cinza, suas facções indicavam que era jovem. Possivelmente seu aspecto fora normal para os de sua espécie. Claro que a ele isto não importava absolutamente. Neste

lado da barreira, seu aspecto normal era estar morto ao extremo de sua espada.

— Reconhece a pedra?

Barak se aproximou do escritório com dignidade e sem o menor indício de medo. Possivelmente tinha perdido tanto que sua vida já não tinha valor para ele. Dispôs-se a agarrar a pedra, mas então titubeou e perguntou, sem palavras, se podia tocá-la.

Jarvis assentiu com a cabeça.

— Vamos, agarra-a.

Barak analisou a pedra e a sustentou frente ao abajur do escritório. Um halo de luz azulada iluminou a habitação e a pedra adquiriu um brilho próprio que não desapareceu nem sequer quando Barak lhe fez sombra com a outra mão.

— Sem dúvida, procede de meu mundo. Utilizamo-las para ter luz e concentrar energia.

Voltou a deixar o cristal em cima do escritório e o resplendor da pedra se foi

desvanecendo até apagar de tudo.

Banhe a agarrou e a sustentou, também, frente ao abajur. Embora esta iluminasse o cristal, este não brilhou com luz própria.

— por que funciona contigo e conosco não? — perguntou Jarvis.

Barak se encolheu de ombros.

— Somos distintos e a pedra sabe.

Jarvis soltou um suspiro.

— Falas como se estivesse viva. Nós temos cristais parecidos em nosso mundo, mas não brilham sozinhos quando os agarram alguns homens e não o fazem quando os agarram outros.

Barak voltou a tocar a pedra.

— Estas pedras crescem, e sua luz se volta mais e mais potente com o tempo. Alguns de nós temos a capacidade de trabalhar com elas. Em meu mundo são muito apreciadas pela luz que nos proporcionam na escuridão.

— Alguém em nosso mundo se tornou ambicioso respeito a esta estranha beleza.

Jarvis voltou a guardar o cristal em seu bolso.

—Sei-respondeu Barak —Tão ambicioso que lhe há dito a minha gente que podem comprar sua entrada a seu mundo com as pedras. Mas o único que os espera quando cruzam a este lado são os paladinos e suas espadas.

Tanto Banhe como Jarvis ignoraram seu comentário.

— Para que quereríamos a pedra se não funcionar para nós?

—Não sei a resposta a esta pergunta-respondeu Barak.

Jarvis ficou de pé.

—Conheço alguém que sim que sabe. Tenho ao regente que matou ao juiz Nichols e ao Trahern encerrado ao final do corredor. De momento, não quis nos contar grande coisa, mas isto está aponto de trocar. Quer te unir ao bate-papo? —perguntou Jarvis a Banhe.

Banhe sorriu com malícia e fez ranger os

nódulos das mãos.

— Sonha fantástico. Sigo-te.

— E o que fazemos com ele? — perguntou Jarvis assinalando ao Barak com um gesto da cabeça.

— Acredito que a seu convidado impressionará ver que um dos Outros está cooperando conosco.

Barak assentiu com seriedade.

— Este homem traiu aos dois mundos. Eu também quero falar com ele.

Jarvis seguiu a Banhe e Barak fora de seu escritório desejando não ter experiente certo sentimento de camaradagem com seu inimigo.

Brenna sustentava a mão do Blake, que estava rígida e fria. Como podiam o ter acorrentado a uma simples mesa de aço? Um colchão seria muito a pedir? Ao menos, tinham-lhe permitido tampá-lo com mantas pré-esquentadas. Se Laurel acreditava que era uma tolice que as fora trocando assim que se

esfriavam, não o demonstrou. Claro que ela também estava apaixonada por um paladino, assim possivelmente entendia a necessidade da Brenna de fazer algo, o que fora, com tal de ajudar ao Trahern a voltar.

A perna do Trahern sofreu uma sacudida e o repentino movimento sobressaltou a Brenna.

— Blake se moveu! — disse a Laurel com nervosismo.

Laurel consultou o relógio e anotou algo no grosso bloco de expediente que estava lendo desde fazia uma hora.

— me avise se voltar a acontecer, mas não te faça muitas ilusões. Poderiam passar horas e inclusive dias antes de que comece a despertar de verdade.

Brenna apertou levemente a mão do Blake. Não lhe importava quanto tempo demorasse. Seu homem estava retornando à vida. Aproximou a cadeira à cabeceira da maca e falou em sussurros ao ouvido do

Blake. Quando ela estava inconsciente, tinha ouvido sua voz e se agarrou a ela como se fora um salva-vidas. E não podia fazer menos por ele. Sussurrou-lhe as palavras que não lhe havia dito e que seguiria lhe repetindo até que seus olhos chapeados se abrissem e compreendessem que ela o amava.

—Senhorita Nichols, deveria tornar-se durante um momento. Aquela voz grave fez que Brenna despertasse sobressaltada. Piscou enquanto olhava ao Devlin Banhe.

—Não quero deixá-lo sozinho.

—Sei. —O atrativo rosto do Devlin era duro e anguloso, mas seus olhos refletiam simpatia—Eu ficarei com ele umas horas enquanto você descansa. Blake necessitará que você esteja forte e acordada quando voltar à vida. Prometo-lhe que um de nós a avisará assim que mostre algum signo de vida.

Laurel se aproximou deles e se apoiou no Devlin.

—A última vez que Blake resultou mortalmente ferido, Devlin lhe esteve falando até que recuperou a consciência. Pode confiar nele para que te substitua durante um momento.

A Brenna doía todo o corpo, sentia uma dor aguda no braço e tinha a cabeça dolorida. Se Blake despertava em questão de minutos, ela não teria forças para ajudá-lo, se as coisas ficavam más.

— Há algum lugar perto onde possa dormir?

—Há uma cama para os pacientes ao outro lado dessa porta respondeu Laurel — Te instalarei e eu também irei dormir um momento. O doutor Crosby e eu nos estamos alternando até que Trahern desperte e saibamos como reage.

Brenna fixou o olhar nos olhos escuros de Laurel e formulou a pergunta que rondava por sua mente.

—me responda com sinceridade, minha

presença pode ajudar o de alguma forma?

Laurel a surpreendeu lhe dando, repentinamente, um abraço.

— Eu confio que sim, Brenna. — Então voltou a olhar ao Devlin-Tenho grande esperança em que podemos investir as mudanças que padecem. Assim que tenhamos dormido umas horas, estaremos bem melhor.

Brenna se deslizou entre os lençóis da cama e murmurou uma breve prece pelo Blake e o resto dos paladinos. Caiu dormida quase antes de pronunciar a palavra «Amém».

O som de uns passos rápidos e umas vozes ansiosas tirou a Brenna de um profundo sonho. Ouviu que várias pessoas falavam com outro lado da porta fechada da habitação, mas só pôde distinguir alguma que outra palavra. Entretanto, enquanto se sentava no bordo da cama e tentava limpar-se, deu-se conta de que, fora quem fora quem

estava no laboratório, estava preocupado e, possivelmente, inclusive assustado.

Isto só podia significar que Blake estava recuperando a consciência e que a coisa não ia bem.

Quando entrou no laboratório, ouviu um grito quase desumano e o estalo de umas cadeias.

Blake!

O doutor Crosby, um enfermeiro e alguns guardas rodeavam a maca do Blake. Não havia nem rastro do Devlin Banhe, e a doutora Young estava ao outro lado da habitação falando por telefone enquanto contemplava com preocupação o caos que reinava em torno de Blake. Brenna se aproximou com cautela à maca e tentou ver além das batas brancas e os uniformes. Quando quis abrir-se caminho entre dois dos guardas, eles se negaram a mover-se.

— me deixem passar!

O doutor Crosby se precaveu de sua

presença.

— O que está fazendo ela aqui? Que alguém a leve fora agora mesmo!

Um dos guardas se dispôs a cumprir a ordem, mas Brenna o esquivou.

— Não penso me mover daqui! A doutora Young me prometeu que poderia estar junto ao Blake quando voltasse para a vida.

— Pois bem, nestes momentos a doutora está ocupada e eu te digo que se vá. Este não é lugar para civis.

Dois guardas conseguiram agarrá-la pelos braços e, virtualmente, arrastaram-na para a porta. Brenna resistiu em todo momento. O que fariam ao Blake se ela não estava ali para protegê-lo? As lágrimas escorregaram ardentes, por suas bochechas enquanto tentava livrar-se dos guardas.

Eles a tiraram o corredor e fecharam a porta, e Brenna a esmurrou com os punhos.

— me deixem entrar, bodes! Blake me necessita!

Uma sombra caiu sobre ela. Tratava-se do Jarvis, e Devlin Banhe o seguia de perto. Brenna nunca se havia sentido tão contente de ver alguém em toda sua vida.

— Trata-se do Blake. Não sei o que lhe estão fazendo, mas ele está gritando e não me permitem entrar.

Laurel Young saiu ao corredor.

— Será melhor que entrem todos antes que façam algo do que todos tenhamos que nos arrependermos.

Os guardas tentaram bloquear a porta.

— Não pode entrar ninguém. Ordens do doutor.

A força combinada do Jarvis e Devlin enviou aos dois guardas pelos ares. Laurel indicou a Brenna que a seguisse enquanto os dois paladinos se encarregavam dos guardas.

— Doutor Crosby, qual é o estado atual de meu paciente? — perguntou Laurel com voz acalmada e profissional.

O doutor Crosby levantou a vista do

relatório no que estava realizando notas e contemplou irada a comoção que se produziu junto à porta.

— Agora é meu turno, doutora Young. Não tem que preocupar-se do que ocorre.

— Sinto muito, mas discordo, doutor Crosby. Blake Trahern é meu paciente, não importa a cidade em que se encontre. Se for tão amável de me pôr à corrente de seu estado, eu me farei cargo da situação.

O doutor lhe tendeu o relatório a inapetência. Sem dúvida lhe indignou ver-se privado de sua autoridade outra vez.

— A julgar pelo comportamento do paciente, doutora Young, sem dúvida foi muito longe e não podemos salvá-lo. Se quiser desfrutar de do privilégio de eliminá-lo você mesma, parece-me bem. Eu só tentava lhe evitar esse mau trago.

Outro grito arrepiante invadiu laboratório deixando-os a todos trementes e mudos. Se Brenna não soubesse o que estava ocorrendo,

teria acreditado que estavam torturando a alguém.

O doutor se afastou da mesa e declarou por cima do ombro:

—vou redigir um relatório completo, doutora Young.

—Faça o que considere necessário, doutor. E pode você levar-se a seus enfermeiros e a seus guardas com você.

Jarvis e Devlin os acompanharam à saída e ficaram custodiando a porta.

Brenna por fim pôde aproximá-lo suficiente para ver o Blake. O doutor Crosby lhe tinha tirado as mantas deixando-o exposto aos olhares de todos. Brenna o cobriu em seguida com uma manta quente e lhe agarrou a mão enquanto deslizava a outra com suavidade por seu rosto e sussurrava seu nome.

—Blake, sou eu, Brenna.

Ao princípio, não obteve nenhuma resposta. Depois, Blake abriu os olhos de

repente. Seu olhar era selvagem e estava desfocado. Em sua íris havia traços de cores estranhas era algo horrível, porque voltou a gritar e, uma vez mais, tentou desfazer-se das algemas. Tinha as bonecas e os tornozelos esfolados e ensangüentados.

— Segue lhe falando, Brenna. — A voz de Laurel era tranqüila e controlada, mas o medo se refletia na dureza de seus lábios e em seus olhos — Possivelmente possa chegar a ele.

— Blake, te concentre em minha voz. Sou eu, Brenna. Lembra-te de mim? Estiveste-me protegendo do malvado regente, que matou a meu pai.

Suas palavras iniciaram outro episódio de estalos de algemas. Blake tentou levantar a cabeça e as veias de seu pescoço se sobressaíram com nitidez em sua pele.

— Foi minha culpa! Culpa minha! — Gritou Blake — Eu matei ao juiz.

Brenna apoiou sua mão no peito do Blake.

—Não, Blake, você apanhou o homem que o fez. Não foi você quem colocou os explosivos. Você esteve lutando para me manter a salvo.

Blake voltou à cara para a Brenna. As estranhas mudanças em seus olhos tinham piorado.

—me solte. me solte! me solte!

Blake tentou liberar-se das algemas com todas suas forças.

—Não, Blake, sinto muito, mas não posso te soltar. —Brenna interpretou mal suas palavras a propósito — Te amo, Blake Trahern. E não penso permitir que te afaste de mim.

Um movimento realizado ao outro lado da maca captou a atenção da Brenna. A doutora Young estava preparando uma injeção. As lágrimas escorregaram por suas bochechas enquanto sustentava em alto a seringa de injeção para comprovar a dose.

— O que é isto?

— Está sofrendo, Brenna. Preocupo-me

muito por ele para permitir que isto continue.

Suas mãos tremeram enquanto introduzia algo mais de líquido na seringa de injeção. Suas palavras feriram a Brenna como se lhe houvessem propinado um murro.

— Não pode matá-lo, ainda não! Nem sequer lhe deste a oportunidade de recuperar-se!

Devlin interveio na conversação.

— Está em seus olhos, Brenna. Ninguém retornou nunca desse ponto. Quando trocam deste modo, já não pode fazer-se nada.

— Tem que lhe dar tempo! me conceda a oportunidade de chegar a ele. Sei que está mau. Inclusive realmente mal, mas, se não o tentarmos, nunca lhe perdoaria isso, e tampouco me poderia perdoar isso mesma.

Brenna olhou a Laurel diretamente aos olhos.

— Por favor. Já se tranqüilizou em outra ocasião graças a mim. Sei que, nesta ocasião, está pior, mas tem que haver algo que

possamos fazer.

Laurel assentiu com lentidão e deixou a seringa de injeção perto, se por acaso a necessitava com urgência.

— Baixa a luz, quer Jarvis? E, Devlin, vá procurar um pouco de chocolate. Gostam dos doces, possivelmente os aromas que lhe resultam familiares possam ajudá-lo a voltar.

— Se encontrar bolachas de canela, traga muitas-declarou Brenna — Ao Blake adorava quando vivia conosco. Nossa ama de chaves sempre as cozinhava especialmente para ele.

— Sei onde há uma confeitaria na cidade. Já vou eu.

Jarvis, aliviado ao ter algo que fazer, saiu pela porta.

— E agora o que? — perguntou Devlin.

— Agora esperaremos. — Laurel aproximou uma cadeira a Brenna — Precisa conservar suas forças. Poderia tratar-se de um caminho longo e difícil para todos nós.

O abajur que pendurava em cima da maca

deixava o resto da habitação na penumbra, o que produzia uma sensação de intimidade. Brenna acariciou a cara do Blake.

— Blake, necessito que volte para mim. Amo-te e não posso imaginar a vida sem ti.

— Brenna o beijou na bochecha e, continuando, nos lábios — Seus amigos Devlin e Jarvis também necessitam sua ajuda para chegar ao fundo da conspiração. Realizamos progressos, mas pode que conter a um regente corrupto não seja suficiente para resolver o problema.

Brenna falou até que lhe acabou a voz. Depois apoiou a cabeça na maca e acariciou brandamente o dorso da mão do Blake com a gema dos dedos. Seria um bom sinal que tivesse permanecido acalmado todo esse tempo ou a loucura se retirou para reaparecer mais tarde, com mais ímpeto e violência?

Brenna apenas se deu conta da volta do Jarvis. Deu-lhe tocou o ombro de Brenna.

— Aqui tem as bolachas. Acabam de tirar

do forno.

— Deus te benza, Jarvis.

Brenna agarrou a bolsa e a abriu. O aroma a bolachas recém assadas encheu o ar e ela aproximou a bolsa ao nariz do Blake.

— Blake, recorda este aroma? Não há nada melhor que as bolachas de canela. Maisy estava acostumado às cozinhar só para ti porque ela te amava. Agora vou comer uma.

— Brenna mordeu uma bolacha e saboreou o sabor a açúcar e canela— Oxalá estivesse acordado para saboreá-la comigo.

Blake agitou a cabeça, mas não abriu os olhos.

— Só há uma dúzia de bolachas, Blake. Se não acordadas logo, poderiam-se terminar.

Isto era mentira, porque, passasse o que acontecesse, ela se encarregaria de que ficassem bolachas para ele.

— Todos estamos aqui, Blake. Todos seus amigos, eu, Devlin, Laurel e Jarvis. Volta conosco, por favor.

— Brenna, leva tentando-o perto de duas horas. Tome uma pausa. Falarei com ele durante um momento.

— Não posso deixá-lo. Esteve tranqüilo desde que estou ao seu lado. Acredito que sabe que estou aqui.

— Ao menos, come alguma coisa. Precisa estar forte, e ele também o necessita. Ficaremos com ele. Prometo-lhe isso.

Jarvis interveio na conversação.

— Vamos, Brenna, a cozinha está perto. Estaremos fora vinte minutos.

Com apenas pensar em comida, o estômago da Brenna rugiu. Possivelmente tinham razão.

— De acordo, mas não o deixem sozinho nem um segundo.

Laurel ocupou o assento da Brenna e murmurou algo a respeito das bolachas. Devlin estava justo detrás dela e apoiava as mãos em seus ombros.

Contente ao saber que Blake estava em

boas mãos, Brenna permitiu que Jarvis a guiasse à pequena cozinha. Uma vez ali, Jarvis lhe indicou que se sentasse em uma mesa e pinçou no interior da geladeira.

— Maionese ou mostarda?

— Maionese.

— Norte-americana ou Suíça? — Norte-americana.

Jarvis preparou um par de sândwiches e se uniu a Brenna na mesa.

— Brenna, acabe como acabo isto, valorizo muito que tenta fazer pelo Trahern. Todos o valoramos.

— Ainda não tenho feito nada. — Brenna lhe deu uma dentada ao sândwich, mas lhe fez uma bola que não conseguia tragar — Em realidade, estou muito assustada.

Jarvis apoiou seu forte emano na da Brenna.

— Todos o estamos. Devlin e eu sabemos que, cedo ou tarde, acabaremos acorrentados a essa maca. Mas se consegue salvar ao

Trahern, haverá esperança para todos nós.

— E se não o consigo?

— Então, ao menos, terá conseguido que seu trânsito seja mais fácil. Isto significa muito.

O se merece algo melhor. Todos merecem isso.

— Todos jogaram com as cartas que nos corresponderam, Brenna.

Comeram com rapidez e retornaram ao laboratório, onde Blake voltava a tentar livrar-se das cadeias. Brenna correu a seu lado.

— Blake para, por favor. Tudo está bem. Eu estou aqui e você está a salvo.

Brenna apoiou a cabeça no ombro do Blake e rodeou seu agitado corpo com seus braços o melhor que pôde.

— Blake, por favor, te relaxe. Estou aqui.

Para tranqüilidade de todos, Blake em seguida se acalmou. Brenna ouviu como os batimentos do coração de seu coração se

atenuavam gradualmente. Quando pareceu haver-se estabilizado outra vez, Brenna se sentou na cadeira e lhe agarrou a mão.

—Dorme quanto necessite Blake. Estarei aqui quando estiver preparado.

Brenna lhe apertou a mão e apoiou a cabeça em seu braço. Pouco a pouco, caiu em um leve sonho. Era vagamente consciente da presença de Laurel e outros, mas, se falaram, fizeram-no em sussurros, pois ela não os ouviu.

Uma hora mais tarde ou possivelmente um pouco mais, algo roçou o cabelo da Brenna. Ela ficou paralisada e esperou se por acaso o roce voltava a repetir-se. Assim foi e Brenna acreditou que o coração lhe sairia do peito. O que acariciava seu cabelo eram os dedos do Blake!

Pouco a pouco, Brenna levantou a cabeça. Uns olhos cinza prata, algo sonolentos, mas de olhar claro, contemplavam-na.

— Blake?

— Brenna? —perguntou ele com voz áspera. — OH, graças a Deus, Blake! Tornaste! Blake tentou levantar o braço, mas as algemas lhe impediram de movê-lo muito.

Brenna apertou a mão.

—Espera muchachote. Tiraremos-lhe essas cadeias. —Brenna gritou—: Laurel, traz as chaves! Temos que soltar as cadeias.

Laurel e Devlin, que se tinham convexo na cama da outra habitação, acudiram a toda velocidade.

— Trahern? —Devlin contemplou a seu amigo com expressão de alívio e felicidade— Acreditei que não voltaria a ver sua feia cara outra vez.

Laurel comprovou as leituras das máquinas que estavam conectadas a seu paciente. Enquanto lia os dados, lhe desenhou um sorriso em sua cara.

Trahern piscou um par de vezes e a olhou.

—Doutora! O que está fazendo você aqui? Ela o olhou radiante.

—Sempre me ocupo de meus garotos, Trahern. Já deveria sabê-lo.

Jarvis se uniu a eles junto à maca.

—É único conseguindo ter a duas formosas mulheres preocupadas com ti, Trahern.

Blake voltou à cabeça para seu velho amigo.

— apanhamos ao bastardo?

—Sim, apanhamo-lo. Não nos contou grande coisa, mas apostaria o que fora a que o soltará tudo quando se inteirar de que tornaste-declarou Jarvis com um sorriso perverso no rosto.

— Quanto tempo estive fora esta vez?

—O suficiente para preocupar a sua mulher, mas ela lutou por ti cada segundo. Ajudou a jogar ao doutor Crosby e agora nem sequer os guardas se atrevem a aparecer o nariz por aqui.

Brenna se ruborizou.

—Eu não tenho feito grande coisa. —

Então se deu conta de que ninguém tinha feito nada por soltar ao Blake —. E as chaves, Laurel?

—Tem que estar pacote durante, ao menos, uma hora mais. Temos que nos assegurar de que os resultados são estáveis antes de soltá-lo.

—Só uma mão. Por favor!

Laurel só titubeou um segundo antes de dar a chave a Brenna.

—Só uma, né? Brenna abriu o cadeado. — Ódio todo isto.

Trahern lhe apertou a mão com suavidade.

—Está bem, Brenna, assim são as coisas. Posso esperar. —Enquanto ela estivesse perto, poderia suportá-lo—. Né, doutora, antes de que você comece a me aporrinhar e me incomodar, posso estar um par de minutos a sós com a Brenna?

Laurel assentiu. Jarvis e Devlin saíram do laboratório e ficaram custodiando a porta

enquanto Laurel se sentava junto ao escritório do doutor Crosby, que ficava oculto depois de uma esquina.

Brenna seguia apertando a mão do Blake como se nisso o fora a vida.

— Assustei-te? — perguntou Blake.

— um pouco.

A verdade estava ali mesmo, nas escuras olheiras que rodeavam a parte inferior de seus olhos.

— Sinto que tenha tido que lombriga assim.

Lhe sorriu com cansaço.

— Não me teria perdido isso por nada do mundo!

Blake viu a vendagem de seu braço e franziu o cenho.

— Ritter te disparou. Está bem?

O sorriso da Brenna se voltou mais cálida.

— Agora sim.

Blake fechou os olhos e recordou os pesadelos que tinha vivido.

—Ouvia-te me falar na escuridão. Eu tinha muito frio, mas, quando ouvia sua voz, voltava a sentir calor.

—Era pelas mantas. Estavam quentes.

—Pode que, em certo modo, influíram, mas as mantas não eram o melhor. O que, em realidade, fez-me querer retornar foi o que me disse. diga-me isso outra vez.

— Que te diga outra vez o que?

Sua expressão indicava que sabia com exatidão o que Blake queria ouvir. —Que me ama.

—Amo-te —sussurrou Brenna com um sorriso.

—Pois claro que me ama. —Blake a colheu com seu braço livre e a aproximou dele—E é justo, pois conseguiste que eu também te ame.

Blake a beijou na boca.

Várias máquinas emitiram um assobio ao perceber a mudança no ritmo de seu pulso e respiração, mas ao Blake não importou

absolutamente. Com a Brenna em seus braços, sentia-se de maravilha.

Epílogo

— Como demônios chegaram até ele?

Trahern estava de pé junto ao cadáver do Ritter. Desejava bater em alguém, a qualquer pessoa. Maldição, aquilo não tinha que ter acontecido!

— Não sei, mas te afirmo que o averiguarei. — Jarvis deu um murro na parede — Os doutores dizem que, certamente, o guarda sobreviverá e é possível que recorde algo. Se não, voltaremos a estar como ao princípio.

— Ao final, apanharemos o bastardo-declarou Trahern—Não tem sentido que te torture.

— Jake está trabalhando no disquete de novo. Assim se distrai e não se lembra da dor da perna.

— agradeça a ele por minha parte. — Trahern contemplou o cadáver do regente e

resistiu o desejo dar um chute no trazeiro dele— Retorno a Seattle com o Devlin e o Outro, o amiguinho de Laurel. Verei o que posso averiguar ali. De uma ou outra forma, obteremos algumas respostas.

—Suspeito que, a partir de agora, Brenna ocupará boa parte de seu tempo-brincou Jarvis.

Ao Blake resultava estranho pensar em si mesmo como a metade de um casal. Nunca, nem em seus sonhos mais descabelados, tinha imaginado que Brenna se apaixonasse por ele. Entretanto, que ele a amasse não constituía nenhuma surpresa. Desejava a Brenna do primeiro momento em que a viu, fazia já muitos anos.

Saíram da cela.

—Preocupa-me que queira deixar toda sua vida para viver comigo, que queira deixar seu emprego na universidade.

—Não seja tolo, Trahern. Encontrei algo que todos quereriam ter. Além disso, deveria

ter visto a expressão de sua cara quando Devlin lhe falou dos arquivos da história dos paladinos. Logo que pode esperar para pôr as mãos em cima e averiguar por que somos como somos.

— É uma mulher especial, não acredita?

Blake sacudiu a cabeça maravilhado.

Jarvis parecia sentir-se algo mais que um pouco ciumento.

— Sim que o é.

E ela o esperava no quarto. Ao Blake davam melhor com os atos que as palavras, e estava desejando demonstrar exatamente o que sentia pela Brenna.

Sorriu e partiu a toda pressa.

Fim